

# O Enigma da Graça

Caio Fábio



um comentário bíblico existencial sobre o livro de Job





# O Enigma da Graça

— ■ —  
*Um Comentário Bíblico  
Existencial sobre o Livro de Jó*

— ■ —  
**Caio Fábio**

**O Enigma da Graça**  
*Caio Fábio D'Araujo Filho*

**Primeira Edição**  
*Outubro de 2002*

**Projeto Gráfico, Criação e Produção**  
*Sz Press – São Paulo*

**Revisão**  
*Josi Batista*

**Digitalização**  
*Zemic Fotolito Digital*

**Ilustrações**  
*William Blake*  
*(1757-1827)*

editora

**PRÓLOGOS**  
*a irresistível força da graça*

*(11) 4054 1288*

[www.editoraprologos.com.br](http://www.editoraprologos.com.br)

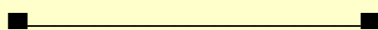
Digitalizado para internet em 06/09 pelo site [www.caiofabio.com](http://www.caiofabio.com)

As imagens poderão apresentar distorções, devido a digitalização e compressão; para uma melhor apreciação, pesquisar os originais. Para citações científicas e/ou bibliográficas de “O Enigma da Graça”, consultar a versão material do livro, da Editora Prólogos, visto que nesta versão digital, a paginação apresenta alterações em relação ao original.

Para que se mantivesse o conteúdo artístico, os textos das ilustrações contidas neste livro estão conforme o original em inglês.

Todos os direitos reservados.

## BIOGRAFIA DO AUTOR



Caio Fábio D' Araujo Filho nasceu em Manaus, Amazonas. Cresceu próximo às grandes florestas e aprendeu a amá-las e respeitá-las. Na adolescência, mudou-se para o Rio de Janeiro com a família, onde seu pai experimentou uma extraordinária conversão à fé evangélica. Voltou a Manaus na companhia dos pais e irmãos.

Aos 18 anos, viveu um período de grandes aflições existenciais, e no dia em que procurava uma forma de dar cabo à sua vida, teve um encontro com Jesus, numa Igreja Assembléia de Deus. Esse fato mudou radicalmente sua vida. Pouco tempo depois estava pregando o Evangelho de forma inteligente e apaixonada. Sua casa virou um abrigo seguro para os *hippies* da cidade, que se convertiam com a mensagem que ele pregava.

Aos 21 anos foi ordenado pastor pela Igreja Presbiteriana do Brasil e no ano seguinte escreveu seu primeiro livro.

Ganhou notoriedade em razão das multidões que se reuniam para ouvi-lo em teatros, estádios, ginásios, praças e templos.

Caio Fábio tornou-se conhecido em todo o Brasil. Respeitado no meio evangélico por sua mensagem criativa, lúcida e provocativa, passou a organizar Congressos para centenas de pastores e líderes, que vinham de todo o País.

De fato é o profeta de uma geração!

Fundou organizações filantrópicas com a finalidade de diminuir o drama dos menos favorecidos. Encravada numa das maiores

favelas do Brasil, a Fábrica da Esperança chegou a atender, mensalmente, por vários anos consecutivos, a mais de vinte mil jovens e adolescentes. Por isso, foi considerada a maior ONG – Organização Não Governamental – da América Latina.

Ao lado do sociólogo Hebert de Souza, o Betinho, Caio Fábio militou em campanhas e movimentos sociais, como a “Ação pela Cidadania Contra a Fome e a Miséria”, “Movimento Viva Rio”, e outros que se iniciavam no Rio de Janeiro e depois se espalhavam por todo o país; foi um dos mais marcantes líderes de movimentos civis na década de 1990 em todo o Brasil.

Na área de comunicação, fundou a Vinde TV, a Vinde Editora e a Revista Vinde (*hoje Revista Eclésia*), além de apresentar, por mais de vinte anos, o Programa “Pare e Pense”.

Ganhou títulos honorários de doutor e mestre em Teologia e foi considerado, por uma revista cristã inglesa e por uma pesquisa internacional, um dos cem líderes cristãos mais criativos e respeitados do mundo no século XX.

Atualmente, é membro da Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Caio Fábio é um autor consagrado. Somados, seus mais de cem livros já venderam perto de 3 milhões de exemplares. Recentemente escreveu duas obras de ficção: *Nephilim* e *As Tábuas de Eva*.

Sobre este comentário do livro de Jó, *O Enigma da Graça*, escreveu: “Sempre li o livro de Jó com carinho e reverência. Sabia que se tratava do chão sagrado onde as razões acabam e a alma encontra o Mistério, o Inexplicável, o Indisponível e o absolutamente Soberano. Minha esperança é que *ler Jó comigo* faça tão bem a você como fez ao meu espírito *ler Jó por mim mesmo*.”

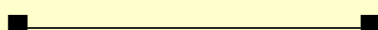
A Adriana, minha mulher, esposa e amiga melhor –que chegou no meio de um redemoinho, trazendo consigo amor, Graça e palavras de Deus para minha alma ferida - , dedico este livro pois ela conheceu minha alma e não me deprezou.

E também:

À voz silente, que alimenta minha alma e todo o meu ser, que me fala, que me ama, e me faz confiar no amor incondicional *ainda* nesta Terra! Essa voz me afirmou sempre e continua presente em mim, mesmo quando não há redemoinhos, mas, especialmente, no marasmo e em tudo mais que for vida e morte.

A essa voz, quase indiscernível, essencialmente discreta e poderosamente insilenciável, parceira e consorte na vida e na morte, dedico a minha alma e a minha consciência como *homem* na Terra dos viventes.

## APRESENTAÇÃO



Enquanto meus olhos percorriam as linhas deste texto minha mente se ocupava mais das entrelinhas. Várias vezes me percebi reagindo com pensamentos do tipo: “ele está dizendo isso só por causa do que aconteceu com ele”; “ele está mandando recados para os caras que ferraram com ele”; ele está justificando o pecado dele”; “ele está se escondendo atrás de Jó, mas um não tem nada a ver com o outro”; “ele está sendo injusto com muitos amigos que nada tem a ver com estes amigos de Jó”; “ele está fazendo uma *mea-culpa*, mas em nenhum momento admite seu pecado ou pede perdão”; “esse cara não está arrependido coisa nenhuma”; “ele quer seguir em frente como se nada tivesse acontecido”; “até parece que os grandes vilões da história dele são os pseudo-amigos”.

E, pior do que isso, em várias ocasiões, me perguntei: “será que isso é um recado para mim?”

Demorou para que eu conseguisse entender que este não é um texto a respeito de Caio Fábio, mas sim a respeito da *Teologia Moral de Causa e Efeito* e suas implicações para todos aqueles que foram chamados a viver celebrando a Graça de Deus revelada na *Cruz de Cristo*.

Quando entendi, comecei a ler o texto tentando dissociá-lo da experiência do Caio Fábio. Mas logo percebi que esta era *outra tolice*. Impossível dissociar a fala de um homem de sua história

de vida. Não apenas impossível, como também, indesejável.

Um texto tem que ter carne e sangue, senão, é puro diletantismo e não vale a pena ler!

O que tenho nas mãos e me alegro em recomendar para você, é um texto a respeito da angústia de quem deseja viver sob a Graça, mas está sempre sendo julgado - seja pelos homens, pelo diabo ou pela própria consciência - pela *Teologia Moral de Causa e Efeito*. Mas também, um texto escrito por um homem em seu caminho com Deus. Um texto escrito por alguém, cujos pés estão sujos da poeira da peregrinação espiritual honesta e intensa. Um texto com perguntas e respostas, inquietações e apaziguamentos, não poucas vezes sombrio, mas também claro e lúcido.

Um texto que revela corações: de Jó, do Caio, e de tantos quantos se atreverem a ler.

Recomendo não o Rev. Caio Fábio, pois este prescinde de qualquer recomendação, recomendo sim, o homem Caio, um irmão, um amigo; alguém em cuja história compreendo um pouco mais do caminho de um homem com Deus, e em cuja amizade colho frutos explicados somente pela Graça.

**Ed René Kivitz**

*Junho de 2002*

## PREFÁCIO

---

Logo no início de 2002, no meio da Floresta Amazônica, o *Livro de Jó* se me impôs como reflexão inafastável!

Sou Amazonense, cada vez mais amazonense, e, por essa razão, mesmo não podendo residir na floresta, a cada dois meses tenho me recolhido 10 dias naquele paraíso de vida, memórias e certezas ali gestadas em meu ser.

Além disso, para mim é também tempo de prazer, convívio com os pais, irmãos, tios, primos, amigos, seres pouco contagiados e, sobretudo, com a natureza. E mais: é um tempo para buscar o recobrimento de meus sentidos originais-amazônicos e tempo para perceber “*parábolas da natureza*”, que neste livro me foram muito úteis.

Sempre lí o *Livro de Jó* com carinho e reverência. Sabia que se tratava do chão sagrado onde as “razões” acabam e alma encontra o Mistério, o Inexplicável, o Indisponível e o absolutamente Soberano.

Nesses quase trinta anos de estudo da Bíblia li vários comentários exegéticos sobre o texto de Jó e meditei bastante sobre o tema do sofrimento, conforme ali o percebia.

Agora, no entanto, Jó me alcançou de outra forma. Já não gritavam dele ao meu coração as vozes do sofrimento, como antes. Sutilmente ele se desvestiu a mim como o *Livro da Graça!*

Aliás, em Jó, a *Graça* aparece de modo mais dramaticamente explícito do que em qualquer outro lugar do Velho Testamento, embora o que salte aos olhos, em geral, seja o tema do sofrimento.

Isto porque é bom e fácil ver a mão da misericórdia de Deus nos livramentos desta vida. Entretanto, vê-la em ação no esmagamento do ser humano bom é chocante!

Não fomos ensinados a enxergar amor e cuidado no sofrimento e na dor. Para nós “*somente todas as coisas boas*” são as que “*cooperam para o bem daqueles que amam a Deus*”. Mas, quando temos que nos confrontar, especialmente na vida do próximo, com o *efeito-sofrimento*, aparentemente sem *causa* - ou mesmo quando há “*causas*”, mas as tragédias se mostram maiores que suas “*causas aparentes*” - , então, facilmente, assumimos a *Teologia Moral de Causa e Efeito dos “amigos de Jó”*, como explicação para o mal-absurdo e, assim, satanizamos ao nosso próximo.

Para o sofredor Jó, pior que a tragédia, foram os “*consoladores molestos*” nos quais seus amigos se tornaram; os quais, à semelhança dos inquisidores, tentaram arrancar dele a confissão que ele não podia fazer: a de que seu sofrimento era fruto de seu pecado moral oculto. E foi na “*resistência ao arrependimento*” - e que desagradou profundamente aos “seus amigos”- que a maior integridade humana de Jó se manifestou aos olhos de muitos na Antiguidade e ainda salta aos nossos olhos nos dias de hoje.

Estou convencido de que estamos entrando numa *Era Jó*, onde quem desejar viver de acordo com a *Graça e com as verdades de seu coração*, conforme sua radicalidade revelada na Palavra de Deus, será perseguido pelas *confrarias dos amigos de Jó* e eles, sem dúvida, são uma esmagadora maioria.

Encontrar a *Graça* na Palavra acontece apenas quando um livro grosso de capa dura chamado Bíblia Sagrada é *sentido e lido*

por quem *tirou o véu da cara* e agora olha com *a face desvendada a glória do Senhor*. Esses que se entregam à *Graça* terão que se “reencontrar com Deus” fora do “arraial dos amigos de Jó”, a menos que eles, “os amigos”, também se convertam à *Graça*, afim de que aquilo que Jesus chamou de *Eclésia*, possa ainda mostrar um pouco do sublime rosto do amor de Jesus para muitas ovelhas dispersas que andam espalhadas pela Terra.

Nestes dias de “teologias de prosperidade”, o *Livro de Jó* praticamente desapareceu das Bíblias dos cristãos. Jó tornou-se um personagem desinteressante no meio do circo cristão das teologias do sucesso. Sua profundidade ofende a irreflexão daqueles que acham que tudo se resolve com palavras de ordem fortes ditas em nome de Deus; e, especialmente, insulta e afasta os supersticiosos que vêem o pecado-pessoal-comportamental-moral como sendo sempre a *causa-efeito de todos os sofrimentos inexplicáveis*. Assim, a não compreensão da mensagem de Jó faz as pessoas fugirem dele e do realismo que ele traz à *Graça* de Deus na dor da vida. Para muitos, parece que “dá azar” ler o *Livro de Jó*.

Quem é cristão e pensa assim, deveria resolutamente, apostatar da fé em Jesus e optar pelo hinduísmo ou por qualquer credo que estabeleça uma relação de causa e efeito em todo sofrimento humano. A fé *de* e *em* Jesus não comporta tais conteúdos!

Digo isto por uma única razão: embora os cristãos chamem a “Deus” por um único *outro* Nome - diferente das demais religiões de “teologias morais de causa e efeito” e *proclamem* que Jesus é o Senhor - ainda assim, sua teologia é pagã, apenas e, sobretudo, no sentido em que não é mais cristã. Ou seja, a teologia cristã não mais se fundamenta na *Graça*, mas na *Moral*, como o fazem quase todos os demais sistemas de “fé” existentes no planeta. E como Paulo diz, se a justificação que nos salva em Cristo decorre da *Lei* (ou da *Moral*, ou mesmo de qualquer outra coisa,

como, por exemplo o *Conhecimento*), então, já não é a salvação pela *Graça* e mediante a Fé, “*oferecida gratuitamente*” nos evangelhos, como de resto em toda Bíblia.<sup>1</sup>

E mais: se a experiência de Deus pode ser vivida fora da Graça de Deus, então, “*segue-se que Cristo Jesus morreu em vão e ainda permanecemos nos nossos pecados!*”<sup>2</sup>

Neste sentido, muitos cristãos não são diferentes daqueles que tentam, explicar e justificar a existência humana através de *fórmulas* de natureza moral de causa efeito. E assim fazendo, muitas vezes até inconscientemente, anulam o *Escândalo da Cruz!*

A maioria das “*Teologias da Terra*”<sup>3</sup> - como eu prefiro chamar os fluxos de produção humana e religiosa vigentes no Planeta - desenvolvem relação entre a existência humana - especialmente o sofrimento e a perplexidade - e alguma forma de causa e efeito a fim de explicá-lo.

Ora, todos esses “sistemas” servem como o fator de *justificação espiritual* para o “perdido”. E como eu já disse antes, esses caminhos de auto-salvação vão desde a reencarnação para fins de auto-purgação e evolução moral-espiritual, ao livramento do carma mediante o exercício de disciplinas morais e auto-negação.

O resultado, todavia, é sempre o mesmo: na maioria dos casos, na prática, esses “entendimentos” fazem de um ser humano

<sup>1</sup> Ef 2:1-10

<sup>2</sup> I Co 15:1-19

<sup>3</sup> Pretendo expandir esse tema da Teologia da Terra em um próximo livro. Na minha opinião, trata-se de assunto tão complexo e que está presente no mais essencial auto-engano humano, que suas variáveis, ainda que escondidas sob signos e ícones diferentes - variando do animismo até as morais e auto-confiantes “certezas” cristãs que latejam em nossas almas todos os dias!

*um pária*, assentado em silêncio no moralíssimo e oprimidíssimo ambiente de muitos templos ou o pão no interminável caminho das penitências!

A maioria das “*Teologias da Terra*” tenta “*arrazoar*” as perplexidades do presente como resultado de pecados cometidos no passado, em outras encarnações; ou ainda, como efeito moral e, às vezes, espiritual, dos “*pecados dos pais*”.<sup>4</sup> De tal sorte que se tem no presente a realização de carmas do passado e, também, seus “*castigos-auto-justificadores*” e que são apresentados como a salvação do “*culpado*”.

Ora, esses castigos podem ser de natureza *moral*, com rebaixamentos do “*pecador*” na hierarquia das importâncias sociais e religiosas ou de natureza *física*, demonstrados por meio de males crônicos no corpo; ou de natureza *existencial*, tendo esse *des-Graçado* que carregar na alma as angústias de ser quem ele é *hoje*, em razão de ter sido quem um dia *foi*, ainda que nem ele mesmo saiba ou lembre quem foi aquele que um dia ele *foi* e que, quando existiu, *o fez contra si mesmo*.

É o “um dia foi” impedindo o “dia chamado *Hoje*” de poder existir para o ser que sente, vive e sofre no *Agora*. Ora, esse “dia chamado *Hoje*” é o único dia que a Bíblia diz ser *dia de salvação*.<sup>5</sup>

E mais: crendo na *Graça* que vem sobre nós no dia chamado *Hoje*, fica-se *também* liberto até mesmo da necessidade de *ser*, que nada mais é que *legalismo existencial*. Isto porque quem é na *Graça*, aprende que até mesmo para se *ser*, tem-se que descansar Naquele

<sup>4</sup> Jo 9:1-3

<sup>5</sup> Sl 95:7; Heb 3:7, 4:7

<sup>6</sup> É interessante como *também* existe um *legalismo existencial*. É o legalismo dos *humanistas* e *liberais*, teológica, psicológica e filosoficamente falando. É o legalismo dos *intelectuais* que *julgam* o próximo pela presença ou ausência de “*sofisticação*”

que é o *Eu Sou!* <sup>6</sup>

As “*Teologias da Terra*” têm sempre uma razão de ser no passado, suas “redenções” nos carmas de hoje e sua possível esperança nas “salvações” de um longínquo amanhã!

Já os “cristãos” dizem-se *ofendidos com tais crenças, sem perceber que fazem pior*. Isto porque, muitas vezes, pensam com as mesmas categorias, só que encontram explicações para a tragédia nos acontecimentos morais da vida humana *aqui e agora*.

Ou seja: o “*carma cristão*” é ainda mais inflexível e imediatista, abrindo espaço para que um homem julgue o ser de um outro enquanto vive!

E não é preciso nem esperar que a outra vida chegue ou que a outra encarnação aconteça. À semelhança dos *amigos de Jó*, é muito fácil nos incumbirmos do papel de instrumentos imediatos do castigo divino, não só pelo nosso veredicto moral que afirma haver sempre, no mínimo, a existência ou a suspeita de um pecado atrás de cada tragédia, como também sem hesitação, nos oferecemos, em nome de “Deus”, ao papel de infernizar a vida desse ser

*existencial*”. Esse “*critério*”, tão bem camuflado, é igualmente *um instrumento obtuso de juízo*. De minha parte, cada vez mais, encontro os melhores seres humanos despidos de diplomas ou de sua pretensa sabedoria. E, em geral, não são tão bem estruturados no falar como os *amigos de Jó*; mas os *Jós* sabem, sentem que eles são, de fato, *amigos, e deles recebem consolo!* Os legalistas existenciais, todavia, falam poéticamente em *Graça* e amor, mas só são capazes de manifestar estas virtudes na direção daqueles para os quais eles olham de cima para baixo. Todavia, quando se trata de um membro desta confraria de *humanistas-intimistas-psicologizados-sofisticados* - que podem ser cristãos ou não - , então, eles agem de modo tão *moralista* quanto os *legalistas-burros*. No fundo, *são todos iguais*, o que os diferencia é apenas a máscara, a poesia e os “tons” de suas vozes e discursos! Legalismo é sempre legalismo. E a única maneira de “prová-lo” é no encontro com o próximo em estado calamitoso, seja qual for a razão da tragédia.

humano - *o filho da calamidade* - , fazendo-o “viver” já no presente, *uma outra vida*, e que seja a encarnação imediata do carma de um pária, neste caso, um *pária cristão*.

Dizem: “*Deus pesou a mão sobre ele!*”

E assim fazem como os *amigos de Jó*, aos quais, ao final, Deus repreendeu. E mais: lhes afirmou que somente das orações de Jó viriam as *Graças* de Deus em seu favor!

É quando os juízes são salvos do Juízo divino pelas intercessões do réu-julgado!

Que ironia divina!

O “maldito” tem que fazer orações de absolvição por seus amigos-juízes!

Assim, aprende-se que a *Graça* é a maior de todas as ironias, bem como o *Grande Escândalo* e a *Inconcebível Loucura de Deus!*

A fé na *Graça* de Deus como *sendo favor absolutamente imerecido* - a palavra “*Graça*” significa “favor imerecido”- anda em permanente rota de colisão em relação a todas as *Teologias da Terra* e, até mesmo, contra seu disfarce cristão-moral, ocultando sob densas nuvens de piedade vazia, mas que enchem os nossos corações de engano e juízo!

Quando decidi escrever este livro, o fiz a partir das seguintes perspectivas:

Primeiro, o desejo de escrever um texto existencial; ou seja: um texto meu e apenas fundado naquilo que me constitui hoje como homem. Por isso, resolvi não abrir nada além da Bíblia e do coração a fim de produzir este livro.

Em outras palavras: não fiz nenhuma “consulta” a fim de escrever este texto, a não ser à minha memória e ao meu coração. Contudo, eu sei que há inúmeros comentários sobre Jó; e sei

que não foram poucos aqueles que o esquadriharam de modo tecnicamente sério. Mas aqui estou só. Digo: *só com o que sou, sei e sinto em Jó!*

Em segundo lugar, proponho-me a escrever um texto de estudo bíblico, depois de quatro anos sem escrever nada mais que não fosse ficção.

E devo isso a maravilhosa experiência de resgate pastoral que a vivência com os irmãos da **Igreja da Urca**<sup>7</sup> e com os amigos do **Café com Graça**<sup>8</sup>, tem me proporcionado, depois de muitos anos de agitação e multidão, mas também de profunda solidão.

Ali no **Café** voltei a ser pastor de poucos, de alguns e de um só, quando é necessário!

E como isto estava me fazendo falta!

O distanciamento da dor pessoal do próximo como indivíduo, mergulha o “distante” na anestesia de sua própria alma.

Isto porque ele mergulha num mundo de encontros difusos e perde a percepção relacional como experiência “fraternalmente focada” na existência do próximo.

Os muitos anos de multidões, gradativamente, me afastaram das *entranhas pessoais* do meu semelhante e, conseqüentemente, das minhas próprias vísceras!

Eu vivia cercado de gente que queria me tocar!

Hoje, sem os mecanismos de *fetichização e totemização* que

<sup>7</sup> É a Comunidade Cristã El Shadai, fundada por Curcio Silva, e com quem minha esposa trabalha a 12 anos. Entre eles ela encontrou amor e confiança para pastorear - visto que ela mesma andava cansada de tanto legalismo cristão. Ali, ela encontrou uma família de irmãos, mais amigos que irmãos, e foi para lá que ela me levou e foi lá também que voltei a pregar.

<sup>8</sup> Café com Graça é um *lugar* onde grupos se reúnem com a finalidade de estudar a Bíblia, orar e conviver.

definiam aquele desejo de espiritualidade primitiva que caracterizava a maioria dos encontros que as pessoas tinham comigo, fiquei livre para tocar e ser tocado apenas como *homem-irmão*.

Assim, o presente texto tem a finalidade de falar a almas humanas e não a “técnicos da Bíblia”; ou mesmo falar a “técnicos” que já tenham passado do primitivo estado no qual se crê que a importância de um livro vem de suas muitas e conscientes consultas e citações de especialistas. Este é um livro para quem tem *apenas e sobretudo*, alma!

Minha esperança é que *ler Jó comigo* faça tão bem a você como fez ao meu espírito, *ler Jó para mim mesmo!*

Antes de decidir escrever, li muitas vezes o *Livro de Jó* em voz alta, como se fosse o texto de uma peça de teatro ou como se eu tivesse sido um invisível expectador de todos aqueles diálogos.

E senti e sofri as dores de Jó, especialmente as que mais o atormentaram, que foram as acusações de seus melhores amigos.

Ví também, a dor de seus amigos, sua perplexidade e seu medo. Sim, medo! Medo do Deus Indisponível e medo que o mesmo lhes sobreviesse. Por isso, tentavam “defender a honra” de Deus – ignorantemente, é claro! - , acusando o amigo!

E fizeram isto sem saber que simplesmente estar em silêncio frente à dor e queixa do amigo, seria o verdadeiro defender a honra de Deus na calamidade, ao invés de tentarem transformar o amigo num alvo *justificável* para aquelas “*flechadas celestiais*”.

É assim que muitos agem frente ao “inexplicável”: ao invés de silenciarem, falam o que não sabem; mas o fazem como juízes também.

E pior que isto: comportam-se como quem diz a Deus: “Comigo não, está bem Senhor? Pois vê: mesmo não sabendo porque meu amigo sofre, sou ainda mais solidário com Tuas razões que com

as queixas dele”.

E assim o fazem por causa do medo infantil, aquele mesmo que leva uma criança a trair o amigo a fim de escapar da possibilidade de receber a mesma punição.

Dito isto, quero frisar que você não deve buscar neste trabalho qualquer indício de tecnicismo teológico, exegético ou histórico. Há outros livros que o ajudarão melhor nessa tarefa.

Neste **“O Enigma da Graça”** o que você verá e ouvirá, além de minhas palavras e interpretações, será a *Voz-Palavra de Deus* no gemido da perplexidade humana, e, assim, quem sabe, encontrará coragem para esquecer os medos e juízos que pairam sobre sua cabeça e pedir a *Deus que seja seu Advogado contra a indisponibilidade de Deus* na hora da total perplexidade de sua mente, quando a dor se torna inexplicável e os sofrimentos desproporcionais à luz de sua própria consciência diante do *Deus que vê!*

**Caio Fábio, um grato filho da Graça!**

*Rio Urubu, Floresta Amazônica, Janeiro de 2002.*

# INTRODUÇÃO



## Uma Chave Para o Coração do Livro de Jó

O livro de Jó sempre me encantou. Nele até as heresias soam verdadeiras. Ele é *poético*, daí o problema, pois, a poesia sempre traz consigo o poder de convencer ou, pelo menos de nos fazer respeitar mesmo que seja a *verdade besuntada de mentira*.

Esta pode ser uma das razões do *Livro de Jó* ser tão mal percebido. Ele é tão poético que em suas falas entremeiam-se verdades e mentiras numa oscilação que vai da *mentira-mentira à mentira-verdade e da verdade-mentira à verdade-verdade*, o que confunde a percepção objetiva.

E não seria isso parte da risada de Deus sobre a nossa presunção?

A fim de dar a você algumas simples “entradas” ao texto, quero que você preste atenção nas *quatro diferenciações* que vêm a seguir:

1. A **mentira-mentira** é o engano em si, só sendo aproximadamente projetável em *plenitude-simbólica* na figura de Satanás. A verdade é, todavia, que nem Satanás conhece totalmente o próprio engano, pois até mesmo para se ser o *Enganador* é

preciso que tenha havido nesse ser um mínimo de *auto-engano inicial* que veio, posteriormente, a tornar-se engano consciente e assumido como finalidade dessa malévola existência pessoal. A *verdade sobre a mentira* é a seguinte: *somente Deus conhece o que é o engano!* Nenhuma de suas criaturas chegou até ao abismo do Abismo. Há um limite para as criaturas até no Abismo. E o limite do Abismo é o abismo do Mistério de Deus, que nenhuma de Suas criaturas jamais conheceu ou conhecerá em plenitude. Conhecer a Deus é o orgasmo infinito do ser!

2. A **mentira-verdade** é a mentira maquiada de realidades da vida, aplicadas fora do contexto, o que acontece todos os dias nas mínimas coisas do nosso cotidiano e aparece, insistentemente, de vez em quando, até mesmo no modo como nos *defendemos*, escudando-nos à sombra de *correções exteriores* que encobrem nossas *verdades negativas*. Então adoecemos na alma, pois, quanto mais moralmente cristão é o consciente humano, mais tragicamente pagão torna-se o seu inconsciente.

3. A **verdade-mentira** é a manipulação da verdade. Todo uso da verdade a corrompe, tira dela a verdade-de-ser, pois ela já vem carregada com as finalidades e utilidades que a ela atribuímos, de acordo com as conveniências do momento. É a *verdade para o consumo*, é produto da arte de falar de Deus e da vida no palco das falsas impressões.

4. A **verdade-verdade** é aquela que só é possível se a procedência for a *boca de Deus*. Somente Deus conhece a verdade-verdade. É por isso que joio e trigo crescem juntos na Terra e não nos é possível distinguir um do outro com certeza. E toda tentativa de o fazer é mais *danosa* (joio é erva *daninha*) que a existência do joio em *sí mesmo*.

Há apenas uma coisa que os diferencia na Terra: o amor. Por esta razão, é muito mais provável que o joio é que tente arrancar o trigo do campo que o trigo arrancar o joio de seu território. O trigo alimenta e traz vida. O joio se esconde e se aproveita dele, mas nunca perde uma oportunidade de se fazer passar por ele e eliminá-lo é sua melhor chance!

A questão é: o joio sabe que é joio? E o trigo sabe que é trigo? Quem o confessaria? Quem teria em si a **verdade-verdade** a ponto de enfrentar todos os enganos para se ver? Quem teria essa coragem? Certamente quem a possuísse não seria jamais um “joio pleno”, pois *“aquele que julga a si mesmo, não é julgado”*.<sup>9</sup>

O trigo sabe que é trigo? Mas se o sabe, não o alardeia com certeza que acuse a existência personificada do joio num outro ser humano. Antes, ao *“cair na terra, morre; e dá muito fruto”*<sup>10</sup>. O joio não muda o curso da natureza do trigo, pois o trigo só sabe ser trigo!

O poder do trigo é o fruto que dá e que se faz vida em si e em outros!

E por que introduzo esse meu livro sobre Jó falando acerca de tais subjetividades?

É que o livro de Jó é exatamente o retrato de todas essas *quatro diferenciações*. Ora, são essas *diferenciações* que podem *descatastrofizar* as nossas existências, sem que apelemos para as interpretações morais que excluem a história humana da *Graça* e, pior: excluem a *Graça* de toda a história dos humanos!

*Essa des-gracificação da Vida nos torna tão pagãos quanto todos os que tentam explicar o mal que acontece ao próximo sempre como paga pelo pecado.*

<sup>9</sup> I Co 11:31

<sup>10</sup> Jo 12:24

Os cristãos ainda não se deram conta de que sua “teologia” da *Graça* não *coincide* com suas interpretações cotidianas do sofrimento humano e, muito menos, não retrata com realismo os fatos da vida. E assim, sem o saberem, tornam-se parte do fluxo religioso universal – a *Teologia da Terra* - que entende a questão da dor e de tudo o que seja inexplicável, a partir de um *encontro de contas exatas* entre Deus e o homem, anulando, assim, a *Graça*.

Na *Graça* o “encontro de contas” acontece, mas quem paga a diferença contra o homem é *Aquele* que disse: “*Está consumado!*”<sup>11</sup>

O problema é que aquelas quatro *diferenciações* não são formuláveis como categorias morais ou históricas visíveis.

Elas são valores e essências e só começam a ser por nós discernidos quando nossas existências chegam a conscientemente lidar com a *Indisponibilidade de Deus* na hora da perplexidade, e sobretudo, com as interpretações que daí procedem.

Quando esse dia chega, só chega para nós! Ele é incompartilhável. Mesmo os “melhores amigos” correm o risco de pecar ao tentarem “entender esse dia” em nosso lugar.

O dia da perplexidade é sempre solitário. E nele todo gemido é verdade e toda verdade é gemido perplexo!

Uma vez dito isto, peço que você observe cada um desses *quatro elementos* na leitura do *Livro de Jó*, a saber: *mentira-mentira; mentira-verdade; verdade-mentira; e verdade-verdade*.

E mais: quero que você leia o texto de Jó transcrito da Bíblia e que é parte integral deste livro. Há pessoas que assumem que já conhecem o texto bíblico, e, portanto não o lêem, perdendo, assim, a melhor chance que a leitura propicia, pois chega carregada da iluminação que vem diretamente da meditação na Palavra de Deus.

<sup>11</sup> Jo 19:30

Meditação, oração e submissão à revelação do Espírito Santo são os agentes que transformam a Bíblia Sagrada em Palavra de Deus em nossos corações! <sup>12</sup>

Após cada bloco de leitura de Jó você achará um comentário meu. Leia-o com atenção. No rodapé de cada página você encontrará notas de esclarecimento e outras referências bíblicas que o auxiliarão na melhor compreensão do que você lê. E, por último, trarei as minhas conclusões sobre a mensagem do livro como um todo.

Se você optar por ler apenas o texto maior e deixar de lado as demais contribuições que o livro dá a você, temo que você não entenda tudo o que lhe está sendo disponibilizado. É necessário, sobretudo, que você tenha paciência e leia tudo, conferindo, na sua Bíblia, a pertinência ou não do que aqui digo.

Caso você pare de ler o livro, ou caso você só leia o que nele lhe parecer mais fácil, não faça, por favor, comentários a respeito dele. Não poderei ter respeito por quem não conferir coisa com coisa antes de fazer seu próprio julgamento. E assim dizendo, estou estimulando você a achar nele qualquer coisa que não seja completamente bíblica e coerente com a “tese cristã”.

Ou seja, eis aqui a confissão de fé que faço neste livro:

A *Graça* é dom de Deus, apropriado pela fé, que também é Graça<sup>13</sup>, pois é também dom de Deus,<sup>14</sup> a qual se origina do trabalho do Espírito Santo na consciência-coração humano,<sup>15</sup>

<sup>12</sup> II Co 3:3; 12-17

<sup>13</sup> Ef 2:8-9

<sup>14</sup> Atos 11:18; II Tm 2:25

<sup>15</sup> Jo 15:26

pela revelação da Verdade<sup>16</sup>, que é Cristo Jesus; o qual é o Princípio e Fim - Alfa e Ômega - de toda relação de Deus com a criação e todas as criaturas, <sup>17</sup> visto que *Ele se-fez-foi-feito-em-si-mesmo*<sup>18</sup> o Cordeiro imolado *antecipadamente* pela culpa de toda a criação, *antes da fundação do mundo*; <sup>19</sup> sendo que, entre os homens, sua manifestação histórica se realizou na sua encarnação, morte, ressurreição, e ascensão acima de todas as coisas;<sup>20</sup> e, foi Ele, o Cordeiro de Deus, quem estabeleceu que por Sua *Graça* se pode ter vida; <sup>21</sup> e isso, não é tão somente algo que se manifesta dos céus para a terra, mas também entre os humanos na forma de duas tomadas de consciência: a *primeira* é que quem recebeu *Graça* não nega *Graça* pois quem foi perdoado tem que perdoar<sup>22</sup>; e em *segundo lugar*, mediante a cessação dos julgamentos entre os homens, visto que quem foi absolvido pela *Graça* de Cristo já não se oferece para ser juiz do próximo;<sup>23</sup> antes pelo contrário, tal percepção induz a caminhar na prática das *obras preparadas de antemão para que andássemos nelas*, <sup>24</sup> sendo sua maior expressão o *amor com que devemos amar uns aos outros*; <sup>25</sup> e, sendo assim, para tais pessoas, guiadas pelo Espírito da *Graça*,

<sup>16</sup> Jo 14:6; I Jo 2:27-29

<sup>17</sup> Rm 8:18-25; Cl 1:15-20; Ef 1:10,22; Ap 1:8.

<sup>18</sup> Jo 10:18; I Co 15: 27-28

<sup>19</sup> I Pd 1:19-20

<sup>20</sup> Fp 2:9

<sup>21</sup> Rm 8:2; Jo 10:10

<sup>22</sup> Mt 6:12

<sup>23</sup> Mt 7:1-2; 18:21-35

<sup>24</sup> Ef 2:10

<sup>25</sup> Rm 13:10

a germinação de seus corações na fé em Jesus gera o fruto do Espírito que torna toda Lei obsoleta e desnecessária para a consciência que recebeu a revelação do Evangelho.<sup>26</sup> O resto é invenção humana para diminuir a *Loucura da Cruz* e o *Escândalo da Graça*.<sup>27</sup>

Sabendo disto, então, faça o seguinte:

Ore e peça ao Espírito Santo que o ilumine e o esclareça! Faça-o com a certeza de que ao final sua mente estará vendo a sua própria dor de outra forma e a de seu próximo com reverência e silêncio solidário. E, então, seu coração vai se encher de amor e vida, o que libertará você de todo medo de ser e o fortalecerá para o prosseguimento da jornada que só cessa *quando conquistarmos aquilo para o que fomos conquistados*.<sup>28</sup>

Quem assim faz não será condenado quando a *Voz de Deus* se manifestar no *redemoinho*.

O resultado final é que você dirá: “*Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem*”.

<sup>26</sup> Gl 5:23

<sup>27</sup> I Co 1:18-23

<sup>28</sup> Fp 3:12-16

I shall see God  
 We shall awake up  
 I beheld the Ancient of Days  
 Hast thou considered my Servant Job  
 The Angel of the Divine Presence  
 Thou art our Father in thy Likeness  
 יהוה ילד



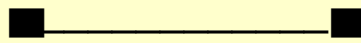
When the Almighty was yet with me, When my Children were about me

There was a day when the Sons of God came to present themselves before the Lord & Satan came also among them to present himself before the Lord

London. Published as the Act directs March 8. 1825 by W. J. Blake N<sup>o</sup> 3 Fountain Court Strand

Proof

## CAPÍTULO I



### *Duas Histórias: Uma Única Percepção Na Terra*

*Havia um homem na terra de Uz<sup>29</sup>, cujo nome era Jó<sup>30</sup>, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal. Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. Possuía sete mil ovelhas,*

<sup>29</sup> A terra de Uz não é claramente definida na sua localização. Mas, provavelmente tenha sido um lugar na antiga Mesopotâmia. É bom lembrar que da descendência de Sem, filho de Noé, procedeu, na segunda geração, a Uz, que era filho de Arã, filho de Sem (Gn 10:21-23). Aquele era um tempo de construção de cidades (Gn 10: 8-12) e não raramente os fundadores emprestavam seus próprios nomes as cidades. Nesse caso, se a terra de Uz fosse uma “construção urbana” que se originara no clã de Arã, filho de Sem, então, haverá a grande possibilidade de que Jó seja uma figura de origem semítica, pré-abraâmica, pois os semitas, na sua maioria andarilhos (a palavra “hebreu”, que dará nome ao povo que nasce “de e em Abraão”, vem de uma palavra de raiz semítica que significa aquele que “cruza”, que “passa fronteiras”), quando se estabeleciam, faziam-no com frequência na região da Mesopotâmia.

<sup>30</sup> A história de Jó, nos dois capítulos iniciais, é o palco para o drama que se segue. Suas divisões são as seguintes:

*três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas*<sup>32</sup>; *era também mui numeroso o pessoal ao seu serviço, de maneira que este homem era o maior de todos os do Oriente*<sup>33</sup>.

1. A vida piedosa de Jó, bem como seus bens e sua conduta são afirmados (1:1-5).

2. Satanás comparece à assembléia celestial demanda a vida de Jó em provações (1:6-12).

3. Duas calamidades naturais - *fogo do céu e ventos do deserto* - assolam tanto os bens quanto destroem a família de Jó e, além disto, dois assaltos roubam dele tudo quanto possuía (1:13-19).

4. A resposta de Jó foi insuportável a Satanás. Ele aparece perante a *assembléia celestial* outra vez e demanda que as perdas de Jó cheguem a sua carne (1:20 e 21:2:1-7).

5. Mesmo perdendo tudo, e mesmo mergulhando em profunda perplexidade, Jó não blasfemou contra Deus (2:8-10).

6. Sabendo de seus males e perdas, alguns *amigos de Jó* decidem visitá-lo. E aí nesses diálogos, é que a percepção da dor se expressa no livro, *onde o único horizonte a ser contemplado é o das perdas horizontais*, pois Jó não dispunha de nenhuma outra informação que lhe chegasse como “uma trama maligna” e, assim, pudesse lhe aliviar a dor, emprestando algum sentido ao absurdo que o visitara (2:11-13). Jó não sabia o que houve nas regiões celestes!

<sup>31</sup> Jó, enquanto *personagem histórico*, jamais foi objetivamente posicionado numa data no tempo e no espaço. Todavia, a leitura do livro nos deixa perceber que, provavelmente, a *história* tenha acontecido antes da existência física de Abraão; portanto, pelo menos dois mil e quinhentos anos antes de Cristo e deveria - caso a Bíblia reunisse a sequência de seus livros em ordem cronológica – vir logo após o capítulo 11 de Gênesis. Ora, com isto *não estou dizendo que o livro de Jó tenha essa idade*. O que digo é que a *história é antiquíssima*. O texto escrito mais antigo, todavia, data de 600 A.C.

<sup>32</sup> Conquanto durante a leitura do livro se perceba que a atividade econômica naqueles dias já fosse bem diversificada – com variadas formas de comércio e que incluíam viagens de caravanas que iam e vinham, vendendo e trocando produtos - , Jó, todavia vivia da terra e da atividade pecuária.

<sup>33</sup> “*O maior do Oriente*” deve nos levar as seguintes conclusões:

1) Não se tratava do Oriente conforme entendido por nós hoje. Já havia civilizações evoluidíssimas e muito mais ricas, no Extremo Oriente, bem antes de Jó, e, para os padrões do Extremo Oriente, as riquezas de Jó não eram alarmantemente grandes.

*Seus filhos iam às casas uns dos outros e faziam banquetes, cada um por sua vez, e mandavam convidar as suas três irmãs a comerem e beberem com eles. Decorrido o turno de dias de seus banquetes, chamava Jó a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos<sup>34</sup> segundo o numero de todos eles, pois dizia: Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração.<sup>35</sup> Assim o fazia Jó continuamente.<sup>36</sup>*

2) O fato de Jó ser “o maior do Oriente” e não se fazer nenhuma tentativa de se estabelecer qualquer vínculo entre ele e as genealogias bíblicas, nos revela que ele fazia parte daquela *ordem superior* à revelação de Deus a Abraão, pois à semelhança de Melquisedeque, Jó conhece o Deus Altíssimo e o discerne como poucos, mesmo depois de seus dias. Mas, Jó não é filho de Abraão.

3) Sendo assim, ficamos sabendo que Deus nunca restringiu sua revelação à escravidão genética estabelecida na descendência dos patriarcas bíblicos. O “fator Melquizedeque” - a liberdade de Deus de revelar-se a quem quer, como quer e onde quer que seja sem a necessidade da autenticação histórica dos agentes históricos dos testemunhos de Deus entre os homens - encontra em Jó um de seus mais elevados representantes da Bíblia; ou seja, um homem de Deus, que não pertence a nenhuma genealogia bíblica e que conhece a Deus na prova-das-provas, fazendo de Abraão seu *discípulo*.

<sup>34</sup> A presença do *sangue*, expressa no holocausto, afirma a herança de Jó em Abel. Desde o início que todos os sistemas de fé da humanidade derivam-se de Abel ou de Caim. Em Abel não se traz para a presença de Deus nada além de uma consciência certa de que sua paz vem de um Deus satisfeito com um nível de justiça, que não era o da produção pessoal dos seres humanos. A salvação e a pacificação da consciência eram elementos que transcendiam ao homem e suas obras pessoais: era o sangue de “outrem” que era oferecido. Abria-se, assim, a consciência para a esperança-subjetiva-certeza de que “*havia um Cordeiro*” que cobriria toda a culpa humana.

<sup>35</sup> A ausência de *lugares santos* no livro de Jó e a afirmação de que o lugar da blasfêmia é o coração, indica a existência de uma consciência espiritual muito mais evoluída do que se costuma achar ainda hoje. Em Jó, o lugar sagrado é o coração e *nada é mais objetivo para ele que os ambientes da subjetividade*.

<sup>36</sup> O discernimento que Jó possuía do mundo espiritual era evoluidíssimo. Ele oferece sacrifícios pela possibilidade do *equivoco dos filhos* e planta aqui a gênese do

*Num dia em que os filhos de Deus<sup>37</sup> vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles.<sup>38</sup> Então, perguntou o SENHOR a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu ao SENHOR, e disse: De rodear a terra, e passear por ela.<sup>39</sup> Perguntou ainda o SENHOR a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal. Então, respondeu Satanás ao SENHOR: Porventura Jó debalde teme a Deus?<sup>40</sup> Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa*

que o apóstolo João ensinaria muitos milênios depois: *há pecados que não são para morte*; e, nesse caso, a intercessão do amor cômico da Cruz – ou seja, do sacrifício de outrem - *cobre multidão de pecados* ( I João 5:16-18).

<sup>37</sup> A expressão “*filhos de Deus*” que aqui aparece é a mesma encontrada em Gênesis 6:2, tratando-se, portanto, de *seres celestiais* e não da *descendência de Sete*, filho de Adão, como, inconsistente e arbitrariamente, a maioria dos comentaristas da Bíblia, de Santo Agostinho em diante, tenta nos fazer crer.

<sup>38</sup> A celestialidade da existência desses “*filhos de Deus*” é confirmada pela presença de Satanás entre eles, na assembléia celestial. Ora, isto nos remete em outra direção e nos faz ver como o Acusador funciona em sua obstinação maligna. Ele é aquele que demanda a vida humana, criando sempre uma *alternativa para fora do curso da existência* até então experimentados. Satanás aposta sempre que um *desvio brusco de rota* inviabilizará o ser humano frente ao absolutamente novo e imprevisível. Ele sabe que perdas dramáticas podem fazer alguém desesperar da própria vida. E Jó não seria ninguém sobre quem hoje ainda estivéssemos debatendo, caso a alternativa maligna não tivesse sido permitida. Assim, mais uma vez, a compulsão satânica serviu a um propósito que transcendia ao imediato da tragédia.

<sup>39</sup> A ligação da figura satânica ao *ambiente terrestre*, às coisas da história humana e às suas produções, ecoa a maldição de Deus à serpente, em Gênesis 3:14b. Ali está dito que as forças da maldade espiritual iriam se “*alimentar do pó da terra*”. Ora, isto nos deixa ver o quão intrinsecamente, Satanás depende dos elementos e da produções dos humanos a fim de poder manifestar a sua maldade relevante no mundo pelo qual ele *rodeia e passeia*.

<sup>40</sup> O argumento satânico é simples, porém, terrível: *como se saberá se o homem bom é bom enquanto a vida só o trata com bondade?* De fato, as verdades do coração só se manifestam na hora das perdas. O homem bom não corre grande risco quando

*e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste e os seus bens se multiplicaram na terra. Estende, porém a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face.*

*Disse o SENHOR a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão<sup>41</sup>. E Satanás saiu da presença do SENHOR<sup>42</sup>.*

*Sucedeu um dia, em que seus filhos e suas filhas comiam e bebiam vinho, na casa do irmão primogênito, que veio um mensageiro a Jó, e lhe disse: Os bois lavravam, e as jumentas pasciam junto a eles; de repente deram sobre eles os sabeus<sup>43</sup>, e os levaram, e mataram aos servos a fio de espada; só eu escapei para trazer-te a nova. Falava este ainda, quando veio outro e disse: Fogo de Deus caiu do céu<sup>44</sup>, e queimou as ovelhas e os servos, e os consumiu, só eu escapei para trazer-te a nova. Falava este ainda quando veio outro, e disse: Dividiram-se os caldeus<sup>45</sup> em três bandos, deram sobre os camelos, os levaram e mataram*

prospera, pois, para ele, a prosperidade é natural. Quando chega, todavia, o dia das grandes perdas é que “o ser bom” mergulha em total perplexidade.

<sup>41</sup> Satanás pode investir contra os servos de Deus. Mas essa “ação maligna” tem dia para começar e hora para terminar. Deus é também o Senhor de Satanás.

<sup>42</sup> O diálogo entre o Senhor e Satanás revela que é muito mais provável que a tragédia acometa na terra ao justo que ao injusto. A vida do iníquo não precisa de ajuda satânica para acontecer. Certas pessoas ficam tão imbuídas do mal que “*são diabo*”, como Jesus disse de Judas. Mas é o homem bom quem ocupa as forças espirituais do mal e que é “objeto de demanda” nas regiões celestes.

<sup>43</sup> Provavelmente uma tribo que andava e se apropriava de bens e outros territórios. Eram ladrões andarilhos.

<sup>44</sup> Se o “raio” caiu e não veio tempestade após ele, ficou ainda mais claro para os observadores que havia uma *intenção* naquela tragédia.

<sup>45</sup> A proximidade dos caldeus revela que os acontecimentos devem ter se dado na Mesopotâmia, de onde os caldeus eram oriundos, tendo evoluído de uma tribo ao grande Império Caldeu dos dias bíblicos posteriores.

*aos servos a fio de espada; só eu escapei, para trazer-te a nova. Também este falava ainda quando veio outro e disse: Estando teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo vinho, em casa do irmão primogênito, eis que se levantou grande vento do lado do deserto e deu nos quatro cantos da casa, a qual caiu sobre eles, e morreram; só eu escapei, para trazer-te a nova*<sup>46</sup>.

*Então, Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e adorou*<sup>47</sup>; e disse: *Nu sai do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR! Em tudo isso Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma*<sup>48</sup>. *Num dia em que os filhos de*

<sup>46</sup> A sequência de tragédias – *assaltos dos sabeus e caldeus* – e acidentes naturais – *fogo do céu e vento forte* - nos mostram a coordenação da ação terrorista espiritual do mal. Os mesmos episódios espalhados no curso de anos não teriam chegado carregados da certeza de que havia um “plano em ação”. Foi a *simultaneidade* das ocorrências que fez ficar claro o fato de que Deus havia “levantado a mão contra Jó”, permitindo que aqueles males acontecessem de uma vez. E mais: o fato de os agentes da ação maligna terem sido humanos e naturais esclarece que, tendo “permissão”, Satanás pode intervir tanto nos *psiquismos coletivos* - sabeus e caldeus - quanto também na *natureza* – fogo do céu e ventos fortes.

<sup>47</sup> Em Gênesis 22:5, Abraão chama o ato de sacrificar seu filho Isaque de “*adoração*”. Jó, mesmo não tendo que, pessoal e deliberadamente, imolar os filhos, todavia, “*adora*” em meio às perdas. Este é um dos últimos estágios da consciência de fé, quando “*serve-se a Deus por nada*” e independentemente das circunstâncias.

<sup>48</sup> A fidelidade de Jó ao seu Deus não ficou abalada. Ele não servia a Deus pelo que possuía e sabia que tragédias podem acontecer também a quem conhece a Deus. E sua certeza da soberania de Deus deu-lhe serenidade para adorá-lo no dia da perplexidade.

<sup>49</sup> Note a repetição da frase “*filhos de Deus*” e veja como, inequivocamente, ela se refere a anjos. Tal raciocínio muda, dramaticamente, a nossa visão do que aconteceu entre os “*filhos de Deus e as filhas dos homens*”, conforme Gênesis 6:2. Podendo nós, inclusive, crer nas narrativas do *Livro de Enoque*, que tratavam desse assunto e que, ao século quinto da era cristã, era a referência para a interpretação prevalecente no judaísmo

*Deus<sup>49</sup> vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o SENHOR. Então, o SENHOR disse a Satanás: Donde vens? Respondeu Satanás ao SENHOR e disse: De rodear a terra e passear por ela. Perguntou o SENHOR a Satanás: Observaste meu servo Jó?<sup>50</sup> Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal. Ele conserva a sua integridade, embora me incitasses contra ele, para o consumir sem causa<sup>51</sup>. Então, Satanás respondeu ao SENHOR: Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará por sua vida<sup>52</sup>. Estende, porém, a mão, toca-lhe nos ossos e na na carne e verás se não blasfema contra ti na tua face. Disse o SENHOR a Satanás: Eis que ele está em teu poder; mas poupa-lhe a vida<sup>53</sup>. Então, saiu Satanás da presença do SENHOR e feriu a Jó de tumores malignos,*

e na igreja – a da tradição enoquiana; ou seja, que anjos possuíram mulheres e deram à luz a gigantes (Gn 6:1-4).

<sup>50</sup> Poucas expressões revelam tão claramente o quanto os seres celestiais “observam” e aprendem com as manifestações humanas, especialmente daqueles que amam a Deus (Ef 3:10).

<sup>51</sup> “Embora me incitasses contra ele para o consumir sem causa”, revela um modo humano de expressar o inexprimível. Isso porque Deus está para além da possibilidade de ser tentado pelo mal (TG 1:3). Trata-se, apenas, de um modo de dizer que “Deus permitiu” que satanás agisse contra Jó, cumprindo um papel e ignorando o resultado final. Sem aquela permissão, Jó jamais se conheceria e ou conheceria a Deus como veio a conhecê-lo. A visão de Satanás sobre o mal que realiza é limitada pela volúpia de realizá-lo. Se Satanás soubesse o fim de todas as histórias que ele propõe a terminar, provavelmente não demandaria o que demanda. E, se mesmo que o saiba, age assim mesmo, então, é porque seu vício na maldade é sempre suicida. A inteligência do mal acaba em razão da compulsão de realizá-lo.

<sup>52</sup> Satanás apelava para seu último recurso. As perdas materiais não haviam desiludido a Jó. Agora era hora de ver se ele resistiria ao último fiapo: *o da sobrevivência*.

<sup>53</sup> Neste episódio é tão claro que Satanás tem seu limite bem estabelecido. Aqueles que pensam que seu poder malévolo é ilimitado, sofrem da terrível e diabólica idéia

*desde a planta do pé até ao alto da cabeça*<sup>54</sup>.

*Jó, sentado em cinza, tomou um caco para com ele raspar-se*<sup>55</sup>. *Então, sua mulher lhe disse: Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre*<sup>56</sup>. *Mas ele lhe respondeu: Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios.*

*Ouvindo, pois, três amigos de Jó todo este mal que lhe sobreviera, chegaram cada um do seu lugar: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita; e combinaram ir juntamente condoer-se dele e consolá-lo*<sup>57</sup>. *Levantando eles de*

de que Satanás tem poder de fazer qualquer transgressão contra Deus, que não seja, antes, contra ele mesmo. Contra si mesmo, Satanás, à semelhança dos humanos, pode pecar à vontade. Quando se trata, todavia, de levar a criação ao caos, Satanás esbarra sempre na Face Soberana do Criador, que é Deus zeloso, tendo amor por todas as criaturas. Tratando-se de humanos que, conscientemente, o amam, mais ainda o poder maligno está limitado. Por isso, que fique claro: Satanás não pode ir além do permitido, de acordo com o bem maior que se oculta na vida daqueles que amam a Deus ( Rm 8:28-29).

<sup>54</sup> Hoje em dia, provavelmente disséssemos que Jó havia *somatizado* suas dores. Muitas vezes é isso que acontece. Mas, há ocasiões em que os males físicos de alguém são fruto de um ataque espiritual (Lc 13:10-17).

<sup>55</sup> “*Sentado em cinza*” expressa a mais antiga tradição de simbolização da dor – fosse a dor da perda, da vergonha ou do arrependimento – conforme encontramos na Bíblia e nos relatos mesopotâmicos daqueles dias. Quanto a “*raspar-se*”, tratava-se, obviamente, de uma intervenção de limpeza nas erupções e ferimentos na pele de Jó.

<sup>56</sup> A figura da mulher de Jó é quase sempre negativa no livro. Ela tenta induzi-lo à blasfêmia, expressa sua repugnância pelo hálito do marido (19:17), era também alguém em quem Jó depositava certas amarguras (31:9,10). Ele diz que ela fala como “*qualquer doida*” e sua ingratidão era manifesta: recebera o bem mas não aceitava o mal.

<sup>57</sup> Os três *amigos de Jó* vinham também de contextos e geografias que a Bíblia não reconhece como sendo da descendência de Abraão. Vemos aqui como as *verdades da revelação* de Deus jamais se restringiram às fronteiras genéticas da descendência dos patriarcas bíblicos. Deus sempre foi livre para se revelar a quem

*longe os olhos e não o reconhecendo ergueram a voz e choraram; e cada um, rasgando o seu manto, lançava pó ao ar sobre a cabeça. Sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, pois viam que a dor era muito grande.*

quis. Essa idéia é incomoda aos que desejam diminuir o espaço da revelação - circunscrevendo-a apenas aos *ambientes hebreus* da Bíblia - esquecidos que a revelação de Deus a Abraão não implicou numa redução da disposição de Deus de se deixar conhecer por todo aquele o O teme e busca o que Lhe é aceitável (Mt 1:11; At 10:34-35; Rm 2:12-16). O fato de eles haverem combinado irem consolá-lo indica que a amizade deles era anterior àquele encontro e que não somente eles eram *amigos de Jó*, mas conheciam -se uns aos outros.

## COMENTÁRIO

Para o leitor de *Livro de Jó*, o texto bíblico já chega mostrando, desde o início, o que houve nas *regiões celestiais* acerca do drama daquele que era “*homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desviava do mal*”.

O problema é que Jó não lia o *Livro de Jó*!

Ele era a “história” e nada é pior do que ser “a própria história”. Normalmente, quando isso acontece, tem-se que ser vítima de juízos e certezas equivocadas por muito tempo. Não esqueça: Jó, em sua tragédia histórica, já tem milhares de anos de idade. Portanto, hoje é “piedoso” expressar solidariedade a ele. Mas, e se você fosse contemporâneo dele? Seria capaz de *refrear sua língua*, quando o mais natural seria emitir alguma forma de juízo?

Os *amigos de Jó* também não dispunham daquela visão em dois tempos. Eles viam apenas o cenário imediato e suas tragédias. Eles nada sabiam sobre a “demanda” de Satanás acerca do *homem melhor*, pois apenas se impressionavam com a história do *melhor homem*.

Para o observador comum – os parentes de Jó, seus servos, vizinhos, amigos e conhecidos – as ocorrências eram percebidas como *Quedalamidade*<sup>58</sup>. A força e a *simultaneidade dos eventos* é

<sup>58</sup> Ou seja: uma calamidade marcada moralmente por uma queda diante de Deus.

o que dava à maioria a certeza de que havia algo maligno presente nas circunstâncias. E, normalmente, quando isto acontece, a mente humana, em geral, não tem como *não recorrer* ao mais antigo de todos os ardis e enganos filosóficos: aquele que *sempre* explica a tragédia como sendo o resultado do pecado daquele que foi objeto de tamanha calamidade!

Se o homem em questão é visto como bom, pior ainda! Suspeita-se sempre que algo oculto estava em curso, sob a camuflagem da mais cínica hipocrisia. Jó tinha que ter *feito por justificar* as dores e perdas que o acometeram. Jó tinha que ser culpado. Era assim que todos o viam.

Meu pedido, agora – caso você deseje que este livro lhe seja relevante - , é que você *des-imagine* tudo o que sabe sobre o drama de Jó. E a única maneira de fazê-lo é esquecendo-se dos dois primeiros capítulos do livro e a cena que ocorreu longe dos olhos de Jó ou de seus “amigos”.

Aliás, daqui para frente, o que desejo é que você pense nas calamidades que atingem aqueles que você respeita ou respeitou. Pense em como você “responde” aos sofrimentos *simultâneos* que as pessoas sofrem. E pense se sua primeira tendência não é cogitar se há algo errado em seu próximo! Provavelmente – caso seu coração seja honesto - , você terá que admitir que em sua mente, tragédias são “naturais” em pessoas dadas a “iniquidade”, mas não em relação ao homem bom. Quando é assim, é mais fácil pensar que há “algo oculto” e que, por essa razão, tal pessoa está sofrendo!

Sua cogitação dificilmente será aquela que incluirá na cena a dimensão invisível, a demanda satânica na corte celestial!

E como não queremos que o *prêmio da bondade seja a calamidade*, preferimos pensar que o sofrimento do homem bom é

fruto de um pecado oculto, cuja malignidade encontrou na desfaçatez sua maior diabolice.

É assim que eu quero que você leia o resto do livro: esquecendo-se da cena celestial. Pense na pessoa que você mais respeita e a veja sob todos os aspectos de uma possível destruição de tudo quanto um dia construiu. Depois pense sobre qual seria o julgamento inicial e ou final.

Então, responda-me:

Seria você capaz de excluir o aspecto moral de sua interpretação?

Seria você capaz de pensar que aquela tragédia nada tinha a ver com a “maldade” do homem, mas, provavelmente, com a bondade dessa pessoa?

E ainda: seria você capaz de ver amor e *Graça* naquela calamidade?

Poderia você, porventura, pensar que “aquele des-*Graçado*” está, de fato, sendo salvo pela *Graça* e pelo *Amor* de um mal muito maior: a sua *totemização* entre os homens, que faria dele – pois já havia feito - , apenas e tão somente, um ídolo!

E ainda: seria você capaz de ver na calamidade a possibilidade de uma *terapia de ascensão espiritual*, mesmo que isto implicasse em perdas materiais, familiares e no levante de “suspeições” acerca desse ser-objeto da tragédia?

Se você for capaz de manter a isenção, então, saberá exatamente com que critérios você julga o seu próximo que experimenta a aflição e a perplexidade!

Leia o resto do livro com a mente focada apenas e tão somente no *horizonte imediato*. E, assim, pense que você não está lendo a “história de Jó”, mas a de seu vizinho, de seu melhor amigo, ou mesmo, a história da pessoa que você admirava pelo exemplo que dava e pelas boas obras que realizava, até que tudo ruiu, sem explicação e de uma única vez!

Caso você seja capaz de tratar a questão com essa “verdade-verdade”, então, verá quantos juízos você emite sem se dar conta de que, talvez, nas regiões celestes, aquele episódio esteja falando justamente do oposto: que aquele que é o objeto da des-*Graça*, seja justamente aquele acerca de quem Deus diz ao Adversário: *“Viste o meu servo Jó? Pois ninguém há na terra como ele...!”*

And there came a Messenger unto Job & said The Oxen were plowing & the Sabeans came down & they have slain the Young Men with the Sword  
 Going to & fro in the Earth  
 & walking up & down in it



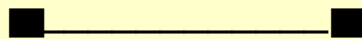
And I only am escaped alone to tell thee.

While he was yet speaking  
 there came also another & said

The fire of God is fallen from heaven & hath burned up the flocks & the  
 Young Men & consumed them & I only am escaped alone to tell thee

W. J. G. Owen & Son

## CAPÍTULO II



### *Quando os Amigos Fazem Mais Mal Que Satanás*

#### **Uma Opinião de C.S. Lewis Sobre Satanás**

A presente opinião do pensador cristão C.S Lewis é fruto de uma tradução-síntese que eu fiz de parte de seu pensamento expresso no livro *“As Cartas do Inferno”*, conforme sua versão original em inglês, e que aqui aparece em *itálico*:

*“A mais comum de todas as questões a mim colocada, é se eu creio na existência do Diabo. Então eu digo: se por Diabo você está pensando num poder em oposição a Deus, como Deus, que seja auto-existente desde a eternidade, minha resposta é não.”*

*“Não há nenhum ser não-criado exceto Deus. Deus não tem um oposto a Ele. Nenhum ser poderia atingir maldade perfeita a fim de poder competir com a perfeita bondade de Deus. Isso porque, se desse ser tirássemos todas as coisas boas como inteligência, vontade, memória e energia, não ficaria nada que*

*pudesse fazer esse ser existir.”*

*“A questão correta, portanto, é se eu acredito em diabos. E minha resposta é sim, eu creio na existência deles. E assim dizendo, afirmo que creio em anjos, tanto quanto creio que alguns deles, abusando de seu livre arbítrio, se tornaram inimigos de Deus e dos homens. Esses seres eu chamo de diabos. Eles não diferem como criaturas dos anjos bons, mas a natureza deles ficou depravada. O Diabo é o oposto de anjo somente na mesma medida em que um homem mau é o oposto de um homem bom. Satanás, o líder desses diabos, está em equivalência oposta não a Deus, mas a Miguel, o arcanjo.”*

*“E com isto também quero dizer que não vejo esses seres como eles costumam ser pintados nas nossas artes e literaturas. Eles não são morcegos, bodes ou outros animais. Eles são seres com poderes extraordinários, e o maior deles é sua sutileza.”*

*“Anjos maus, à semelhança de homens maus, são absolutamente práticos. Eles agem baseados apenas em dois motivos: o primeiro é medo de punição, por isso eu creio que o inferno se aprofunda em suas próprias formas de tortura e sofrimento.”*

*“O segundo motivo é fome. Eu penso que, num nível espiritual, os diabos são capazes de comer uns aos outros, e a nós. Mesmo entre nós, humanos, a gente vê essa fome em ação quando algumas pessoas dizem que estão apaixonadas. Em geral, quando isto acontece, vê-se alguém desejar tanto o outro que não se satisfaz com nada menos que a absorção do outro, com suas energias, sonhos, desejos e vida, a tal ponto que há até quem morra com essa fome.”*

Os diabos ou demônios são assim, como C.S. Lewis os definiu, mas são muito mais sutis que nós, os humanos. Eles sabem *possuir*

*sem ser sentidos*, pois, nesse caso, eles preferem fazer com que *o possuído não saiba que é*. Daí, sem o saberem, os *amigos de Jó* terem, na prática, cumprido um papel mais satânico que o do Diabo na história do drama de Jó.

Satanás, a fim de *poder comer tudo de dentro para fora*, se mostra sem necessidade de aparecer, como nós, os egoístas seres humanos, carecemos. Portanto, Satanás dá às suas vítimas a sensação de que os desejos realizados são os delas, que as razões são as delas, que as “verdades” também são delas; não sabendo, entretanto, que cumprem os caprichos de outros senhores, ocultos em suas almas, e bem disfarçados em suas morais, juízos e espíritos de acusação!

Dessa forma, mesmo não sabendo que estavam respondendo a um “demônio-psicológico”, os *amigos de Jó* agiram em concubinato com Satanás, fazendo o papel que ele, o Diabo, preferia que fosse feito mediante faces de gente, argumentos morais e teológicos, e oculto nas “*sabedorias besuntadas de verdade*”, tão comuns entre nós, os arrogantemente enganados seres humanos.

E nesse sentido poucas armas são mais satânicas que aquelas que se vestem de “*correção moral*”. Afinal, não é bom jamais esquecer que foi sob a Lei e sob os auspícios da Moral que as autoridades judaicas reuniram a mais terrível força satânica a fim de matar Jesus.

“*Fome*”- seja ela de poder, verdade, justiça, liberdade e ou qualquer outra “virtude”- pode também se tornar uma *compulsão satânica*.

Ele, o Diabo, é visto na Bíblia como “*o leão que anda em derredor procurando alguém para devorar*”<sup>59</sup>. Entre nós os humanos, muitas vezes, chamamos isto de *paixão pela vida ou*

<sup>59</sup> I Pd 5:8

*compromisso com a verdade*; como também, muitas vezes, chamamos nossos famigerados juízos de “*fome de justiça*” ou de “*amor à verdade de Deus*” e aos “*bons costumes*”. No ambiente satânico, todavia, o nome dessa compulsão é *fome de possuir a alma do do outro*.

Desse modo, podemos pensar que uma das formas mais demoníacas de possessão é a *absorção da individualidade humana*, de tal modo, que “o comido” já não é ele mesmo, pois vive para satisfazer os desejos *do outro* - neste caso, o próprio Satanás - ,que o convenceu que aqueles são seus próprios desejos; ou seja: do “*comido-pela-presunção-de-comer*”<sup>60</sup>.

No caso de Jó, ele teria que se “*converter*” à teologia de seus amigos, “*reconciliar-se*” com Deus, ser “*absolvido*” pelos seus “*juízes*”. Somente assim ele poderia *ter a chance de não amaldiçoar a felicidade de ninguém*, por ele mesmo estar infeliz e queixoso diante de Deus; sendo ele, entretanto, *o mais íntegro homem entre os seus contemporâneos*.

Entretanto, o “*íntegro*” não pode ser infeliz, nem antes, nem durante e nem depois da tragédia!

O íntegro tem que ser um *mineral* de Deus!

Concluindo, eu diria, que o grande “*sonho*” de Satanás é que *todos existam dentro dele, como ele é, e clones dele, nele*; e também que chegue o dia quando qualquer outro ser, a fim de dizer “*eu*”, tenha de fazê-lo dentro dele, pois ele deseja que fora dele “*não haja salvação*”.

É isto que os cristãos não entendem: o Diabo não quer “*aparecer*” como “*perdição*”, mas como *outra forma de salvação*, mesmo que seja *entre cristãos*.<sup>61</sup>

<sup>60</sup> Jo 8:44-45

<sup>61</sup> I Jo 2:18-19; 4:1-6

Sendo assim, quanto mais “*cristão*” o “diabo” for, mais sutil será seu engano. Nesse caso, *ele não consegue afirmar o conteúdo da verdade*, mas consegue se transformar em “*anjo de luz*”<sup>62</sup>.

Assim, deve-se saber, especialmente após dois mil anos de *História da Cristandade*, que o lugar onde o Diabo mais passou por “*Deus*” nos ambientes “*terrestres*” foi, sem dúvida, na *anticristã* história do “*cristianismo*” - seja ele católico, protestante, evangélico ou qualquer outra perversão do puro e simples evangelho de Jesus Cristo.<sup>63</sup>

Nada ficou mais distante de Cristo do que *aquilo* que oficialmente tentou representá-lo na Terra. Assim, quando o Diabo “usou” os *amigos de Jó* para dizerem “eu”, por ele - só que em nome de “Deus” - , sua vitória, a do Diabo, andou próxima de se completar. Ele só não contava com o *Enigma da Graça de Deus!*

E mais que isto: um dos maiores ardis do diabo é fazer com que *a fome de justiça e correção* cumpra os seus satânicos e malévolos propósitos. E assim tem sido desde o início, o que nos remete para primeira tentação<sup>64</sup>.

A oferta feita pela serpente se baseava numa “fome” a ser satisfeita. Fome de saber e de possuir tudo o que Deus possuía, era a obsessão do Diabo. E foi *a presunção do discernimento acerca do Bem e do Mal* aquilo que enganou os primeiros humanos e nos engana até hoje<sup>65</sup>.

<sup>62</sup> II Co 11:14. Satanás é o melhor gestor de “imagem” que já se conheceu.

<sup>63</sup> II Co 11:3

<sup>64</sup> Gn 3, todo o capítulo.

<sup>65</sup> *A Árvore do conhecimento do Bem e do Mal* continua a ser o “conhecimento” a partir do qual as produções humanas se derivam. A Teologia da Terra - a de Caim - é seu sub-produto mais antigo como formulação conceitual! E todo o saber humano daí procede!

Afinal quem pode negar que as “acusações” dos *amigos de Jó* não se baseavam no mais antigo e ardiloso de todos os enganos?

Sim! Fundamentava-se na falácia de que a *Árvore do conhecimento do Bem e do Mal nos deu, de fato, conhecimento do Bem e do Mal*. Mas este é o engano: ela nos deu apenas a *presunção conceitual do conhecimento do bem e do mal*, pois tal conhecimento, apenas Deus o possui. Se fosse de outra forma não teríamos sido proibidos de exercer julgamentos sobre o *ser* de nosso próximo.<sup>66</sup>

Os *amigos de Jó*, todavia, operavam, filosófica e teologicamente, a partir desse engano. E quando essa “arrogância” toma conta do coração, Satanás não precisa mais aparecer. Nós, desse ponto em diante, fazemos o trabalho sujo para ele. E, na maioria das vezes, o grande engano ainda é blasfemo, pois, em nossa estupidez, nos arrogamos a cometer essa maldade em nome de Deus!

Depois disto, passou Jó a falar e amaldiçoou o seu dia natalício.

**Disse Jó:**<sup>67</sup> *Pereça o dia em que nasci e a noite em que disse: Foi concebido um homem! Converta-se aquele dia em trevas; e Deus, lá de cima, não tenha cuidado dele, nem resplandeça sobre ele a luz. Reclamamem-no as trevas e a sombra da morte; habitem sobre ele nuvens; espante-o tudo o que pode enegrecer o dia. Aquela noite, que dela se apoderarem densas trevas; não se regozige ela entre os dias do ano, não entre na conta dos meses. Seja estéril aquela noite, e dela sejam banidos os sons de júbilo. Amaldiçoem-na aqueles que sabem amaldiçoar o dia e sabem excitar o monstro marinho. Escureçam-se as estrelas do crepúsculo matutino dessa noite; que ela espere a luz, e não venha; que não veja as pálpebras dos olhos da alva, pois*

<sup>66</sup> Rm 14; Mt 7:1-4

<sup>67</sup> Neste capítulo 3 do livro de Jó observemos as divisões naturais de sua fala e de seus temas: 1-10, é sua crise de desejar *não-ter-sido*; de 11-19, é a sua crise ante o *anacronismo* de suas calamidades; e de 20-26, ele expressa a sua *perplexidade frente ao absurdo*.

*não fechou as portas do ventre de minha mãe, nem escondeu dos meus olhos o sofrimento.* <sup>68</sup>

*Por que não morri eu na madre? Por que não expirei ao sair dela? Por que não houve regaço que me acolhesse? E por que peitos, para que eu mamasse? Porque já agora repousaria tranquilo; dormiria, e, então, haveria para mim descanso, com os reis e conselheiros da terra que para si edificaram mausoléus <sup>69</sup>; ou com os príncipes que tinham ouro e encheram de prata as suas casas; ou, como aborto oculto, eu não existiria, como crianças que nunca viram luz <sup>70</sup>.*

*Ali, os maus cessam de perturbar, e, ali, repousam os cansados. Ali, os presos juntamente repousam e não ouvem a voz do feitor. Ali, está tanto o pequeno como o grande e o servo livre de seu senhor.*

<sup>68</sup> Quando a dor e a perplexidade são demasiadamente fortes, a alma não sabe outra questão que não seja Shakespeariana: “Ser ou não ser”. No caso de Jó, ante tamanha perplexidade, o que lhe restava era o desejo de jamais ter sido.

<sup>69</sup> “Os reis e conselheiros... que para si edificam mausoléus”, indica o fato que não somente entre os egípcios, mas também em todo Oriente, já havia a prática de construir monumentos aos mortos que encarnavam as simbolizações espirituais. Aquelas sociedades tinham no rei o agente catalisador das bênçãos espirituais. Daí, certas sociedades mataram o seu rei quando este ficava velho ou adoecido, pois *criam que sua fragilidade enfraquecia espiritualmente toda a comunidade a ele ligada*. Num mundo como aquele, portanto, a tragédia do líder tinha que ser punida com o desprezo. A única realidade que os povos antigos admitiam em relação aos seus poderosos, era a prosperidade, pois dela todos dependiam, até espiritualmente falando.

<sup>70</sup> O desânimo existencial de Jó o colocou na perspectiva pessimista de que tanto o *não-ser* (o aborto), quanto o *ter sido* (*presos, reis, conselheiros, príncipes, etc...*) de nada valiam. Tanto fazia ser ou não ser ou ter sido, pois, ao final, nada fazia sentido. E é bom lembrar que a dor de Jó não dispunha das “explicações” que incluíssem a “demanda de Satanás” por sua vida. Ele contemplava apenas a tragédia, e, ante a sua realidade, respondia do modo mais humanamente sadio possível.

*Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem? Eles cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos.<sup>71</sup> Eles se regozijariam por um túmulo e exultariam se achassem a sepultura.*

*Por que se concede luz ao homem, cujo caminho é oculto, e a quem Deus cercou de todos os lados?<sup>72</sup> Por que em vez do meu pão me vêm gemidos, e os meus lamentos se derramam como água? Aquilo que temo me sobrevêm, e o que receio me acontece<sup>73</sup>. Não tenho descanso, nem sossego, nem repouso, e já me vem grande perturbação.*

*Então, respondeu **Elifaz**, o temanita, e disse:<sup>74</sup>Se intentar alguém*

<sup>71</sup> O admirável em Jó é sua capacidade – pela via de sua própria dor – de entender que a existência pode se tornar tão desesperada, que a própria morte passa a ser desejada com “estranho prazer”.

<sup>72</sup> O homem lúcido sofre mais pelo simples fato de que a sua “luz” serve apenas para revelar-lhe que o “sentido do seu próprio caminho na terra” lhe está encoberto. É luz apenas para se cair perplexo ante o mistério.

<sup>73</sup> Jó, certamente à semelhança de muitos, carregava seus temores e fazia orações para que aqueles males jamais o acometessem. Aqui, mais que em qualquer outro lugar, começa-se a enxergar quais eram as “fobias” de Jó. Provavelmente, ele tenha dito a si mesmo que se tais coisas lhe acontecessem ele não saberia como seria sua reação. Daí ser forte o fato dele dizer que o que ele “temia”, isso mesmo lhe havia alcançado.

<sup>74</sup> As acusações de Elifaz a Jó podem ser divididas nos seguintes blocos:

1) Jó sabia falar e consolar os outros, mas não a si mesmo (4: 1-5);

2) Jó sabia que aquilo que o homem semeia, ele colhe. Portanto, as consequências que ele estava experimentando eram apenas a manifestação da lei moral de causa e efeito (4:6-8)

3) Quando Deus pesa a mão, até mesmo as feras sofrem, quanto mais os homens. Assim, ele chamava a Jó de um predador do próximo e que estava experimentando o pagamento que as bestas da terra experimentavam (4:9-11)

4) Uma *revelação noturna*, do tipo espiritualista, subjetiva, é que dava a ele a certeza de que Deus “buscava imperfeições” em todas as suas criaturas. Assim, ele afirma uma teologia sem a presença da *Graça* (4:12-21);

*falar-te, enfadar-te-ás? Quem, todavia, poderá conter as palavras?*<sup>75</sup> *Eis que tens ensinado a muitos e tens fortalecido mãos fracas. As tuas palavras têm sustentado aos que tropeçavam, e os joelhos vacilantes tens fortificado. Mas agora, em chegando a tua vez, tu te enfadas; sendo tu atingido, te perturbas*<sup>76</sup>. *Porventura, não é teu temor de Deus aquilo em que confias, e a tua esperança, a retidão dos teus caminhos?*<sup>77</sup>

5) Na loucura de Jó nenhum anjo ou ser espiritual lhe seria solidário (5:1-2);

6) As consequências que atingiram a Jó eram mais que previsíveis (5:3-7);

7) Elifaz diz que se ele estivesse no lugar de Jó, buscaria a Deus em sua justiça e saberia que Deus o colocaria num lugar alto e, mesmo no luto, lhe daria “alegria” (5:8-11);

8) A prosperidade de Jó havia sido fruto da astúcia; agora ele estava experimentando o resultado disso em sua vida, na forma de uma disciplina pelos seus maus atos – pois aquilo que lhe acontecia, certamente não era “injustiça divina”, mas pecado de Jó (5:12-18);

9) Elifaz conclui seu discurso “piedosamente perverso” dizendo que se Jó fosse homem de Deus, então, os males da terra não o atingiriam (5:19-27); exemplo: a) a fome nunca o mataria (20); b) seria livre da morte, mesmo na guerra, pois, jamais seria vítima da espada (20b); c) ele jamais seria difamado (21a); d) as assolações passariam longe dele (21b); e) até os animais não o atacariam (22); f) ele experimentaria o “milênio” já agora e as leis da queda seriam todas suspensas a seu favor (22-26); g) e, pragmaticamente, ele diz: “Já o havemos inquirido, e assim é; ouve-o e medita nisso para teu bem”. Assim, ele, como todo moralista, por mais sensível e poético que seja, nunca escapa de prender sua alma aos “irreais” e “ilusórios preceitos” das teologias morais de causa e efeito. E quando se transforma uma premissa equivocada em pressuposto filosófico e este se converte em dogma teológico-moral, então, daí para frente, quem quer que dele discorde já passa a compor o “rol de membros dos ímpios da terra” (27).

<sup>75</sup> Aqui começa a “síndrome da resposta pronta”. Mesmo sabendo que iria importunar o amigo, Elifaz não resiste, e fala. E sua fala é carregada de “verdade-mentira”.

<sup>76</sup> O julgamento era ferino: “cuidas-te de outros e não aguentas quando chega a tua vez”.

*Lembra-te: acaso já pereceu algum inocente? E onde foram os retos destruídos?<sup>78</sup> Segundo eu tenho visto, os que lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles segam.<sup>79</sup> Com o hálito de Deus perecem; e com o assopro da sua ira se consomem.<sup>80</sup> Cessa o bramido do leão e a voz do leão feroz, e os dentes dos leãozinhos se quebram. Perece o leão, porque não há presa, e os filhos da leoa andam dispersos. Uma palavra se me disse em segredo; e os meus ouvidos perceberam um sussuro dela. Entre pensamentos de visões noturnas, quando profundo sono cai sobre os homens, sobrevieram-me o espanto e o tremor, e todos os meus ossos estremeceram. Então, um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos do meu corpo;<sup>81</sup> parou ele, mas não lhe discerni a aparência; um vulto estava diante dos meus olhos; houve silêncio, e ouvi uma voz: Seria, porventura, o mortal justo diante de Deus? Seria, acaso, o homem puro diante do seu Criador? Eis que Deus não confia nos seus servos e aos seus anjos atribui imperfeições; quanto mais aqueles que habitam em casa de barro, cujo fundamento está no pó, e são esmagados como a traça!<sup>82</sup>*

<sup>77</sup> Para Elifaz o justo não poderia sofrer. E para ele, a “segurança” contra qualquer tragédia era algo que residia na conduta humana.

<sup>78</sup> A infelicidade desse pressuposto era clara. Como vemos na Bíblia, o justo pode sofrer e não há, necessariamente, nenhuma relação fixa de causa e efeito entre “entrega honesta a Deus” e a possibilidade do sofrimento. Esta é uma das grandes teses de todo o Livro de Eclesiastes.

<sup>79</sup> Aqui Elifaz sucumbe de vez à falácia do julgamento moral.

<sup>80</sup> Faltava a Elifaz a visão de que muitas vezes Deus está mais presente nas consequências da calamidade do que na realização da prosperidade humana.

<sup>81</sup> Um dos mais terríveis argumentos de “verdade-mentira” é aquele que absolutiza uma “pseudo-verdade” a partir de experiências *místicas*. Nesse caso um “arrepio” se torna mais validador da verdade que a misericórdia e o bom-senso.

<sup>82</sup> A visão de um “Deus meticoloso” e que “procura imperfeições” em suas criaturas é típica da alma que está mergulhando nas buscas de auto-justificação baseadas em justiças próprias.

*Nascem de manhã e a tarde são destruídos; perecem para sempre, sem que disso se faça caso. Se lhes corta o fio da vida, morrem e não atingem a sabedoria.<sup>83</sup> Chama agora! Haverá alguém que te atenda? E para qual dos santos anjos te virarás?<sup>84</sup> Porque a ira do louco o destrói, e o zelo do tolo o mata. Bem ví eu o louco lançar raízes; mas logo declarei maldita a sua habitação.<sup>85</sup> Seus filhos estão longe do socorro, são espezinhadados às portas, e não há quem os livre. A sua messe, o faminto a devora e até do meio dos espinhos arrebatada. E o intrigante abocanha os bens.<sup>86</sup> Porque a aflição não vem do pó, e não é da terra que brota o enfado. Mas o homem nasce para o enfado, como as faíscas das brasas voam para cima. Quanto a mim, eu buscaria a Deus e a ele entregaria a minha causa; ele faz coisas grandes e inescrutáveis e maravilhas que não se podem contar; faz chover sobre a terra e envia águas sobre os campos, para pôr os abatidos num lugar alto e para que os enlutados se alegrem da maior ventura. Ele frustra as maquinações dos astutos, para que as suas mãos não possam realizar seus projetos.<sup>87</sup> Ele apanha os sábios na sua própria astúcia; e o conselho dos que tramam se precipita.*

<sup>83</sup> Tudo o que Elifaz diz entre o versos 17 e 21 são as “declarações” do *vultu noturno*, do espírito que, em passando por ele, arrepiou-lhe os pelos. Veja, então, como as experiências subjetivas tendem a ser transformadas em oráculos e esses, pela via de sua origem sobrenatural, passam a possuir poder de verdade absoluta, gerando a mentira-verdade.

<sup>84</sup> Elifaz já estava tão certo de que havia uma culpa oculta em Jó que não vislumbra para ele qualquer tipo de “solidariedade celestial”.

<sup>85</sup> Aqui Elifaz revela de modo objetivo o “espírito de julgamento” que o habitava.

<sup>86</sup> Ao inferir que tanto a perda de bens como o desastre familiar como resultado de algum pecado oculto, Elifaz assume, definitivamente, o papel de juiz do seu próximo. Fora de Deus essa é sempre uma tarefa satânica. Anda-se mais perto de Satanás que se imagina neste mundo de “certezas”.

<sup>87</sup> Elifaz “exclui” seu amigo dos sofrimentos dos inocentes a afirma que seu estado é o pagamento pela sua “astúcia”. Pode-se de uma coisa ter certeza: tratava-se mais da “projeção da astúcia” do próprio Elifaz que qualquer coisa que existisse em Jó.

<sup>88</sup> *Eles de dia encontram as trevas; ao meio-dia andam como de noite, às apalpadelas.* <sup>89</sup> *Porém, Deus salva da espada que lhe sai da boca, salva o necessitado da mão do poderoso. Assim, há esperança para o pobre, e a iniquidade tapa a sua própria boca. Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina do Todo-Poderoso*<sup>90</sup>. *Porque ele faz a ferida e ele mesmo a ata; ele fere, e as suas mãos curam. De seis angústias te livrará, e na sétima o mal te não tocará. Na fome te livrará da morte; na guerra, do poder da espada. Do acoite da língua estarás abrigado e, quando vier a assolação, não a temerás. Da assolação e da fome te rirás e das feras da terra não terás medo. Porque até com as pedras do campo terás a tua aliança, e os animais da terra viverão em paz contigo. Saberás que a paz é a tua tenda, percorrerás as tua possessões, e nada te faltará. Saberás também que se multiplicará a tua descendência, e a tua posteridade, como a erva da terra. Em robusta velhice entrarás para a sepultura, como se recolhe o feixe de trigo a seu tempo.*

Aliás, Jó estava sendo julgado era, justamente, pela sua falta de astúcia, pois se astuto fosse, transformaria sua calamidade num marketing de falsos louvores e de submissões que não correspondiam as verdades de seu coração.

<sup>88</sup> Isto é absolutamente verdadeiro. Mas fora do contexto e aplicado a Jó era verdade-mentira.

<sup>89</sup> Neste ponto ele faz das “queixas” de Jó acerca das trevas que deveriam encobrir para sempre o dia de seu natalício como sendo o de trevas mais do que justificáveis. Para Elifaz as “trevas” em Jó eram naturais, levando-se em consideração o modo como ele entendia o problema da dor em seu amigo, que seria o fruto de maldades bem camufladas.

<sup>90</sup> Verdade era. Mas na boca de Elifaz era verdade-mentira, pois, sua motivação era moral e a “disciplina” de Deus a Jó era pra fazê-lo ainda mais discípulo. *Disciplina* é algo que Deus aplica a *discípulos*. Era por essa razão que os *amigos de Jó* não conheciam aquela “pedagogia”. Eles eram discípulos da lei moral. Jó era filho da *Graça* que dá liberdade ao perplexo de exprimir sua perplexidade sem medo.

*Eis que isto já o havemos inquirido, e assim é; ouve-o e medita nisso para teu bem* <sup>91</sup>.

***Então, Jó respondeu:***<sup>92</sup>*Oh! Se minha queixa, de fato, se pesasse,*

<sup>91</sup> O discurso de Elifaz, do verso 15 ao 17, é verdadeiro quando o cenário da terra não conta com intervenções celestes. Obviamente que a vida do justo, por si só, já elimina muitas possibilidades de dor. Especialmente aquelas que são “filhas da insesatez”. Todavia, o que ele não sabia, era que essa estava longe de ser uma regra de aplicabilidade universal, como veremos adiante.

<sup>92</sup> Nesse bloco de falas de Jó, que vai de 6:1 ao capítulo 7:21, a divisão de argumentos é a seguinte:

1) O peso das dores que assolam a alma pesam mais que os pesos do mundo material. Não se ouve falar de alguém que se suicidou por trabalhar demais ou por carregar muito peso, mas a história está repleta de narrativas de quem acabou com a vida por não suportar os “pesos” que esmagam a alma (6:1-4);

2) A proposta dos “amigos” que lhe sugeriam uma “paciência desenhervada” frente a calamidade, era pura ironia. E Jó pergunta se eles já o tinham visto queixar-se quando os bens clássicos da vida lhe eram naturais (6:5). Mas agora, desejar morrer, era natural (6:6-10);

3) Nas suas condições haveria dignidade até mesmo na eutanásia (6:11-13);

4) Suas razões para viver cessaram quando os amigos se tornaram adversários piores que a perplexidade (6:14-17);

5) A percepção de que o interesse dos amigos por ele não era diferente do de uma caravana de mercadores – acabando os “negócios”, acaba o interesse – o afligia, pois assim eram os seus amigos. E uma das piores descobertas que um homem pode fazer é a de que suas amizades sempre foram baseadas em interesses, ou seja, a afeição recebida tinha como elemento de troca, mesmo que inconscientemente, algum negócio ou interesse. Acabando a imagem do justo, cessam as procuras dos amigos. Muitos amigos nada mais são que membros de uma caravana de negociantes de oportunidades e negócios – seja a imagem, o dinheiro, o prestígio ou o poder daquele que é a “fonte” dessas chances de amor interessado – e quando o “amigo poderoso” é vitimado pela tragédia, eles fogem de sua casa como as caravanas de desviam dos caminhos que já não propiciam bons negócios (6:18-21);

*e contra ela, numa balança, se pusesse a miséria, esta, na verdade, pesaria mais que a areia dos mares; por isso é que as minhas palavras foram precipitadas.<sup>93</sup> Porque as flechas do Todo-Poderoso estão em mim cravadas, e o meu espírito sorve o veneno delas; os terrores de Deus se arregimentam contra mim.*

*Zurrará o jumento montês junto à relva? Ou mugirá o boi junto à sua forragem?<sup>94</sup> Comer-se-á sem sal o que é insípido? Ou haverá sabor na clara do ovo? Aquilo que a minha alma recusava*

6) Jó declara que deles nada pediu ou almejou. Tudo o que ele queria era “pertinência” e que tal pertinência levasse em consideração não um concurso de teologias de gozo e gratidão, mas o momento-verdade da perplexidade daquele que sofria sem nem ainda entender qual a “pedagogia” que estava em curso (6:22-30);

7) E, por último, ele manda, solenemente, os amigos “verem se ele está na esquina”. Destampa sua dor e os deixa interpretarem sua agonia como desejarem. Em certas ocasiões esse é o melhor remédio. Quem já sofreu perdas que vão de familiares “perdidos ou mortos” à honra e à dignidade enxovalhadas, entende Jó completamente. Nesse caso, prefere-se o “julgamento dos tolos” que negar o direito adquirido de falar o que se sente. E é a verdade existencial-sensorial de Jó a grande verdade-verdade que seus amigos, viciados em “besuntar a verdade com mentiras”, não podiam entender; e mais ainda: sendo eles adeptos de uma teologia dogmático-moral de causa e efeito, jamais poderiam “vazar verdadeiro” da alma do sofredor que ama a Deus. Mas nessa hora, a decisão do aflito não pode nunca ser a favor da média, do agrado aos “amigos-juízes”. O destampar a alma com gemidos pode até “escandalizar” esses “equivocadamente justos”, mas salva a alma do “queixosamente-devoto” ao temor do Senhor (7:1-21).

<sup>93</sup> Jó não advogava a sabedoria de suas palavras, apenas o seu direito de expressar sua dor e sua total perplexidade. E é sábio deixar que o sábio tenha sua chance de gemer e de falar sem ter que refrear forçosamente as suas emoções. Um sábio sem emoções é uma máquina de dados frios. Um homem assim torna-se perigoso!

<sup>94</sup> Mais um vez Jó diz que sua reação era normal. Ele não era daqueles que murmuravam quando a vida era vida. Sua dor era fruto de uma existência que tem que suportar a não-vida.

*tocar, isso é agora a minha comida repugnante.*<sup>95</sup> *Quem dera que se cumprisse o meu pedido, e que Deus me concedesse o que anelo! Que fosse do agrado de Deus esmagar-me, que soltasse a sua mão e acabasse comigo!*<sup>96</sup> *Isto ainda seria a minha consolação, e saltaria de contente na minha dor, que ele não poupa; porque não tenho negado as palavras do Santo.*

*Por que esperar, se já não tenho forças? Por que prolongar a vida, se o meu fim é certo?*<sup>97</sup> *Acaso a minha força é a força da pedra? Ou é de bronze a minha carne? Não! Jamais haverá socorro para mim; foram afastados de mim os meus recursos.*

*Ao aflito deve o amigo mostrar compaixão, a menos que tenha abandonado o temor do Todo-Poderoso.*<sup>98</sup> *Meus irmãos aleivosamente me trataram; são como um ribeiro, como a torrente que transborda no vale, turvada com o gelo e com a neve que nela se esconde, torrente que no tempo de calor seca, emudece e desaparece do seu lugar.*<sup>99</sup> *Desviam-se as caravanas dos seus caminhos, sobem para lugares desolados e perecem.*

<sup>95</sup> A inversão de realidades havia sido tão profunda que agora sua sobrevivência dependia daquilo que ele abominava.

<sup>96</sup> Quando na vida a pior coisa que se conhece é a morte, quer-se viver; mas quando, subitamente, a pior coisa que pode nos acontecer é estar vivo, nesse dia, quer-se morrer.

<sup>97</sup> As angústias de um suicida precisam ser tratadas com misericórdia. É humano, ante uma dor maior que a carne e o espírito conseguem suportar, desejar deixar de existir.

<sup>98</sup> Aqui Jó afirma seu temor a Deus. Declara que sua queixa não é a de um blasfemo. É apenas a dor de quem, não entendendo nada do que lhe sobreveio, diz a Deus que a morte lhe seria um ato de misericórdia. E diz também que nessa hora, quando os amigos contemplam juntamente com a dor do que sofre a presença do temor a Deus, a única resposta deveria ser a da misericórdia.

<sup>99</sup> Apesar de toda a poesia da declaração, Jó denuncia a frieza de seus amigos e parentes frente a sua calamidade; eram como o gelo ou como a seca: em sendo necessitados tinham apenas “frieza e fogo” a lhe oferecer.

*As caravanas de Temá procuram essa torrente, os viajantes de Sabá por ela suspiram. Ficam envergonhados por terem confiado; em chegando ali, confunde-se. Assim, também vós outros sois nada para mim; vedes os meus males e vos espantais. Acaso disse eu: dai-me um presente? Ou: oferecei-me um suborno da vossa fazenda? Ou: livrai-me do poder do opressor? Ou: redimi-me das mãos dos tiranos? Ensinai-me, e eu me calarei; daí-me a entender em que tenho errado. Oh! Como são persuasivas as palavras retas! Mas que é o que repreende a vossa repreensão? Acaso, pensais em reprovar as minhas palavras, ditas por um desesperado ao vento? Até sobre o órfão lançaríeis sorte e especularíeis com o vosso amigo?*

*Agora, pois, se sois servidos, olhai para mim e vede que não minto na vossa cara. Tornai a julgar, vos peço, e não haja iniquidade; tornai a julgar, e a justiça da minha causa triunfará<sup>100</sup>.*

*Há iniquidade na minha língua?<sup>101</sup> Não pode o meu paladar discernir coisas perniciosas?<sup>102</sup> Não é penosa a vida do homem sobre a terra?*

<sup>100</sup> Ao pedir que seus amigos o “julguem sem iniquidade”, Jó revela que a iniquidade antes de ser uma *prática* é um modo de *pensar a vida*, interpretando-a a partir da injustiça e da presunção. Nesse caso, alguém pode ser tanto mais iníquo quanto mais “*justo aos seus próprios olhos*” se tornar. Nada é mais iníquo que o espírito de julgamento. Por ele a vida humana pode ser destruída em seu bem maior: a verdade do coração, que pode ser transformada em “pecado” pelos que presumem saber as razões dos infortúnios de seu próximo, então, a verdade é blasfemada quando isso acontece. Blasfema-se não apenas contra Deus. Pode-se, também fazê-lo contra o próximo.

<sup>101</sup> Ele afirma que não desaprendeu o gosto do falar pecaminoso. Sua língua ainda sabia discernir entre o gosto da blasfêmia e o gosto do desgosto. E ele sabe que de sua língua não procedia nada que ele não identificasse apenas como “desgosto”, mas jamais como blasfêmia contra Deus.

<sup>102</sup> Jó pede que eles deixem os juízos morais de lado e apenas sejam solidários com a sua dor. E pensa que se eles se desarmarem dos juízos morais e se crerem que Deus “suporta” a dor daquele que sofre sem causa aparente, então, por que os humanos tem que partir em defesa de Deus, quando aquele que fala nada mais quer expressar que seu gemido?

*Não são os seus dias como os do jornaleiro? <sup>103</sup> Como o escravo que suspira pela sombra e como o jornaleiro que espera pela sua paga, assim me deram por herança meses de desengano e noites de aflição me proporcionaram.*

*Ao deitar-me, digo: quando me levantarei? Mas comprida é a noite, e farto-me de me revolver na cama, até a alva. A minha carne está vestida de vermes e de crostras terrosas; a minha pele se encrosta e de novo supura.<sup>104</sup> Os meus dias são mais velozes do que a lançadeira do tecelão e se findam sem esperança.*

*Lembra-te de que a minha vida é um sopro; os meus olhos não tornarão a ver o bem. Os olhos dos que agora vêem não me verão mais; os teus olhos me procurarão, mas já não serei.<sup>105</sup> Tal como a nuvem se desfaz e passa, aquele que desce à sepultura jamais tornará a subir.<sup>106</sup> Nunca mais tornará à sua casa, nem o lugar onde habita o conhecerá jamais. Por isso, não reprimirei a boca, falarei na angústia do meu espírito, queixar-me-ei na amargura da minha alma.*

*Acaso sou eu o mar ou algum monstro marinho, para que me ponhas guarda?*

*Dizendo eu: consolar-me-á o meu leito, a minha cama aliviará a minha queixa, então, me espantas com sonhos e com visões me assombra; pelo que a minha alma escolheria, antes, ser*

<sup>103</sup> O “jornaleiro” era uma expressão para o trabalho de um diarista. Jó se sentia um “diarista” que não recebia nem a paga de vida necessária àquele momento de dor. Era como se Deus, subitamente, tivesse se tornado um patrão que não reconhece o direito básico de seu “assalariado humilde”.

<sup>104</sup> O estado de dor, insônia e erupções de toda sorte por ele relatados, mostram o tamanho de sua agonia e de seu desconforto. Jó estava com nojo de Jó.

<sup>105</sup> Na espiritualidade de Jó, à semelhança das mais sadias percepções espirituais entre os semíticos, a “volta dos mortos” não era uma esperança para os que ficam na terra.

<sup>106</sup> Para ele a melhor perspectiva ainda era a de uma morte rápida.

*estrangulada; antes, a morte do que esta tortura.* <sup>107</sup> *Estou farto da minha vida; não quero viver para sempre* <sup>108</sup> . *Deixa-me, pois, porque os meus dias são um sopro* <sup>109</sup> . *Que é o homem, para que tanto o estimes* <sup>110</sup> , *e ponhas nele o teu cuidado, e cada manhã o visites, e cada momento o ponhas à prova? Até quando não apartarás de mim a tua vista? Até quando não me darás tempo de engolir a minha saliva? Se pequei, que mal te fiz a ti, ó Espreitor dos homens?* <sup>111</sup> *Por que fizeste de mim um alvo para ti, para que a mim mesmo me seja pesado?* <sup>112</sup> *Por que não perdoas a minha transgressão e não tiras a minha iniquidade? Pois agora me deitei no pó; e, se me buscas, já não serei* <sup>113</sup> .

<sup>107</sup> Os dias passavam rápidos e sem esperança. As noites eram longas, insones e doloridas. E tudo aquilo para ele, além de não fazer sentido, ainda se mostrava como tortura impiedosa.

<sup>108</sup> Aqueles que em meio à dor que é maior que as esperanças da vida no corpo suspiram pela eutanásia, nunca deveriam ser objeto de julgamento moral ou espiritual por aqueles que nem sentem que possuem um corpo, pelo simples fato de que ele está sadio.

<sup>109</sup> Salmo 90

<sup>110</sup> Salmo 8

<sup>111</sup> Jó, aqui, apenas responde a Deus com as categorias do “Deus” que Elifaz advogava: a de um Ser que busca imperfeições nas suas criaturas (4:17-18). Ele diz: “Se 'Deus' é assim, que Deus perverso é esse? Suas distrações são as de um deus, não as do único Deus!”

<sup>112</sup> Jó tinha consciência que as consequências do pecado não atingem a “Deus” mas àquele que o pratica. De fato, os mandamentos, quando nos advertem contra o pecado, não o fazem por que o pecado “tire pedaços” de Deus, mas, antes disso, porque desagrega e destrói o ser do homem. A promiscuidade, por exemplo, nada tira de Deus. Apenas institui um modo de ser entre os humanos que desqualifica o ser para a possibilidade de um amor convergente. A alma do promíscuo, permite que se inviabilize em seu ser a possibilidade de aprender um amor focado, um desejo focado e uma parceria focada na singularidade do amor.

<sup>113</sup> Na verdade Jó deseja que Deus julge de vez. Deseja perdão se pecou; ou deseja o fim das torturas. O que não entende é por quê tem que suportar uma dor que para ele nada traz consigo, além da amargura da própria perplexidade.

## COMENTÁRIO

Jó está sob um juízo que é fruto *dele ser quem é*.<sup>114</sup> Não é o castigo que atinge os que brincam com fogo. É o juízo que sofrem *apenas* aqueles que “*queimam holocausto*” e o fazem em gratidão reverente em temor cheio de adoração para com Deus.

Não era outra a sua fé do que a de todo aquele que crê que é de *fora de si* que vem a justiça que *justifica até mesmo* ao justo na sua *ambição* por justiça, quanto mais aquele que crê, mesmo sem poder justificar-se, pois esse, mais que qualquer outro, vive só e tão somente, pela fé; afinal, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros.

Jó, todavia, não confiava em sua própria justiça. Esperava, entretanto, que na justiça de Deus se pudesse confiar, livrando-o de calamidades. Por isso, ele não poderia entender que as calamidades que o atingiram davam, antes de tudo, testemunho de

<sup>114</sup> Jó é Enoque ao contrário (Gn 5:24). Enoque andou com Deus e foi “*arrebatado para não ver a morte*”. Jó anda com Deus e é *esmagado até ver e sentir o hálito da morte*. E ambos foram não apenas *justificados pela mesma fé*, mas também, experimentaram o que experimentaram pela “*amizade com o mesmo Deus*”. Portanto, o que vale é: “*se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também*” (Sl 139:8).

sua singularidade de caráter e coração entre os homens, especialmente acerca de sua *fé na Graça de Deus*. E sua experiência da *Graça* só é completamente vivida como tal no dia da *des-Graça*.

Descernir *Graça* na *des-Graça* é a maior de todas as *Graças*. E mais: poder falar de sua *desGraça* com honestidade frente à *presentíssima indisponibilidade* de Deus quanto a responder, era a expressão mais *abusada* de uma completa certeza acerca do caráter essencialmente gracioso do Deus de toda *Graça*. E quanto a isto, ainda que inconscientemente, Jó abriu mão de fazer; e mais ainda: com ares de direito!

Todavia, quem na Terra poderia ter esse *discernimento a seu favor*?

Entre humanos – mesmo após a história de Jó haver sido contada – quase nunca se pensa que os males de um homem podem ser proporcionais à sua luz e não às suas trevas; que suas dores podem ter equivalência com a doçura de seu coração e não com suas amarguras; e que sua tragédia possa ser apenas uma temporária vingança do mal contra suas excessivas bondades!

Jó sofre a dor daquele que viveu de modo *tão justo* que julgou que as calamidades também não atingiriam alguém como ele. Mesmo estando certo quanto ao fato de que não havia uma relação de *causa e efeito* entre sua existência e os males recebidos *de Graça* - a *Graça é sempre a Graça*, mesmo quando *de Graça* libera a *des-Graça*, visando uma *Graça maior* – ainda assim, ele julgava que havia algo *alienígena* nas avalanches de dores que sobre ele haviam desabado.

De certa forma, e num grau infinitamente inferior ao de seus amigos, Jó também acreditava que a *“justiça de um homem ainda é seu melhor escudo”*. Mas sua *“infantilidade”* espiritual não chegava às raias do juízo contra o sofredor sem causa, como

faziam seus amigos. De algum modo, todavia, cria que seus holocaustos e suas orações, sua piedade e sua devoção, seus cuidados e seus esforços de justiça para com ele mesmo e para com o próximo, haveriam de lhe servir de “cerca”, de sebe, conforme a linguagem do livro.

Jó, no entanto, desconhecia uma outra lei espiritual: *todo homem - e entre eles os mais humanos – terão, ainda na terra, a chance de conhecer a si mesmos! Não importando qual seja o caminho!*

O problema para a maioria de nós é que gostaríamos que esse processo de auto-conhecimento e da experiência profunda de Deus, pudesse acontecer apenas como resultado de orações, meditações, silêncio interior, boas leituras e o desfrutar de boas companhias.

Certas pessoas, de fato, fazem grande progresso mediante a acomodação a essa pedagogia de iluminação espiritual. E, é verdade, *para certas pessoas esse é o limite do experimentar e do viver*. Não conseguiriam passar daí. Se o ensino saísse do papel e eles tivessem que *viver a experiência*, sucumbiriam ante a primeira perda. De fato, enlouqueceriam. Mas jamais aprenderiam a sabedoria!

Certos sábios foram feitos para serem *escribas de sabedorias aprendidas por outros*. Os que, todavia, provam também a vida e a dor como pedagogia, aprendem com a carne, o sangue, as lágrimas, os pecados, as perplexidades e as verdades mentiras e as verdades-verdades, que brotaram de seus corações e das almas de outros.

Alguns, todavia, à semelhança de Jó, viram a Terra se abrir para tragá-los faminta e insaciável, e foram alunos da *Graça* nos porões do abismo de suas próprias almas!

E como é comum, tais pessoas servem mais ao propósito do apedrejamento imediato que às orações pacientes dos que dizem:

*“Que será que o amor de Deus reserva a ele?”*

Dessa forma, vale enunciar outro princípio: *o aprendizado de um homem será tanto mais rico em dores e perplexidades, quanto mais profunda for sua capacidade de sentir e seu desejo de conhecer as entranhas de Deus e da vida.* <sup>115</sup>

115 **Atenção!** Com isto não estou nem de longe *dizendo: pratiquemos males para que nos venham bens*” - conforme a “heresia” denunciada por Paulo em Romanos 3:8. Ao contrário: o que estou dizendo tem a ver, *sobretudo*, com aqueles que não “*escolheram deliberadamente o mal*”, mas que foram “*escolhidos pelo mal*”, como foi o caso de Jó. Na minha opinião, todavia, só há dois tipos de pessoas que podem *crescer na Graça e no conhecimento de Deus* neste mundo caído, sem que antes tenham tido que ganhar verdadeira *consciência do significado do pecado-essencial*: alguém que nunca tenha pecado – nesse caso Jesus - , pois *Esse*, pela Sua natureza divino-humano e humano-divina, sabia o que é o pecado – aliás, de fato, somente ele sabe o que é pecado. A outra pessoa que pode ter esse discernimento é aquela que receba a “*revelação de sua própria perversão essencial*”. E isso, pode acontecer de duas formas: ou por uma profunda manifestação do *Espírito Santo no interior humano*, fazendo desse “pecador” um ser tão consciente e si mesmo que *perceba a total depravação de seu ser*; e que saia desse “encontro” nos ambientes do coração com profunda *auto-consciência de ser pecador*. A outra possibilidade é que pela *experiência da dor do pecado praticado*, venha a render-se, despido de toda justiça própria, ao Deus de toda misericórdia! *E é aí, neste momento, que começa o caminho da verdadeira santidade*. Santidade é o emergir de uma consciência banhada pela *Graça* e que, por essa mesma razão, tem tanta consciência de pecado, que não deseja outra vida se não aquela que o faz ser de Deus e para Deus movido por gratidão. E, então, “*constrangido pelo amor de Cristo*”, ele compreende logo uma coisa: “*Um morreu por todos, logo, todos morreram; para que aqueles que agora vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou*” (II Co 5:14-17). Santidade é a *Graça* que nos *separa* da maldade deste mundo pela *motivação do amor de Deus*. Do contrário, teríamos que admitir que a melhor coisa acontecer a alguém que tenha a “*revelação do conhecimento de Deus na face de Cristo*” seria que ela ficasse “presa”, talvez até mesmo ficasse crucificada como o ladrão da cruz”, que viu Deus em Cristo e foi direto para o Paraíso. Nesse caso, pensar que somos salvos pela *Graça* significaria a manutenção da vida numa “prisão” até a hora da salvação final. Ou seria como desejar que o “ladrão da Cruz” fosse o paradigma de cristão: aquele que se converte e morre. Pois, de certo, para se crescer

No rito do holocausto, as vísceras também são expostas e queimadas fora do arraial. E Jó teve suas vísceras-psicológicas queimadas fora do arraial do amor fraternal! Ele se tornou o “holocausto” que seus amedrontados amigos ofereceram a Deus!

Ora, isto põe diante de um outro problema: quem *conscientemente*, oferecer-se-ia para receber tais lições?

Eu, de minha parte, sempre fiz orações opostas entre si: de um lado desejava conhecer de Deus tudo o que Dele se pudesse conhecer ainda aqui, neste planeta, de outro lado, pedia a ele que me poupasse de dores, perdas, vergonhas, incompreensões, e que, sobretudo, me poupasse de escândalos!

Hoje sei que estava enganado. Aprendi que um homem traz em si *vulcões não-extintos* é, em si, paixão! Paixão por Deus e paixão pela paixão! E como faria Deus para me ensinar sobre os abismos de meu próprio coração, sem que me levasse para visitar tais labirintos, expondo-me ao cheiro das lavas incadescentes e de seus vapores mortíferos, e que se escondiam sob as espessas camadas de minhas morais pessoais, de meus compromissos com as expectativas de outros a meu respeito e, sobretudo, sob o medo-temor do Senhor?

na *Graça* aqui na Terra, a pessoa tem que se ver radicalmente como pecadora, a fim de que possa, naturalmente, *se derramar em amor aos pés de Cristo*, como a pecadora de Lucas 7:36 a 50, a quem Jesus usou como ilustração para o significado da verdadeira santidade: “*Perdoados lhe são os seus pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama*”. E para isso não se tem que *experimentar fisicamente* o “pecado”; tem-se, sim, que conhecê-lo como verdade-básica de nossa essência caída e afastada de Deus. E tal “revelação” é obra do Espírito Santo, tanto no coração da *prostituta* quanto na alma do *monge* ou do *pastor*. Afinal, “*todos pecaram e todos igualmente carecem da glória de Deus*”. E mais: quem se enxerga não tem como não agir misericordiosamente com o outro!

Enganado estava eu!

O *temor do Senhor* é o que nos salva do *medo de Deus* que serve como desculpa para que não se busque conhecer o que existe, de fato, dentro de nosso coração. <sup>116</sup>

E como é sutil a diferença!

E veja que nessas coisas do coração, eu pensava que não havia sido um auto-enganado. Mas que auto-engano! Nada auto-engana mais que pensar que não se é um auto-enganado! Perde-se a chance de ser surpreendido pela verdade-verdade!

A viagem de Jó para dentro de seu próprio ser não poderia ter sido mais sadia, respeitando-se os limites de sua compreensão (Lembre-se: Jó nada sabia da conspiração satânica na assembléia celestial)! Portanto, ele mergulha em depressão, deseja jamais *ter sido*, anseia pelo *apagar* completo de seu nome e de sua história, anela ser *esquecido* na terra, anseia por uma *morte rápida*, busca logo chegar diante de Deus, a fim de saber qual o “intento” e qual o “proveito” que Deus pôde obter com seu mal e, sobretudo, queria dizer que estava *farto* dos juízos que os *amigos-de-louça* (de frágil porcelana era o seu amor!) tentavam lhe dar.

Agora, pense:

Qual teria sido a sua reação se você fosse Jó e vivesse no mundo em que você vive?

116 O Salmo 139 nos estimula ao *auto-conhecimento* pela via da abertura *consciente* a Deus, o que estende a oração do Salmo até os *porões do inconsciente* humano, quando diz: “*Sonda-me...e vê se há em mim algum caminho mal e guia-me pelo caminho eterno*”. Ora, a sonda de Deus pode nos *perfurar, através de diferentes instrumentos*. Quando isto acontece em havendo necessidade, o inconsciente entra em erupção, e sua magma se derrama, às vezes, trazendo destruição. O resultado, todavia, não é para que Deus saiba quem somos, mas para que nós *saibamos quem nós somos!* E, assim, amamos Quem Ele É! (Dt 8:2-3 e 17), e, assim, comecemos a crescer em verdadeira e consciente *santidade na Graça!*

O que diriam seus amigos a você?

Qual seria a “interpretação profética” que dariam ao seu mal?

E qual seria sua resposta quando aparecessem aqueles que demandassem de você uma confissão de pecados?

E se escarafunchassem a sua alma no desejo de encontrar algo oculto e que justificasse seus agravos malignos?

E se, após muita opressão, você aceitasse – por um mecanismo de irresponsabilização pessoal – que tais males eram heranças ou, quem sabe, maldições hereditárias?

O *Livro de Jó* dispensa tão claramente essas idiotices que nem mesmo a Jó atribui genealogia. Jó é Jó. Assim como você é você!

Sobretudo, a grande integridade de Jó é não negociar sua alma com “os amigos”. Ele tinha seus limites. Não sabia as razões de Deus. Sabia que perfeito não era. Mas, sabia que se perfeito fosse, Ainda assim, era uma prerrogativa divina fazer tanto o bem quanto o mal a quem quer que fosse; ele, é claro, incluído!

Para Jó, se Satanás existia, não parece jamais ter sido objeto de sua reflexão ou cuidados pessoais. Ele, Jó era de Deus. E o seu Deus era Soberano. Portanto, em última análise, o que quer que lhe estivesse acontecendo, poderia ter como agente *até mesmo* a Satanás, mas não era com ele que Jó se queixava.

Um homem que sabe que Deus é Deus, não conversa com o diabo. A fé na soberania absoluta de Deus desconhece Satanás e só trata de sua dor diante de Deus.

Em outras palavras: Jó queixava-se a Deus, pois sabia que nenhum mal lhe teria sobrevindo se Deus não tivesse dito: “*Eis que Jó está em teu poder...*”.

Jesus diria a Pilatos: “*Nenhum poder terias sobre mim se do céu não tivesse sido dado a ti*”.<sup>117</sup>

<sup>117</sup> Jo 19:11

Portanto, sua liberdade diante de Deus permitia o direito da “queixa”. E sua “ignorância” total acerca dos “agentes do mal” - fosse o Diabo, o pecado, as vinganças, ou um oráculo – simplesmente não lhe diziam respeito e com elas ele não se importava.

O que Jó queria era demandar com Deus. E sabia que sua única chance seria encontrar o Deus Indisponível e ser esmagado pelas *razões de Seu eterno e sábio amor*.

O que Jó não sabia ainda era que seu pior adversário não era Satanás. O pior satanás é aquele que beija com carinho, abraça com afeto, sorri com delicadeza, se solidariza com educação e, depois, acusa piedosamente como nem o Diabo aprendeu até hoje a fazer! A esses, em nosso engano, algumas vezes chamamos de amigos e, por razões de um “mistério divino”, jamais nos faltarão à mesa, pois que nem da *Última Ceia* se ausentaram e, ao final, deram como senha de sua piedosa traição, *um beijo de amigo!*<sup>118</sup>

Judas é um arquétipo universal e não há casa, família, sociedade, tribo ou confraria que não tenham os seus!

<sup>118</sup> Mt 26: 47-50

Did I not weep for him who was in trouble Was not my Soul afflicted for the Poor  
Behold he is in thy hand: but save his Life



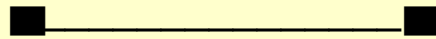
W Blake inventor & sculp

Then went Satan forth from the presence of the Lord  
And it covered him as his heart  
Who maketh his Angels Spirits & his Ministers a Flaming Fire

London, Published as the Act directs March 6 1825. by Wm Blake, N<sup>o</sup>. 7, Fountain Court, Strand

Proof

## CAPÍTULO III



### *Quando a Piedade Moral Ofende Mais Que o Descaso*

***Então, Respondeu Bildade, o suíta:*** <sup>119</sup> *Até quando falarás tais coisas? E até quando as palavras da tua boca serão qual vento impetuoso?* <sup>120</sup> *Perverteria Deus o direito ou perverteria o Todo-Poderoso a justiça?* <sup>121</sup>

<sup>119</sup> O discurso de Bildade, o suíta, está dividido da seguinte maneira:

1. Ele faz de “sua causa pessoal” a causa de Deus, buscando o lugar de Defensor de Deus contra o próximo. Esses não sabem que os que tentam defender Deus correm o risco da blasfêmia mais que qualquer outro (8: 1-3). Quem conheceu a mente do Senhor? A quem deu Ele poder para julgar aquele que é Seu servo?

2. Ele, vendo que os argumentos anteriores não funcionavam frente a um homem que não fazia confissões contra a sua própria consciência, inverte o carma e diz que os males de Jó vinham dos pecados de seus filhos. É como o avô sofrer pelo pecado dos netos (8:4-7). Só Deus “paga” o preço pelos pecados dos filhos. Quem mais? Tratando Jó assim, imputava a ele um papel vicário. Que blasfêmia!

3. Ele, não tendo o que dizer além disso, apela para o bom testemunho dos bem-sucedidos no passado. E, sem dúvida, tanto no presente quanto no passado,

*Se teus filhos pecaram contra ele, também ele os lançou no poder da sua transgressão. Mas, se tu buscares a Deus, e ao Todo-Poderoso pedires misericórdia, se fores puro e reto, ele, sem demora, despertará em teu favor e restaurará a justiça da tua morada.*<sup>122</sup>

*O teu primeiro estado, na verdade, terá sido pequeno, mas o teu último crescerá sobremaneira.*<sup>123</sup>

há muitos testemunhos de gente para quem tudo deu certo, sendo elas, também, justas. O que ele não contou — como em geral não se conta nunca — foi acerca dos justos que na sua justiça tiveram que honrar a fé que, aqui na terra, não os honrou com honras aparentes (8:8-15).

4. Ele finaliza seu discurso simplista com uma exortação ao arrependimento. Só que aquele arrependimento Jó só teria para a eles oferecer se, antes, se arrependesse de ser homem. Mas, o que não se pode esquecer é que quando ele próprio, Jó, “amaldiçoa o dia de seu natalício”, o que acerca desse dia ele diz é que nele “nasceu um homem” (8:20-22). E uma das maiores virtudes de um homem é não se arrepender quando não há do quê, pelo menos frente àqueles que nem sabem o que pode estar acontecendo entre o réu e o Juiz-Advogado-de-Defesa.

<sup>120</sup> Aqui ele confessa que os argumentos de Jó carregavam um ímpeto que suas mentes não estavam podendo suportar. O próximo passo, como veremos a seguir — mais adiante neste livro — é acusar Jó de ser inteligente demais. Ao estulto a sabedoria pode ser usada como pecado!

<sup>121</sup> Neste ponto, Bildade oferece-se, infantilmente, para defender Deus! Que presunção pode ser maior que esta? A Bíblia não conhece profetas que defenderam Deus. Conhece, sim, homens que falaram da parte de Deus, mas sem tentar defendê-lo! A pregação da palavra nunca é defesa de Deus. É, antes, a inquestionabilidade da Voz Daquele que não está aberto a discussões e que não precisa de defesa!

<sup>122</sup> Segundo ele, as calamidades de Jó tiveram sua origem no comportamento inadequado de seus filhos. Mas agora, caso Jó se arrependesse pelos filhos e por si mesmo, e buscasse um coração puro, então as misericórdias de Deus se voltariam em seu favor. E pensar que são os “*amigos de Jó*” que pregam hoje mais que Jó; e que torturam a alma dos Jós de nosso povo com palavras de mentira de desgosto!

<sup>123</sup> O susto de Bildade, o suíta, será perceber que Deus fará exatamente isto, mas negará a ele e a seus amigos qualquer prazer de que assim tenha sido por eles haverem estado certos. Qualquer justiça que se pretenda maior que a misericórdia se transforma imediatamente em iniquidade.

*Pois eu te peço, pergunta agora a gerações passadas e atenta para a experiência de seus pais;<sup>124</sup> porque nós somos de ontem e nada sabemos; porquanto nossos dias sobre a terra são como a sombra.*

*Porventura, não te ensinarão os pais, não haverão de falar-te, e do próprio entendimento não proferirão estas palavras: Pode o papiro crescer sem lodo? Ou viça o junco sem água?<sup>125</sup> Estando ainda na sua verdura e ainda não colhidos, todavia, antes de qualquer outra erva se secam. São assim as veredas de todos quantos se esquecem de Deus; e a esperança do ímpio perecerá. A sua firmeza será frustrada, e a sua confiança é teia de aranha. Encostar-se-á a ela, e ela, não ficará em pé. Ele é viçoso perante o sol, e os seus renovos irrompem no seu jardim; as suas raízes se entrelaçam num montão de pedras e penetram até às muralhas. Mas, se Deus os arranca do seu lugar, então, este o negará, dizendo. Nunca te vi. Eis em que deu a sua vida! E do pó brotarão outros.<sup>126</sup>*

*Eis que Deus não rejeita ao íntegro, nem toma pela mão os malfeitores.*

*Ele te encherá a boca de riso, e os teus lábios de júbilo. Teus aborrecedores se vestirão de ignomínia, e a tenda dos perversos não subsistirá.<sup>127</sup>*

<sup>124</sup> A “experiência dos pais”, quando não manipulada, nos ensina o oposto: que tanto os bons quanto maus podem ser alcançados pela calamidade. Assim como o oposto também é verdadeiro. Mas, entre os humanos, a Terra não é palco final de qualquer acerto de contas. O Dia da Luz nem sempre começa sobre a Luz do Sol.

<sup>125</sup> As imagens do papiro e do junco servem para dizer que a glória do homem feita de vaidade e de aparências, passa logo. Certos homens crescem no lodo e têm sua glória momentânea. Mas, logo passarão. Assim era Jó: um dia havia “aparecido”, mas agora, dele Deus dizia: “Nunca te vi” (8:12-18).

<sup>126</sup> Agora, para Bildade, era a hora de dizer que como Jó havia muitos e que gente como ele brotaria até do pó, pois eram de uma categoria farta na terra.

<sup>127</sup> Tudo isso, é claro, se Jó lhes proporcionasse o prazer psico-orgástico de lhes confessar algum pecado. Assim, é tão fácil enxergar a morbidez de toda e qualquer

***Então, Jó respondeu e disse:*** <sup>128</sup> *Na verdade, sei que assim é; portanto, como pode o homem ser justo para com Deus?*

forma de espiritualidade moralista. Seu maior prazer vem de confissões de pecados que eles, no corpo, no tempo e nas exterioridades do espaço não cometeram, mas que são objeto de seus sonhos e de suas fantasias.

<sup>128</sup> No capítulo 9:1-35, Jó responde. E sua resposta obedece às seguintes divisões de argumento:

1. O que vocês, meus amigos, dizem sobre a grandeza de Deus, é óbvio. Ele é grande e exaltado. As leis do Cosmo o obedecem. Mas o que também é óbvio e vocês não entenderam é que, nós, os humanos, somos todos, universos particulares e, a cada um de nós, Ele trata de modo diferente. Nossas existências são puro mistério, se comparadas às leis que regem o universo em volta de nós (9:1-10). Eu diria: é por essa razão que as ciências exatas fazem muito mais progresso que as humanas. O universo exterior é simples, se comparado com a alma e suas infinitas variáveis de ser.

2. O caminho do homem é indiscernível na terra. O que realiza o bem de uns é o que realiza a tragédia do outro; de tal modo que só Ele sabe quais as leis de vida que estarão em curso em nossas existências. Lutar contra Ele é nulidade. Ele é Indisponível quanto a informar suas razões para nos tratar como nos trata e também quanto a ocultar o bem que deseja realizar em nós, através do impensável (9:11-13). Assim, o justo viverá pela fé!

3. Que ele tem seus motivos, disso não tenho dúvida. Mas é em mim que dói. E foi ele quem me dotou desse poder de sentir e me fez menor que a capacidade de entender. Portanto, é para Ele que se dirige a minha perplexidade (9:14-17).

4. Não tenho o que Lhe responder, nem se tivesse direito à palavra. Diante dele, a única coisa que sei é gemer. E sei mais: no fim, somente Deus se entende com Deus a meu respeito, pois, de minha parte, jamais conseguiria compreendê-lo (9:18-24).

5. No momento, há, todavia, um pecado que não pecarei: não fingirei alegria, pois também isto seria falsidade (9:25-29).

6. Se falo como falo, não o surpreendo, pois, Ele sabe quem sou. E se não serei falso a Ele falando de alegria que não existem em mim, e se Ele não gosta de meus gemidos, que, então, me “desatemorize”, pois que assim sendo, terei, sinceramente, outros sentimentos a expressar com verdade (9: 30-35). Isto era verdade-verdade.

*Se quiser contender com ele, nem a uma de mil coisas lhe poderá responder. Ele é sábio de coração e grande em poder; quem porfiou com ele e teve paz?<sup>129</sup> Ele é quem remove os montes, sem que saibam que ele na sua ira os transtorna; quem move a terra para fora do seu lugar, cujas colunas estremecem; quem fala ao sol, e este não sai, e sela as estrelas; quem sozinho estende os céus e anda sobre os altos do mar; quem fez a Ursa, o Órion, o Sete-Estrela e as recâmaras do sul;<sup>130</sup> quem faz grandes coisas, que se não podem esquadriñar, e maravilhas tais, que se não podem contar.*

*Eis que ele passa por mim, e não o vejo; segue perante mim, e não o percebo.<sup>131</sup> Eis que arrebatou a presa! Quem o pode impedir? Quem lhe dirá: que fazes? Deus não revogará a sua própria ira; debaixo dele se encurvam os auxiliares do Egito.*

*Como, então, lhe poderei eu responder ou escolher as minhas palavras, para argumentar com ele?<sup>132</sup> A ele, ainda que eu fosse justo, não lhe responderia; antes, ao meu juiz pediria misericórdia.<sup>133</sup>*

<sup>129</sup> Aqui Jó deixa claro que sua contenda com Deus não era a de um adversário, mas de uma vítima da adversidade.

<sup>130</sup> Estas alusões aos signos do Zodíaco – que mais além aparecerão de modo mais explícito – nos permitem tentar posicionar a história de Jó, no tempo e no espaço, entre as civilizações mesopotâmicas pré-abraâmicas e os avançadíssimos conhecimentos egípcios dos astros.

<sup>131</sup> Jó, como ninguém, admitira a “presente-indisponibilidade” de Deus e Sua poderosamente imperceptível presença na tragédia.

<sup>132</sup> O que Jó está dizendo é: “Vocês querem de mim a verdade ou uma poesia teológica sem verdade no coração?” É aqui que a piedade de palavras de louvor peca contra a própria alma e corrompe a dignidade do ser diante de si mesmo e diante de Deus.

<sup>133</sup> Jó é, sem dúvida, um dos mais nobres filhos da *Graça*: luta contra Deus-Juiz e, ao mesmo tempo, faz de seu Juiz-Deus aquele que, também, advoga a sua causa por uma simples razão: Jó sabe que Ele é misericórdia! E ser *misericordioso* é possuir *coração* para a *miséria* do outro.

*Ainda que o chamasse, e ele me respondesse, nem por isso creria eu que desse ouvidos à minha voz. Porque me esmaga com uma tempestade e multiplica as minhas chagas sem causa. Não me permite respirar; antes, me farta de amarguras. Trata-se da força do poderoso, ele dirá: Eis-me aqui; se, de justiça: Quem me citará?*

*Ainda que eu seja justo, a minha boca me condenará; embora seja eu íntegro, ele me terá por culpado.*<sup>134</sup>

*Eu sou íntegro, não levo em conta a minha alma, não faço caso da minha vida. Para mim tudo é o mesmo; por isso, digo: tanto destrói ele o íntegro como o perverso.*<sup>135</sup> *Se qualquer flagelo mata súbitamente, então, se rirá do desespero do inocente.*

<sup>134</sup> A justiça de Jó, para ele, não passava do plano da relatividade das práticas do coração entre os homens. Ele não cometia o desatino de crer que isso tivesse qualquer valor absoluto diante de Deus. Na presença do Santo, ele sabia quem era.

<sup>135</sup> Manter a fé quando se chega a esta verdade-fato-da-vida significa dar o grande salto, a grande entrega; quando o *momento-moriá* da alma humana acontece. É a impossibilidade de conciliar a idéia da existência de um ser que seja, ao mesmo tempo Todo-Poderoso e Todo-Bom, o que aniquila a fé daqueles que pensam mais filosoficamente sobre a vida. Pois, de fato, pode-se crer que há leis quase-exatas regendo o universo físico (o que nos inspira a crer em Deus); mas, a desordem e as injustiças praticadas contra, sobre e em favor dos humanos, parecem não combinar com a existência de um Deus que seja soberano sobre as coisas visíveis e invisíveis, e que exerça Seu Todo-Poder com Toda-Bondade. A grande questão, todavia, é a seguinte: Até que ponto podemos incluir o ser humano nas fronteiras desse universo de leis exatas? Ora, nós, os humanos, somos filhos de dois mundos; vivemos no tempo e no espaço, no universo das leis fixas; e, ao mesmo tempo, somos filhos da liberdade – liberdade de ser; de tentar deixar de ser; de ser contra ou a favor de nós ou de outros, de ser sem admitir que se é; de não ser para poder justificar o ser sem sentido; e, sobretudo, ser contra Deus; ou ser contra a idéia de um Deus que cria um mundo fixo (o universo e suas leis fixas) e um outro, feito de animais e humanos, onde a liberdade, a individualidade e a luta pela existência são regras de ser. Para tais pessoas, o único mundo possível em harmonia, é justamente aquele no qual elas dizem não acreditar que tenha existido: o Jardim do Éden – onde natureza e homens existiam em plena harmonia - , antes do tempo em *aquele que era um mundo só, fosse partido em muitos pedaços, especialmente nos ambientes de nossos complexos corações*. Ora, para que o absurdo mundo atual faça algum sentido, tem que ter havido aquilo que a Bíblia chama de a Queda! Do contrário, não é possível conciliar a *ordem* universal com o *caos* da História humana!

*A terra está entregue nas mãos dos perversos; e Deus ainda cobre o rosto dos juízes dela; se não é ele o causador disso, quem é, logo?*<sup>136</sup>

*Os meus dias foram mais velozes do que um corredor; fugiram e não viram a felicidade. Passaram como barcos de junco; como a águia que se lança sobre a presa.*

*Se eu disser: eu me esquecerei da minha queixa, deixarei o meu ar triste e ficarei contente; ainda assim todas as minhas dores me apavoram, porque bem sei que não me terás por inocente.<sup>137</sup> Serei condenado; por que, pois, trabalho eu em vão? Ainda que me lave com água de neve e purifique as mãos com cáustico, mesmo assim me submergirá no lodo, e as minhas próprias vestes me abominarão. Porque ele não é homem, como eu, a quem eu responda, vindo juntamente a juízo.<sup>138</sup>*

*Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos. Tire ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror; então, falarei sem o temer; do contrário, não estaria em mim.<sup>139</sup>*

<sup>136</sup> A certeza da soberania de Deus experimentada como dor e como acusação, simultaneamente, pode fazer com que surja no coração uma consciência amargurada do poder de Deus

<sup>137</sup> Ou seja: diante de Deus não há ardis psicológicos.

<sup>138</sup> Jó sabia que não era possível “discutir Deus”.

<sup>139</sup> Para Jó loucura seria pensar e sentir diferente acerca de Deus e de si mesmo naquelas circunstâncias.

## COMENTÁRIO

Decidi encerrar este bloco de conversas entre Jó e seus amigos, aqui neste ponto por uma única razão: no capítulo 10, mesmo na presença de seus amigos, Jó os ignora e fala direto com Deus.

Portanto, mais do que qualquer outra coisa, o que se tem no próximo capítulo é uma oração, uma das mais verdadeiras que uma alma intoxicada de perplexidades poderia fazer!

Nas falas anteriores – capítulos 8 e 9 -, entretanto, vimos os argumentos de Bildade, o suíta, e as respostas que recebeu de Jó.

Advogar a causa de Deus é algo muito perigoso de se fazer na Terra. Talvez seja a mais ingênua de todas as armadilhas da alma.

Isto porque, frequentemente, nossa ignorância sobre os desígnios de Deus para cada pessoa, nos põe na posição de satanás na vida de nosso próximo. Tudo o que não compreendemos, transformamos em juízo e acusação!

Nos é difícil, ou até mesmo impossível, entender que não possamos saber com certeza o que é bom ou mal nesta vida. Viver assim demanda um existir absoluto em fé; nos impõe um salto no escuro a cada dia; nos obriga a “adorar” mesmo que seja a caminho do monte Moriá, onde o nosso filho poderá ser imolado; e pode nos fazer sentir ódio apaixonadamente saudoso por Deus!

E a perplexidade fica ainda maior quando percebemos que há males que realizam, ao final, um bem naquele que o experimentou como mal; há bondades que às vezes realizam o mal no coração de quem as experimentou como bem; e há aqueles que encontram a Luz e ficam cegos de presunção moral – interpretando-a não como *revelação da Graça*, mas como conquista moral de seus esforços pelo saber e, assim, morrem em sua arrogância; e há aqueles que mergulham em densas trevas e de lá saem *iluminados pela Graça*, e cômicos acerca dela.

E o pior de tudo é quando a mente se convence que *os argumentos da verdade-verdade são irrespondíveis* (como no caso das respostas de Jó aos seus amigos), mas aquele que é *o adversário humano dessa verdade* não se reveste de nenhum pudor e recorre a qualquer que seja o argumento, a fim de não perder a disputa.

Isto acontece quando o mal do outro se transforma num desafio para o “perplexo-arrogante” que, agora, se sente na obrigação de provar que a todo mal na Terra corresponde um mal humano, especialmente, de natureza moral!

O princípio é simples: *um homem que iniciou um julgamento moral sobre o seu próximo – a menos que Deus lhe fale num redemoinho – jamais retirará as suas razões.*

E é na ortodoxia de palavras retas, ditas em nome de Deus, que se escondem as grandes heresias. Eu mesmo, aqui neste livro, já tive ocasião de lembrar aos meus leitores que, muitas vezes, nós, os cristãos, somos os mais ardorosos defensores práticos das leis do carma, das teologias simplistas de causa e efeito imediato, de justiça baseadas em aparências e, sobretudo, em acusações que nada mais são que uma tentativa velada de fazer duas coisas: uma é dizer a Deus: “*Poupa-me, pois, eu defendo a Tua causa*”, a outra é: “*Se algo de mal me acontecer também, que todos, de antemão, saibam que não foi por nenhuma rebelião minha contra*

*Deus”.*

Em assim fazendo, eles preparam o caminho de dois modos: diante de “*deus*” - pois só uma pequena divindade se entretém com tamanha tolice - , eles estabelecem uma “moeda de troca”: “*Guarda-me porque eu falo bem de Ti*”. Já diante dos homens, ou melhor, dos meninos, eles aparecem dizendo: “*Oh, vejam! Mesmo sendo eu justo, um mal-maligno me encontrou, não por causa de meu pecado, mas, apenas e sobretudo por causa da minha justiça e porque eu incomodo o diabo*”.

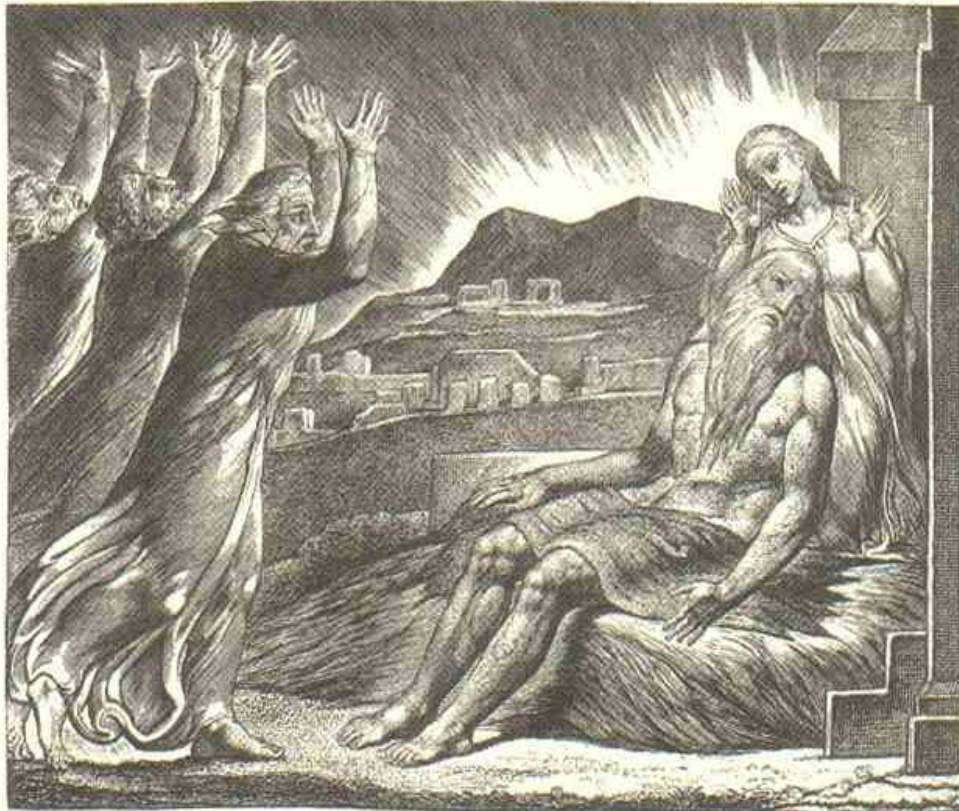
Desse mal Jó não sofria. Ele preferia expor a Deus quem ele era, afinal, ele sabia que Deus sabia exatamente – e isso somente Deus sabia – quem ele, Jó de fato era!

Desse ponto em diante tudo fica mais terrivelmente fácil diante de Deus. É um caminho de dor. Mas, antes de tudo, é o único caminho.

Desde sempre a vereda é a mesma: Caminho, Verdade e Vida. Em Cristo, isto tem sua plena encarnação. Mas, esse é um princípio universal para a alma de todo homem: *o único caminho é o da verdade e é somente a verdade que realiza aquilo que se pode chamar de vida.*

Em Cristo, isto nos leva ao Pai. Na vida, nos leva, mesmo que perplexamente, ao Pai também. Isto porque não há uma única verdade que se encarne em Cristo que também não seja um princípio de vida para toda e qualquer alma. E para a de Jó também! Não seria, porventura, para a sua e a minha também?

What! shall we receive Good  
at the hand of God & shall we not also  
receive Evil



And when they lifted up their eyes afar off & knew him not  
they lifted up their voice & wept. & they rent every Man his  
mantle & sprinkled dust upon their heads towards heaven

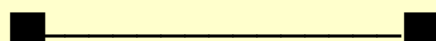
Ye have heard of the Patience of Job. and have seen the end of the Lord.

Blake inven & sculpt

London. Published as the Act directs March 8. 1825 by William Blake N<sup>o</sup> 7. Tottenham Court. Strand.

Print

## CAPÍTULO IV



### *Em Conversa de Jó com Deus, Quem For Sábio Não se Meta!*

***Então Jó falou:*** <sup>140</sup> *A minha alma tem tédio à minha vida; darei livre curso à minha queixa, falarei com amargura da minha alma.*

*Direi a Deus: Não me condenes; faz-me saber por que contendes comigo.*

<sup>140</sup> Esta oração de Jó está dividida nos seguintes argumentos:

1. Se observares iniquidade quem, Senhor, sobreviverá (10:1-7).
2. Tu me formaste e me amaste. O que foi feito de teu cuidado para comigo? (10:8-12).
3. Se não me deres trégua, melhor será que acabes comigo (10:13-17).
4. Não posso acreditar que me tiraste da madre para que eu fosse conhecido pela desGraça de minha existência. Teu amor por mim - e disso tenho toda uma vida de testemunho a Te dar acerca de Teu próprio amor - nega o tratamento que de ti tenho recebido. Portanto, volta-te para mim, pois fugir de ti não irei, mas não sei se me será possível suportar ainda mais as torturas que me sobrevieram de Tua parte (10:18-22).

*Parece-te bem que me oprimas; que rejeites a obra das tuas mãos e favoreças o conselho dos perversos? Tens tu olhos de carne? Acaso vês tu como vê o homem? São os teus dias como os dias do mortal? Ou são os teus anos como os anos de um homem, para te informares da minha iniquidade e averiguares o meu pecado?*<sup>141</sup>

*Bem sabes tu que não sou culpado; todavia, ninguém há que me livre da tua mão. As tuas mãos me plasmaram e me aperfeiçoaram, porém, agora queres devorar-me. Lembra-te de que me formaste como em barro; e queres, agora, reduzir-me a pó?*<sup>142</sup>

*Porventura, não me derramaste com leite e não me coalhaste como queijo? De pele e carne me vestiste e de ossos e tendões me entreteceste. Vida me concedeste na tua benevolência, e o teu cuidado a mim me guardou.*

*Estas coisas as ocultaste no teu coração; mas bem sei o que resolveste contigo mesmo. Se eu pecar, tu me observas; e da minha iniquidade não me perdoarás.*<sup>143</sup>

*Se for perverso, ai de mim! E, se for justo, não ousar levantar a cabeça. Pois estou cheio de ignomínia e olho para a minha miséria.*

*<sup>144</sup>Porque, se a levanto, tu me caças como a um leão feroz e de novo revelas poder maravilhoso contra mim.*

<sup>141</sup> As cinco perguntas feitas por Jó entre os versos 3 e 5 revelam seu estado de perplexidade: o Deus de amor e elevação que ele conhecera jamais se dedicaria à causa de esmagá-lo. E Jó lembra a Deus que a história de ambos e o relacionamento de ambos – de Deus com Jó – não combinava com o tratamento que ele, Jó, sentia que, sem causa, agora lhe vinha da parte de Deus.

<sup>142</sup> Aqui, Jó ecoa a questão de todos os filhos de Adão quando confrontados com a indisponibilidade de Deus.

<sup>143</sup> Jó sabe da inescapabilidade humana perante Deus se Ele observa iniquidade. Mas, Jó parece ecoar outra oração: “Se observares iniquidade quem, Senhor, subsistirá?”

<sup>144</sup> Diante de Deus, Jó bem sabe; nem justiça, nem injustiça – vindos do homem – nada valem. Se Deus atentar, quem não se esconderá?

*Tu renovas contra mim as tuas testemunhas e multiplicas contra mim a tua ira; males e lutas se sucedem contra mim. Por que, pois, me tiraste da madre? Ah! Se eu morresse antes que olhos nenhum me vissem! Teria eu sido como se nunca existira já do ventre teria sido levado à sepultura.*

*Não são poucos os meus dias? Cessa, pois, e deixa-me, para que por um pouco eu tome alento; antes que eu vá para o lugar de que não voltarei, para a terra das trevas e da sombra da morte; terra de negridão, de profunda escuridade, terra da sombra da morte e do caos, onde a própria luz é tenebrosa.*<sup>145</sup>

<sup>145</sup> Se observarmos os pedidos de Jó a Deus, veremos que mesmo em queixa, o que ele pede é o mesmo que o salmo 23 declara que Deus faz por quem Nele confia. Há aqui idéias que viriam a aparecer em vários salmos bíblicos posteriores (Exemplos: Sl 23 e 88).

## COMENTÁRIO

A fascinação que Jó sempre exerceu sobre mim vem de sua coragem frente à incompreensibilidade dos atos de Deus. Ele ama a Deus e, mesmo ferido por Suas flechas, ainda assim se sabe amado também.<sup>146</sup> O que lhe pede não é muito: se me fizeste; se um dia tiveste teu prazer em mim; se tua benção murchou os lábios blasfemos enquanto comigo estavas; e tua obra a meu favor, ao me criares, foi tão assombrosamente maravilhosa; e se tuas mãos me tiraram do barro; por que, então, te voltas contra mim hoje? Por que queres me reduzir ao pó? E por que, sendo os meus dias tão curtos na terra, te ocupas em me esmagar? Por que teu amor e teu cuidado se tornaram uma perseguição implacável?

No livro de Genesis, Jacó luta com Deus toda uma noite.<sup>147</sup> Mas quão brando foi aquele combate se comparado ao de Jó com seu *Espreitador Celestial!*

Jacó dizia: “*Não te deixarei se não me abençoares!*”.

Jó dizia: “*Se não me deixares, morrerei de dor; e se me abandonares morrerei de tédio e angústias indizíveis*”.

<sup>146</sup> Jó 14:15

<sup>147</sup> Gn 32

A luta de Jacó com Deus foi um encontro entre o ambíguo que carregava em si, mais sombras que luzes!

A luta de Jó com Deus foi à de homem amante da Luz e que em seu peito conhecia muito poucas sombras!

E que terríveis são as implicações: *quem conheça muitas sombras em seu ser, precisa encontrar luz; e quem conhece muita luz em seu ser, precisa, agora para sua própria salvação e crescimento na Graça, encontrar e expor as suas sombras!*

A própria comparação dos dois encontros antagônicos – luta de Jacó com o anjo e o confronto de Jó com Deus – já nos bastaria para demonstrar que Deus não se sente ofendido quando aquele que o enfrenta o faz com obstinação reverente e com perplexidade que não mascara a si mesma!

O conceito de integridade que aqui é expresso – na luta de Jó com seu Deus – nos remete para a certeza de que o íntegro diante de Deus não é aquele que pretensiosamente pensa que não peca.

Ao contrário, o íntegro é aquele que sabe que é pecador, mas que nem para Deus faz confissões de pecado que não lhe venham da própria consciência.

Assim aprendemos que, para Deus, as confissões de pecados que sejam o fruto da Luz divina na consciência são tão sagradamente consideradas quanto à integridade que não confessa pecados que não venham, também, das verdades do coração!

Pecados confessados, sem que existam na consciência, acabam se transformando numa culposa e falsa relação neurótica entre o homem e Deus!

Pecados não-confessados em respeito à falta de convicção do Espírito da Verdade no coração, são tão devocionais quanto às confissões de pecado feitas por um ser contrito!

Diante de Deus, o silêncio de confissões de pecados pode ser tão redentor quanto a abundância delas, se houver correspondência no coração!

Confessar pecados salva o pecador. Não confessar pecados não pecados, também salva o pecador de contrair uma culpa pecaminosa: aquela que é fruto da rendição não convicta do coração às demandas daqueles que só se satisfazem se encontrarem no próximo algo que lhes agrade a alma desejosa de ver aquilo que lhes satisfaça os mórbidos desejos do coração – e que nivele o próximo por baixo – ou, que lhes dê uma *razão de causa e efeito* para os males e os bens da vida.

Ninguém quer, de fato e lá no fundo do ser, andar *apenas pela fé*. E o último estágio da fé não é crença nos milagres do Deus Disponível. *Seu último estágio é o mergulho no escuro e na mais absoluta indisponibilidade de Deus!*

Adorá-lo no dia em que Isaque nasceu é bonito e grato. Adorá-lo a caminho de imolar Isaque em obediência à “loucura divina”, é que se transforma na prova das provas; e essa é também a manifestação de fé que põe o homem em amasiamento *amoral* com Deus.<sup>148</sup>

É de igual loucura a fé que nos salva. Aquela que diz que é na *loucura* da Cruz, e que é no *absurdo* do Calvário que a injustiça serve aos mais elevados propósitos da Justiça divina e a iniquidade trabalha a favor da justificação dos injustos que crêem. Quem assim crê não se escandaliza de mais nada na vida!<sup>149</sup>

Desse modo aprendemos que confissões precisam ser confissões e não uma tentativa de satisfazer os ouvidos de uma divindade que, de tão santa que seja se deixa aplacar sempre que algum pré-culpado confesse uma culpa, mesmo que ele mesmo nela não acredite!

<sup>148</sup> Digo “amoral”, pois só um ser para além disso poderia obedecer a uma ordem tão incompreensível, indecente, irracional e absurda como a de imolar o filho em obediência a uma voz silenciosamente implacável (Gn 22).

<sup>149</sup> I Co 1:18-24; Is 53: 1-14.

A fé que confessa pecados é a mesma que nos faz não confessá-los!

No fim de tudo, no *Livro de Jó*, o homem íntegro é aquele que não mente a Deus. Seja na confissão de pecados; seja na impossibilidade honesta de o fazer!

Shall mortal Man be more Just than God? Shall a Man be more Pure than

his Maker? Behold he putteth no trust

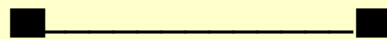
in his Saints & his Angels he chargeth with folly



Then a Spirit pass'd before my face  
the hair of my flesh stood up

W. Blake invent & sculp

## CAPÍTULO V



### *Não é Bom Para o Homem o Falar Contra Sua Consciência!*

*Então respondeu Zofar, o naamatita:<sup>150</sup> Porventura, não se dará resposta a esse palavrório? Acaso tem razão o tagarela? Será o caso de as tuas parolas fazerem calar os homens? E zombarás tu sem que ninguém te envergonhe? Pois dizeis: A minha doutrina é pura, e sou limpo aos teus olhos.*

<sup>150</sup>A resposta de Zofar, o naamatita, está dividida nos seguintes argumentos:

1. Troca a razão pela grosseria e pela ortodoxia de baixo calão (11:1-2). Diz que em Jó ele vê um tagarela, ouve palavrórios e enxerga apenas parolas. Agressões típicas de quem não tem o que dizer em contrário.

2. Na falta de ter o que responder a Jó, Zofar apela para uma astúcia: tentar fazer a sabedoria de Jó se transformar em insensatez (11:4-6). E ainda: considera a *Graça* do perdão de Deus como algo parcial: “Sabe, porém, que Deus permite que *seja esquecida parte da tua iniquidade*”.

3. Não havendo resposta pertinente a dar ao homem, o ardil do falso-piedoso é exaltar a Deus com obviedades (11:7-11).

*Oh! Falasse Deus<sup>151</sup>, e abrisse os seus lábios contra ti, e te revelasse os segredos da sabedoria, da verdadeira sabedoria, que é multiforme<sup>152</sup>. Sabe, portanto, que Deus permite que seja esquecida parte da tua iniquidade<sup>153</sup>.*

*Porventura, por acaso desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até à perfeição do Todo-Poderoso?<sup>154</sup> Como as alturas dos céus é a sua sabedoria: que poderás fazer? Mais profunda é*

4. Não tendo encontrado em Jó consideração ou negociação ante suas teses e acusações, Zofar abaixa ainda mais o nível e chama a Jó de “asno” (11:12).

5. E como recurso final para seus argumentos de mentira-verdade e verdade-mentira, ele tenta “pastorear a Jó” com as promessas de cura para um mal que não era o de Jó. Mas, não havendo confissão de pecados, ocioso por ouvi-la, tem que terminar, piedosamente, com uma exortação de cura: outra verdade-mentira (11:13-20). Quem, após tanto agravo, tem a coragem de encerrar o discurso como um grosseiro? Na assembléia das aparências de piedade isso acontece com frequência!

<sup>151</sup> “*Oh! Falasse Deus...*” é uma expressão própria nos lábios daqueles que pensam, presunçosamente, não só falar em nome de Deus, mas também supor vaticínios em Seu nome. Desse ponto em diante, “*o Deus que não fala*” passa a sofrer os “arrazoados” insensatos e pretensiosos dos que pensam falar em Seu nome.

<sup>152</sup> Na boca de Zofar a “*multiforme sabedoria*” de Deus era apenas um discurso. Filosoficamente para ele, não havia “multiformidade na *Graça* de Deus”, pois se ele assim cresse aquela conversa *não focaria* em apenas uma opção como explicação para a tragédia, nem estaria acontecendo. Quem crê na multiforme *Graça* de Deus não fecha nenhuma porta e não tem um único discurso frente à dor humana.

<sup>153</sup> Quando se tem uma “teologia moral de causa efeito”, tem-se, também, na melhor das hipóteses, uma “*Graça Aleijada*”, pois pode “cobrir apenas parte da... iniquidade”. Daí em diante – e no meio cristão esse “pagamento”, em geral, acontece apenas na “chegada”, ou seja, quando da *conversão* - passando o “crente a ter que bancar a “outra parte” de sua natureza e iniquidade. Em outras palavras: a teologia dos “*amigos de Jó*” é a voz teológica predominante, ainda hoje, entre os que “ensinam a Bíblia”.

<sup>154</sup> Jó nunca teve essa pretensão. Ele sofria do oposto: perplexidade!

*ela do que o abismo; que poderás saber? A sua medida é mais longa do que a terra e mais larga que o mar. Se ele passa, prende a alguém e chama a juízo, quem poderá impedir? Porque ele conhece os homens vãos e, sem esforço, vê a iniquidade. Mas o homem estúpido se tornará sábio, quando a cria de um asno montês nascer homem.*

*Se dispuseres o coração e estenderes as mãos para Deus: se lançares para longe a iniquidade da tua mão e não permitires habitar na tua tenda a injustiça,<sup>155</sup> então, levantarás o rosto sem mácula, estarás seguro e não temerás. Pois esquecerá os teus sofrimentos e deles só terá lembranças como águas que passaram. A tua vida será mais clara que o meio dia; ainda que lhe haja trevas, serão como a manhã. Sentir-te-ás seguro, porque haverá esperança: olharás ao redor e dormirás tranqüilo. Deitar-te-ás e ninguém te espantará; e muitos procurarão obter o teu favor. Mas os olhos dos perversos desfalecerão, o seu refúgio perecerá: sua esperança será o render do espírito.<sup>156</sup>*

***Então Jó respondeu:***<sup>157</sup> *Na verdade, vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria. Também eu tenho entendimento*

<sup>155</sup> Aqui ele trata Jó como um cínico em permanente concubinato com a injustiça. O interessante é que esses “amigos” só se aproximam com tais palavras de censura quando aquele que antes lhe servia as tetas, que lhes proporcionava farto leite tem, agora, na escassez, apenas sua própria desGraça a oferecer. Um Jó rico e cheio de filhos, mesmo que injusto fosse, não seria tratado dessa forma.

<sup>156</sup> A ironia é que Deus fez, ao final, tudo isto virar em favor de Jó. Mas não sem antes deixar claro o pecado, não de Jó, mas o de seus amigos.

<sup>157</sup> As divisões da fala de Jó, em sua Resposta a Zofar, são as seguintes:

1. Vocês não conhecem os mistérios de Deus. A sabedoria de vocês é a do povo. É Vox Populi, Vox Dei. E eu não creio nisto. A sabedoria verdadeira só vem de Deus (12:1-2).

2. Conhecer a basicidade do que vocês enunciam, tanto eu como o povo também sabemos (12:3).

3. O que vocês não sabem é que *eu sou o nó* para o qual a sabedoria de vocês não

*como vós; eu não vos sou inferior: quem não sabe coisas como essas?*<sup>158</sup> *Eu sou irrisão para meus amigos: eu, que invocava a Deus, e ele me respondia: o justo e o reto servem de irrisão.*

tem meios de desatar. Eu sou vítima de mim mesmo e sou alvo de um mistério que a nenhum de nós foi revelado (12:4-5).

4. O mundo é injusto e só não sabe isto quem não quer ver (12.6).

5. Até mesmo os animais conhecem o poder dos predadores. Ou vocês pensam que na sociedade humana não são também os predadores que se tornam dominadores de homens? (12.7-9).

6. Os homens são nada. Sua justiça e sua injustiça são coisa nenhuma. Sobre todos reina os mistérios de uma vontade soberana. E disto, vocês não podem me acusar. Acusem-me de não entender. Mas não me acusem de não saber que a vida, muitas vezes, se mostra como um enigma inextricável! (12:10-25).

7. Ele diz que saber aquilo que ele mesmo, Jó, havia acabado de enunciar era o trivial de qualquer compreensão da vida e de Deus (13:1-2).

8. A sua demanda era com Deus. Ninguém mais poderia entender o que estava se passando (13:3).

9. A razão da total impropriedade de seus amigos é que falavam algumas verdades, mas sempre fora do contexto, sempre carregadas de juízos morais e sempre inadequadas à dor do amigo (13:4-5).

10. Portanto se silenciosos ficassem, muito mais bem fariam a Jó (13:5).

11. A tentativa deles de “defenderem” Deus apelava para as coisas que Deus não justifica nem em Sua própria defesa. *Deus não gosta que defendam Deus.* E a parcialidade na apologia em favor de Deus é tão satânica quanto qualquer outra forma de manipulação da verdade. Mentir para favorecer a obra de Deus é realizar a obra das trevas, mesmo que seja em nome da luz (13:7-8). Nem em favor de Deus vale a parcialidade (13:9-11).

12. A sabedoria de vocês é feita de frases feitas e chavões. Por isso, vocês não têm chance de aprender sobre a sabedoria. A sabedoria pressupõe uma alma aberta e criativa. Vocês falam o que está pronto, esse é o script. Eu falo e vivo com as consequências (13:12-15).

13 Minha salvação é que nenhum de vocês pode influenciar a Deus a meu respeito (13:15-16).

*No pensamento de quem está seguro, há desprezo para o infortúnio, um empurrão para aqueles cujos pés já vacilam<sup>159</sup>. As tendas dos tiranos gozam paz e os que provocam a Deus estão seguros; têm o punho por seu deus<sup>160</sup>. Mas pergunta agora às alimarias, e cada uma delas to ensinará; e as aves do céu, e elas to farão saber. Ou fala com a terra, e ela te instruirá; até os peixes do mar to contarão. Qual entre todos estes não sabe que a mão do SENHOR fez isto?<sup>161</sup>*

14. Eu sei, mesmo contra a compreensão e contra a vontade de vocês, que minhas razões receberão a justificação que vem de Deus (13:17-19).

15. Agora, Jó fala a Deus e lhe pede que lhe dê alívio, pois assim, ele terá paz para entender melhor. Em meio à dor até o sábio enlouquece (13:20-22).

16. E diz; “como estou não consigo nem meditar sobre mim mesmo. Dói muito.” (13:23-28).

17. Se Deus insiste em aterrorizá-lo, Jó diz: “Mesmo que Tu saibas quem eu sou, eu não terei paz para compreender a mim mesmo. Portanto dá-me alívio.” (14:1-22). E aqui ele fala de como, nas circunstâncias normais, a vida humana já passa como um sopro. Vivendo como ele estava, que sabedoria poderia lhe visitar o coração? Ele sabe que Deus sabe. Por isso, não hesita em pedir que Deus faça como sabe que sabe. Do contrário, ele, Jó, não tirará nenhum proveito daquela disciplina. Ele pede um tempo. Roga por um descanso. Implora que sua condição de mortal seja respeitada. Pois, de outra forma, restar-lhe-ia, tão somente, o silêncio improdutivo da tumba. E que lições levaria ele da terra que fossem aplicadas no além? Serviria o “absurdo” do tempo para iluminar a eternidade?

<sup>158</sup> Jó está dizendo: se é pra discutir, então, por favor, tragam-me algo novo. Até aqui só ouvi banalidades e juízos.

<sup>159</sup> A perversidade do “seguro” é “empurrar aquele que já está a caminho do chão”.

<sup>160</sup> Este mundo – digo o dos humanos – funciona como o resto da criação em queda: é a lei da sobrevivência dos mais fortes, mais espertos, mais arrogantes e mais maliciosos. A história ensina que a maioria dos homens maus não morrem cedo ou catastróficamente. Estatisticamente eles não são objeto de maior probabilidade fatídica.

<sup>161</sup> Aqui, Jó faz uma *relação entre a tentativa dos amigos em entenderem sua dor como transgressão à moral e ao mundo animal*. Como veremos no final, quando Deus falar, os animais serão a maior parábola divina para abrir o entendimento de todos.

*Na sua mão está a alma de todo ser vivente e o espírito de todo o gênero humano.*<sup>162</sup>

*Porventura, o ouvido não submete à prova as palavras, como o paladar prova as comidas? Está a sabedoria com os idosos, e, na longevidade, o entendimento? Não! Com Deus está a sabedoria e a força; ele tem conselho e entendimento. O que ele deitar abaixo não se reedificará; lança na prisão, e ninguém a pode abrir. Retêm-se as águas, elas secam; se as larga, devastam a terra.*

*Com ele está força e a sabedoria; seu é o que erra e o que faz errar.*<sup>163</sup> *Aos conselheiros, leva-os despojados do seu cargo e aos juízes faz desvairar.*<sup>164</sup> *Dissolve a autoridade dos reis, e a uma corda lhes cinge os lombos.*<sup>165</sup> *Aos sacerdotes, leva-os despojados do seu cargo e aos poderosos transtorna. Aos eloquentes ele tira a palavra e tira o entendimento aos anciãos. Lança desprezo sobre os príncipes e afrouxa o cinto dos fortes.*<sup>166</sup>

<sup>162</sup> O que é maravilhoso na Bíblia é o fato de que quanto mais nos movemos para a Antiguidade, mais Deus é Deus de toda a humanidade e não apenas o “deus das seitas religiosas”. Isso ecoa a afirmação de João acerca do Cristo eterno: “*ele é a verdadeira luz que vinda ao mundo ilumina a todo homem*” (Jó 1:9).

<sup>163</sup> É chocante, mas não há como negar que a *Bíblia põe tudo e todos sob os serviços divinos*. A tentativa de *sistematizar* e entender esse *paradoxo* tem feito mais mal a fé que a iluminado. Mas, para quem crê em Deus, se é absurdo, então é bem possível! Se Deus é Deus, nada deixa de ser “reconciliável Nele!” Pois, se isto é absurdo e paradoxal, fique sabendo: não há absurdo maior do que Deus! Quem quer que creia em Deus, crê também no Absurdo!

<sup>164</sup> Quem pode negar que tais ironias não aparecem todos os dias diante de nossos olhos?

<sup>165</sup> Quem, em seus dias, não viu o poderoso ter que sair pela porta dos fundos?

<sup>166</sup> Todos os exemplos acima (versos 16 a 21), falam da mesma coisa: a vida é feita de ironias, e Deus é quem, na Terra, mais as pratica. Jó diz: “É ele quem faz isto!”

*Das trevas manifesta coisas profundas e traz à luz densa escuridade.<sup>167</sup> Multiplica as nações e as faz perecer; dispersa-as e de novo as congrega. Tira o entendimento aos príncipes do povo da terra e os faz vaguear pelos desertos sem caminho.<sup>168</sup> Nas trevas andam as apalpadelas, sem terem luz, e os faz cambaleiar como ébrios.*

*Eis que tudo isso viram os meus olhos, e os meus ouvidos o ouviram e entenderam.<sup>169</sup> Como vós o sabeis, também eu o sei; não vos sou inferior.<sup>170</sup> Mas falarei ao Todo-Poderoso e quero defender-me perante Deus.*

*Vós, porém, besuntais a verdade com mentiras e vós todos sois médicos que não valem nada.<sup>171</sup> Tomara vos calásseis de todo, que*

<sup>167</sup> Para Deus as trevas e a luz são a mesma coisa (Sl 139). Ele traz a luz às trevas e traz trevas à luz. Ao final, quem disse que não via, é justificado; e o que disse que via, é condenado. A luz que como luz se auto-proclama, vira trevas. E as trevas, que se lamentam por sua escuridão, recebem a luz. Afinal, “tudo o que se manifesta é luz” (Jo 9:41; Lc 18:9-14; Ef 5:13).

<sup>168</sup> Nabucodonozor é o exemplo mais forte desta soberania de Deus sobre os poderosos da Terra, pois basta que haja um leve toque em suas mentes e todo o seu poder se desfaz. Por isso, até para fazer o mal se tem que contar com a providência de Deus na manutenção da capacidade de pensar (Dn 4).

<sup>169</sup> Praticamente, até ao final do capítulo anterior, Jó proclama sua consciência sobre as ironias visíveis na história. Todavia, ele diz que uma coisa é vê-las acontecendo na vida dos outros; outra bem diferente é ser a *ironia em si mesma*.

<sup>170</sup> Soa quase como se Jó dissesse: “Qualquer um que lê jornal sabe disto. Mas eu não sou uma notícia de jornal. Eu sou Jó. Lembram? O amigo de vocês!”.

<sup>171</sup> “*Besuntar a verdade com mentiras*” é, a meu ver, uma das mais fortes e descritivas expressões deste livro. De fato, muitos dos diálogos dos “amigos de Jó” com ele foram carregados de “verdades”. Elas, todavia, eram, *besuntadas de mentiras* que poderiam ir desde generalizações morais e inglórias glorificações da justiça de Deus; ou na “fabricação” de fatos de “justiça” que, supostamente, operariam em exatos processos de causa e efeito. Iam desde certezas que de um Deus bom não consentiria com a calamidade na vida do homem justo – portanto, fazendo de Jó um ímpio dissimulado – até a aplicação de verdades práticas fora do contexto.

*seria a vossa sabedoria! Ouvi agora a minha defesa e atentai para os argumentos de meus lábios. Porventura, falareis perversidade em favor de Deus e a seu favor falareis mentiras? Sereis parciais por ele? Contendereis a favor de Deus? Ser-vos-ia bom, se ele vos esquadrinhasse? Ou zombareis dele, como se zomba de um homem qualquer? Acerbamente vos repreenderá, se em oculto fordes parciais.<sup>172</sup> Porventura, não vos amedrontará a sua dignidade, e não cairá sobre vós o seu terror?*

*As vossas máximas são como provérbios de cinza, os vossos baluartes, baluartes de barro.<sup>173</sup> Calai-vos perante mim, e falarei eu, e venha sobre mim o que vier.<sup>174</sup>*

E assim procederam mesmo quando usaram de parcialidade na defesa de Deus; ou quando projetaram a si mesmos em Jó que, para eles, se tornara Totem e Tabu; ou seja; objeto de convergência de todas as projeções, conforme Sigmund Freud demonstrou em seu maravilhoso livro “Totem e Tabu”.

<sup>172</sup> Dos versos 6 a 10, Jó praticamente pede aos amigos que parem, em nome de Deus, de tentar a Deus, pois a “defesa” deles desglorificava a verdade de Deus.

<sup>173</sup> Para Jó, os argumentos dos amigos não passavam de clichês teológicos e que, pela sua superficialidade, nem filosoficamente poderiam ser utilizados em argumentos de um homem inteligente para com um homem pensante – quanto mais na esdrúxula tentativa de sair em defesa de Deus!

<sup>174</sup> É aqui neste ponto que os amigos de “fé” se tornam adversários mais perigosos que o Adversário. Note que depois das ações que Satanás realizou contra Jó, não se faz mais menção de sua presença no livro. Nem mesmo quando Deus, ao final, fala a Jó. E o que isto nos faz pensar quando vemos Jó dizendo – em face da provocação insistente e implacável dos amigos – que ele estava disposto a sofrer qualquer consequência, mas não deixaria de falar? A resposta parece ser óbvia: *a obra do Adversário está completa quando o homem assume o papel de adversário de seu próximo*. Nesse dia ele é diabo, como Judas foi (João 6:70). Quando isto acontece trabalha-se ao lado de espíritos imundos. Que horror! A opressão dos homens próximos pode fazer a alma se desesperar mais que com perdas materiais e afetivas. Sim, a opressão de amigos pode se tornar mais angustiante que as inquisições declaradas, mesmo que fossem presididas pelo próprio Diabo.

*Tomarei a minha carne nos meus dentes e porei a vida na minha mão.<sup>175</sup> Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento. Também isto será a minha salvação, o fato de o ímpio não vir perante ele.<sup>176</sup>*

*Atentai para as minhas razões e dai ouvidos à minha exposição. Tenho já bem encaminhada minha causa e estou certo de que serei justificado. Quem há que possa contender comigo? Neste caso, eu me calaria e renderia o espírito.<sup>177</sup>*

*Concede-me somente duas coisas; então, me não esconderei do teu rosto; alivia a tua mão de sobre mim, e não me espante o teu terror.<sup>178</sup>*

*Interpela-me, e te responderei ou deixa-me falar e tu me responderás. Quantas culpas e pecados tenho eu? Notifica-me a minha transgressão e o meu pecado. Por que escondes o rosto e me tens por teu inimigo? Queres aterrorizar uma folha arrebatada pelo vento? E perseguirás a palha seca? Pois decretas contra mim coisas amargas e me atribuis as culpas da minha mocidade.<sup>179</sup> Também pões os meus pés no tronco, observas todos*

<sup>175</sup> Aqui aparece toda animalidade da ira de Jó ante as acusações que sofria. Ele está disposto a “comer sua própria carne”, e assumir qualquer consequência, mas não suportava mais aquele tribunal de piedosas maldades.

<sup>176</sup> A ironia é que, para Jó, seus amigos agora também haviam se transformado em ímpios. Ele diz que diante de Deus ele apresentaria melhor sua queixa e que sem a presença “ímpia” de seus amigos ele não falaria loucuras. Aqui Jó admite, mais uma vez, que a “opressão enlouquece até ao sábio”, conforme Provérbios e Eclesiastes.

<sup>177</sup> É o que de mais próximo pode haver no V.T da qualidade de compreensão que Paulo apresenta em Romanos 8:31-36.

<sup>178</sup> Jó pede a Deus duas coisas apenas: alívio do peso da mão de Deus e a suspensão dos terrores que lhe visitavam a alma. Depois disso, ele diz: “Então poderei ouvir e falar”. Todo ouvir e falar sob angústia e terror já carrega em si o peso de sentidos que falsificam o entendimento. Mesmo o discernimento da tragédia só acontece quando ela começa a se *desemocionalizar* dentro de nós.

<sup>179</sup> Aqui Jó começa até mesmo a perguntar se o que lhe acontecera não seria, porventura, fruto de equívocos e pecados da mocidade. Quando se sucumbe, ainda

*os meus caminhos e traças limites à planta dos meus pés, apesar de eu ser como uma coisa podre que se consome e como a roupa que é comida da traça.*

*O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de iniquidade. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece; e sobre tal homem abres os olhos e o fazes entrar em juízo contigo? Quem da imundícia poderá tirar coisa pura? Ninguém!<sup>180</sup> Visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses; tu ao homem puseste limites além dos quais não passará. Desvia dele os olhares, para que tenha repouso, até que, como o jornaleiro, tenha prazer no seu dia.<sup>181</sup>*

que parcialmente, à opressão da teologia moral de causa e feito, crendo que o que se faz aqui, aqui sempre se colhe – coisa que nem a Bíblia nem a história podem dar testemunho como sendo uma lei de cumprimento absoluto na terra - ; cai-se, automaticamente, num processo de busca neurótica de pecados passados – sejam nossos ou de nossos pais – que, de alguma forma, justifiquem e expliquem a tragédia. A famosa *Teologia de Quebra de Maldições* é uma extensão filosófica de um entendimento desse tipo: é uma teologia “evangélico-kardecista” nas suas interpretações do problema da dor e das calamidades humanas. Não que não haja transferências, tanto culturais quanto espirituais entre as gerações. Mas, os pecados generacionais não são tragédias súbitas. O perfil desses “pecados” é a de um proceder estudável, bem como são psicológica e espiritualmente identificáveis. É mais uma tarefa para psicanalistas lúcidos que para pastores e sacerdotes simplistas e mágicos sem suas soluções para o drama humano, quando este é fruto de heranças e culturas generacionais adoecidas.

<sup>180</sup> Do verso 1 ao 4 Jó descreve a transitoriedade e a pecabilidade da natureza humana. Então, faz a pergunta das perguntas: quem, crendo nisto, pode emprestar ao juízo de Deus uma expectativa tão elevada em relação do homem? Quem pode esperar que da imundícia alguém possa tirar algo bom? E responde: “Ninguém!”. Com isto ele encerra a justificação do homem, exclusivamente, num entendimento de Deus-com-Deus acerca do homem.

<sup>181</sup> Aqui Jó sente inveja do peão, do jornaleiro, do diarista, que, mesmo em sua total pobreza, volta para casa e tem paz!

*Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas brotará e dará ramos como a planta nova. O homem, porém, morre e fica prostrado; expira o homem e onde está?<sup>182</sup> Como as águas do lago se evaporam, e o rio se esgota e seca, assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará, nem será despertado do seu sono.*

*Que me encobrisses na sepultura e me ocultasses até que a tua ira se fosse, e me pusesse um prazo e depois te lembrasses de mim!<sup>183</sup>*

*Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias da minha luta esperaria, até que eu fosse substituído.<sup>184</sup>*

*Chamar-me-ias, e eu te responderia; terias saudades<sup>185</sup> da obra de tuas mãos; e até contarias os meus passos e não levarias em conta os meus pecados. A minha transgressão estaria selada num saco, e terias encoberto as minhas iniquidades.*

*Como o monte que se esboroa e se desfaz, e a rocha que se remove do seu lugar, como as águas gastam as pedras, e as cheias arrebatam o pó da terra, assim, destróis a esperança do homem. Tu prevaleces para sempre contra ele, e ele passa, mudas-lhe o semblante e o despedes para o além. Os seus filhos recebem honras, e ele o não sabe; são humilhados e ele o não percebe.*

<sup>182</sup> Ele pede que a misericórdia de Deus o trate como algo mais frágil que um vegetal. Os vegetais e as plantas podem reviver, seus rebentos abrem-se em havendo água. Mas o homem, se morrer, o que se pode fazer a seu favor na Terra? E, assim, ele confessa sua fragilidade!

<sup>183</sup> O que Jó está dizendo nesses versos é que mesmo que ele tivesse que dormir uma eternidade, para ele, ainda assim seria melhor! O que ele não aguentava mais era um dia depois do outro, na mesma dor perplexa e sem redenção à vista!

<sup>184</sup> A consciência de Jó era a *Graça*. Ele diz que seria justificado e agora diz que esperaria a morte ser vencida por *alguém* para que ele pudesse ser *substituído*.

<sup>185</sup> Aqui, mais uma vez, Jó sabe que assim como ele sente saudades de Deus, Deus tem saudades dele!

*Ele sente as dores apenas de seu próprio corpo, e só a seu respeito sofre a sua alma.*<sup>186</sup>

*Então, respondeu Elifaz, o temanita: Porventura, dará o sábio em resposta ciência de vento? E encher-se-á a si mesmo do vento oriental, arguindo com palavras que de nada servem e com razões de que nada aproveita?*<sup>187</sup> *Tornas vão o temor de Deus e diminuis a devoção a ele devida.*<sup>188</sup> *Pois a tua iniquidade à tua boca, e tu escolheste a língua dos astutos.*

<sup>186</sup> No versos anteriores – 14 a 22 - , Jó argumenta que sabe que é decisão de Deus *imputar* ou não pecados a um homem – conforme a Salmo 32 e toda a teologia de Paulo – ainda que, para Jó, aquela fosse uma intuição-revelação, pois, historicamente, ele não possuía ainda aquela certeza como legado fundado na revelação escrita de Deus. Do contrário, ele diz: Deus faz o que quer, dá ou remove esperanças, e se o curso da natureza seguir intacto, morrerei tanto na ignorância de não saber o por quê de minhas calamidades, como serei despedido deste mundo em trevas e ignorância totais aos olhos, pois, nem mesmo sei o que acontecerá depois de mim; se um dia terei honras ou se minha memória será simbolizada como manifestação de humilhações “merecidas”. Ele conclui dizendo que, todavia, falassem o que falassem, a dor dele era não só incompreendida, mas era também absolutamente incompartilhável com o seu semelhante: o que dói em alguém, ninguém mais sabe o quanto!

<sup>187</sup> O melhor argumento de quem não tem argumento sempre foi ofender aquele que argumenta com superioridade, a fim de tentar esvaziar a verdade para a qual não se tem resposta.

<sup>188</sup> Uma vez perdida a disputa no plano da reflexão e dos fatos da vida, os “amigos de Jó” agora recorrem a um antiquíssimo expediente: defender a Deus em nome da necessidade de preservar-lhe *intacta a devoção*. Quando o ignorante da *Graça* assim fala, o que ele diz é o seguinte: a) Não tenho o que responder; b) Essa visão tira das pessoas a referência moral; c) Sem a referência moral – com os medos que ela traz - , o que sobra é uma devoção desassustada, ou, quem sabe, nenhuma. Esse é o sistema de acusação mais antigo nos lábios daqueles para quem a devoção a Deus é motivada por leis, morais e argumentos a favor de um temor de Deus que á mais fobia do divino, medo de Deus e terror de qualquer forma de condenação, do que fruto de

<sup>189</sup> *A tua própria boca te condena, e não eu; os teus lábios testificam contra ti.*<sup>190</sup> *És tu, porventura, o primeiro homem que nasceu? Ou foste formado antes dos outeiros?*<sup>191</sup> *Ou ouviste o secreto conselho de Deus a ti e a ti só limitaste a sabedoria? Que sabes tu, que nós não sabemos? Que entendes, que não haja em nós?*<sup>192</sup> *Também há entre nós encanecidos e idosos, muito mais idosos do que teu pai.*<sup>193</sup>

*Porventura, fazes pouco caso das consolações de Deus e das suaves palavras que te dirigimos nós?*<sup>194</sup> *Por que te arrebatava o teu coração?*

uma motivação verdadeira. O que eles não sabem é que Deus não leva em consideração devoções que não sejam livres, desassombradas e espontâneas diante Dele. “Misericórdia quero, e não holocaustos” - é o mais antigo clamor de Deus frente à tentativa humana de transformar a relação com Deus num “check list” de observâncias, sejam morais ou rituais.

<sup>189</sup> A certeza de todo o adepto da Teologia é que aquele que a pratica, é a vitrine de Deus em favor da verdade. Em outras palavras: os “amigos de Jó” criam que “sem prosperidade não há verdade”!

<sup>190</sup> Ah! Se eles soubessem que, ao final, era o “herege” quem seria justificado por Deus e não os arrogantes defensores das causas divinas! “*Que sabes tu, que nós não sabemos?*” - deveria, então, fazer cessar a discussão, pois se eles soubessem o que Jó sabia, aquele piedosamente-ímpio diálogo não estaria acontecendo!

<sup>191</sup> Com certeza Jó não era o primeiro homem, mas era o primeiro que eles haviam conhecido. Homens são raridades neste planeta de seres humanos adoecidos pelos vírus dos julgamentos e presunções. A diferença entre um homem e um espécime-humano, é que o primeiro fala por si mesmo; o segundo, fala o que os demais desejam ouvir.

<sup>192</sup> Eles é que haviam levado o embate na direção de um concurso de máximas e sabedorias ensinadas pelos sábios antigos. Jó, naquele quesito, lhes era infinitamente superior, mas insiste em dizer que para a dor não há sabedoria e que para a perplexidade a única sabedoria é o silêncio ante o Mistério.

<sup>193</sup> O auto-engano de um ser humano pode esconder-se sobre muitas máscaras. Ao final, todavia, mostrará a sua face: a inveja que se apresenta dissimulada pelas comparações.

<sup>194</sup> Ao se auto-enganar e se convencer de seu importantíssimo papel espiritual na vida do próximo, o ser humano deseja que até mesmo sua arrogância e impiedade sejam percebidos como demonstrações de amor!

*Por que flamejam os teus olhos, para voltares contra Deus o teu furor e deixares sair tais palavras da tua boca?<sup>195</sup> Que é o homem, para que seja puro? E o que nasce de mulher, para ser justo?<sup>196</sup> Eis que Deus não confia nem nos seus santos; nem os céus são puros aos seus olhos, quanto menos o homem, que é abominável e corrupto, que bebe a iniquidade como a água!<sup>197</sup> Escuta-me, mostrar-te-ei; e o que tenho visto te contarei, o que os sábios anunciaram, que o ouviram de seus pais e não o ocultaram (aos quais somente se dera a terra, e nenhum estranho passou por entre eles): Todos os dias o perverso é atormentado, no curto número de anos que se reservam para o opressor. O somido dos horrores está nos seus ouvidos; na prosperidade lhe sobrevém o assolador.*

<sup>195</sup> Jó já havia dito que ele estava como estava porque estava “*cravado pelas flechas do Todo-Poderoso*”. Mas agora, a malévola sofisticação desses “amigos” era a de demandar dele que se apresentasse sem as marcas de sua própria calamidade.

<sup>196</sup> Ora, a conversa poderia acabar aqui, afinal, é isto que Jó vem dizendo. Mas as *mentiras besuntadas de verdade* são assim: confessam o certo e fazem-se aplicar no contexto errado!

<sup>197</sup> Se Elifaz cresse no que diz entre os versos 14 e 16, aquele mesmo seria o argumento para que ele não tentasse defender Deus. Afinal, pensando daquela forma, se até mesmo a anjos e santos Deus atribui imperfeições – segundo Elifaz, então, o melhor a fazer seria calar-se. Que risco é para alguém pensar assim de Deus e, mesmo contra seu próprio conceito, arrogar-se ao papel de juiz de seu próximo?! Esses são “servos malvados”, de acordo com Jesus, e que são julgados pelas suas próprias palavras e interpretações acerca de Deus: “Se sabes que colho o que não semeiei... devias ter posto meu dinheiro em bancos para que eu o recebesse com juros” (Mt 25:24-28). O que Jesus estava dizendo é simples: pense em um Deus mau e você receberá o quinhão do “deus que você inventou” e será tratado conforme a medida que você estabeleceu, em nome desse deus de sua própria invenção moral, e receberá exatamente aquilo que você impôs aos outros como sendo vontade “dele”. Com a medida com a qual medirmos, somos medidos; o critério de juízo oferecido para julgarmos ao próximo, será aquele que se utilizará para que nós sejamos julgados, Portanto, até por sabedoria e auto-preservação, um homem não deveria jamais julgar ao seu próximo!

*Não crê que tornará das trevas, e sim que o espera a espada. Por pão anda vagueando, dizendo: Onde está? Bem sabe que o dia das trevas lhe está preparado, à mão.*

*Assombram-no a angústia e a tribulação; prevalevem contra ele, como o rei preparado para a peleja, porque estendeu a mão contra Deus e desafiou o Todo-Poderoso; arremete contra ele obstinadamente, atrás da grossura dos seus escudos; porquanto cobriu o rosto com a sua gordura e criou enxúndia nas ilhargas; habitou em cidades assoladas, em casas em que ninguém devia morar, que estavam destinadas a se fazer montões de ruínas.*

*Por isso, não se enriquecerá, nem subsistirá a sua fazenda, nem se estenderão seus bens pela terra. Não escapará das trevas; a chama do fogo secará os seus renovos, e ao assopro da boca de Deus será arrebatado.*

*Não confie, pois, na vaidade, enganando-se a si mesmo, porque a vaidade será a sua recompensa. Esta se lhe consumará antes dos seus dias, e o seu ramo não reverdecerá. Sacudirá as suas uvas verdes, como a vide, e deixará cair a sua flor, como a oliveira; pois a companhia dos ímpios será estéril, e o fogo consumirá as tendas do suborno. Concebem a malícia e dão à luz a iniquidade, pois o seu coração só prepara enganos.<sup>198</sup>*

<sup>198</sup> Dos versos 17 a 35 o argumento é um só e o mesmo que eles já haviam insistentemente repetido, apenas com palavras de perversas poesias: se alguém sofre é porque é mau. E assim, transformavam alguns casos em que há na história, perversos receberam exatamente a paga de suas maldades, num critério moral-geral a partir do qual eles julgavam todas as calamidades humanas! E não temem aplicá-las a seu “outrora-bom-amigo-justo”: “Concebem a malícia, e dão a luz à iniquidade, pois seu coração só prepara enganos”.

## COMENTÁRIO

Toda a História da fé na Terra foi construída a partir da perplexidade de homens e mulheres que obedeceram a Deus *sem saber aonde iam*.<sup>199</sup> E mais: essa fé também foi forjada em suas consequências; e a prova disto é que tais pessoas respeitaram suas próprias consciências mais do que as médias, as morais e as “*verdades estabelecidas*”.

Qual dos profetas não sofreu o ataque das piedades vendidas a normas simplistas? Ou não foram executados pela ignorância, a arrogância e pela corrupção de corações que preferiram as certezas advindas de falsas seguranças que a entrega radical à Vontade-Mistério-de-Deus?

Toda verdadeira luta humana é a luta da consciência contra a inconsciência!<sup>200</sup>

E Jesus é a manifestação suprema do Ser que é, que não nega quem é, que não confessa quem é quando não quer, que revela quem é apenas para quem deseja, cala-se quando sua confissão não será usada como “*verdade-verdade*”, mas apenas como “*verdade-mentira*”; e, sobretudo, como Aquele que põe na boca do

<sup>199</sup> Hb 11:8

<sup>200</sup> Oséias 4:1-6

homem o direito de não entender *sua própria* dor, cruz, fardo, angústia e opressões: “*Deus meu! Deus meu, por que me desamparaste?*”.

Se lêssemos Jó à luz de Jesus, não teríamos como não entendê-lo. E se lêssemos evangelho à luz de Jó, o compreenderíamos bem melhor!

Até o Filho de Deus teve que experimentar a Indisponibilidade de Deus. E nem por isso ele se retrata ante Seus acusadores.

O silêncio divino não necessariamente fala do abandono de Deus!

E a fala de Deus nem sempre fala de sua presença!

Assim como a Disponibilidade de Deus não é maior sinal de Sua presença; assim também, Sua Indisponibilidade não fala de Sua ausência. Afinal, o “*justo viverá pela fé*”.

Não podemos jamais esquecer que o Deus de Jó só pode ser encontrado na cruz entre dores, gemidos, abandonos, julgamentos, humilhações, manipulações, traições, injúrias, medos e, sobretudo, profundas perplexidades!

No bloco todo que você acabou de ler há três grandes verdades:

**Primeira:** aqueles que entendem a vida a partir de uma Teologia Moral de Causa e Efeito, não aceitam nunca as perdas e des**Graças** daquele que encarnava a **Graça** de Deus. Isso porque, como disseram os “amigos de Jó”, tal fato, acompanhado da impossibilidade de Jó de fazer-lhes a confissão desejada, era visto por eles como enfraquecendo a devoção a Deus. Nesse caso, a devoção era apenas medo de Deus!

A Teologia Moral de Causa e Efeito não admite o Mistério e, muito menos, a não explicabilidade da existência. Os crentes dessa “teologia” são pessoas que não conseguem andar pela fé somente. Elas precisam de um “pacote” que lhes facilite a vida e necessitam de um livro de explicações sobre como devem viver. Portanto, quanto mais uma pessoa se torna moral nos seus

juulgamentos, mais frágil ela se torna quanto a se dispor a encontrar-se com Deus, com o próximo e consigo mesmo! Daí, eles serem sempre os mais “moralmente escandalizáveis”. Sim! Os mais certos de suas “certezas” - essas muitas vezes contra o próximo” - São sempre também os mais frágeis e escandalizáveis entre os homens.

**Segunda:** o homem sob juízos desproporcionais ou sob as trevas de angústias insuportáveis, não encontrará na Terra ninguém que lhe advogue a causa, nem diante de Deus e nem dos homens. Diante de Deus porque, de fato, ninguém sabe as razões de nada nesta vida. Nossas melhores percepções não passam ainda de meras suposições, por mais piedosas que sejam. Já diante dos homens não ousam erguer as suas vozes por uma simples razão: “*dificilmente alguém daria a vida em favor de seus amigos*”<sup>201</sup>, quanto mais por aquele que, aparentemente, se tornou inimigo de Deus – e a prova são os seus infortúnios! Nessa hora se descobre que mesmo os mais íntimos preferem silenciar a respeito do “maldito!”.

**Terceira:** a impossibilidade humana de Jó compreender a calamidade num mundo onde um Deus-Bom fosse o Senhor, na melhor das hipóteses – sendo sua alma adulta como era – o faria sair do meio da batalha e constituir Deus seu Advogado contra a Inexplicabilidade e contra a Indisponibilidade de Deus; e é isto que Jó faz.

E mais: ele *constitui* Deus como seu Advogado e fiador contra *Deus e os homens*. Ora, tal argumento parece blasfemo. O que não percebemos é que a salvação proposta na Bíblia é aquela na qual Deus nos salva de Sua Justiça, Juízo, Verdade e Santidade, pela via de sua *Graça*, Justificação, Propiciação, e Bondade!

Se Deus não enfrentar a Deus em favor do homem, quem poderia ser salvo na Terra?

<sup>201</sup> Rm 5:6-7

E foi esse entendimento a força que manteve Jó íntegro nos dias em que seus acusadores tinham farto material para acusá-lo de ser vítima de seus próprios pecados e dissimulações!

Ora, Jó ensina que um homem tem que respeitar sua consciência até mesmo diante de Deus, pois Deus não respeita homens que não respeitam sua próprias consciências!<sup>202</sup>

O sinal mais evidente de que um ser humano tem uma consciência, é que ele não a negocia nunca, nem que seja para transformar os *amigos auto-enganados em solidários intercessores*. Se Jó tivesse confessado o pecado desejado, seus amigos teriam parado as acusações.

Neste ponto a “piedade fraterna” atinge sua maior dissimulação, que é quando a satisfação dos piedosos se realiza na confissão do pecador, mesmo que não verdadeira, tornando o pecado do “outro” a justificativa-justificadora para que eles continuem a ser quem são, sem a coragem de confessar-se a Deus e aos homens.

Quando alguém cede – e são muitos os que não suportam a pressão - , então, os “amigos de Jó” voltam para casa com um *mórbido sentimento de missão cumprida*.<sup>203</sup> O “ex-Jó”, todavia, fica em casa sem posição até gemer, pois perdeu o único bem que um homem não tem que saber como negociar, ou seja, a sua alma!<sup>204</sup>

Sem a disposição de homens desse conteúdo, não teríamos nem a Bíblia e nem a História da fé que hoje nos anima a prosseguir!<sup>205</sup>

Se, todavia não desejarmos ir tão longe, se nossos valores forem mais os do “Cristianismo” que os da Bíblia, deveríamos, pelo menos, nos lembrar que foi Lutero quem disse: “*Não é bom ao homem retratar-se contra a sua própria consciência!*”.

<sup>202</sup> I Co 4:4; 8:7; 10:29; I Tm 1:5 e 19; Hb 9:14; 13:8; IPd 2:19; 3:21

<sup>203</sup> Mt 23:15

<sup>204</sup> Mt 16:24-26

<sup>205</sup> Hb 11:36 a 12:1-3

But he knoweth the way that I take  
 when he hath tried me I shall come forth like gold  
 Have pity upon me: Have pity upon me: O ye my friends  
 for the hand of God hath touched me  
 Though he slay me yet will I trust in him



The Just Upright Man is laughed to scorn

Man that is born of a Woman is of few days & full of trouble  
 he cometh up like a flower & is cut down he fleeth also as a shadow  
 & continueth not And dost thou open thine eyes upon such a one  
 & bringest me into judgment with thee

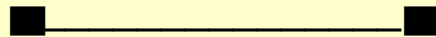


William Blake inv. & sculp.

London Published as the Act directs March 8. 1825 by William Blake N<sup>o</sup> 3 Fountain Court Strand

Price

## CAPÍTULO VI



### *Jó Chama a Deus Para Advogar A Sua Causa Contra o Próprio Deus*

*Então, respondeu Jó: Tenho ouvido muitas coisas como estas; todos vós sois consoladores molestos.<sup>206</sup> Porventura, não terão fim essas palavras de vento? Ou o que é que te instiga para responderes assim?<sup>207</sup>*

*Eu também poderia falar como vós falais; se a vossa alma estivesse em lugar da minha, eu poderia dirigir-vos um montão de*

<sup>206</sup> Jó diz que o argumento deles era um só e os tornava em “molestadores de almas”.

<sup>207</sup> Aqui Jó começa a provocar o aparecimento da agenda emocional oculta atrás daqueles juízos cansativos, rasos e repetitivos. Mais adiante veremos que as razões nunca se afastam muito da mais dissimulada inveja, e que se oculta atrás da “ortodoxia” que se pretende passar como “defensora da verdade de Deus”. Ao final, todavia, se descobre por detrás de todas as grandes disputas pela “verdade” que o que há é, quase sempre, mentira; as motivações, quase nunca são nobres, mas brotam dos porões da própria mesquinhez humana.

*palavras e menear contra vós outros a minha cabeça; poderia fortalecer-vos com as minhas palavras, e a compaixão de meus lábios abrandaria a vossa dor.*<sup>208</sup>

*Se eu falar, a minha dor não cessa; se eu me calar, qual o meu alívio? Na verdade, as minhas forças estão exaustas; tu, ó Deus, destruístes a minha família toda.*<sup>209</sup> *Testemunha disto é que me tornaste encarquilhado, a minha magreza já se levanta contra mim e me acusa cara a cara. Na sua ira me despedaçou e tem animosidade contra mim; contra mim rangeu os dentes e, como meu adversário, aguça os olhos.*<sup>210</sup> *Homens abrem contra mim a boca, com desprezo me esbofeteiam, e contra mim todos se ajuntam.*

<sup>208</sup> Jó lhes diz: “Se os papéis estivessem invertidos, com certeza, a essa altura, eu já lhes teria consolado com consolo verdadeiro”. E o problema é que seus amigos sabiam que ele estava falando a verdade. Jó não era um tipo de homem que abandonaria um “Jó”.

<sup>209</sup> Agora ele pede apenas respeito pelo seu estado e pela sua dor de pai que perdeu de uma vez toda a sua família. Quem não sabe calar-se pelo menos ante a dor de um pai, não se calará ante nenhuma outra razão!

<sup>210</sup> Mesmo não conhecendo a cena celestial, onde aconteceu a demanda satânica, Jó sabia que havia uma animosidade contra ele. E Jó não precisava saber que foi o Diabo o propositor e executor dos males. No fim de tudo, de um modo ou de outro, a nossa luta é com Deus e nunca com o Diabo. Quem é o Diabo? Pode ele agir sem o consentimento do Altíssimo? Tem ele poder para tocar em alguém acerca de quem Deus antes não tenha dito: “Eis que ele está em teu poder?”. Pedro, muito mais adiante, seria também objeto de um requerimento de Satanás, que desejava, de acordo com Jesus, “vos peneirar como trigo”(Lc 22:31-34). E, ao final da linha, quem reina soberano não é o Diabo, mas Aquele que disse que nenhum único fio de cabelo cai de nossas cabeças sem o consentimento de Deus (Mt 10:26-30). Portanto, um homem de Deus nunca briga com o Diabo. Sua queixa ou contenda é com Deus. E nisto reside sua maior devoção no dia da perplexidade!

<sup>211</sup> *Deus me entrega ao ímpio e nas mãos dos perversos me faz cair.*<sup>212</sup>

*Em paz eu vivia, porém ele me quebrantou; pegou-me pelo pescoço e me despedaçou; pôs-me por seu alvo.*

*Cercam-me as suas flechas, atravessa-me os rins, e não me poupa, e o meu fel derrama na terra.*<sup>213</sup> *Fere-me com ferimento sobre ferimento, arremete contra mim como um guerreiro. Così sobre a minha pele o cilício e revolvi o meu orgulho no pó.*<sup>214</sup> *O meu rosto está afogueado de chorar, e sobre as minhas pálpebras está a sombra da morte, embora não haja violência nas minhas mãos, e seja pura a minha oração.*<sup>215</sup>

*Ó terra, não cubras o meu sangue, e não haja lugar em que oculte o meu clamor!*<sup>216</sup>

*Já agora sabeis que a minha testemunha está no céu e, nas alturas, quem advoga minha causa.*<sup>217</sup>

<sup>211</sup> É apenas no dia em que o antes “homem-bom-poderoso” perde tudo, que ele descobre que as maldades praticadas contra ele são proporcionais às falsas adulações antes recebidas.

<sup>212</sup> Poucos sentimentos doem mais que esse: o de ver o ímpio como o juiz daquele que sabe quem é; e sabe que; no mundo dos humanos, ele não se troca, diante de Deus, por nenhum daqueles que, agora, na Terra, são os seus “superiores”, nada mais sendo que hábeis dissimuladores de piedades pedradas.

<sup>213</sup> As alusões aos rins e ao fígado, nos mostram que Jó havia sido atingido em todos os seus órgãos vitais. Ou seja: ele estava doente o suficiente para não poder viver, porém, suspenso por um fio de vida, que não o deixava morrer. Essa é a grande tortura: não poder viver nem morrer!

<sup>214</sup> No caso de Jó essa era uma situação que ele encarnava não apenas do ponto de vista emocional e espiritual, mas até mesmo físico. Seu corpo refletia sua tragédia. Ele era a imagem de sua própria desGraça. Sua vergonha, sua perplexidade e suas perdas eram indisfarçáveis.

<sup>215</sup> Essa é a pior oração: aquela que é feita contra Deus!

<sup>216</sup> Ele pede que lhe caiba a *justiça de Abel*: que a terra clame a seu favor!

<sup>217</sup> Os amigos lhe haviam dito que “nenhum anjo intercessor” se voltaria a seu favor. Jó responde: “Não preciso de anjos. Deus é meu Advogado.”

*Os meus amigos zombam de mim, mas os meus olhos se desfazem em lágrimas diante de Deus, para que ele mantenha o direito do homem contra o próprio Deus e o do filho do homem contra o seu próximo.*<sup>218</sup>

*Porque dentro de poucos anos eu seguirei o caminho de onde não tornarei.*<sup>219</sup> *O meu espírito se vai consumindo, os meus dias se vão apagando, e só tenho perante mim a sepultura. Estou, de fato, cercado de zombadores, e os meus olhos são obrigados a contemplar a provocação.*<sup>220</sup>

*Dá-me, pois, um penhor; sê o meu fiador para contigo mesmo; quem mais haverá que se possa comprometer comigo?*<sup>221</sup> *Porque ao seu coração encobriste o entendimento, pelo que não o exaltarás.*<sup>222</sup> *Se alguém oferece os seus amigos como presa, os olhos de seus filhos se desfalecerão.*<sup>223</sup>

<sup>218</sup> Como Jó não entendia o que Deus lhe estava fazendo, ele constituiu Deus seu advogado contra Deus. E como não entende as reações de seus amigos, ele constituiu Deus seu advogado contra o seu próximo.

<sup>219</sup> E ele faz isto enquanto está vivo, no meio das contradições da história, pois ele sabia que quando a grande viagem para a eternidade acontecer, então, todos, mesmo os que até ante a presença da morte não aceitem a verdade de Deus, haverão de entender tudo.

<sup>220</sup> Para a vítima da tragédia toda “interpretação” é sempre zombaria!

<sup>221</sup> Jó não apenas constituiu Deus seu advogado contra Deus e o próximo. Ele pede de Deus um “penhor” - uma garantia de que a justiça um dia apareceria - ;e mais: ele pede que Deus lhe seja “seu fiador” naquela hora em que ninguém se oferecia para ser fiador de nada na Terra.

<sup>222</sup> Jó tinha consciência de que sua perplexidade não era compreendida pelos observadores: “...ao seu coração encobriste o entendimento”. Todavia, as “interpretações” ainda o magoavam.

<sup>223</sup> E aqui ele enuncia um princípio: quem, conscientemente, entrega seus amigos como presas para esconder suas próprias conveniências, perde a última visão humana que alguém poderia perder, mergulhando, daí para frente, num pleno processo de desumanização, no chão da Terra!

*Mas a mim me pôs por provérbio dos povos; tornei-me como aquele em cujo rosto se cospe.<sup>224</sup> Pelo que já se escureceram de mágoa os meus olhos, e já todos os meus membros são como uma sombra; os retos pasmam disto, e o inocente se levanta contra o ímpio.<sup>225</sup> Contudo, o justo segue seu caminho, e o puro de mão cresce mais e mais em força.<sup>226</sup>*

*Mas tornei-vos, todos vós, e vinde cá; porque sábio nenhum acharei entre vós. Os meus dias passaram, e se malograram os meus propósitos, as aspirações do meu coração.<sup>227</sup> Converteram-me a noite em dia, e a luz, dizem, está perto das trevas.*

<sup>224</sup> Jó experimenta o fato que o pior julgamento que se pode ter na história não é o da verdade, mas o de suas versões e interpretações equivocadas. A opinião pública, desde sempre, se contenta muito mais com o julgamento moral do ser incômodo que com a prática de qualquer justiça sobre ele ou ao seu favor. E, nos nossos dias, a mídia - os meios de comunicação, em geral - são os que cumprem este papel de dar uma satisfação à sociedade perplexa, não se importando, muitas vezes, com a verdade dos fatos. E Jó conheceu este sentimento: o de ser o “provérbio popular”.

<sup>225</sup> Sua situação só gerava angústia, até nos bons de coração: os “retos” ficavam em estado de estupefação; e os “inocentes” compravam brigas a seu favor e, assim, se feriam também - e sem causa! E cada vez mais é assim: os *Jós-arquetípicos*, mesmo não desejando, tornam-se figuras totêmicas. Dessa forma, em razão dele, milhares de projeções e recalques morais acontecem; bem como, isso faz com que o homem bom se esconda, o inocente se irrite na defesa daquele que é o Jó-arquetípico e o justo siga o seu caminho, cada vez mais solitariamente. Assim, aprendemos que as maiores catástrofes não são as que caem sobre nós, mas aquilo que nós fazemos, uns aos outros, com elas. E mais: não se engane; qualquer teologia-moral que pense a vida como os “amigos de Jó”, fabricará mais escândalos com as tragédias de Jó, que estas conseguirão realizar por si mesmas!

<sup>226</sup> Jó sabia, todavia, que aos justos o seu drama não mudava o curso do caminho. Quem pratica o bem por convicção não se desaponta com as tragédias daqueles que um dia os inspiraram, mas tendem a tornar-se solitários.

<sup>227</sup> É impressionante como quando alguém perde as esperanças na Terra, aparece, daí em diante, uma insuportável sinceridade na alma do desesperançado!

*Mas, se eu aguardo já a sepultura por minha casa; se nas trevas estendo minha cama; se ao sepulcro eu clamo: tu és meu pai; e aos vermes: vós sois minha mãe e minha irmã, onde está, pois, a minha esperança? Sim, a minha esperança, quem a poderá ver? Ela descera até as portas da morte quando, juntamente no pó, teremos descanso.*<sup>228</sup>

<sup>228</sup> Sim, com aqueles amigos, “descanso” só na morte!

## COMENTÁRIO

Nestes capítulos 16 e 17 do *Livro de Jó* vemos o estado de espírito de um homem vitimado pela perplexidade e julgamento dos amigos, praticantes de uma Teologia Moral de Causa e Efeito. Quando este dia chega não há muitas opções de fuga. A alma tem que vivê-lo e enfrentá-lo. É isto o que Jó faz!

Ele começa dizendo que naquele estado de ser em que ele se encontrava “*os amigos eram consoladores molestos*”<sup>229</sup>; as palavras de suas pretensas sabedorias eram “*palavras de vento*”, cujo conteúdo era completamente irreal e inobjetivo;<sup>230</sup> que era fácil falar; quando a dor doía no outro;<sup>231</sup> que os fatos da vida gritavam mais alto que qualquer pretensa filosofia de consolo;<sup>232</sup> que a esperança não alcança o espírito esmagado pela perplexidade;<sup>233</sup> que sua calamidade se tornara a diversão dos invejosos;<sup>234</sup> que a dor que tem em “amigos” a incompreensão, mata ainda mais aquele que padece de amar tais amigos - ou pelo menos ele é aquele que sofrerá as

<sup>229</sup> Jó 16:2

<sup>230</sup> Jó 16: 3

<sup>231</sup> Jó 16:4-5

<sup>232</sup> Jó 16:7-17

<sup>233</sup> Jó 17:1

<sup>234</sup> Jó 17:2-6

saudades de um dia os haver amado; <sup>235</sup>e, por último, Jó insiste que para um ser como ele, alvejado pelas dores que o traspassavam, a desesperança era ainda um sinal de saúde, pois, existencialmente, ele não era um cínico. <sup>236</sup>

A questão é: qual a compreensão que pode salvar este homem, mesmo que não diminua sua dor e nem resolva as suas perplexidades?

Jó responde com total clareza de pensamento, ainda que seus amigos achassem que ele estava tendo um delírio blasfemo. Além disso, eles pensavam - ou se auto-enganavam acerca do que pensavam crer – que os argumentos de Jó aviltavam a justiça de Deus.

Jó, todavia, sabia o que falava, mesmo que não pudesse explicar as *suas próprias razões*. Frequentemente, *a revelação da verdade* nos alcança antes de seu *processamento histórico-emocional* acontecer em nós!

Primeiramente, ele pede que um dia a Terra fale a seu favor. <sup>237</sup>E nós sabemos, desde Abel, que *há um clamor profético nas memórias da Terra*. Isto mesmo! Deus estabeleceu um princípio pelo qual um dia (*qualquer dia*) a “*terra, o mar e tudo o que neles há*”, vomitam as verdades, mesmo as mais bem escondidas. A prova disto é que hoje, milhares de anos depois, eu aqui me encontro, na Terra, clamando como filho da Terra, o clamor de Jó em seu favor e em favor de todos os que se sintam perplexos em razão da vida e de si mesmos! Fazendo, todavia, isto, como Jó, em nome de um amor saudoso pelos dias em que ele sentia que Deus também sentia saudades dele! Quem sabe disto, mesmo não entendendo nada, sabe tudo!

<sup>235</sup> Jó 17:7-10

<sup>236</sup> Jó 17: 11-16

<sup>237</sup> Jó 16:8

E quem crê nisto, chegou mais próximo do Indisponível e o percebeu em adoração como Mistério! E sentiu-creu-intimamente! Por isso, teve paz na angústia e angústia na paz! E, mesmo sem saber, tornou-se o mais feliz de todos os infelizes!<sup>238</sup>

Em segundo lugar, Jó entrega sua perplexidade ao Advogado Celestial.<sup>239</sup> E assim fazendo, ele afirma que não há meios de um homem mediar a verdade sobre um outro homem na Terra. Nossas Leis, Justiça, Verdades, Direitos e Retidões, servem apenas para regulamentar as obviedades dos fatos que se expressam de maneira objetiva e historicamente palpáveis; ou seja, tais instrumentos cessam seus poderes quando a dimensão é a da alma, com suas teias, complexidades e com sua multidimensionalidade.

A Cruz de Cristo é a prova suprema de como, legalmente, nem Deus escapa aos caprichos do homem!<sup>240</sup>

Portanto, sabendo Jó que a sua causa não era “palpável”, ele constitui um Advogado no Céu. E aqui, Jó se antecipa 2500 anos a João, apóstolo.<sup>241</sup>

Jó também sabia que somente provocando - por meio da fé no Absurdo - um conflito de Deus contra Deus é que sua causa poderia ser defendida.

Que seus terrores vinham de Deus ele não duvidava. Que seus amigos o julgavam pelo que não conheciam, disso também estava certo. Que a tentativa de convencê-los era inócua, ele também já havia percebido, pois se os mais sábios agiam assim, quem poderia ser a seu favor na Terra? Que ele não dispunha de argumentos para defender-se diante do Deus Indisponível, disso ele também tinha convicção.

<sup>238</sup> Mt 5:4

<sup>239</sup> Jó 16: 19

<sup>240</sup> Mt 26:60-68; 27:18-24

<sup>241</sup> I Jo 2: 2-4

E, sobretudo, que diante de Deus — mesmo sabendo que suas justiças eram “imundícias”<sup>242</sup> — ele tinha uma causa justa, apesar de nem saber que causa era essa, disso também ele sabia. Portanto, não lhe havia outra opção a não ser colocar Deus contra Deus em seu favor.

E aqui ele, como ninguém antes dele, *viu o drama da Cruz!* Viu-o melhor que Abraão, Davi e Isaías, no capítulo 53. Nesses casos – o de Abraão, Davi e Isaías - , as justificações pela fé se expressam como uma convicção menos reflexivamente penosa.

Ora, a simples afirmação disso já põe o eixo da revelação da justificação fora das fronteiras genéticas e religiosas de Israel, remetendo-nos para Aquele que foi feito Sumo-sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque!<sup>243</sup>

Todavia, em Jó, a justificação não se fazia acompanhar nem de esperança e nem de justiça; e em seus lábios a confissão de fé não passava de gemido e perplexidade.

É por isso que ele, mais do que ninguém, foi de Deus até mesmo contra Deus; e na hora de pelejar contra o mistério de Deus, ele constitui Deus seu Advogado contra Deus. E esse é o cerne de toda a obra de Cristo na cruz. Qualquer “deus” que fosse relevante a Jó teria que se entender consigo mesmo, e não com Jó! O de Jó era o Único Deus Vivo e Verdadeiro!

A lição de Jó é esmagadora: *neste mundo caído, a perplexidade é normal e não se peca ao admiti-la.* Todavia, nessa hora-dor é ainda Deus que tem que ser convocado para defender a causa do homem contra a Indisponibilidade de Deus, oculto em Seu Mistério.

<sup>242</sup> Is 64:6

<sup>243</sup> Gn 14:18-20; Sl 110:4; Hb 5:10; 6:20; 7:1 e 17

E é na Cruz de Jesus que esse encontro aconteceu, com a derrota e com a vitória de Deus! E, sobretudo, com a redenção do homem, não de suas próprias perplexidades, mas na obtenção de um “descanso” que permite que Deus se entenda com Deus a seu favor. O nome disto também é, acima de tudo, *Graça!*

E quando se fala assim, se diz que a salvação humana só acontece num *embate* de Deus contra Deus, onde o próprio Deus seja o *Réu-Justo*, sendo julgado pelo *Justo-Juiz*, o qual, também sendo *Advogado* do *réu-réu*. Assim que é o *Réu-Justo*—aquele que recebe o castigo da mais absoluta justiça divina contra o *réu-réu*—pode ser, Ele mesmo, também, o *Advogado do réu-réu*.

E, em toda a História só um há lugar onde Deus enfrenta Deus, num combate onde Deus ganha e Deus Perde; onde o *réu* é condenado e absolvido; onde *Aquele* que é o Justo é feito o Injusto; o *que não teve pecado, é feito pecado* em favor do homem e de Deus!<sup>244</sup>

Somente na Cruz de Cristo *Deus-enfrenta-Deus*, e Deus se aniquila e se supera a um só tempo.<sup>245</sup> Na Cruz, Deus vence a Si mesmo e Sua misericórdia prevalece sobre o Seu próprio juízo; sendo Suas palavras finais a respeito desse Combate, as seguintes: “*Esta Consumado!*”<sup>246</sup>

Ou seja: “*Esta luta acabou*”.<sup>247</sup> Mas, para os “amigos de Jó” a luta continua e a alma tem que sofrer todos os dias a dor de acusações que só a tornam menos alma e mais feia!

E somente esse entendimento em fé é que descatastrofiza a vida como também redime o homem de seu pecado e a Deus de Seu

<sup>244</sup> II Co 5:21

<sup>245</sup> I Co 15:28

<sup>246</sup> Jo 19:30

<sup>247</sup> II Co 5:18-19

angustiante Mistério-de-Ser quem é! — na maioria das vezes, um Deus não disponível para explicar as razões de nossas próprias perplexidades!

“*Sem fé é impossível agradar a Deus*”. E sem Deus-contradeus é impossível haver uma fé que justifique o homem diante de Deus e que traga a justiça de Deus para a consciência humana. Essa certeza não vem com explicações racionais. Ela é filha de uma inerente e inpartilhável certeza de *harmonia* com Deus, mesmo no caos! E é filha da presença da Cruz sobre nós!

Lo let that night be solitary  
& let no joyful voice come therein



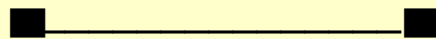
Let the Day perish wherein I was Born

And they sat down with him upon the ground seven days & seven  
nights & none spake a word unto him for they saw that his grief  
was very great

London. Publishd as the Act directs March 8. 1625 by Will. Blake N<sup>o</sup> 31. in Chancery Court. Strand.

Print

## CAPÍTULO VII



### *Quando a Moral é a “Mãe de Deus” Os “Filhos de Deus” Ficam “Orfãos” na Terra*

*Então, respondeu Bildade, o suíta: Até quando andarás a caça de palavras? Considera bem, e, então falaremos. Por que somos reputados por animais, e aos teus olhos passamos por curtos de inteligência?*<sup>248</sup>

*Oh! Tu, que te despedaças na tua ira, será a terra abandonada por tua causa?*<sup>249</sup> *Remover-se-ão as rochas do seu lugar?*<sup>250</sup>

<sup>248</sup> Ora, eles é que o haviam chamado de “asno”. É impressionante como aos ouvidos dos acusadores toda resposta soa como ofensa maior.

<sup>249</sup> Agora era a “ira” de Jó que se tornara seu “alcoz”. Eles só não pareciam enxergar é que até a chegada deles, Jó estava em silêncio diante de Deus e quando falou, o fez por pensar que estava *entre amigos*. Os discursos de Jó não foram feitos em praça pública, mas nos sombrios recônditos de sua antes-casa que, agora, era seu túmulo-em-vida.

<sup>250</sup> Ou seja “Tuas palavras não mudarão nada de seu lugar!” Quão enganados estavam. O mundo nunca mais seria o mesmo depois de Jó.

*Na verdade, a luz do perverso se apagará, e para seu fogo não resplandecerá a faísca;<sup>251</sup> a luz se escurecerá nas suas tendas, e a sua lâmpada sobre ele se apagará; os seus passos fortes se estreitarão, e a sua própria trama o derribará.<sup>252</sup> Porque por seus próprios pés é lançado na rede e andará na boca de forje. A armadilha o apanhará pelo calcanhar, e o laço o prenderá. A corda está-lhe escondida na terra, e armadilha, na vereda. Os assombros o espantarão de todos os lados e o perseguirão a cada passo. A calamidade virá faminta sobre ele, e a miséria estará alerta ao seu lado, a qual lhe devorará os membros do corpo; serão devorados pelo primogênito da morte.<sup>253</sup>*

*O perverso será arrancado da sua tenda, onde está confiado, e será levado ao rei dos terrores.<sup>254</sup> Nenhum dos seus morará na sua tenda, espalhar-se-á enxofre sobre a sua habitação.<sup>255</sup>*

<sup>251</sup> Bildade chega a ponto de dizer que até as leis da natureza se negavam a tornar-se disponíveis a Jó: nem seu fogo produziria faísca! Isto em razão de sua falta de arrependimento.

<sup>252</sup> Dos versos 4 a 8, Bildade, o suíta, diz que “nada mudará na terra” por causa de Jó, e, conclui, outra vez, reeditando a Teologia Moral de Causa e Efeito, conforme sua declaração nos versos 8 a 21. E suas “certezas” nas acusações a Jó são de severidades absolutamente impiedosas. E o fato que Bildade acusava Jó de ter se transformado num perverso ou num ímpio é expresso nas declarações iniciais, e que chamam a Jó para dentro desse papel.

<sup>253</sup> Outra vez, e insistentemente, cada calamidade de Jó é interpretada como pecado, sendo patrocinadas pela mais praticada de todas as “teologias da terra”: a Teologia Moral de Causa e Efeito. E é essa “teologia” que faz deste mundo, quase que na sua totalidade, um mundo de consciência pagã, mesmo entre aqueles que se pensam cristãos!

<sup>254</sup> O que Bildade desconhecia era o fato de que Deus se oferece em toda a sua revelação para ser o defensor de todos aqueles que são “arrancados de suas casas”. E, em geral, são os “honrados-poderosos” aqueles que têm poder para assim proceder!

<sup>255</sup> A história e a Bíblia negam que Bildade esteja certo quando faz disso uma lei universal e de aplicabilidade tanto justa quanto frequente.

*suas raízes, e murcharão por cima os seus ramos.<sup>256</sup> A sua memória desaparecerá da terra, e pelas praças não terá nome.<sup>257</sup> Da luz o lançarão nas trevas e o afugentarão do mundo. Não terá filho nem posteridade entre o seu povo, nem sobrevivente algum ficará nas suas moradas.<sup>258</sup> Do seu dia se espantarão os do Ocidente, e os do Oriente serão tomados de horror. Tais são, na verdade, as moradas do perverso, e este é o paradeiro do que não conhece a Deus.<sup>259</sup>*

***Então, respondeu Jó:*** <sup>260</sup>*Até quando afligireis a minha alma e me quebrantareis com palavras?* <sup>261</sup>

<sup>256</sup> A leitura que ele faz é idêntica às “teologias de prosperidade”: ele só consegue ver prosperidade do lado de fora, e com demonstrações de poder.

<sup>257</sup> A história prova o contrário: a maioria das praças são erguidas em honra dos espertos e não daqueles que viveram em inocência e pureza. Nossas praças são, em geral, monumentos de celebração de poder. E seus heróis estão mais para “amigos de Jó” do que para “Jós-da-vida”.

<sup>258</sup> Outra perversidade para quem chorava a perda de todos os seus filhos e a destruição de sua família.

<sup>259</sup> Que ironia! Na mesma afirmação Bildade diz que tanto no *oriente* quanto no *ocidente* aquela era uma visão prevalecente. *O que ele não sabia é que o mundo todo estava enganado.* E que o princípio espiritual que justificaria a Jó é, de fato, tanto a mais verdadeira de todas as verdades neste mundo caído, quanto também é a mais ignorada, até mesmo por aqueles que se dizem filhos da *Graça*, mas que, subrepticamente, praticam a *Teologia Moral de Causa e Efeito*. Assim, ao evocar sua “verdade”, ele revela não somente o seu próprio engano, mas o engano universal!

<sup>260</sup> Notas homiléticas entre 18:1 a 19:29: Jó havia constituído Deus seu advogado contra Deus (16:19-21). Agora, Bildade, o suíta, o afronta: 1) revelando sua própria demonstração de burrice como “ofensa” (18:1-3); 2) Insultando a Jó como perverso (18: 4-21).

I. A dignidade de Jó não admitia negociar sua integridade frente aos homens e nem negar que seus males tinham, no mínimo, a “permissão” de Deus:

1. Aos amigos ele diz: “procurem outro para vocês *aparecerem*”. Eu sei quem vocês são” (19:1-6);

2. De sua situação, ele declara:

- 2.1. Deus está indisponível a mim (19:7-8).
- 2.2. Deus me destituiu de todas as honras (19:9).
- 2.3. Deus me desplantou deste mundo (19:10).
- 2.4. Sou tratado como se eu fosse um satanás (19:11).
- 2.5. A conspiração executada contra mim não teve aviso (19:12).
- 2.6. Fui exilado sem sair do lugar e, mesmo vivo, vi meu próprio funeral (19:13-15).
- 2.7. Virei “fantasma” para uns e minha boca, para outros, cheira como uma “latrina” (19:16-17)
- 2.8. A “inocência” zomba de mim e os “íntimos” me desconhecem (19:18-19).
- 2.9. Meu estado é tão frágil que eu imploro por compaixão aos meus amigos – mas a maior compaixão que eu queria era só silêncio deles a meu favor (19:20-22)

II. A resposta de Jó a esse estado de coisas e sentimentos é a seguinte:

1. Quem me dera os nossos corações fossem publicados e não as nossas imagens (19:23-24).

2. Minha fé me diz que se meu mal veio de Deus, a cura virá só e tão somente Dele; e mais: eu creio que mesmo *brigando com Deus*”, de meus lábios só Lhe procedem louvor (19:25-29).

2.1. Isto porque, em meio a tudo, ele sabe que “seu redentor vive e se levantará” em seu favor (19:25a).

2.2. Ele também sabe que mesmo estando em “pele e osso”, ainda em sua própria carne – ou seja: ainda no tempo e no espaço – ele veria a *Graça* de Deus a seu favor (19:26-27a).

2.3. Ele sabe que assim como ele sente saudades de Deus, Deus também sente saudades dele (19:27b).

2.4. Ele sabe que mesmo os seus “amigos”, caso se interpusessem entre ele e a verdade de Deus, deveriam ser mais cautelosos, pois há uma espada e um juiz contra o julgamento precipitado em relação ao próximo (19:28-29).

A conclusão é uma só: Em briga de Jó com Deus ninguém deve se meter. Não corra esse risco. Afinal, quem constituiu Deus seu Advogado contra Deus, também – automaticamente – constituiu Deus seu advogado contra o temerário juízo do próximo, mesmo sem pedir (16:20-21).

<sup>261</sup> *Já dez vezes me vituperastes<sup>262</sup> e não vos envergonhais de injuriar-me.<sup>263</sup> Embora haja eu, na verdade, errado, comigo ficará o meu erro.<sup>264</sup>*

*Se quereis engrandecer-vos contra mim e me arguís pelo meu opróbrio, sabei agora que Deus é quem me oprimiu e com a sua rede me cercou.<sup>265</sup> Eis que clamo: violência! Mas não sou ouvido; grito: socorro! Porém não há justiça.<sup>266</sup> O meu caminho ele fechou, e não posso passar; e nas minhas veredas pôs trevas.<sup>267</sup> Da minha honra me despojou e tirou-me da cabeça a coroa.<sup>268</sup> Arruinou-me de todos os lados, e eu me vou; e arrancou-me a esperança, como a uma árvore.*

<sup>261</sup> Só quem já sofreu algum tipo de juízo público pode ter alguma idéia, mesmo que longínqua, do significado dessas palavras de Jó. Palavras, de fato, têm o poder de *quebrar o espírito*.

<sup>262</sup> Jó contara os vitupérios, as ofensas, contra ele proferidas pelos piedosos e enganados lábios de seus amigos. Mesmo o justo passa a *contar as ofensas*. E esse é o grande perigo. Jó estava a caminho de se amargurar. Só conta as ofensas aquele para quem a relação com os amigos – ou cônjuge ou quem quer que seja – se transforma num *encontro de contas*.

<sup>263</sup> Ele se envergonha da basicidade dos amigos que tinha. É a dor de quem pensa que deu tanto tempo a quem nada entendeu. Quem não reconhece o amigo na hora da calamidade, é porque nunca o enxergou antes!

<sup>264</sup> Aqui ele diz que reconhece haver errado – fazendo alusão ao fato de que ele mesmo já vinha perdendo completamente a paciência com os amigos” - , mas ao assim falar, ele revela outra coisa: toda relação que se vicia na mesma tese acaba gerando terríveis amarguras. E nem Jó estava livre de sofrer desse mal.

<sup>265</sup> Ele repete, e com verdade: “Se vocês estão incomodados com minha certeza de que Deus me entende e é meu Deus mesmo me oprimindo, então, vão se entender com Ele”.

<sup>266</sup> Hoje, milhares de anos depois, quem pode negar que ele era “vítima da mais terrível injustiça?” E sabendo e crendo nisto, por quê razão continuamos a agir com o próximo contra nossa correta interpretação do livro de Jó?

<sup>267</sup> Ao “queixar-se”, Jó remete sua causa para Deus. Só Deus sabia o porquê daquilo que o visitara. E com isto ele diz que aquele que “põe a coroa na cabeça” é o mesmo que a retira. Portanto, ninguém se glorie!

<sup>268</sup> Ele sabia que sua desonra vinha de Deus.

*Inflamou contra mim a sua ira e me tem na conta de seu adversário.<sup>269</sup> Juntas vieram as suas tropas, prepararam contra mim o seu caminho e se acamparam ao redor da minha tenda.<sup>270</sup> Pôs longe de mim a meus irmãos, e os que me conhecem, como estranhos, se apartaram de mim.<sup>271</sup> Os meus parentes me desampararam, e os meus conhecidos se esqueceram de mim. Os que se abrigam na minha casa e as minhas servas me têm por estranho, e vim a ser estrangeiro aos seus olhos. Chamo o meu criado, e ele não me responde; tenho de suplicar-lhe, eu mesmo.<sup>272</sup> O meu hálito é intolerável à minha mulher, e pelo mau cheiro sou repugnante aos filhos de minha mãe.<sup>273</sup> Até as crianças me desprezam, e, querendo eu levantar-me, zombam de mim. Todos os meus amigos íntimos me abominam, e até os que eu amava se tornaram contra mim.<sup>274</sup>*

<sup>269</sup> Jó se sente tratado como só o diabo deveria ser tratado. Ainda assim, a Bíblia proíbe tratamento de juízo infamatório até mesmo contra Satanás (Jd 9-10).

<sup>270</sup> Ele vivia num “estado de sítio espiritual”. Todas as tropas estavam contra ele.

<sup>271</sup> Somente aquele que já sentiu isto sabe como essa é uma das piores partes de qualquer calamidade classificada a partir de juízos morais. Nesse dia, você se sente um fantasma, pois nem mesmo aqueles que um dia o conheciam agora admitem tê-lo conhecido algum dia; ou, então, “matam a pessoa”, falando dela apenas como “coisa do passado”.

<sup>272</sup> No dia da calamidade até mesmo as mais profundas lealdades sofrem a possibilidade de se converterem em serviço interesseiro. As alegrias do serviço um dia manifestos, agora, são apenas obrigações penosas. Os “falidos” conhecem bem essa realidade.

<sup>273</sup> Aqui, Jó revela a distância crescente que veio, em meio à calamidade, a se instalar entre ele e a sua esposa. Mas hálito mata muitos casamentos. Mas não acaba com nenhum casamento onde o mau hálito seja fruto de enfermidade. Nesse caso, a mulher de Jó parece estar ressentida com Deus e, sobretudo, com Jó, pois desde o início que sua opinião era: “Amaldiçoa teu Deus e morre”. Jó dissera que ela falara como “qualquer doida”. Agora, ele experimenta o “asco” que sua aparência e odores manifestam nela e em seus irmãos.

<sup>274</sup> Jó está dizendo que os vínculos sanguíneos e os afetivos – incluindo aqueles que antes lhe haviam prestado reverências - , agora o ignoravam.

*Os meus ossos se apegam à minha pele e à minha carne, e salvei-me só com a pele dos meus dentes.*

*Compadecei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me atingiu.<sup>275</sup> Porque me perseguis como Deus me persegue e não cessais de devorar a minha carne?<sup>276</sup>*

*Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras! Quem me dera fossem gravadas em livro! Que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!<sup>277</sup>*

*Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim.<sup>278</sup> Se disserdes: Como o perseguiremos? E: A causa deste mal se acha nele, temei, pois, a espada, porque tais acusações merecem o seu furor, para saberdes que há um juízo.*

<sup>275</sup> Ele pede “misericórdia aos amigos”. Misericórdia é aquilo que o coração concede, espontaneamente, ao miserável. Ele não sabia é que, em geral, os humanos, especialmente os mais “piedosos”, não conseguem exercer misericórdia sobre aqueles que eles crêem que Deus atingiu. É, também, por esta razão, que Jesus diz que ao final haverá tantas surpresas, especialmente quando se pratica a Teologia Moral de Causa e Efeito, pois, são esses os que deixam de “socorrê-Lo” na miséria do miserável (Mt 25:31-46).

<sup>276</sup> Jó diz: “Que Deus me atinja, tudo bem, Mas e vocês, por que se associam a Ele para me fazer mal? Pediu Ele ajuda a vocês?”.

<sup>277</sup> E aqui, eu, escrevo este “comentário existencial” do *Livro de Jó*, quatro mil anos depois, digo ao meu irmão e amigo de perplexidades na Terra: “Jó, tuas palavras não foram impressas em material tão perecível quanto a rocha ou o bronze. Elas entraram em meu coração e no de milhões de outros, que em ti acharam consolo”.

<sup>278</sup> Dos versos 25 ao 27, Jó, ao contrário do que ortodoxamente se afirma, não está transferindo suas esperanças para o além e nem tão pouco nos falando de “ressurreição do corpo” - verdade na qual quem crê em Jesus não tem nem como e nem porque duvidar - ; ele afirma que neste corpo e com seus olhos ainda veria ao Deus Vivo e que Ele ainda se levantaria e se tornaria o Redentor de sua vida.

<sup>279</sup> **Então, respondeu Zofar, o naamatita:** *Visto que os meus pensamentos me impõem resposta, eu me apresso.*<sup>280</sup> *Eu ouvi a repreensão, que me envergonha, mas o meu espírito me obriga a responder segundo o meu entendimento.*<sup>281</sup>

*Porventura, não sabes tu desde todos os tempos, desde que o homem foi posto sobre a terra, o júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpio, momentânea?*<sup>282</sup>

*Ainda que a sua presunção remonte aos céus, e a sua cabeça atinja as nuvens, como o seu próprio esterco, apodrecerá para sempre; e os que o conheceram dirão: Onde está?*<sup>283</sup> *Voará como um sonho e não será achado, será afugentado como uma visão da noite. Os olhos que o viram jamais o verão, e o seu lugar não o verá outra vez. Os seus filhos procurarão aplacar aos pobres, e as suas mãos lhes restaurarão os seus bens.*

<sup>279</sup> E aqui ele adverte aos seus perseguidores que há um juízo para todos os *satanases* da terra.

<sup>280</sup> Zofar agora estava cativo da “compulsão de responder”. Esta é doença que nunca permite que as “injustiças pensadas e faladas”, possam cessar. Torna-se uma obrigação continuar a disputa.

<sup>281</sup> E quanto mais Zofar afirma que esse é “seu entendimento”, diz também, exatamente, que crê em todos os juízos proferidos por ele e seus amigos contra Jó.

<sup>282</sup> Não! Jó sabia mais. Ele sabia que “júbilo” e “alegria” são sentimentos impossíveis nos corações dos perversos e ímpios. Eles experimentam euforia e entusiasmo. Nada além disto!

<sup>283</sup> O perverso e o ímpio passam. Mas a perversidade e a impiedade não cessam, especialmente enquanto aqueles que dizem amar a Deus o servem com mais medo que temor; e com uma reverência sem carinho. Quando isso acontece, eles, sem o saberem, se tornam os agentes mais oficiais da perversidade e da impiedade, pois a praticam em nome de Deus.

*Ainda que os seus ossos estejam cheios de vigor da sua juventude, esse vigor se deitará com ele no pó. Ainda que o mal lhe seja doce na boca, e ele o esconda debaixo da língua, e o saboreie, e o não deixe; antes, o retenha no seu paladar, contudo, a sua comida se transformará nas suas entranhas; fel de áspides será no seu interior.*

*Engoliu riquezas, mas vomitá-las-á; do seu ventre Deus as lançará. Veneno de áspides sorveu; língua de víbora o matará. Não se deliciará com a vista dos ribeiros e dos rios transbordantes de mel e leite. Devolverá o fruto do seu trabalho e não o engolirá; do lucro de sua barganha não tirará prazer nenhum. Oprimiu e desamparou os pobres, roubou casas que não edificou.*

*Por não haver limites à sua cobiça, não chegará a salvar as coisas por ele desejadas. Nada escapou à sua cobiça insaciável, pelo que a sua prosperidade não durará. Na plenitude da sua abastança, ver-se-á angustiado; toda a força da miséria virá sobre ele. Para encher a sua barriga, Deus mandará sobre ele o furor da sua ira que, por alimento, mandará chover sobre ele.*

*Se fugir as armas de ferro, o arco de bronze o traspassará. Ele arranca das suas costas a flecha, e esta vem resplandecente do seu fel; e haverá assombro sobre ele. Todas as calamidades serão reservadas contra os seus tesouros; fogo não assoprado o consumirá, fogo que se apascentará do que ficar na sua tenda. Os céus lhe manifestarão a sua iniquidade; e a terra se levantará contra ele. As riquezas de sua casa serão transportadas; como água serão derramados no dia da ira de Deus. Tal é, da parte de Deus, a sorte do homem perverso, tal a herança decretada por Deus.*<sup>284</sup>

<sup>284</sup> Dos versos 8 ao 29, os argumentos são implacáveis e são de “verdade-mentira”. São verdade quando aplicados por Deus ao perverso que Ele assim desejar tratar na Terra. Mas nem na Terra nos é possível fazer afirmações dessa certeza, pois, afinal

*Respondeu, porém, Jó: Ouvi atentamente as minhas razões, e já isso me será a vossa consolação.<sup>285</sup> Tolerai-me, e eu falarei; e, havendo eu falado, podereis zombar.<sup>286</sup>*

*Acaso é do homem que eu me queixo? <sup>287</sup> Não tenho motivo de me impacientar? Olhai para mim e pasmai; e ponde a mão sobre a boca; porque só de pensar nisso me perturbo, e em calafrio se apodera de toda a minha carne.*

*Como é, pois, que vivem os perversos, envelhecem e ainda se tornam mais poderosos? Seus filhos se estabelecem na sua presença; e os seus descendentes, ante seus olhos. As suas casas têm paz, sem temor, e a vara de Deus não o fustiga. O seu touro gera e não falha, suas novilhas têm a cria e não abortam. Deixam correr suas crianças, como a um rebanho, e seus filhos saltam de alegria; cantam com tamboril e harpa e alegram-se ao som da flauta. Passam eles os seus dias em prosperidade e em paz descem à sepultura.<sup>288</sup> E são estes os que disseram a Deus:*

, como repetidas vezes já dissemos, nem a Bíblia e nem a História, empiricamente, nos comprovam essa tese como de aplicabilidade universal constante. O problema é que eles, além desse equívoco de generalização, ainda fizeram pior: aplicaram, implacavelmente, o princípio a Jó.

<sup>285</sup> A única coisa que um ser verdadeiramente oprimido pela perplexidade deseja é ser ouvido. Nada além disso.

<sup>286</sup> Jó começava a mergulhar num estado de cinismo em relação aos “amigos”. Ele sabia que sua vida, para as retidões deles, se tornara uma *calamidade ambulante*.

<sup>287</sup> Em outras palavras: “Vocês ainda não entenderam que minha queixa é com Deus. Fiquem fora. Com ele eu me entendo”. Mas, pergunta: “Será, todavia, que no meu estado eu tenho o direito à impaciência negado?” É quase como perguntar: “Vocês pensam que eu sou um mineral? Que minhas “virtudes” eram feitas de pedra?”

<sup>288</sup> Dos versos 5 a 13 Jó contradiz o *argumento universalista* pregado pelos amigos. Havia uma *universalidade*, uma pretensa “*catolicidade*” - católico significa universal – na tentativa deles de fazer os procedimentos dos perversos serem sempre e, ainda na Terra, “pagos por Deus” com as mesmas calamidades que atingiram a Jó. Ele, porém, os contradiz. Afirma que há casos em que é assim que acontece aos perversos. Mas, essa está longe de ser uma lei universal. Não há

*Retira-te de nós! Não desejamos conhecer os teus caminhos.*<sup>289</sup>

*Que é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos? E que nos aproveitará que lhe façamos orações?*<sup>290</sup> *Vede, porém, que não provém deles a sua prosperidade; longe de mim o conselho dos perversos!*<sup>291</sup>

*Quantas vezes sucede que se apaga a lâmpada dos perversos? Quantas vezes lhes sobrevêm a destruição? Quantas vezes Deus na sua ira lhes reparte dores? Quantas vezes são como a palha diante do vento e como a praga arrebatada pelo redemoinho?*<sup>292</sup>

nenhuma “catolicidade” na teologia moral de causa e efeitos imediatos, ainda na história. Ao contrário, como ele já havia repetido várias vezes, ele não negociava a sua tese: males e bens acontecem também à gente boa; e tanto “males” como também “prosperidades e seguranças”, podem também ser marcas de pessoas muito más, durante toda a vida na Terra e muitas vezes, nem mesmo os seus filhos colhem os resultados como calamidade.

<sup>289</sup> E aqui ele diz que a blasfêmia consciente – nem ela – é garantia de que o mal alcançará o blasfemo na Terra. E é obvio: se a “Teologia Moral de Causa e Efeito” fosse um fato do tempo e do espaço aplicável entre os humanos e nas suas relações com Deus na História, os perversos, até por malandragem, se deixariam “amestrar”, pois, em geral, eles são pragmáticos a ponto de “fingir e agir” como não são, a fim de, equivocadamente, tentarem impressionar os céus (Sl 50:16-21).

<sup>290</sup> No desespero de sua alma, Jó está a caminho do *deísmo* – a filosofia que diz que Deus criou o universo e o entregou à implacabilidade de leis predatórias, pois, *desta* criação Deus se ausentou - , pois, aflito pelos seus amigos, ele preferia mergulhar no deísmo que vender a sua alma a uma confissão que sua consciência não lhe permitia tratar com os homens.

<sup>291</sup> Então, ele retrocede e diz: “Não há deísmo. Deus não abandonou a criação. E pior: até a prosperidade dos maus vem Dele”. O que não resolvia nenhum problema, somente os mergulhava mais profundamente no Mistério amoral das decisões de Deus sobre os homens e a vida. Apenas depois é que aprenderemos que Deus não é o Deus da Moral por uma única razão: Ele é o Deus da Verdade! E as duas coisas quase nunca andam juntas: a primeira fala do que é, a segunda, do que a cada geração se convencionou ser!

*Deus, dizeis vós, guarda a iniquidade do perverso para seus filhos. Mas é a ele que deveria Deus dar o pago, para que o sinta.<sup>293</sup> Seus próprios olhos devem ver a sua ruína, e ele, beber do furor do Todo-Pderoso.<sup>294</sup> Porque depois de morto, cortado já o número dos seus meses, que interessa a ele a sua casa?<sup>295</sup>*

*Acaso, alguém ensinará ciência a Deus, a ele que julga os que estão nos céus?<sup>296</sup> Um morre em pleno vigor, despreocupado e tranquilo, com seus baldes cheios de leite e fresca a medula dos seus ossos. Outro, ao contrário, morre na amargura de seu coração não havendo provado do bem. Juntamente jazem no pó, onde os vermes os cobrem.*

<sup>292</sup> Nos versos 17 e 18 pede que se faça levantamento estatístico e se descobrirá que sua tese é verdadeira. Há casos exemplares mas a maioria dos perversos são espertos o suficiente para “escapar” na Terra; eles só não sabem é que quem escapa do juízo na terra, está recebendo um testemunho de *pouco-amor-divino*, pois Deus corrige e disciplina o filho a quem ama e submente aqueles que Lhe são amigos (digo: amigos de Deus) a provas que só um Jó pode discernir.

<sup>293</sup> Jó não concorda nem com a Teologia Moral de Causa e Efeito, que remete aos filhos os pecados dos pais (elas são a pior versão kardecista ao inverso, é o “próprio” quem reencarna para aprender, e não seus filhos por ele). Porém, Jó sabe que há “transferências” de males que viajam dentro de uma família. Mas nem aí ele encontra disciplinas exatas nem fixas, estatisticamente falando; e muito menos “justas”, pois, como viremos a saber bem depois, o fato dos “*pais comerem uvas verdes, não embotará os dentes de seus filhos*” diante de Deus (Ez 18-2).

<sup>294</sup> E aqui a tese de Jó se choca com as “*teologias reencarnacionistas de causa e efeito*”. Jó não vê consciência em ganhar “consciência” *numa outra vida*, sem que se tenha consciência do *porquê* se teve que aprender a “consciência”, sem a consciência de que isto estava acontecendo porque, numa vida anterior se viveu “*sem consciência*”. Assim, Jó afirma: a única consciência que tem que saber de si é a sua e, isto diante de Deus. E esse dia se chama Hoje!

<sup>295</sup> Para completar, Jó diz: A vaidade do perverso acaba com a consciência imediata que ele ganha acerca de sua inconsciência histórica quando ele bota os pés nos umbrais da eternidade. Então, nessa *hora-não hora-* que é portal da eternidade e a última chance – a tendência, ante a verdade-fato-de-ser-de-todas-as-coisas, é que mesmo o mais perverso, perceba que seus valores na Terra nada valem no além.

<sup>296</sup> Aqui Jó diz: “Gente, eu não entendo Deus. Mas nem os do céu o entendem, também. Então, vamos tentar *não tentar entender* em honra a Deus!”.

*Vede que conheço os vossos pensamentos e os injustos desígnios com que me tratais. Porque direis: Onde está a casa do príncipe, e onde a tenda em quem orava o perverso?*

*Porventura, não tendes interrogado os que viajam? E não considerastes as suas declarações, que o mau é poupado no dia da calamidade, é socorrido no dia do furor?* <sup>297</sup>

*Quem lhe lançará em rosto o seu proceder? Quem lhe dará o pago do que faz? Finalmente, é levado à sepultura, e sobre o seu túmulo se faz vigilância. Os torrões do vale lhe são leves, todos os homens o seguem, assim como não têm número os que foram adiante dele.*

*Como, pois, me consolais em vão? Das vossas respostas só resta falsidade.* <sup>298</sup>

<sup>297</sup> Dos versos 23 ao 30, Jó pede aos seus amigos que se abram para os fatos da vida. Continuar pensando e julgando aos outros daquele modo era uma alienação que quem quer que estivesse vivo, em contato com o próximo e com a vida – mesmo que fosse viajando e fazendo negócios - , não poderia deixar de enxergar. Ou seja: que não é neste mundo caído que a justiça de Deus se manifesta como Lei Moral Universal Exata. Pois, se assim fosse, quem subsistiria? Portanto, mesmo doendo nele, ele preferia poder pensar na injustiça como uma possibilidade nas permissões de Deus. Brigar com o Mistério de Deus, para ele, ainda era um risco muito menor do que tentar formatar a Deus, como a “um deus”. O Deus do Mistério é Deus! O deus da explicação é “um deus”. E é só isto!

<sup>298</sup> Dos versos 31 ao 34, Jó diz que, além de ser erro estatístico, aquele pensamento também era um “acordo” com algo que negava o Mistério de Deus. Ele prefere não saber com certeza do que se enganar pensando que sabe alguma coisa.

## COMENTÁRIO

Jó, entregue à perplexidade, discerne aquilo que somente na perplexidade se consegue perceber: *que a perplexidade não traz consigo certezas, mas nos consola com uma forma misteriosíssima de amor*; isso, obviamente, se não crê nem se pratica a *Teologia Moral de Causa e Efeito*, conforme o credo de seus amigos.

Do contrário, nós mesmos fazemos contra nós aquilo que Deus não havia dado consentimento a Satanás de realizar: *atentar contra a vida de Jó!*

Se Jó sucumbisse às interpretações dos amigos, ele perderia, como homem, a sua alma - obviamente, que falo de alma como psique - !

Nós, infelizmente, quando nos tornamos adeptos da *Teologia Moral de Causa e Efeito*, fazemos mais mal a nós mesmos que o Diabo consegue fazer-nos.

Sabe por quê? Porque sobre Satanás, Deus diz: *“Não lhe toque a vida”* - referindo-se a Jó. Contudo, não tirou de Jó, em momento algum, o poder de atentar contra a sua própria vida! E nem impediu aos seus amigos de o destrincharem e o despedaçarem com a volúpia dos abutres!

Quando se trata da vida humana, o Diabo tem muito menos poder de fazer mal a você, que você a si mesmo, você ao seu próximo e seu próximo a você!

A estratégia do Diabo, quando você é um praticante da *Teologia Moral de Causa e Efeito*, é outra: Satanás convence você de ser uma pessoa cheia de “razões”, “direitos”, “justiças”, “verdades”, “autoridade”, “virtude”, “amor” e muitas outras coisas; e, então, depois, faz você transformar tais virtudes em Lei para a sua própria vida e para a dos outros. Ora, são justamente essas virtudes do amor, enquanto verdadeiras e espontâneas, que nos libertam da Lei que opera em nosso ser e contra nós<sup>299</sup>. Todavia, quando o Diabo consegue essa inversão, o resto do trabalho nós fazemos por ele, contra nós mesmos: a cada *desvirtude* encontrada em meio às nossas pretensas virtudes, corresponde uma *culpa*; a cada culpa, uma tentativa de *auto-justificação* - seja pela via de uma recaída ao comportamentalismo, seja por uma dedicação a um *tempo de purgação*, ou seja, por um ódio horrível voltado contra si mesmo, só que projetado no próximo! O próximo passo, quando se constata que a auto-justificação só engana aos outros, mas nem a nós mesmos e muito menos a Deus, é o mergulho na *hipocrisia*, ou no *cinismo* ou na *esquizofrenia*. Aí, nem você decide mais quais serão os contornos de sua doença!

Eu, todavia, não vejo rigor nos evangelhos para esquizofrênicos, mas o percebo expresso contra hipócritas e cínicos<sup>300</sup>.

Aliás, segundo o profeta Isaías, neste *Caminho Santo* – que é o caminho da *Graça* escolhido por Jó, mesmo que perplexo ante o Mistério! - até os *loucos* não se enganam quanto a o discernirem<sup>301</sup>.

O grande problema é quando a Teologia Moral se torna “mãe” dos desígnios de Deus para os homens. Quando isto acontece muitos filhos de Deus ficam órfãos na Terra.<sup>302</sup>

<sup>299</sup> Rm 4:4-8; Rm 4:13-16; Gl 5:23

<sup>300</sup> Mt 23:1-36

<sup>301</sup> Isaías 25:8.

<sup>302</sup> Tornam-se “ovelhas sem pastor” (Mc 6:34)

A prova disso é Jó. Sua orfandade de “Deus” - digo: do “deus” dos amigos - , dos parentes, dos conhecidos, dos que antes o reverenciavam, dos muitos que diziam que com ele haviam aprendido a sabedoria, daqueles que ele amava e dos “amigos” nos quais sua alma antes tivera prazer, é, de fato, a grande orfandade que se pode experimentar em qualquer idade, especialmente na meia idade e na velhice.

Uma das mais fortes falências da Terra, com poder de levar qualquer um ao desespero suicida, é a falência de amigos e de relacionamentos verdadeiros!

Orfandades produzidas pelas perdas geradas pelo juízo do homem contra o próximo - feito em nome de Deus e consubstanciado pelas opiniões generalizadas de “*todos em volta*” deixa o homem só, e sem a silenciosa dignidade da morte!

Ser “*forçado*” a viver depois de ser “*visto como morto*”, é a dor que mais devasta aquele que assiste ao seu funeral existencial, patrocinado pelos sacerdotes da Teologia Moral de Causa e Efeito.

Essa “*orfandade*” é a mais espalhada de todas as emoções da Terra! Isto porque fazer Deus “*filho da moral humana*” - já que, à luz da Bíblia, da História e de qualquer forma de psicologia, não é possível realizar tal façanha - , faz com que aqueles que dependem exclusivamente de Sua *Graça* sejam considerados os bastardos que O negam, especialmente quando não admitem que suas perplexidades tenham que ser o produto de um encontro de contas entre Deus e Seus filhos.<sup>303</sup>

E a razão é simples: na Teologia Moral é o homem quem julga o homem, e o julgamento de um homem contra o seu próximo é mais proibido na Bíblia que *invocar mortos*. Isto porque quando se

<sup>303</sup> Mt 20:12; Rm 4:4-5

faz essa “concessão” à *Teologia Moral*, põe-se um homem nas mãos de outros, tirando dele sua vocação essencial na Terra, que é olhar para cima e para dentro; olhar em volta e olhar em frente. Olhar para trás e depois olhar para as profecias da *Graça* que nele sempre existem; e, então, com sua própria consciência, se entregar as mãos de Deus, mesmo sem entender nada do que lhe acontece, confiando a Deus o juízo e constituindo Deus o Advogado de sua perplexidade!

A maior dor de Jó era sua orfandade de “Deus”, de amigos e até de homens!

É horrível viver num mundo onde os amigos se tornam os piores juizes e onde os “homens” são penas “imagens de machos ou fêmeas”, mas não correspondem à imagem de Deus entre nós.

E a lição de Jó é aterradora: *ele prefere estar só, sendo ele mesmo, so que ser alguém que não seja ele mesmo!*

E ele sabe que para o verdadeiro Deus, nenhum homem é Seu filho antes de se assumir como homem. Afinal, Deus só enfrenta Deus a favor de homens; e homens só se tornam tais quando crêem que nem Deus deseja tê-los sem que eles sejam quem foram criados para ser, mesmo neste mundo caído!

Isto é: pessoas não necessariamente próximas a qualquer forma de perfeição, porém, com certeza, seres que não negam a integridade de quem são, mesmo que isto signifique lutar contra tudo e todos, mas sem negociar a sua consciência!

Aqueles, todavia, que buscam esconder-se na *moral-mãe-de-deus*, conhecem apenas “máximas morais” que não sobrevivem no dia da calamidade. Aqueles, porém, que escolheram o caminho de sua solidão, de sua orfandade e sua total inexplicabilidade como *acidentes humanos na história*, mesmo que os demais não o percebam, são, de fato, aqueles que recebem o abraço de Deus, o Pai!

Afinal, Jó é um “filho pródigo” ao contrário: ele não vai a lugar nenhum, não visita geograficamente nenhuma terra distante, todavia, todas as desGraças vêm a ele; e a pior de todas não é ver que Deus lhe preparou uma festa de volta ao lar e os irmãos não quiseram vir; ao contrário, sua dor é ver que sua desGraça vem de Deus, mas os irmãos não querem acolhê-lo e nem mesmo conseguem imaginar que por trás de tanta desGraça havia uma Graça especial em operação.<sup>304</sup>

Ora, tanto o *irmão mais velho do filho pródigo* quanto os *amigos de Jó*, haviam se formado na mesma escola – especialmente frequentada por *fariseus* -, que é aquela onde tanto faz se você foi atrás das calamidades ou se as calamidades vieram atrás de você; se o Pai deu uma festa para receber o filho ou se preparou um funeral-de-morto-vivo para celebrar a volta de seu filho. Sim! Tanto faz! Eles se negam tanto a entrar na festa como a chorar o morto-vivo em silêncio perplexo e reverente!<sup>305</sup>

Ao final, aprendemos que todos os enganos e juízos do homem contra o seu próximo têm, metafisicamente, o mesmo “pai”, o Diabo, e a mesma “mãe”, a *Teologia Moral de Causa e Efeito!*<sup>306</sup>

<sup>304</sup> Lc 15:11-32

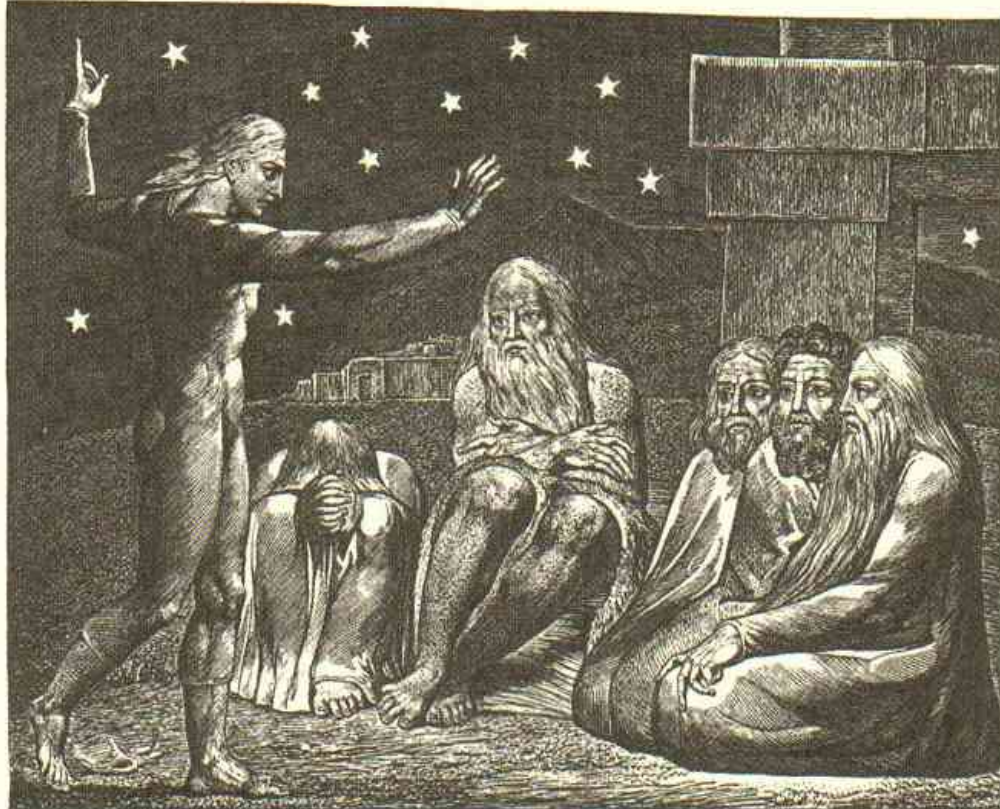
<sup>305</sup> Mt 11:16-19

<sup>306</sup> Retomarei este tema num outro livro a ser lançado em breve.

For God speaketh once yea twice  
& Man perceiveth it not  
In a Dream in a Vision of the Night  
in deep Slumberings upon the bed  
Then he openeth the eyes of Men & searcheth their instruction

That he may withdraw Man from his purpose  
& hide Pride from Man  
& saith Deliver him from going down to the Pit  
then he is gracious unto him  
I have found a Ransom

For his eyes are upon  
the ways of Man & he observeth  
all his goings



I am Young & ye are very Old wherefore I was afraid

Lo all these things worketh God oftentimes with Man to bring  
back his Soul from the pit to be enlightened  
with the light of the living

Look upon the heavens & behold the clouds  
which are higher  
than thou

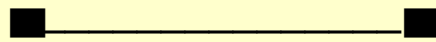
If thou sinnest what  
doest thou against him or if thou be  
righteous what givest thou unto him

W. Blake invent & sculpt.

London Published as the Act directs March 8: 1825 by Will Blake N3 Fountain Court Strand

Proof

## CAPÍTULO VIII



### *Quando a Piedade se Torna o Escudo do Acusador*

*Então, respondeu Elifaz, o temanita: Porventura, será o homem de algum proveito a Deus? Antes, o sábio é só útil a si mesmo.<sup>307</sup> Ou tem o Todo-Poderoso interesse em que sejas justo ou algum lucro em que faças perfeitos os teus caminhos? Ou te repreende pelo teu temor de Deus ou entra contra ti em juízo?*

*Porventura, não é grande a tua malícia, e sem termo as tuas iniquidades?<sup>308</sup> Porque sem causa tomaste penhores a teu irmão e aos seminus despojaste das suas roupas.*

<sup>307</sup> Antes, eles recomendavam a Jó a busca da verdadeira sabedoria. Agora, após começarem a se sentir vencidos nas armas que eles mesmos haviam escolhido – a sabedoria - , o raciocínio começa a se adequar às necessidades; neste ponto, a sabedoria só ajuda ao próprio “sábio-sabido” a se sair bem. E isso, do ponto de vista prático, implicava que, naquele plano de conflito, eles estavam começando a “jogar a toalha”.

<sup>308</sup> Dos versos 3 a 5, Elifaz se contradiz em relação a tudo que ele vinha advogando até então. Agora, ele começa a tentar tirar Deus do diálogo e introduzir, definitivamente, os males de Jó como advindos não de “cenários ocultos”; agora, ele evoca o testemunho de pessoas que haviam sido expropriadas por ele.

<sup>309</sup> Não deste água a beber ao cansado e ao faminto retiveste o pão.<sup>310</sup> Ao braço forte pertencia a terra, e só os homens favorecidos habitavam nela.<sup>311</sup> As viúvas despediste de mãos vazias, e os braços dos orfãos foram quebrados.<sup>312</sup> Por isso, estás cercado de laços, e repentino pavor te conturba ou trevas, em que nada vês; e águas transbordantes te cobrem.<sup>313</sup>

*Porventura, não está Deus nas alturas do céu? Olha para as estrelas mais altas. Que altura!*<sup>314</sup>

*E dizes: Que sabe Deus? Acaso poderá ele julgar através de densa escuridão? Grossas nuvens o encobrem, de modo que não pode ver; ele passeia pela abóbada do céu.*<sup>315</sup>

Daí em diante seu mal passa a ser social e todas as suas bondades anteriormente afirmadas, não passaram de um grande “esquema” para ocultar a verdadeira opressão de Jó contra o seu próximo, com a acusação de que ele havia sido um “explorador da miséria alheia”. Isso acontece no coração dos amigos, quando sua vergonha de derrota pelo amigo-acusado é flagrante até no âmbito das eleições que eles, os amigos-ofensores, haviam feito, escolhendo, inclusive, o “campo de batalhas” e as “armas de combate”. Jó os havia enfrentado em seu próprio território e os havia vencido. Mas, a admissão da derrota, em geral, só acontece quando não há mais recurso a se recorrer. Daí, agora, a “campanha” ser para o destituir até mesmo da dignidade de sua própria história (versos de 6 a 13).

<sup>309</sup> Elifaz diz que Jó lucrara, oportunistamente, com a fraqueza e a miséria dos oprimidos.

<sup>310</sup> Sua falta de solidariedade para com o próximo tinha sido perversa.

<sup>311</sup> A prosperidade de Jó era fruto do conluio dele com os poderosos.

<sup>312</sup> Seu coração havia sido indiferente até mesmo a viúvas e a orfãos.

<sup>313</sup> Então, irremediavelmente, Elifaz volta à Teologia Moral de Causa e Efeito, e diz: “Tu estás assim em razão do mal que tu fizeste ao próximo”.

<sup>314</sup> Os *amigos de Jó* só olhavam para Deus “fora”, nos céus. Deus é percebido “fora” apenas por meio das coisas criadas (Rm 1:16-18). Mas, só é encontrado como Deus, “dentro”, nos infinitos ambientes do coração (Is 66:1-2).

<sup>315</sup> Aqui ele deixa claro que sua visão de Deus se baseava na percepção do universo de leis fixas. Ora, era a tentativa deles de transportarem os princípios da causalidade do universo físico para o mundo dos humanos, o que gerara neles a Teologia Moral de Causa e Efeito.

*Queres seguir a rota antiga, que os homens iníquos pisaram? Estes foram arrebatados antes do tempo; o seu fundamento, uma torrente o arrasta.*

*Diziam a Deus: Retira-te de nós. E: que pode fazer-nos o Todo-Poderoso? Contudo, ele encheu de bens as suas casas. Longe de mim o conselho dos perversos!*<sup>316</sup>

*Os justos o vêem e se alegram, e o inocente escarnece deles, dizendo: Na verdade, os nossos adversários foram destruídos, e o fogo consumiu o resto deles.*<sup>317</sup> *Reconcilia-te, pois, com ele e tem paz, e assim te sobrevirá o bem.*<sup>318</sup> *Aceita, peço-te, a instrução que profere e põe as suas palavras no teu coração. Se te converteres ao Todo-Poderoso, serás restabelecido; se afastares a injustiça da tua tenda e deitares ao pó o teu ouro e o ouro de Ofir entre pedras dos ribeiros, então, o Todo-Poderoso será o teu ouro e a tua prata escolhida.*<sup>319</sup>

<sup>316</sup> Dos versos 8 ao 18, como não poderia deixar de ser, o tema social-moralista desemboca na “teologia moral”. Assim, outra vez, Deus é chamado à cena como Aquele que se vingava de Jó.

<sup>317</sup> Aqui, Elifaz diz que todo escárnio e zombaria, além das vergonhas públicas que Jó experimentava, eram mais que celebráveis. Afinal, “justiça havia sido feita na Terra”. Esta era a opinião deles! (Pv 24: 15-18)

<sup>318</sup> É aqui, neste ponto, que um homem que tenha o nível de consciência de Deus que Jó possuía pára todos os seus esforços para, honestamente, continuar a conversa; isso acontece quando, após um “sermãozinho-pobrememente-moralista”, alguém, então, convida o desesperado a se “reconciar com Deus”, para que sua sorte lhe seja “restaurada”. Para Jó, o curvar-se ante aquela estupidez era como aceitar ser espiritualmente o “asno” que eles haviam, antes, dito que ele era. O problema é que quando você conhece a Deus de um certo nível para cima, caso os amigos não sejam filhos da *Graça*, por mais que você tente, sua alma não consegue não se sentir estuprada ante qualquer tentativa de ceder a tais agressões espirituais.

<sup>319</sup> Dos versos 22 a 25, o simplismo da admoestação, que pressuponha a necessidade da “conversão” de Jó, ainda conclui com mais uma “aberração”: Jó ainda não havia sido despojado de tudo.

*Deleitar-te-ás, pois, no Todo-Poderoso e levantarás o rosto para Deus. Orarás a ele, e ele te ouvirá; e pagarás os teus votos.*

*Se projetas alguma coisa, ela te sairá bem, e a luz brilhará em teus caminhos. Se estes descem, então, dirás: Para cima! E Deus salvará o humilde e livrará até ao que não é inocente; sim, será libertado, graças à pureza de tuas mãos.<sup>320</sup>*

*Então respondeu Jó:*

*Ainda hoje a minha queixa é de um revoltado, apesar de a minha mão reprimir o meu gemido.<sup>321</sup>*

*Ah! Se eu soubesse onde o poderia achar! Então, me chegaria ao seu tribunal. Exporia ante ele a minha causa, encheria a minha boca de argumentos. Saberria as palavras que ele me respondesse e entenderia o que me dissesse. Acaso, segundo a grandeza de seu poder, contenderia comigo? Não; antes, me atenderia.<sup>322</sup> Ali, o homem reto pleitearia com ele, e eu me livraria para sempre do meu juiz.*

*Eis que, se me adianto, ali não está; se torno para trás, não o percebo. Se opera à esquerda, não vejo; esconde-se à direita, e não o diviso.*

Ainda havia “mais ouro” para entregar, a fim de assim demonstrar para Deus que Ele era o seu único tesouro na Terra. Assim, além das contradições da história em si – afinal, antes, eles já haviam dito que se Jó aceitasse aquele “arrependimento”, então, o seu ouro voltaria para a sua tenda - , eles voltam ao tema de *troca*, que, em si mesmo, já anula a *Graça* e afirma a Teologia Moral de Causa e Efeito.

<sup>320</sup> Dos versos 25 a 30. Elifaz faz um apelo desastroso: convida Jó ao arrependimento e conclui no verso trinta com o Teologia Moral, quando diz que se Jó se convertesse a Deus, “até aquele que não era inocente...seria libertado, *graças* à pureza das mãos” de Jó! Pode haver teologia mais distante da *Graça* do que essa?

<sup>321</sup> Jó diz: “Minha alma continua revoltada, mas ainda tento reprimir o meu gemido diante de vocês”.

<sup>322</sup> Dos versos 1 ao 5, Jó afirma que ele sofre apenas por causa da indisponibilidade de Deus até aquele momento. Mas sabe que no dia em que Deus falasse ele, Jó, “entenderia”. Em outras palavras: no dia em que ele se revelar, nós nos abraçaremos.

*Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia em como o ouro. Os meus pés seguiram as suas pisadas; guardarei o seu caminho e não me desviei dele. Do mandamento de seus lábios nunca me aparte, escondi no meu íntimo as palavras da sua boca. Mas, se ele resolveu alguma coisa, quem o pode dissuadir? O que ele deseja, isso fará.<sup>323</sup>*

*Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo.<sup>324</sup> Por isso, me perturbo perante ele; e, quando o considero, temo-o.*

*Deus é quem me fez desmaiar o coração, e o Todo-Poderoso, quem me perturbou, porque não estou desfalecido por causa das trevas, nem porque a escuridão cobre o meu rosto.<sup>325</sup> Por que o Todo-Poderoso não designa tempos de julgamento? E por que os que o conheceram não vêem tais dias?*

*Há os que removem os limites, roubam os rebanhos e os apascentam. Levam do orfão o jumento, da viúva, tomam-lhe o boi. Desviam do caminho os necessitados, e os pobres da terra todos têm de esconder-se. Como asnos monteses no deserto, saem este para o seu mister, à procura de presa no campo aberto, como pão para eles e seus filhos. No campo segam o pasto do perverso e lhe rabiscam a vinha. Passam a noite nus por falta de roupa e não têm cobertas contra o frio.*

<sup>323</sup> Dos versos 7 ao 13 nega o princípio da causalidade moral. Ele diz que se esses princípios fossem verdadeiros e universais em sua aplicabilidade absoluta, de acordo com a teologia de seus amigos, então, quem estaria bem era ele e não eles. Todavia, ele sabe que Deus decidiu alguma coisa sobre ele, e dessa decisão inescrutável, quem o poderia livrar a não ser o próprio Deus?

<sup>324</sup> Ele sabe, todavia, que a história de Deus com ele e a dele com Deus ainda está longe de ter terminado na Terra.

<sup>325</sup> Aqui ele conclui dizendo que o seu temor vinha da Indisponibilidade de Deus, pois, as trevas e a escuridade, essas até o ajudavam; afinal, cobriam a sua vergonha e o seu rosto.

*Pelas chuvas das montanhas são molhados e, não tendo refúgio, abraçam-se com as rochas.*

*Orfãozinhos são arrancados ao peito, e dos pobres se toma penhor; de modo que estes andam nus, sem roupa, e, famintos, arrastam os molhos. Entre os muros desses perversos espremem o azeite, pisam-lhe o lagar; contudo, padecem sede.*

*Desde as cidades gemem os homens, e a alma dos feridos clama; e, contudo, Deus não tem isso por anormal.<sup>326</sup> Os perversos são inimigos da luz, não conhecem os seus caminhos, nem permanecem nas suas veredas. De madrugada se levanta o homicida, mata ao pobre e ao necessitado e de noite se torna ladrão. Aguardam o crepúsculo os olhos do adúltero; este diz consigo: Ninguém me reconhecerá; e cobre o rosto. Nas trevas minam as casas; de dia se conservam encerrados; nada querem com a luz. Pois, a manhã para todos eles é como sombra de morte; mas os terrores da noite lhes são familiares.*

*Vós dizeis: Os perversos são levados rapidamente na superfície das águas; maldita é a porção dos tais na terra; já não andam pelo caminho das vinhas. A secura e o calor desfazem as águas da neve; assim faz a sepultura aos que pecaram. A mão se esquecerá deles, os vermes os comerão gostosamente; nunca mais haverá lembrança deles; como árvore será quebrado o injusto, aquele que devora a estéril que não tem filhos e não faz o bem à viúva.*

<sup>326</sup> Dos versos 1 ao 12, Jó descreve o cenário da verdadeira opressão e da exploração do fraco pelos poderosos e conclui: Deus não marcou um dia conosco para fazer esse juízo visto. O perverso – amparado pelo pragmatismo animal da “lei da sobrevivência dos mais fortes” -, é aquele que regularmente, de modo natural, até mesmo porque sabe as composições de poder existentes na sociedade humana, “se dá bem”. Mas, parece que seus amigos não conseguem admitir que este é, realmente, um mundo caído e que jaz no maligno.

*Não! Pelo contrário, Deus por sua força prolonga os dias dos valentes; vêm-se eles de pé quando desesperavam da vida.<sup>327</sup> Ele lhes dá descanso, e nisso se estribam; os olhos de Deus estão nos caminhos deles. São exaltados por breve tempo, depois, passam, colhidos como todos os mais; são cortados como as pontas das espigas. Se não é assim, quem me desmentirá e anulará as minhas razões?<sup>328</sup>*

*Então, respondeu Bildade, o suíta:*

*A Deus pertence o domínio e o poder; ele faz reinar a paz nas alturas celestes. Acaso, têm número os seus exércitos? E sobre quem não se levanta a sua luz? Como, pois, seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce da mulher? Eis que até a lua não tem brilho, e as estrelas não são puras aos olhos dele. Quanto menos o homem, que é gusano, e o filho do homem, que é verme!<sup>329</sup>*

*Jó, porem, respondeu:*

*Como sabes ajudar ao que não tem força e prestar socorro ao braço que não tem vigor! Como sabes aconselhar ao que não tem sabedoria e revelar plenitude de verdadeiro conhecimento! Com a ajuda de quem proferes tais palavras? E de quem é o espírito que fala em ti?*

<sup>327</sup> Dos versos 13 ao 22, os argumentos de Jó continuam de um “realismo irrefutável”. De fato, esse é o testemunho que a História dá de si mesma, como regra geral. É por essa razão que os santos são tão diferentes do resto da humanidade. E mais que isto: na maioria das vezes o ser perverso vive vida longa e celebra as suas próprias “espertezas contra Deus e ao próximo”. Jó, porém, diz: esse é mais um desígnio de Deus!

<sup>328</sup> A conclusão de Jó é simples: não há nada muito diferente, no “resultado visível e histórico”, entre a vida do homem bom e do homem mau. De algum modo, Jó diz que Deus “faz vir chuvas sobre maus e bons e vir sol sobre justos e injustos”. E se isso é mal aos olhos do homem, queixe-se, então, ele, contra a bondade de Deus. Esses são, todavia, fatos irretorquíveis.

*A alma dos mortos tremem debaixo das águas com seus habitantes. O além está desnudo perante ele, e não há cobertura para o abismo. Ele estende o norte sobre o vazio e faz pairar a terra sobre o nada. Prende as águas em densas nuvens, e as nuvens não se rasgam debaixo delas. Encobre a face do seu trono e sobre ele estende a sua nuvem. Traçou um círculo à superfície das águas, até aos confins da luz e das trevas. As colunas do céu tremem e se espantam da sua ameaça. Com a sua força fende o mar e com o seu entendimento abate o adversário. Pelo seu sopro aclara os céus, a sua mão fere o dragão veloz.*

*Eis que são apenas as orlas dos seus caminhos! Que leve sussurro temos ouvido dele! Mas o trovão do seu poder, quem o entenderá?<sup>330</sup>*

***Prosseguindo Jó em seu discurso:*** *Tão certo como vive Deus, que me tirou o direito, e o Todo-Poderoso, que amargurou a minha alma, enquanto em mim estiver a minha vida, e o sopro de Deus nos meus narizes, nunca os meus lábios falarão injustiça, nem a minha língua pronunciará engano.*

*Longe de mim que eu vos dê razão! Até que eu expire, nunca afastarei de mim a minha integridade.<sup>331</sup> À minha justiça me apegarei e não a largarei; não me reprova a minha consciência por qualquer dia da minha vida.*

<sup>329</sup> Esse comentário de Bildade já parece brincadeira de criança. Quando cessam as razões, começam “as piedades” sem relação – essas sim! - de causa e efeito. Ora, o mundo dos humanos e suas produções não obedece a leis fixas. Mas a mente humana pode pensar com começo-meio-fim, pelo menos nos limites de suas percepções. Mas, o adepto da Teologia Moral de Causa e Efeito, quando não tem mais o que dizer, “converte-se”, rapidamente, às piedades sem causa e efeito. Ora, isto deveria nos fazer ver como é ridículo o que um homem faz contra o outro, em nome de Deus, para, ao final, terminar de modo tão pateticamente devocional!

<sup>330</sup> Do verso 1 ao 4, Jó ridiculariza a súbita devocionalidade de Bildade. E daí em diante, o que ele diz é basicamente o seguinte: Se o negócio é levar para o “desvio” devocional, então, ouçam o que eu penso, devocionalmente, sobre Deus (5 a 23).

<sup>331</sup> De 1 a 5, Jó diz que a “teologia” dos amigos era injustiça e engano. E que

*Seja como o perverso o meu inimigo, e o que se levantar contra mim, como o injusto.*

*Porque qual será a esperança do ímpio, quando lhe for cortada a vida, quando Deus lhe arrancar a alma? Acaso, ouvirá Deus o seu clamor, em lhe sobrevindo a tribulação? Deleitar-se-á o perverso no Todo-Poderoso e invocará a Deus em todo o tempo?*<sup>332</sup>

*Ensinar-vos-ei o que encerra a mão de Deus e não vos ocultarei o que está com o Todo-Poderoso. Eis que todos vós já vistes isso; por que, pois, alimentais vãs noções?*<sup>333</sup>

*Eis qual será da parte de Deus a porção do perverso e a herança que os opressores receberão do Todo-Poderoso: Se os seus filhos se multiplicarem, será para a espada, e a sua prole não se fartará de pão. Os que ficarem dela, a peste os enterrará, e as suas viúvas não chorarão. Se o perverso amontoar prata como pó e acumular vestes como barro, ele os acumulará, mas o justo é que os vestirá, e o inocente repartirá a prata. Ele edifica a sua casa como a da traça e como a choça que o vigia constrói. Rico se deita com a sua riqueza, abre os seus olhos e já não a vê. Pavores se apoderam dele como inundaçãõ, de noite a tempestade o arrebatã. O vento oriental o leva, e ele se vai; varre-o com ímpeto do seu lugar.*

nunca estivera tão próximo ao pecado do que quando pensou se porventura seus amigos não estariam certos e ele errado. Mas, exorciza esse pensamento com um “longe de mim tal coisa”.

<sup>332</sup> Dos versos 6 ao 10, ele diz que sabe que a devoção a Deus não vem da supremacia dos perversos, mas de corações que não negam suas consciências diante de Deus.

<sup>333</sup> Em outras palavras, Jó lhes diz: “Nós não estamos diante da teologia; meus argumentos não são filosofias; eu os firmo na história, na sociologia, na psicologia e, sobretudo e acima de tudo, no realismo da Sabedoria de Deus. Portanto, parem de abstrações e me digam se a vida, na Terra, não é assim como eu digo que é!”

*Deus lança isto sobre ele e não o poupa, a ele que procura fugir precipitadamente da sua mão; à sua queda lhe batem palmas, à saída o apupam com assobios.*<sup>334</sup>

<sup>334</sup> Dos versos 13 a 23, Jó diz que sabe que haverá um acerto de contas de Deus com a perversidade humana e que esse dia vem de modos distintos e pode ser na história ou no além; mas, o fato é que este é um “chão sagrado”, e que o sábio, ao invés de interpretar todas as calamidades como castigos, deveria, ele sim, “guardar o seu coração no temor de Deus”, havendo ou não consequências na Terra. Assim, mais que ninguém, ele diz que o temor de Deus não é medo de Deus; é, antes, uma entrega seduzida e abandonada ante o mistério de Deus e uma disposição de ser Dele, mesmo no dia em que Ele não nos parece disponível a nós!

## COMENTÁRIO

Os *amigos de Jó* haviam sido derrotados no embate teológico-moral, ao qual haviam se proposto em relação a ele, que estava esmagado, amargurado de agonias, perplexo, agarrado a Deus pelo “fiapo inquebrável” da fé, mas que, em meio a tudo isto, não perdera a lucidez e muito menos sua integridade de ser; como um agravante: ele não negociava sua consciência nem mesmo em nome de Deus!

Elifaz, Zofar e Bildade – os “amigos” - usaram todas as suas “máximas teológicas” e suas “sabedorias românticas”, tentando falsificar a dura realidade da vida e, inconscientemente, diminuir em muito, as *consequências da Queda*, inclusive não percebendo que ela também desestruturou a lógica humana.

A lógica dos humanos é uma “lógica caída”, só que ela não sabe disso. E talvez, apenas na complexidade vivida diante de Deus, se possa, de fato, compreender isto, não apenas de um modo filosófico-teológico, mas empírico e espiritual. Ou seja, tem-se que experimentar para discernir de dentro, sob a Luz da *Graça*, a fim de se poder *saber-não-entender* o Mistério, numa dimensão mais integral, e sobretudo, sentida de modo psicológico.

A *Graça* habita, naturalmente, muito mais o coração que a razão, pois a alma tende a se curvar muito mais às percepções intuídas pelo espírito que nossos *corpos-cérebros-memórias-processos- racionais* conseguem.

Os argumentos dos *amigos de Jó, todavia*, não resistiram aos *fatos da realidade* apresentados por Jó. De fato, fica impossível pensar que as bondades desta vida “perseguem” os bons e que as maldades “correm absoluta e implacavelmente” no encalço dos maus.

Ou seja, *Jó não cria que o universo inteiro “conspirava” em favor de um homem bom com um sonho bom*. Há ocasiões em que isto acontece, há outras em que não. E quem pode explicar por que é assim?

O que se precisa entender é que somente um homem que enxerga a vida a partir das *lentes-verdade da Graça* é que consegue não perder a lucidez na perplexidade. Isto porque somente a *Graça – que é favor imerecido* – é que pode lidar com toda forma de “*imerecido*”, pois, aquele que se vê filho do “*imerecido*” para o bem, mesmo não entendendo o significado do “*dia mal*”, pode usar a lógica da *Graça* a seu favor, que é: “*Dele recebemos o bem e não receberíamos também o mal?*”.

Ou seja: quem sabe que todo bem que recebe é “*imerecido*”, não se magoa com Deus – mesmo que se queixe – quando o mal o visita!

E vale lembrar que enquanto Jó estava em silêncio e seus amigos também, de sua boca não procedeu desculpa!

A consciência da *Graça* não explica a tragédia, mas a *descatastrofiza*, pois, *faz crer* que se o bem é *imerecido*, então, atrás de todo mal, *se oculta também um bem imerecido!*<sup>335</sup>

Em outras palavras: é a *Graça* que faz de todo dia um dia de “oportunidade”. E, nesse caso, a oportunidade é impossível de ser evitada, pois, não importando qual seja o caminho escolhido, haverá, no fim dele, uma “conspiração”; essa sim, absoluta, que é aquela que nos possibilita afirmar que todas as coisas, conjuntamente, trabalham a favor daqueles que amam a Deus.

<sup>335</sup> Rm 8:28-29

Ora, *Aquele* que realiza esse *trabalho*, o faz mesmo nas piores consequências experimentadas pelo existir humano, que só encontra em Deus sua razão de ser e sua finalidade absoluta na Terra e na eternidade!

Canst thou bind the sweet influences of Pleiades or loose the bands of Orion

Let there Be  
Light

Let there be A  
Firmament

Let the Waters be gathered  
together into one place  
& let the Dry Land  
appear

And God made Two Great Lights  
Sun  
Moon

Let the Waters bring  
forth abundantly  
fowl of the air

Let the Earth bring forth  
Cattle & Creeping things  
& Beast



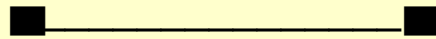
When the morning Stars sang together, & all the  
Sons of God shouted for joy

W. Blake  
Inventor & Sc.

London. Published in the Act. dated March 8. 1825 by Will. Blake N. 3 Fountain Court Strand

Proof

## CAPÍTULO IX



### *Deus Deus ao Homem Poder Para Alterar as Relações de Causa e Efeito Na Terra*

Antes de você ler o texto de Jó, onde ele fala como os humanos *alteram o processo de causa e efeito na natureza e no mundo*, eu gostaria que você lesse um texto de um índio. E neste quesito de convívio e de compreensão sobre o processo predador do homem sobre a criação, alguns indígenas parecem ter tido essa percepção, com sentimento espiritual, muito mais evoluída que a nossa.

Ei-lo:

O presidente manda dizer, de Washington, que quer comprar nossa terra. Mas, como se pode comprar ou vender a Terra ou o Céu? A idéia nos parece estranha. Se não somos donos da pureza do ar e do brilho da água, como vendê-los a alguém?

Cada pedaço da terra é sagrado para o meu povo. Cada

reluzente folha de pinheiro, cada margem arenosa de rio, cada bruma da floresta, cada prado, cada inseto que zumbete. Todos são sagrados na memória e na experiência do meu povo.

Conhecemos a seiva que corre dentro das árvores como conhecemos o sangue que corre em nossas veias. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O urso, o veado, a águia são nossos irmãos. Os picos rochosos, as essências dos prados, o calor do corpo dos põeis e o homem, todos pertencemos à mesma família.

A água que rebrilha e escorre nos regados e rios não é somente água, é também o sangue de nossos ancestrais. Se vendermos nossa terra, vocês terão que lembrar que ela é sagrada. Cada reflexo misterioso que vemos nas águas claras dos lagos nos fala de eventos e lembranças da vida do meu povo. O sussurro da água é a voz do pai do meu pai.

Os rios que nos matam a sede são nossos irmãos. Transportam as nossas canoas e alimentam os nossos filhos. E vocês teriam de tratar os rios com a mesma bondade com que tratariam um irmão.

Se lhes vendermos a terra, lembrem-se de que o ar é precioso para nós, que o ar empresta o seu espírito à vida que ajuda a manter. O vento que deu ao nosso avô o seu primeiro fôlego, recebeu também o seu último suspiro. O vento dá aos nossos filhos o espírito da vida. Portanto, se lhes vendermos a nossa terra, vocês terão de mantê-la à parte, como coisa sagrada, como um lugar onde o homem vai para sentir o gosto do vento que as flores do campo adoçaram.

Vocês ensinarão aos seus filhos o que ensinamos aos nossos? Que a terra é nossa mãe? Que o que acontece com a terra acontece com os filhos da terra?

Uma coisa é certa: a terra não pertence ao homem, o homem

é que pertence à terra. Tudo é interligado como o sangue que nos une a todos. O homem não tece a teia da vida; é apenas um fio dessa teia. O que ele fizer para a teia, estará fazendo para si mesmo.

Veja como esse índio americano do século XIX era muito mais harmonizado com a criação do que nós somos e veja, também, como ele lê as parábolas de vida que nós não compreendemos. Possuir essa percepção é fundamental para entender as parábolas do *Livro de Jó*.

*Então, proseguiu Jó: Na verdade, a prata tem suas minas, e o ouro, que se refina, o seu lugar.<sup>336</sup> O ferro tira-se da terra, e da pedra se funde o cobre. Os homens põem termo à escuridão e até aos últimos confins procuram as pedras ocultas nas trevas e na densa escuridade. Abrem entrada para minas longe da habitação dos homens, esquecidos dos transeuntes: e assim, longe deles, dependurados, oscilam de um lado para outro.*

*Da terra procede o pão, mas embaixo é revolvida como por fogo. Nas suas pedras se encontra safira, e há pó que contém ouro. Essa vereda, a ave de rapina a ignora, e jamais a viram os olhos do falcão. Nunca a pisaram feras majestosas, nem o leãozinho passou por ela.<sup>337</sup>*

<sup>336</sup> Note que dos versos 1 a 7, Jó fala de como os homens interferem na criação: abrem minas, encontram tesouros no coração da terra, plantam e colhem, acendem luzes na escuridão, penduram-se em rochas para alcançar seus desejos e riquezas, e exploram lugares nunca visitados! Esses tesouros, mesmo o falcão, que sempre parece saber o que quer, os desconhece como riquezas e possibilidades e, portanto, voa sobre esses tesouros e não lhes é predador, como nós, os humanos, o somos!

<sup>337</sup> Nem mesmo os maiores predadores da terra andam soberanos sobre tais riquezas. Elas não lhes interessam e não lhes significam valores. Quanto mais valores vê-se com os olhos e sobre eles projetam-se sonhos – possibilidades essas dadas na terra apenas aos humanos - , é que se os busca com a volúpia do poder, e, assim, os fins passam a justificar os meios. Ora, para a lógica prevalecente entre os humanos, a natureza é apenas *um meio*.

*Estende a mão contra o rochedo e revolve os montes desde as suas raízes. Abre canais nas pedras, e os seus olhos vêem tudo o que há de mais precioso. Tapa os veios de água, e nem uma gota sai deles, e traz à luz o que estava escondido. Mas onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar do entendimento?* <sup>338</sup>

*O homem não conhece o valor dela, nem se acha ela na terra dos viventes.* <sup>339</sup> *O abismo diz: ela não está em mim; e o mar diz: Não está comigo.* <sup>340</sup> *Não se dá por ela ouro fino, nem se pesa prata em câmbio dela. O seu valor não se pode avaliar pelo ouro de Ofir, nem pelo precioso ônix, nem pela safira. O ouro não se iguala a ela, nem o cristal; ela não se trocará por jóia de ouro fino; ela faz esquecer o coral e o cristal; a aquisição da sabedoria é melhor que a das pérolas. Não se lhe igualará o topázio da Etiópia, nem se pode avaliar por ouro puro.*

*Donde pois, vem a sabedoria, e onde está o lugar do entendimento?*

*Está encoberta aos olhos de todo vivente e oculta às aves do céu. O abismo e a morte dizem: Ouvimos com os nossos ouvidos a sua fama. Deus lhe entende o caminho, e ele é quem sabe o seu lugar.* <sup>341</sup>

<sup>338</sup> Todo o trabalho do homem, alterando o ecossistema não lhe conduz à sabedoria, mas apenas ao poder.

<sup>339</sup> O mesmo homem é capaz de correr riscos, alterar a natureza, ao fazer isso, no máximo, aprende a arte de angariar poder, mas não a sabedoria!

<sup>340</sup> As maiores aventuras de um homem, colocam-no na “esfera do poder” - seja o poder que resulta da aventura, do conhecimento ou da alteração dos mecanismos naturais – mas não lhe ensinam a sabedoria de viver.

<sup>341</sup> De 15 a 22, Jó diz que o máximo que o homem pode conseguir é explorar a terra, mas nem em seus abismos mais profundos ele conhecerá a sabedoria. A sabedoria para viver – referindo-nos, obviamente, aos humanos – não vem da pesquisa científica e nem do conhecimento da natureza; ela é filha de algo que a terra e seus processos naturais não são capazes de “revelar” à alma dos humanos, apenas desperta-lhes a curiosidade de saber.

*Porque ele perscruta até as extremidades da terra, vê tudo o que há debaixo dos céus.*

*Quando regulou o peso do vento e fixou a medida as águas: quando determinou leis para a chuva e caminho para o relâmpago dos trovões, então, viu ele a sabedoria e a manifestou: estabeleceu-a e também a esquadrinhou. E disse ao homem: eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento.*<sup>342</sup>

<sup>342</sup> A natureza nos faz, na melhor das hipóteses, seres “conquistadores” ou “cientificamente curiosos”, mas não nos ensina a viver. O que se aprende com conquistas não vira texto inspirado acerca da sabedoria de existir, muito menos acerca da sabedoria para viver e resistir à perplexidade! Pois apenas, e tão somente, o temor do Senhor é o que realiza a sabedoria no coração humano. Do contrário, por mais refinado que ele seja, jamais passará de um “predador politicamente correto”, de acordo com os padrões atuais, para não dizer, de sempre!

## COMENTÁRIO

Aqui Jó abandona os argumentos filosóficos e mergulha num dos temas mais cruciais acerca do entendimento da presença humana na terra e enuncia um princípio antitético:

*Se os homens são capazes de alterar o processo de causa e efeito na natureza, não são, todavia, capazes de “absolutizar” essa intervenção em suas próprias vidas. Ou seja: para Jó os princípios de causa e efeito imediatos se restringiam ao Cosmo e nunca a individualidade das singulares realidades humanas!*<sup>343</sup>

Ora, é muito mais simples escavar minas, entrar em grutas nunca visitadas, encontrar preciosidades no coração da terra, atribuir valor àquilo que é raro no planeta – ou, pelo menos, àquilo que é difícil de encontrar -, mudar o curso de rios, construir represas, acumular fortunas – bem ou mal encontradas - e, mesmo assim, ser um total alienígena para a sabedoria de viver e deixar viver; e, sobretudo, quanto a entender as “*minas de seu próprio coração*”.

<sup>343</sup> Somente ao final, quando Deus fala, é que vemos com clareza o significado parabólico da natureza e a não transferibilidade de Leis de uma realidade para a outra, incluindo o mundo animal. Ora, se os céus existissem com o nível de predatismo animal e se comportassem com a “surpresa animal”, que animal teria ainda sobrevivido na terra?

A maior parte do progresso humano obedece o descobrimento do óbvio, do explícito e do *universalmente fixo*!

O grande engano é transformar as leis de causalidade científica e sua aplicação, às conquistas humanas – seja do espaço, seja do tempo – e imaginar que elas, em sua “fixidez”, servem para ser paradigmas das questões de natureza moral, ética, teológica ou filosófica, que constituem a existência dos humanos na Terra.

Toda “fixidez” nas relações entre os humanos significa morte. Já no cosmo - no universo estudável em razão de sua repetibilidade - , é a “fixidez” aquilo que mantém a vida natural na Terra.

É a *irrepetibilidade do mundo interior*, todavia, o que, equilibradamente, os faz *ver novidade* na *fixidez* do mundo exterior, onde tudo se repete!

Essa é a contradição – ou melhor: o paradoxo! - , pois aqueles que têm o poder de entrar nas entranhas da terra não têm capacidade de investigar seus próprios corações e muito menos o do próximo!

O que Jó diz até aqui é que a sabedoria humana serve para conquistar a Terra – na maioria das vezes contra o próprio ecossistema -, mas é completamente ineficaz quanto a determinar as causalidades da existência humana! E muito menos os seus efeitos!

E a razão é simples: conhecer a Terra é apenas uma possibilidade do aventureiro ambicioso. Mas conhecer o coração humano em suas *maiores profundidades* é uma tarefa impossível para outro que não seja Deus.

Os mais profundos entre nós, na maioria das vezes, não consegue sequer passar da lâmina d' água das aparências das imagens!

Para mim, a mais fantástica e todas as violações desse sistema de causalidades e de interferência no processo de causa e efeito, é o *princípio de Jesus sobre o perdão*, que é, em si mesmo antitético em

relação as Leis que regem o mundo físico.

Jesus diz que se um “irmão” - próximo, humano, o outro idênticamente-diferente - vem, arrependido, e pede perdão, então, o ser consciente da verdadeira sabedoria – que só pode ser a da *Graça*, para ser absolutamente incoerente com o princípio da causalidade do mundo físico, onde não há perdão – tem que violar a Lei Universal de Causa e Efeito, mesmo que seja 70 vezes sete, num único dia, e perdoar ao “irmão”.<sup>344</sup>

Para a maioria de nós, todavia, esse é um daqueles “exageros divinos” sem nenhuma aplicabilidade nos limitadíssimos ambientes de nossos corações e relacionamentos.

Ora, nenhuma lei universal se deixa violar tantas vezes e, ainda assim, ser uma Lei exata!

Ora, se os *princípios de Jesus* fossem semelhantes aos do Universo Físico, não haveria *Graça* e nem perdão. Daí, a maioria das religiões que pregam as teologias de causa e efeito se inspirarem, basicamente, nos exemplos da natureza.

Todavia, a *inexatidão* das relações humanas é que se constitui na “lei fixa” a ser aplicada todos os dias”

Literalmente, cada homem é *um* homem, cada caso é *um* caso e cada dor é *um* mundo incomunicável!

O que Jesus ensina - e que Jó, mesmo sem entender, havia discernido -, é que as leis dos relacionamentos dos seres conscientes de si – no nosso caso, os humanos -, operam a partir de *leis não exatas*.

<sup>344</sup> Mt 18:21-22

A razão é simples: *a existência do perdão anula a lei inflexível de causa e efeito, seja ela relacionada às tragédias físicas ou morais*. Afinal, nossas leis morais nada mais são que tentativas de tornar o mundo das visibilidades humanas algo tão exato quanto o espaço físico, onde é possível prever eventos.

Daí a calamidade do piedoso desestabilizar tanto esse sistema, criando “*amigos de Jó*”!

O problema é que tal lógica não atinge nem mesmo o *mundo animal*. Nele, cada sociedade tem suas leis, limites, regras e princípios, os quais, na maioria das vezes, são antagônicos entre si. Mas foram, apesar da *Queda*, determinadas pelo mesmo Criador!

Se utilizássemos os exemplos arrancados da vida animal, verificaríamos que nem entre os seres animados é possível estabelecer uma padrão que se uniformize para todos eles. Ao contrário, *é cada um conforme a sua espécie e cada espécie conforme ela mesma!*

Veja bem: Jó diz que, se é impossível entender os processos da criação animal, como entenderemos o caminho único e exclusivo dos humanos na Terra?

E mais: os animais se dividem em espécies. Os humanos, todavia, têm em sua própria *individualidade* uma *espécie* à parte da própria espécie humana.

Cada humano é parte de sua espécie. Todavia, cada humano, individualmente, é uma “*espécie diferente*” dos demais da mesma espécie.

É por essa razão que Jó diz que os humanos não agem de modo padronizado. São capazes de mexer no planeta. E mais que isto: *são capazes de o fazer segundo não apenas a sua espécie, mas conforme a espécie de gente que são, e isto não varia de acordo com a cor da pele, mas conforme a complexidade do coração.*

Portanto, o que distingue um homem do outro não são as

diferenças sutis de aparência, mas a estelar distância que existe entre seus corações!

É por isso que é possível aos humanos alterar os sistemas de causa e efeito universais - e quanto a isto eu não preciso lembrar os estragos feitos pela egoísta e presunçosa intervenção humana no universo, a maioria das quais para mal – e, também, colocarem-se numa posição em que os sistemas de causa e efeito – sejam eles físicos ou morais – ficam *aquém* da possibilidade de lhes oferecer um padrão absoluto de julgamento.

Afinal, se as espécies animais são inimitáveis em seus códigos e comportamentos, o que, então, dizer da complexidade humana, onde cada indivíduo é, espiritual e psicologicamente, um mundo maior que o universo físico e muito mais complexo que as diferenças entre as espécies animais?

O que nos custa a crer é que todo esforço de Jó foi para “despadronizar” o juízo!

Ele cria na inescrutabilidade da relação de Deus com cada indivíduo. E, justamente por isso, ele também afirma que se de um lado o homem pode alterar as leis universais, o que ele, de fato *sozinho* não consegue, é entender, e muito menos ainda, alterar o seu próprio coração.

Jó, portanto, crê que cada indivíduo é julgado sozinho e de acordo “*com suas próprias obras*”. E mais: ele crê que esse julgamento apenas compete a Deus, pois de fato, a complexidade humana não admite padronizações exteriores ou morais para o julgamento.

E a razão é simples: *a moral é a norma da maioria!*

Mas, e como *seres únicos* podem ser julgados pela *maioria*?

Maioria não é a norma nem para animais, quanto mais para humanos. Entre os humanos não é cada um *segundo a sua espécie*, mas cada um *segundo as suas obras pessoais*.

O que torna a compreensão de cada situação uma prerrogativa exclusivamente de Deus!

Então, depois disto, você pergunta: para o que, então, serve a moral?

Ora, serve para dar limites ao criminoso. Todavia, em relação a Deus, ela não serve para nada – digo eu! - , exceto para dar aos humanos uma sensação de segurança e auto-justificação, além de oferecer um *instrumento obtuso e injusto* de juízo do próximo!

Já a verdade, a justiça e a equidade – que não têm, necessariamente, nada a ver com Leis Morais – nos são indispensáveis, a fim, de que haja igualdade de oportunidades mínimas entre os humanos, como sociedade e como indivíduos. Mas é só isso. E, neste caso, a Lei tem utilidade muito maior que a moral, pois a Lei pode impedir o crime ou punir, uma vez realizado. A Moral, contudo, não serve objetivamente para nada além de provocar a presunção do juízo de um homem contra o outro ou de toda uma maioria contra uma minoria!

Assim, a moral, como o termo já diz, é a norma da maioria. Já a Lei funciona para determinar as liberdades de um contra o outro e os limites das mesmas. A Lei pode impedir a tirania. A moral a cria!

Ou seja: a Lei me proíbe de oprimir meu próximo. Já a moral, tenta clonar todos os que queiram ser reputados alguma coisa, numa dita *sociedade moral* e de *aparências padronizadas*.

A lei nos proíbe de não permitir o outro ser, mas nos garante que essa liberdade vai apenas até o limite em que sua expressão de ser não violente um outro ser humano. A moral, todavia, nos impede de ser diferentes da maioria, portanto, mata a expressão do ser.

A Lei defende o meu próximo da tirania. A moral, todavia, dá ao meu próximo o poder de me julgar pela *mediocridade* - moral é a “lei da média”, portanto, é a lei da maioria e da imagem, criada

pela *maioria* para regulamentar a “normalidade” humana - , fazendo de mim, na melhor das hipóteses, um *sobrevivente da mediocridade*.

Portanto, quanto mais submissão à lei moral, mais a mediocridade reina soberana, e mais a individualidade humana é desconhecida. E quando isto acontece, a generalidade dos códigos da maioria é transformada em norma para uma espécie que não pode ser normatizada; e por uma única razão: *ela foi feita à imagem e semelhança de Deus e, por isso, é uma espécie de seres singulares*.

A espécie humana é a única espécie onde cada indivíduo é um mundo à parte!

Ora, saber disso faz cessar toda presunção de julgamento. Afinal, quem já foi o outro para entendê-lo e, presunçosamente, poder julgá-lo?

Toda padronização de julgamento implica na redução do outro a uma fabricação em série, o que, em si mesmo, nega a singularidade do indivíduo humano e muito mais ainda, a “*complexidade da imagem de Deus no próximo*”.

Quem entende isso, no máximo, ora e ajuda ao próximo-irmão, mas jamais o julga, pois, nesse caso, julga a si mesmo e não ao suposto objeto de seu juízo.

A singularidade humana elimina a possibilidade de que qualquer juiz se apresente para julgá-lo diante de Deus. Pode-se julgá-lo pela quebra da Lei que regula as relações entre homem e homem. Mas pára ai! Não se chama a Deus para o Tribunal!

O que disto passar é pecado e blasfêmia, pois é mais fácil encontrar jazidas de pedras preciosas no coração da Terra que entender uma única fagulha do *ser-sentir* humano.

É só até ai que um homem pode andar na direção de um outro. Deve, todavia, saber que assim como é capaz de alterar a natureza

para seus fins pessoais, pode, ainda com mais facilidade, alterar a existência do próximo com seus juízos e com suas presunçosas razões, destruindo-lhe, assim, a existência na Terra.<sup>345</sup>

Aliás, os evangelhos, deixam bem claro a impossibilidade de se usar a Teologia Moral de Causa e Efeito para explicar a tragédia humana.<sup>346</sup> E é pelo fato de que o Islamismo aplica esse princípio enunciado pelos “*amigos de Jó* – portanto, uma religião que não conhece a *Graça*: onde os carmas não são quebrados e a inflexibilidade da Lei não é relativizada pelo amor e pela misericórdia, que se derivam da compreensão de que este mundo caído não isenta nem o homem bom de sofrer dor – que para a maioria dos muçulmanos, *Jesus foi substituído na Cruz*, tendo sido um sócia dele quem veio a morrer. Assim, vê-se como uma pré-compreensão pode nos impedir de enxergar até mesmo a Encarnação do Verbo em Sua plenitude. E mais uma vez, fica assim desfeito o *Escândalo da Cruz*.

E por quê os muçulmanos fabricaram a versão do “sócia de Cristo”? A razão deles é clara: se Jesus era bom e de Deus; se Ele era o Verbo, o profeta e a Luz, então, não poderia haver uma cruz para este ser tão bom. Dessa forma, eu digo que os “*amigos de Jó*” seriam inimigos da Cruz! Ou, pelo menos, contratariam um criminoso para experimentá-la em lugar de Jesus!

Quem crê na Cruz de Jesus não pode fazer confissão de fé de nenhuma Teologia Moral de Causa e Efeito, pois, nesse caso, anular-se-ia a *Graça* de Deus e se instituiria a Lei do Carma!

O problema é que ou é Cruz ou é Carma! Ou é Graça ou é Lei.

<sup>345</sup> Ao final deste livro transcreverei textos do Livro de Eclesiastes onde abundam as corroborações às afirmações que acabo de fazer.

<sup>346</sup> Lc 13:1-5

Ou é verdade ou é Moral. Ou é Justiça ou é Imagem.

Teologicamente, os cristãos negam qualquer semelhança de seu pensamento com a teologia islâmica. Mas a prática cristã, em geral, se faz discípula desse modo de pensar, que é moral, mas não é cristão; pois, onde quer que haja *Graça*, a Lei e seus derivados deixam de existir e passam a ser apenas e tão somente mediadores horizontais dos direitos e deveres dos homens, mas nada tem a ver com as verdades de seus corações diante de Deus, e muito menos com sua salvação ou com qualquer forma de juízo-vertical.

Isto todavia, só saberemos, quando os “*segredos dos corações dos homens forem abertos*”, conforme São Paulo.<sup>347</sup>

<sup>347</sup> Rm 2:12-16

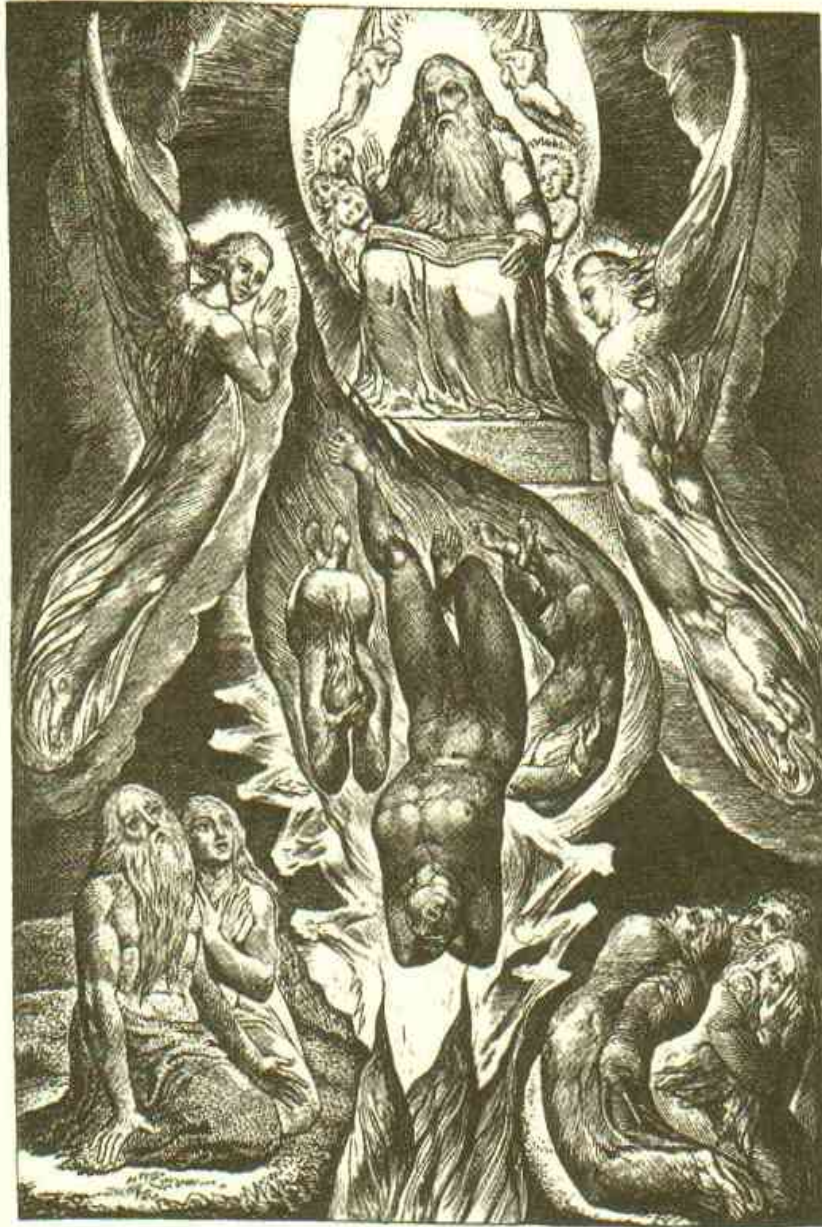
Hell is naked before him & Destruction has no covering

Cast thou find out the Almighty to perfection

The Accuser of our Brethren is Cast down

which is cast down before our God day & night

Cast down by searching find out God



It is higher than Heaven what cannot thou do  
It is deeper than Hell what cannot thou know  
The Prince of this World shall be cast out

Even the Devils are

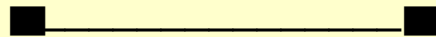
Thou hast fulfilled the Judgment of the Wicked fall from Heaven

Subject to Us thru thy Name Jesus said unto them I saw Satan as lightning fall from Heaven  
God hath chosen the foolish things of the World to confound the wise  
And God hath chosen the weak things of the World to confound the things that are mighty

Whitaker and Co. Sculp

London. Published as the Act directs March 6. 1825 by Williams Blake N. 3 Fountain Court Strand

## CAPÍTULO X



### *Será Que é Pecado Sentir Saudade de Meu Passado?*

*Prosseguiu Jó no seu discurso e disse: Ah! Quem me dera ser como fui nos meses passados<sup>348</sup>, como nos dias em que Deus me guardava!<sup>349</sup> Quando fazia resplandecer a sua lâmpada sobre a minha cabeça, quando eu, guiado por sua luz, caminhava pelas trevas; como fui nos dias do meu vigor, quando a amizade de Deus estava sobre a minha tenda;<sup>350</sup> quando o Todo-Poderoso ainda estava comigo, e os meus filhos em redor de mim;<sup>351</sup> quando eu lavava os pés em leite e da rocha me corriam ribeiros de azeite.*

<sup>348</sup> A tragédia tinha meses. E o coração sofria uma dor sem fim.

<sup>349</sup> A compreensão do “bem oculto” no mistério de Deus não necessariamente consegue desemocionalizar o sofredor. Uma coisa é o consolo que vem da fé que se rende ao mistério; outra, bem diferente, é o sarar das memórias e de suas dores e saudades!

<sup>350</sup> “A amizade de Deus estava sobre a minha tenda” - nos fala de uma saudade imensa!

<sup>351</sup> Quem tem coragem de exortar um homem a “curar-se” rapidamente em tais circunstâncias? Sua mesa estava “vazia” e seus filhos jamais voltariam.

*Quando eu saía para a porta da cidade, e na praça me era dado sentar-me, os moços me viam e se retiravam; os idosos se levantavam e se punham em pé; os príncipes reprimiam as suas palavras e punham a mão sobre a boca; a voz dos nobres emudecia, e a sua língua se apegava ao paladar.*

*Ouvindo-me algum ouvido, esse me chamava feliz; vendo-me algum olho, dava testemunho de mim; porque eu livrava os pobres que clamavam e também o orfão que não tinha quem o socorresse.<sup>352</sup> A benção do que estava a perecer vinha sobre mim, e eu fazia rejubilar-se o coração da viúva.*

*Eu me cobria de justiça, e esta me servia de veste; como manto e turbante era a minha equidade. Eu me fazia de olhos para o cego e de pés para o coxo. Dos necessitados era pai e até as causas dos desconhecidos examinava. Eu quebrava os queixos do iníquo e dos seus dentes lhe fazia eu cair a vítima. Eu dizia; no meu ninho expirarei; multiplicarei os meus dias como a areia.<sup>353</sup> A minha raiz se estenderá até às águas, e o orvalho ficará durante a noite sobre os meus ramos; a minha honra se renovará em mim, e meu arco se reforçará na minha mão.*

*Os que me ouviam esperavam o meu conselho e guardavam silêncio para ouvi-lo. Havendo eu falado, não replicavam e as minhas palavras caíam sobre eles como orvalho. Esperavam-me como à chuva, abriam a boca como à chuva de primavera. Sorria-me para eles quando não tinham confiança; e a luz do meu*

<sup>352</sup> Dos versos 5 ao 12, Jó revela o quanto ele gostava das reverências que lhe faziam. De um lado isto é inevitável. De outro, traz problemas, como veremos mais adiante.

<sup>353</sup> Dos versos 12 ao 14, ele não consegue esconder o prazer que sentia em ser Jó. A tentação da bondade corrompe o ser, como veremos adiante.

*rosto não desprezavam. Eu lhes escolhia o caminho, assentava-me como chefe e habitava como rei entre as suas tropas, como quem consola os que pranteiam.*<sup>354</sup>

<sup>354</sup> Mesmo Jó, em sua integridade, não escondia o prazer que o poder da dignidade, da integridade, da inteligência e da sabedoria-solidária lhe emprestavam. E, em minha opinião, se havia uma razão para Jó ter vivido tudo o que viveu, essa não foi nunca “moral” como, equivocadamente, supunham os seus amigos. Se havia uma razão para aquela “tribulação”, era salvar Jó de ser Jó e fazê-lo ser apenas e tão somente um homem. Mas sobre este assunto trataremos adiante neste comentário-existencial de Jó. Mas veja, tudo o que digo sobre ele, tem um “*se...*”

## COMENTÁRIO

No capítulo 29 inteiro Jó sente saudades. São saudades do tempo em que ele parecia ser para os outros o que ele sentia que era para si mesmo e para Deus.

As descrições revelam um homem bom, respeitado, que tinha uma boa família, que era ouvido com reverência, que tinha honra onde ia e no que quer que fazia, que era objeto do desejar da bênção de todos, que socorria ao pobre, ao orfão e ao aflito; que quebrava o “queixo do iníquo” com a verdade, que falava e trazia “orvalho” às almas famintas e sedentas e, sobretudo, alguém que se sentia tão bem com a vida, que para ele o existir era como um ninho, pois dizia: *“no meu ninho expirarei”*.

Mas, subitamente, tudo isto acabou!

A dor das perdas se agravava, no entanto, quando o despojado percebe as mudanças de comportamento daqueles que antes eram os grandes beneficiados pela sua vida.

De repente, ele passa a ser visto como uma “maldição ambulante”. Então, a reverência vira escárnio; o respeito, ironia; o bem, um dia feito, é esquecido por todos; e sua voz antes buscada, agora, dela se foge como se com sua tragédia ele tivesse perdido a lucidez e a dignidade!

Ora, essa “saudade” de Jó carrega mais que nostalgia. Ela está impregnada de mágoa. Se o que antes ele havia vivido tinha sido verdadeiro em relação aos outros, agora, entretanto, ele suspeita de uma dessas duas coisas; ou tudo aquilo era apenas um “palco de representação” para todos, não havendo, portanto, verdade em nada ou, então, ele estava, de fato, conhecendo como nunca o significado de ter se tornado uma figura *totêmica*.

Ou seja: todas as sociedades, especialmente as mais cultuadoras do sagrado, tendem a inconscientemente eleger os seus “ídolos” e pintá-los com toda beleza; e sobre eles projetam suas próprias fantasias, impotências, heroísmos irrealizados, inteligências emburrecidas, que têm no *totem* seu “representante de sabedoria oracular”; e, sobretudo, vêem-no como sendo a realização personificada de tudo o que não conseguem ser.

Todavia, também demandam que esse “eleito pelo inconsciente coletivo” seja sempre a projeção do melhor que eles não tem em si, mas que também não podem negar existir no outro, no Jó”

E, *assim será*, se a figura totêmica existir de acordo com as projeções coletivas. No dia em que algo acontecer – seja uma tragédia, uma fracasso, uma derrota - , na mesma medida em que esse “arquetipo-Jó” foi cultuado, na mesma intensidade será odiado e execrado!

Mas o texto prossegue e eu gostaria que você prestasse atenção no contraste expresso no capítulo 30, verso um: “*Mas agora riem de mim...*”

*Continuou Jó:*

*Mas agora se riem de mim os de menos idade do que eu, e cujos pais eu teria desdenhado de pôr ao lado dos cães do meu rebanho.*<sup>355</sup>

<sup>355</sup> Jó diz que quando esse dia chega, até mesmo aqueles aos quais ele não incumbira nem mesmo de cuidar de seu canil, agora, são os que zombam dele.

*De que também me serviria a força das suas mãos, homens cujo vigor já pereceu? De míngua e fome se debilitaram; roem os lugares secos<sup>356</sup>, desde muito em ruínas e desolados.<sup>357</sup> Apanham malvas e folhas dos arbustos e se sustentam de raízes de zimbro. Do meio dos homens são expulsos; grita-se contra eles, como se grita atrás de um ladrão; habitam nos defiladeiros sombrios, nas cavernas da terra e das rochas. Bramam entre os arbustos e se ajuntam debaixo dos espinheiros. São filhos de doidos, raça infame, e da terra são escorraçados.<sup>358</sup>*

*Mas agora sou a canção de motejo e lhes sirvo de provérbio.<sup>359</sup> Abominam-me, fogem para longe de mim e não se abstêm de me cuspir no rosto. Porque Deus afrouxou a corda do meu arco e me oprimiu; pelo que sacudiram de si o freio perante o meu rosto.<sup>360</sup> À direita se levanta em súcia, e me empurra, e contra mim prepara o seu caminho de destruição.*

<sup>356</sup> A descrição que ele faz dos que antes não teriam lugar nem ao lado dos cães que cuidavam de suas ovelhas, nos mostra o tipo de homem ao qual ele faz referência: *aqueles que roem sempre as coisas rasas*. E desse tipo de percepção o mundo está cheio. Geralmente os piores escárnios vêm daqueles que são “roedores” de tudo o que não tem profundidade.

<sup>357</sup> Até hoje o mundo está cheio daqueles que só se sentem bem nas ruínas das antigas “habitações” do próximo. Sim! Há pessoas que só se sentem bem nas memórias das ruínas de seus semelhantes.

<sup>358</sup> Aqui, Jó reconhece alguns elementos de causa e efeito, quando fala de filhos de doidos. Sem dúvida, há elementos de natureza genética e cultural que são transferíveis, mas não são “carmas inquebráveis”.

<sup>359</sup> Dos versos 2 ao 9, ele diz como até os desprezados pelo povo se tornaram seus “superiores” aos olhos do próprio povo. Quando esse dia chega, a sociedade prefere se unir ao pior de si mesma, que se solidarizar com o perplexo. As sociedades humanas sempre se alimentaram da imagem.

<sup>360</sup> Jó sabia que sua existência próspera inibia a loucura de muitos. Quando existe uma referência, até os loucos se tornam mais moderados. Tirando-se a referência, os “roedores” saem de suas tocas.

*Arruinam a minha vereda, promovem a minha calamidade; gente para quem já não há socorro.<sup>361</sup> Vêm contra mim como por uma grande brecha<sup>362</sup> e se resolvem avante entre as ruínas.<sup>363</sup>*

*Sobrevieram-me pavores, como pelo vento é varrida a minha honra; como nuvem passou a minha felicidade,<sup>364</sup> Agora, dentro de mim se me derrama a alma; os dias da aflição se apoderaram de mim, A noite me verruma os ossos e os desloca, e não descansa o mal que me rói.<sup>365</sup>*

*Pela grande violência do meu mal, está desfigurada a minha veste mal que me cinge como a gola da minha túnica. Deus, tu me lançaste na lama, e me tornei semelhante ao pó e à cinza.<sup>366</sup> Clamo a ti, e não me respondes; estou em pé, mas apenas olhas para mim. Tu foste cruel comigo; com a força da tua mão tu me combates.<sup>367</sup> Levantas-me sobre o vento e me fazes cavalgá-lo; dissolves-me no estrondo da tempestade.*

<sup>361</sup> Agora, depois de haver perdido tudo, Jó reconhecia muito bem quem eram aqueles que promovem a desGraça do próximo. Jó viu suas calamidades virarem histórias e, também, “estórias”.

<sup>362</sup> Neste mundo há os “filhos das brechas”. Eles esperam a oportunidade, em geral a desGraça do próximo, e fazem de suas brechas a porta da “invasão” e a chance do escárnio.

<sup>363</sup> De 10 a 14 ele diz que aqueles que antes eram inibidos pela sua presença, agora ventavam seus ódios e tinham no povo seus aliados.

<sup>364</sup> Aqui ele declara a fragilidade de tudo aquilo em que um dia ele teve orgulho e confiança. Sua honra havia sido varrida como folhas ao vento. E nada ficara.

<sup>365</sup> Esse tipo de dor corrói mais que o câncer, pois, pela sua própria natureza, adoece a alma de dor e decepção.

<sup>366</sup> Ele nem precisava mais das simbolizações da tristeza porque ele mesmo havia se tornado em “pó e cinza”.

<sup>367</sup> A “crueldade” de Deus, para Jó, era ter sido tão íntimo dele e agora lhe negar, sequer, o direito de conhecer as “conspirações” contra ele e quais eram os “projetos de Deus” ao consentir que aquilo tudo lhe sobreviesse.

*Pois eu sei que me levarás à morte e à casa destinada a todo vivente. De um montão de ruínas não estenderá o homem a mão e na sua desventura não levantará um grito de socorro?<sup>368</sup> Acaso, não chorei sobre aquele que atravessava dias difíceis ou não se angustiou a minha alma pelo necessitado?<sup>369</sup>*

*Aguardava eu o bem, e eis que me veio o mal, esperava a luz, veio-me a escuridão.<sup>370</sup> O meu íntimo se agita sem cessar; e dias de aflição me sobrevêm. Ando de luto, sem a luz do sol; levanto-me na congregação e clamo por socorro. Sou irmão dos chacais e companheiro de avestruzes<sup>371</sup>. Enegrecida se me cai a pele, e os meus ossos se queimam em febre.*

*Por isso, a minha harpa se me tornou em prantos de luto, e a minha flauta, em voz dos que choram.<sup>372</sup>*

<sup>368</sup> Do 15 ao 24, ele fala de sua dor e de seu estado e pergunta se ante aquela “crueldade” não lhe era nem mesmo legítimo levantar a voz e pedir socorro? Totens estão proibidos de pedir socorro: a mesma força que os exaltava aos olhos do povo, ela mesmo, agora, transforma até mesmo sua dor em pecado!

<sup>369</sup> Seu argumento é simples; eu chorava pela dor dos outros. Que ninguém queira chorar a minha, que seja! Mas proibir-me de chorar por mim mesmo, isso é demais!

<sup>370</sup> A mais forte experiência para quem já viveu algo assim é pegar uma “foto da infância” e perguntar: quando, em minha vida, eu poderia imaginar que as coisas me aconteceriam assim?

<sup>371</sup> Mais adiante entenderemos melhor o significado de ser “irmão de avestruz”. A avestruz é bela, rápida e cheia de beleza, mas é conhecida por não amar nem mesmo as suas crias.

<sup>372</sup> Jó era um homem sensível e artístico. Mas agora sua música era o choro e sua melodia, o gemido de sua alma.

## COMENTÁRIO

Propositalmente eu não interrompi os capítulos 29 e 30, a fim de que o leitor, por si mesmo, enxergasse o contraste entre o *antes e o depois* da tragédia. O homem era o mesmo. Ele não mudara. Mas tudo e todos em volta dele mudaram em relação a ele. É somente então que ele começa a mudar em relação aos outros.

Nem Jó foi capaz de se manter inalterado frente às mudanças não apenas realizadas pelas suas perdas, mas, sobretudo, pela conversão de seus amigos e conhecidos à necessidade de sua *demonização!*

O que me impressiona, no entanto, é a percepção dos elementos de natureza inconsciente, que acometem a resposta do povo na hora de ter que lidar com a “queda” de Jó.

Talvez essa seja razão pela qual os falidos fazem tudo para esconder seus infortúnios!

O povo não se lembra da bondade. O povo se alimenta de imagem e poder!

E quanto maior tiver sido a “projeção totêmico-idolátrica” de um povo, grupo, sociedade ou comunidade sobre alguém, na mesma medida será a sua demonização na hora da queda, quando suas fontes esgotarem e quando ele não servir mais às necessidades infantis e primitivas daqueles que um dia se “fizeram ser” na existência dele que, agora, mesmo sendo o mesmo homem, já não é, *pois não tem mais “o que dar...”*

Jó, todavia, não passou incólume pelo seu próprio sucesso. Ninguém faz o bem sem medo e enfrenta o mal de frente - “*quebrando o queixo do perverso em favor dos oprimidos*” - e permanece inalterado.

As muitas reverências criam no coração do reverenciado um lugar virtual inexistente na Terra!

Ele fica suspenso no mundo real. Isso porque mesmo que suas motivações para fazer o bem sejam genuínas, depois de um tempo, o processo de “totemização” começa a operar também na alma do totem.

Assim é que Jó passa a sofrer da “*Síndrome dos reverenciados*” e que se manifesta de modo sutil e quase imperceptível, especialmente, se o totem for um ser humano sensível e consciente de si mesmo.

Quando se trata de um totem burro e insensível, não há sutilezas no processo. Mas no caso de alguém como Jó, o veneno viaja lentamente para dentro da alma, mas sempre chega lá!

É fácil verificarmos isto pelo modo como ele, agora, sente falta de toda aquela panacéia, que para ele era verdadeira, mas que para os demais era apenas uma necessidade inconsciente.

Jó estava afetado pelo mal que acomete aos que vivem em bondade até o dia de sua queda. Na hora da queda é bom ter do que se “arrepender” também diante dos homens. O problema é quando não se tem nem o que dizer a Deus sobre a calamidade e muito menos aos homens.

No caso de Jó, o que havia era pura perplexidade. Ele olhava para cima e não sabia o “porquê”; olhava em volta e não entendia “como”.

Quando, diferentemente de Jó, vive-se a calamidade com algum tipo de consciência genuína de culpa, então, fica mais fácil, especialmente quando se é um *filho da Graça*. Neste caso, a alma

sofre, geme e confessa. Depois, levanta-se e sai para viver com a melhor consciência que lhe estiver disponível.<sup>373</sup>

Ainda é mais fácil quando se sabe que se pecou contra o próximo, pois, mesmo que esse *ser-de-dor* seja “culpado” de algo objetivo ante os seus próprios olhos, ele pode ainda ver com objetividade o que lhe acometeu e assim amenizar sua perplexidade.

Jó, no entanto, não dispunha de nenhuma ajuda nesse sentido. Ele estava só mesmo. E em sua solidão tudo que “um dia havia sido”, voltava com a força do “será que nunca foi?”

Ele, por causa disso, corria o risco de se cansar do bem e mergulhar no cinismo e na desgraça para sempre. É óbvio, entretanto, que alguém que tenha vivido o que ele experimentou, jamais consiga ver a vida e o homem com os mesmos olhos de *antes*. Poucas pessoas suportam ser tão dramaticamente expostas ao que, de fato, seja a “natureza humana” e permanecer intactos, inalteráveis e “crentes no homem”.

O que desejo é apontar apenas uma coisa: Jó não viveu o papel de Jó impunemente, nem antes e nem depois de sua tragédia, que para ele era uma *Quedalamidade!*

Assim, o que antes para ele era natural – e ele realizava com espontaneidade - , agora, todavia, lhe volta ao coração como amargura. Jó estava intoxicado de suas próprias bondades e agora as experimentava como tristeza e ingratidão.

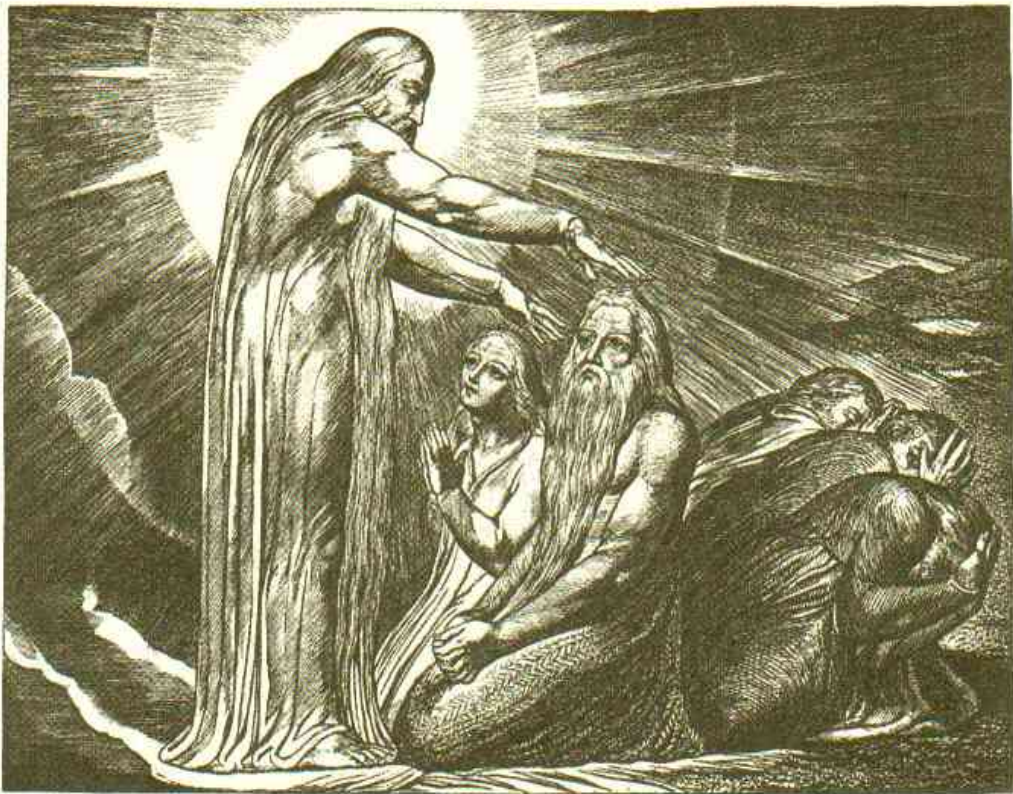
E aqui aprendemos algo horrível: *ninguém, por melhor e mais consciente que seja, faz o bem apenas e tão somente pelo bem.*

Isto porque, mesmo que inconscientemente, a alma nutre alguma forma de auto-glorificação naquilo que o ser realiza.

Por isso, mesmo os mais altruístas sofrem horrivelmente quando confrontados com a ingratidão. E, tratando-se de Jó, este *fato-do-ser* quase o colocou numa vereda lodosa e perigosa, da qual, como veremos, a *Graça* de Deus irá salvá-lo!

Antes disso, no entanto, você descobrirá como, nesses casos, o ser totemizado torna-se o pior inimigo de si mesmo.

He bringeth down to  
 we know that when he shall appear we shall be like him for we shall see him as he is  
 the Grave & bringeth up  
 When I behold the Heavens the work of thy hands the Moon & Stars which thou hast ordained. then I say. What is Man that thou art mindful of him?  
 & the Son of Man that thou visitest him



I have heard thee with the hearing of the Ear but now my Eye seeth thee

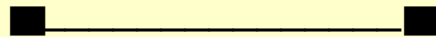
He that hath seen me  
 hath seen my Father also  
 I & my Father are One  
 At that day ye shall know that I am in my Father & you in me & I in you  
 If ye loved me ye would rejoice because I said I go unto the Father  
 If ye loved him ye would have seen him  
 He that loveth me shall love my Father & I will come to him & will abide with him  
 And the Father shall give you another Comforter  
 Even the Spirit of Truth whom the world cannot receive  
 He that loveth me shall love my Father & I will come to him & will abide with him  
 And the Father shall give you another Comforter  
 Even the Spirit of Truth whom the world cannot receive

W Blake  
 inv & sculp

London. Published as the Act directs March 8. 1825 by William Blake N<sup>o</sup> 7 Fountain Court Street

Proof

## CAPÍTULO XI



### *O Pior Inimigo de Jó Era Ele Mesmo!*

#### ***Então, prosseguiu Jó:***

*Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?<sup>374</sup> que porção, pois, teria eu do Deus lá de cima e que herança, do Todo-Poderoso desde as alturas? Acaso, não é a perdição para o iníquo, e o infortúnio, para os que praticam a maldade? Ou não vê Deus os meus caminhos e não conta todos os meus passos.<sup>375</sup>*

<sup>374</sup> Jó, neste capítulo, apresenta sua retidão, seu compromisso linear entre o orgânico, o psicólogo e o espiritual, e quase “cai” na armadilha de seus amigos, mesmo já os tendo vencido nos argumentos; ele acaba, pela via da amargura, exarcebando seus ânimos emocionais a percorrer o caminho inverso ao de seus amigos. A diferença é que Jó “reage” e seus amigos “agem”. Portanto, sua insensatez, considerando seu estado e condição, ainda é normal. A Bíblia reconhece o quanto a opressão – seja ela mental, emocional, social, econômica ou política – pode desestruturar um homem.

<sup>375</sup> Dos versos 2 ao 4, Jó diz que se ele era um ímpio, sua herança teria que ser o eterno infortúnio. Todavia, ele não está convencido disso. E usa argumentos de natureza inferior a todos os que ele antes havia usado. E aqui, vemos uma

*Se andei com falsidade, e se o meu pé se apressou para o engano (pese-me em balanças fiéis e conhecerá a minha integridade); se os meus passos se desviaram do caminho, e se o meu coração segue os meus olhos, e se às minhas mãos se apegou qualquer mancha, então, semeie eu e outro coma, e sejam arrancados os renovos do meu campo.<sup>376</sup>*

*Se o meu coração se deixou seduzir por causa da mulher, se andei à espreita à porta do meu próximo, então, moa minha mulher para outro e outros se encurvem sobre ela. Pois seria isso um crime hediondo, delito à punição de juízes; pois seria fogo que consome até à destruição e desarraigaria toda a minha renda.<sup>377</sup>*

progressão psicológica que, em geral, se estabelece na mente do “oprimido vencedor”: que é uma amargura, filha da certeza da injustiça contra ele praticada, mas que acaba se sentindo vitoriosa frente aos argumentos dos oponentes; e que se auto-instui como “verdade-verdade”, sem saber que só Deus conhece a “verdade-verdade” e não se deixa inflar por ela, pois, a Deus, nem a verdade tem nada a acrescentar. Afinal, só há verdade num universo onde há Deus, pois Ele seria sua origem e o único a discerní-la. Num universo sem Deus, não se tem nenhuma verdade, pois, em tese, em tal universo, tudo com o que ninguém deveria se importar seria com a verdade. Sem um Senhor Absoluto não há nenhuma verdade, nem relativa. Há apenas o mais absoluto des-significado de tudo!

<sup>376</sup> Em minha opinião, essa é a expressão de um oprimido. De fato, não creio que o mundo tenha jamais conhecido – à parte de Nosso Senhor Jesus Cristo – qualquer pessoa que tenha atingido uma total harmonia e integridade entre as múltiplas variáveis de seu ser. Mais adiante expadirei este assunto.

<sup>377</sup> Dos versos 9 ao 12, Jó faz uma viagem que vai da proclamação da infalibilidade de seu pacto com seu coração quanto a não cobiçar jamais nenhuma mulher, às consequências materiais e perdas que tal ato lhe acarretaria. Na minha opinião, alguém que confesse que nunca na vida sentiu qualquer atração por um “ser-sexual-proibido”, está, antes de qualquer coisa, fazendo uma confissão de dormência sexual mais do que de saúde. No caso de Jó, eu, pessoalmente, creio que se tratava o falar de um sábio que se fez “insensato” pela via da exaustão. Quem confirma isso é Paulo e por razões muito menos dolorosas (II Co 11:16 a 12:11).

*Se desprezei o direito do meu servo ou da minha serva, quando eles contendiam comigo, então, que faria eu quando Deus se levantasse? E inquirindo ele a causa, que lhe responderia eu? Aquele que me formou no ventre materno não os fez também a eles? Ou não é o mesmo que nos formou na madre?*<sup>378</sup>

*Se retive o que os pobres desejavam ou fiz desfalecer os olhos da viúva; ou se sozinho comi o meu bocado, e o orfão dele não participou ( Porque desde a minha mocidade cresceu comigo como se eu lhe fora o pai, e desde o ventre da minha mãe fui o guia da viúva<sup>379</sup>); se a alguém vi perecer por falta de roupa ao necessitado, por não ter coberta; se os seus lombos não me abençoaram, se ele não se aqueça com a lã dos meus cordeiros; se eu levantei a mão contra o orfão, por me ver apoiado pelos juizes da porta, então, caia a omoplata do meu ombro, e seja arrancado o meu braço da articulação.*<sup>380</sup>

*Porque o castigo de Deus seria para mim um assombro e eu não poderia enfrentar a sua majestade.*

*Se no ouro pus a minha esperança ou disse ao ouro fino: em ti confio; se me alegrei por serem grandes os meus bens e por ter a minha mão alcançando muito; se olhei para o sol, quando*

<sup>378</sup> Aqui, ele confessa o fato de nunca haver “explorado” ao próximo, como empresário agrícola, e diz que essa convicção vinha de sua consciência da origem comum e divina de todos os homens.

<sup>379</sup> A declaração “desde o ventre de minha mãe fui o guia da viúva”, revela o quão hiperbólicas começaram a se tornar as declarações de Jó.

<sup>380</sup> As declarações de natureza objetiva, ou seja, historicamente palpáveis – são lindas, mas não são uma “virtude extraordinária”. Aliás, neste mundo caído, toda virtude ou bem são extraordinários, pois “vêm do Pai das Luzes, em quem não há mudança ou sombra de variação” (Tg 1:16-17). Todavia, é possível encontrar com certa frequência pessoas compartilhando não de sua prosperidade, mas de sua necessidade, dando ao próximo aquilo que não têm para si mesmas.

*resplandecia, ou para a lua, que caminhava esplendente, e o meu coração se deixou enganar em oculto, e beijos lhes atirei com a mão, também isto seria delito à punição de juízes; pois assim negaria eu ao Deus lá de cima.*<sup>381</sup>

*Se me alegrei da desgraça do que me tem ódio e se exultei quando o mal o atingiu (também não deixei pecar a minha boca,<sup>382</sup> pedindo com imprecações a sua morte.); se a gente da minha tenda não disse: Ah! Quem haverá aí que não se saciou de carne provida por ele. O estrangeiro não pernoitava na rua; as minhas portas abria ao viandante! Se, como Adão, encobri as minhas transgressões, ocultando o meu delito no meu seio; porque eu temia a grande multidão, e o desprezo das famílias me apavorava, de sorte que me calei e não saí da porta.*<sup>383</sup>

*Tomara eu tivesse quem me ouvisse! Eis aqui a minha defesa assinada! Que o Todo-Poderoso me responda! Que o meu adversário escreva a sua acusação!*<sup>384</sup>

*Por certo a levaria sobre o meu ombro, atá-la-ia sobre mim como coroa; mostrar-lhe-ia o número dos meus passos; como príncipe me chegaria a ele.*

<sup>381</sup> Dos versos 24 a 28, Jó fala de sua falta de ambição e de confiança no que tinha; e também que jamais “jogara beijinhos às estrelas”, fosse numa atribuição de “destino escrito nas estrelas” ou de estar romantizado os céus como quem está seduzido e apaixonado por si mesmo.

<sup>382</sup> A viagem do desejo detido na boca não é impossível e nem mesmo difícil. O difícil é nunca ter falado nisso em silêncio, em algum recôndito da alma, numa situação de opressão.

<sup>383</sup> Aqui, ele confessa que não ocultava nada e, mesmo que tivesse algo a ocultar, não deixaria de fazê-lo apenas por medo de perder a certeza de sua popularidade.

<sup>384</sup> Ele deseja apenas saber se há significado em tudo aquilo. Depois que se perde tudo e os sentimentos se misturam, a única tábua de salvação que a alma encontra é descobrir algum significado para a tragédia.

*Se a minha terra clamar contra mim, e se os seus sulcos juntamente chorarem; se comi os seus frutos sem tê-la pago devidamente e causei a morte aos seus donos, por trigo me produza cardos, e por cevada, joio. **Fim das palavras de Jó.***<sup>385</sup>

<sup>385</sup> Jó sabe que os critérios de causa e efeito moral fossem usados de verdade, ele não estaria sofrendo o que sofria – considerando-se, apenas, as exterioridades da moral, que se fundamenta no comportamento e suas aparências. E diz que se esse fosse o critério e se ele, Jó, o houvesse transgredido, que, então, experimentasse as consequências. O problema é que ele sabia que vivia numa dimensão onde a moral não tinha entradas. Ele vivia acima daquele critério tão básico e pobre. Dessa forma, ele se assume definitivamente como vítima da injustiça. E se assim era, então, era porque tal critério não era verdadeiro. A outra alternativa seria pensar que Deus o odiava, digo, odiava a Jó. E como ele tinha saudades de Deus e sabia que Deus tinha dele, sua conclusão era: Se a tese de vocês, meus amigos, fosse verdadeira, eu não estaria na situação em que estou. Ela, todavia, é falsa. Minha vida falsifica a tese de vocês!

## COMENTÁRIO

Jó não era nada e nem ninguém, além de Jó!

Ele, de um lado, era *apenas* um homem; e de outro lado, *sobretudo*, um homem!

Dizendo isso, quero deixar claro que Jó não era a sabedoria e nem a encarnação da verdade.

Sua integridade era caída e sua justiça era relativa, como é verdade acerca de todos os demais humanos.

Para entendermos um pouco melhor isto, é preciso crer que o homem é um ser vértice. Nele convergem múltiplas dimensões e mundos. Ele é finito, mas só se satisfaz com o infinito. Ele é síntese de *espaço-tempo* e de *eternidade*, pois esta “*habita o coração do homem*”.<sup>386</sup>

E esse *ser-sentir*, vivido num estado caído de existência, é a dor mais essencial dos humanos!

Nós sofremos da pior de todas as enfermidades: a nostalgia de que, inconscientemente, sabemos quem *fomos-fomos*; e por não suportarmos a “perda”, a transformamos, por meios e modos os mais diversos, na expectativa de buscar essa “*evolução*” na

<sup>386</sup> Ec 7:29; Is 66:1-2

direção do ser perdido que, psicologicamente e espiritualmente, nada mais é que nostalgia do divino, e do “*éden-arquetípico*” que nos habita.

E aqui quero deixar clara e inequívoca minha *certeza-fé* no fato que a espécie humana é uma *espécie caída*, sendo, na melhor das hipóteses, hoje, um turvo reflexo de *quem era-é*, pois *não mais é* quem um dia foi, mas *jamaiz deixou ou deixará de ser!*

Nossas dores de ser vêm todas daí!

Ser apenas um homem e ser *sobretudo* um homem era a maior dor de Jó.

Isto é um *fator existêncial* em todos os humanos. Em Jó, todavia, como *em geral não acontece* na maioria da humanidade, essa consciência de *apenas* ser e *sobretudo* ser, lhe era pura perplexidade e promotora de profundas dores em seu encontro com Deus e com o próximo!

Quando ele olhava para “*dentro de si*” e via a eternidade que o habitava e olhava “*acima de si*” e via o mistério Daquela que o criara, então, ele sabia que era *apenas* um homem!

Quando, todavia, “*olhava na linha do horizonte*” e contemplava os “*seus iguais*” - os humanos- e percebia que a maioria deles nem sequer refletia no significado de ser um homem, então, ele – que se sabia, *sobretudo*, um *homem* e não *apenas* um humano – sofria a “*arrogância de sua própria dor*”.

Ora, naquele caso, o que ele sentia era culpa de não saber ser *apenas* um homem para os humanos, do mesmo modo como ele se sentia *apenas* um homem, diante de Deus.

Esse é o principal conflito de Jó. Ele sofre entre o Mistério do Eterno e a Banalidade Irreflexa da maioria dos humanos!

E como além de não se ver na relação horizontal como *apenas* um homem – alimentado que era pela certeza de ser *sobretudo* um homem - , ele anda no caminho mais escorregadio que um ser profundo pode andar na Terra.

Especialmente se aqueles que são tão somente *apenas* diante de Deus, e, de forma relativa, também *apenas* diante do próprio Jó, tentavam fazer o papel do *sobretudo* em relação à alma do amigo ferido.

É fácil perceber como Jó “derrapa”, sofrida e contraditoriamente, entre esses dois mundos. Ou seja: ele, que no início se mantivera como *um apenas*, depois de horizontalmente haver sido arrogantemente provocado, sai para o embate, trazendo à luz suas virtudes, e que naquele mesmo momento deixaram de ser, pois, foram por sua própria boca reveladas.<sup>387</sup>

A grande revelação divina, aqui, não é sobre a justiça de Jó, mas sobre a “insensatez do justo”, quando usa suas virtudes como armas de auto-defesa.

E mais que isto: aparece também a *revelação psicológica* de como o ser que carrega o “*arquétipo-alma-Jó*”, reage quando os mesmos embates se manifestam, dependendo, obviamente, da intensidade e da complexidade pessoal de cada um .

O que pessoalmente me chama a atenção na lista de “*serviços prestados*” que Jó apresentou, é o fato que no plano da *objetividade observável*, tudo aquilo poderia ser visto como o “*comportamento de um justo*”. Todavia, quando expostas aos valores de significados e verdades ensinados por Jesus, nenhuma daquelas virtudes pode ser absolutizada como verdade em nenhum homem da Terra – nem na mente, nem nas tramas da alma, nem nos porões do inconsciente e, muito menos, nos ambientes do espírito e de suas luzes verdadeiras!

Ou seja: Jó *não sobreviveria* aos critérios de medição das verdades do coração apresentando-se ante os valores do Sermão do Monte.

O Sermão do Monte é, de fato, o Sermão do Abismo!

<sup>387</sup> Mt 6:2-4

Isso porque ali percebemos nossa necessidade absoluta da *Graça* para viver.

No sermão do Monte se escava ao Abismo do Coração! Pois o “*homem*”, ali chamado de “*bem-aventurado*”, não caminha em *constância ininterrupta* sobre este planeta; ele tem que aprender a perdoar os homens, como também é perdoado por Deus, e amar ao próximo como em geral não é amado por ele.

Ora, se Jó soubesse disso, sua justiça teria sido ainda maior pois, seu silêncio seria sua mais esmagadora certeza de fé e seria, diante dos homens, seu mais dramático grito de independência!

Minha alegria é que Jó *cessa de falar neste ponto*, pois, o coração amargurado, se insiste em sua amargura, começa a ter em sua própria justiça, a arma que mais lhe fere mortalmente a própria alma.

De outro lado, me alegro que ele tenha sido capaz de “*insensatez*”. De fato, um homem em seu estado só poderia ser psicologicamente definido como sadio se de algum modo viesse a perder a cabeça, mesmo que fosse num espasmo de arrogância!

Nele, era uma *reação* de saúde. Nos amigos dele, tratava-se de uma *ação* de doença!

A *Graça* de Deus, todavia, continuava sobre ele. E não *apenas* sobre ele, mas, *sobretudo*, sobre todos eles! Isso porque se *Graça* é *favor imerecido*; ela não precisa de consentimentos para se manifestar na vida de ninguém!

Also the Lord accepted Job



And my Servant Job shall pray for you

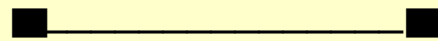
And the Lord turned the captivity of Job when he prayed for his Friends



London Published as the Act directs March 8 1825 by Will Blake N<sup>o</sup> 3 Fountain Court Strand

Proof

## CAPÍTULO XII



### *A Última Evidência: A Teologia Moral Só Ouve a Si Mesma!*

Decidi inverter um pouco a ordem aqui. Normalmente comento ao final de cada bloco. Eliú, todavia, que próximo a falar contra Jó - e que até esse momento nem se sabia que ele existia e estava presente na observação daqueles embates - , me estimula a fazer dois comentários. Este, que aqui segue. E, ao final, um outro.

E por quê? Ora, é que Eliú é um ser em transição. Ele é “*preso a um limbo*”. Ele está *entre-fora* os “*amigos de Jó*”, em favor de Deus, contra Jó, sinceramente enganado, *iradamente* entregue a um fascínio, e perdidamente apaixonado por aquele contra quem ele dizia se irar.

O texto diz apenas o que o texto diz: “*se acendeu a ira de Eliú contra Jó*”.

As razões *verdade-verdade* apenas a Deus pertencem. Há, todavia, nesta declaração, um fenômeno humano que eu conheço a partir de mim mesmo; percebendo-o também no meu próximo e discernindo-o, da mesma forma, no correr da história humana.

E que fenômeno é esse? Ora, em geral, ele se manifesta da seguinte maneira: quando um homem se ira contra um outro, mas abaixo daquele sentimento, o que dissimula é uma *inveja-adoradora* e uma *adoração-invejosa do e contra* o outro.

Odeia-se o tanto quanto se desejaria ser ele; ou ter o que ele tem; ou ser quem ou como ele é; ou amar a quem ele ama; ou ser amado como ele parece ser; ou ainda: imitá-lo porque não se reconhece à volta nada melhor do que ele!

Assim, tenta-se alcançá-lo para que se possa crescer à sua imagem e semelhança. Quer dizer: “*quanto mais eu fujo, eu me aproximo mais!*” - como diz certa canção.

E este princípio se aplica a todas as formas de ira contra alguém a quem sofridamente admiramos!

Poucas iras são, de fato isentas. Na maioria das vezes elas são projeções. Por isso, quando vejo e ouço o discurso de Eliú, percebo-o nessa agonia de uma tentativa de diferenciação, que imitava o melhor dos “*amigos de Jó*”, o *pior de Jó*, algumas *máximas de sabedoria*, e um *auto-engano* sincero.

Sua tentativa de *defender Deus* de Jó revelava o “tamanho” que ele atribuía a Jó, psicologicamente falando.

Eliú é um homem preso a verdades reais em muitas coisas, porém, escravo de uma fixação que o fazia “*ser-buscar-ser*”, no mínimo, duas imagens: a sua própria - indivisível, irrepetível, e singular - e a imagem do “outro”, no caso a imagem de Jó.

Quem fica preso entre um *Totem* e um *Tabu* não sabe mais quem é! Pois assim fazendo ele cultua o *Totem-Jó* para defender o *Tabu-Deus!*

Certas ofensas a figuras Totêmicas em favor de algum tabu

sagrado constroem, pela própria ira ou ódio, a “glorificação” do totem em questão—no caso, o próprio Jó - , ainda que o escudo seja a ira. Tratar um homem assim é elevá-lo a categorias superiores, alçando-o ao nível de seres “perigosos” a Deus. E na criação não existe esse ser. Deus não corre perigo!

A única maneira de se des-totemizar um totem-humano é, apenas e sobretudo, tratando-o com pura, sincera e simples humanidade.

A visão totemizada que Eliú tinha de Jó, tira dele boa parte do poder para levar a verdade aprendida ao profundo nível de verdade vivida, pois, para que isto aconteça tem-se que aceitar olhar a própria face e ver seu próprio rosto refletido na palavra e na vida, ao invés de “projetá-la” no totem.

Quanto mais Jó existe para Eliú menos Eliú existe para si mesmo!

Por essa razão é que ele se faz “adversário” de Jó. Só se persegue a alguém quando tal pessoa passa a existir para nós mais do que nós existimos para nós mesmos, no pior sentido do que possa ser chamado de “percepção do outro”.

Sem que você “saia de si” alguma vez na vida, você jamais “cairá em si”!<sup>388</sup>

Com isto, digo que sei da existência de um “eu” que não “sou eu” em mim e em você, e que são absorções inconscientes de inúmeros papéis e roteiros de personagens a encenar no palco das aparências deste mundo.

Há muitos Jós na conflituosa existência de milhares de Eliús!<sup>389</sup>

<sup>388</sup> Lc 15: 13-17

<sup>389</sup> Sempre haverá muitos “irmãos-pródigos” na conflituosa existência dos “amigos-irmãos-mais-velhos” de Jó - ou mais novos, como era o caso de Eliú que, psicologicamente, interpreta o “irmão mais velho” do “pródigo da graça”, conforme o padrão psicológico descrito na parábola ensinada por Jesus.(Lc 15:25-32).

Esses papéis são os piores *tiranos* que nos podem ser impostos! Ora, raramente fazemos a viagem consciente na direção do âmago “*não des-traído*” de nosso ser.

Aquele, todavia, que aceita a prevalência dos *papéis-imagens* que lhes são impostos ou auto-impostos—por mais fascinantes que tais *scripts* sejam - , passa a não enxergar seu *próprio caminho*, portanto não abraçando a sua singularidade com carinho, reverência e gratidão.

Esse ser humano *irar-se-á contra o seu próximo em favor de Deus*, apenas para *esconder* sua falta de paz de ter que ser quem não é!

Isso porque, ainda que inconscientemente, *ele é no outro*, mesmo que tenha que *ser contra-si-mesmo* quando enfrenta esse “outro”, o Jó de seus delírios, fixações, sonhos e anelos adoecidos! Eliú é um ser complexo. Ele é sincero, porém, enganado por paradigmas; é inteligente, ainda que pouco sábio; é poético, embora, às vezes, seja inobjetivo e repetitivo; é lúcido na linearidade de muitos pensamentos, mas incapaz de enxergar as sutilezas circundantes; ele exalta a Deus, mas não discerne *sua própria imagem* como sendo, de fato, imagem de Deus, daí o irar-se contra o outro.

É por isso que ele *defende* a Deus de e *contra* Jó, e enfrenta a Jó com *sincero auto-engano*, pois não sabia que aquela confrontação era, lá no fundo, o ódio de quem nem entendia e nem teria coragem de expor se soubesse o que, de fato, estava acontecendo.

Normalmente, quando se está preso nesse limbo psicológico. Confronta-se sempre aquele a quem mais desejaríamos ser!

Eliú, todavia, no íntimo, cria que Jó poderia até ser um louco, mas era o mais fascinante louco que ele já conhecerá e, portanto, ele se sentia na obrigação de “acabar” com aquele que o fascinava para além do que ele mesmo conseguia processar.

A ignorância quase sempre é piromaníaca e acende fogueiras para os hereges, ainda que a “fogueira” seja aquela que Tiago, o apóstolo, diz que existe na língua de todos os humanos.<sup>390</sup>

Normalmente, a ira vem como inveja do outro e, sobretudo, inveja da “*liberdade*” que o outro tem para ser *apenas e sobretudo* ele mesmo.

Deus, no entanto, ao final, não inclui a Eliú entre aqueles contra quem Ele se irou. Talvez Eliú tenha *sentido* muito mais do que *racionalmente falado*. Suas razões eram emocionais.

Eliú ama, só não sabe ainda fazê-lo com maturidade. Ele é, todavia, um ser sinceramente enganado, porém, aberto, mesmo que ainda não saiba o quanto!

***Cessaram aqueles três homens de responder a Jó no tocante ao se ter ele por justo aos seus próprios olhos. Então, se acendeu a ira de Eliú, filho de Baraquel, o buzita, da família de Rão; acendeu-se a sua ira contra Jó, porque este pretendia ser mais justo do que Deus.***<sup>391</sup>

***Também a sua ira se acendeu contra o três amigos, porque, mesmo não achando eles o que responder, condenavam a Jó.***

Iniciam-se as palavras de Eliú:

*Eliú, porém, esperava para falar a Jó, pois eram de mais idade do que ele. Vendo Eliú que já não havia resposta na boca daqueles três homens, a sua ira se acendeu.*<sup>392</sup>

<sup>390</sup> Tg 3:6

<sup>391</sup> Mesmo nessa perspectiva, para um homem como Jó, que desconhecia a “aposta celestial” entre Deus e Satanás, o que lhe acontecera era, no horizonte imediato, *injusto*, se comparado aos destinos e juízos de seus semelhantes.

<sup>392</sup> Note que outra vez se diz que o discurso de Eliú é o transbordamento de um coração emocionalmente exacerbado pela ira ou iradamente exacerbado pela sua emoção.

*Disse Eliú, filho de Baraquel, o Buzita:*

*Eu sou de menos idade, e vós sois idosos; arreceei-me e temi de vos declarar a minha opinião.<sup>393</sup> Dizia eu: Falem os dias, e a multidão dos anos ensine a sabedoria. Na verdade, há um espírito no homem, e o sopro do Todo-Poderoso o faz sábio. Os de mais idade não é que são os sábios, nem os velhos, os que entendem o que é reto. Pelo que digo: dai-me ouvidos, e também eu declararei a minha opinião.<sup>394</sup> Eis que aguardei as vossas palavras e dei ouvidos às vossas considerações, enquanto, quem sabe, buscáveis o que dizer. Atentando, pois, para vós outros, eis que nenhum de vós houve que refutasse a Jó, nem que respondesse às suas razões. Não vos desculpeis, pois, dizendo: Achamos sabedoria nele; Deus pode vencê-lo, e não o homem.<sup>395</sup>*

*Ora, ele não me dirigiu palavra alguma, nem eu lhe retorquirei com as vossas palavras.<sup>396</sup> Jó, os três estão pasmados, já não respondem, faltam-lhes as palavras. Acaso, devo esperar, pois não falam, estão parados e nada mais respondem?<sup>397</sup>*

<sup>393</sup> Eliú repetirá bastante as dificuldades que sua pouca idade lhe conferia como orador naquela assembléia de sábios. Sua ira também mascara sua insegurança.

<sup>394</sup> Dos versos 7 a 10, ele declara que sua “existencialidade” era mais sábia que a dos idosos, pois se a sabedoria era fruto do “sopro do Todo-Poderoso”, então, é porque ele se considerava mais “iluminado” que os demais. O sopro nele era mais “profundo”.

<sup>395</sup> Ao dizer que “Deus poderia vencer a Jó” e ao se oferecer para “responder por Deus” e, também, pela verdadeira sabedoria, ele se constitui num “aprovadíssimo advogado” da verdade de Deus. Nesse caso, ele que é homem, passa a “encarnar” a palavra de Deus. E, aqui, inconscientemente, ele faz de suas próprias palavras, a palavra de Deus. Eliú se sente um senhor do oráculo, como em geral sentem-se os sinceramente auto-enganados.

<sup>396</sup> A “fidelidade juvenil”, frequentemente, perde grandes chances de não entrar em conflitos que não lhe dizem respeito. Eliú era uma espécie de “play-boy” da sabedoria!

<sup>397</sup> *Também eu concorrerei com a minha resposta; declararei a minha opinião.*<sup>398</sup> *Porque tenho muito que falar, e o meu espírito me constrange.*

*Eis que dentro de mim sou como o vinho, sem respiradouro, como odres novos, prestes a arrebentar-se. Permitti, pois, que eu fale para desafogar-me; abrirei os lábios e responderei. Não farei acepção de pessoas, nem usarei de lisonjas com o homem. Porque não sei lisonjear; em caso contrário, em breve me lavaria o meu criador.*<sup>399</sup>

*Ouve, pois, Jó, as minhas razões e dá ouvidos a todas as minhas palavras. Passo agora a falar; em minha boca fala a língua. As minhas razões provam a sinceridade do meu coração, e os meus lábios proferem o puro saber. O espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida.*<sup>400</sup>

<sup>397</sup> As questões e os pedidos de autorização para falar e, ao mesmo tempo, suas certezas quanto à imprescindibilidade de que sua “sabedoria” fosse ouvida, revelam sua reverência irônica em relação aos demais, especialmente Jó, a quem ele gostaria, de todo o coração, de poder vencer. Vencer a Jó seria mais importante que vencer a Deus, pois, era vencer alguém que “aparentemente” havia vencido a “Deus” em seus amigos.

<sup>398</sup> Para ele , agora era uma “concorrência de sabedoria”, o que é a mais insensata de todas as coisas.

<sup>399</sup> De 18 a 22, Eliú diz que “não agüenta” não falar e diz que se usasse de “lisonjas” Deus o levaria da terra. É quando se pede educada permissão para ser ofensivo e ainda se transfere a expressão do zelo que seria para evitar a possibilidade de que um juízo de Deus caísse sobre ele, caso ele não falasse. *É o disfarce de quem tem que falar em nome de Deus para conseguir dizer o que pensa.* Messianismos psicológicos quase sempre escondem a coragem de ser.

<sup>400</sup> Entre os versos 1 a 4 , ele confunde a luz divina derramada de *modo comum* sobre todos os humanos – mas ele diz que esta benção era mais dele que dos demais homens – com a *Graça especial*, que não é comum, porém focada na perspectiva de produzir a individuação humana. E, ao mesmo tempo em que assim faz, Eliú também exalta a união entre sua inteligência e sua pureza de saber. Ele se entende como um ser em perfeita harmonia em si mesmo.

*Se podes, contesta-me, dispõe bem as tuas razões perante mim e apresenta-te. Eis que diante de Deus sou como tu és; também eu sou formado de barro.<sup>401</sup> Por isso, não te inspiro terror, nem será pesada sobre ti a minha mão.<sup>402</sup>*

*Na verdade, falaste perante mim e eu ouvi o som das tuas palavras: Estou limpo, sem transgressão; puro sou e não tenho iniquidade.<sup>403</sup> Eis que Deus procura pretextos contra mim e me considera como seu inimigo. Põe no tronco os meus pés e observa todas as minhas veredas.<sup>404</sup> Nisso não tens razão, eu te respondo; porque Deus é maior do que o homem. Por que contendes com ele, afirmando que não te dá contas de nenhum dos seus atos?<sup>405</sup>*

*Pelo contrário, Deus fala de um modo, sim, de dois modos, mas o homem não atenta para isso.*

Eliú, considerando sua saúde e juventude, sua falta de história de dores, e suas certezas é, de fato, alguém que não defendia apenas a Teologia Moral de Causa e Efeito. Ele era a “encarnação” dela. Os outros sabiam a sabedoria. Ele era a Sófia feita moral-humana.

<sup>401</sup> Os versos 5 e 6 não apenas revelam um jovem que pergunta e não espera a resposta, mas também, revela sua necessidade de afirmar que ele “*é como Jó*”. A guerra de *comparações* denuncia a tese inicial sobre a personalidade-existencial de Eliú e sua complexa relação com Jó.

<sup>402</sup> A humildade pode ser a melhor máscara para a arrogância.

<sup>403</sup> Se ele estivesse puro – ao invés de já ter, obviamente, perdido a isenção - , nem mesmo sentiria necessidade de falar, muito menos ainda de responder ao que não lhe foi sequer indagado. E muito menos tentaria lutar contra a “inocência” de Jó. Os “*amigos de Jó*” tinham razões morais para o embate. Eliú tinha, todavia, razões emocionais profundas e que brotavam da irresolução de seu ser.

<sup>404</sup> Entre os versos 9 e 11, ele se dá ao direito de fazer uma “*suma teológica*”, imensamente simplista, do que Jó havia dito. Isto revela como cada um faz a suma que bem desejar do que o outro falou. Nem todos que dizem ter “ouvidos para ouvir” - como era a certeza de Eliú - , de fato, “ouvem”.

<sup>405</sup> Nos versos 12 e 13, ele fala que Deus é disponível quando quer e indisponível quando deseja. É claro! Essa era a tese de Jó. E era Jó quem tinha condições experimentais para discernir isto, pois, somente ele é quem estava “ralado” dentro e fora pela soberania de Deus, e não Eliú. Nenhuma tese verdadeira é mais falsa que nos lábios de quem a aprendeu como sabedoria, mas nunca sentiu na pele sua verdade.

*Em sonho ou em visão de noite, quando cai sono profundo sobre os homens, quando adormecem na cama, então, lhes abre os ouvidos e lhes sela a sua instrução, para apartar o homem do seu desígnio e livrá-lo da soberba; para guardar a sua alma da cova e a sua vida de passar pela espada. Também no seu leito é castigado com dores, com incessante contenda nos seus ossos; de modo que a sua vida abomina o pão, e a sua alma, a comida apetecível. A sua carne, que se via, agora desaparece, e os seus ossos, que não se viam, agora descobrem. A sua alma se vai chegando à cova, e a sua vida, aos portadores da morte.<sup>406</sup> Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares, para declarar ao homem o que lhe convém, então, Deus terá misericórdia dele e dirá ao anjo: Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate.*

<sup>406</sup> De 14 a 22, Eliú expressa os modos como Deus fala com os homens: por *sonhos*, quando o inconsciente se comunica com a semiconsciência e por meio de “dores” e enfermidades, que jogam o homem fragilizado em seu leito. Assim, ele diz duas outras coisas: a *primeira* era que Jó se queixava que Deus não falava com ele, mas Jó é que era “insensível” às vozes divinas; afinal, Jó tanto se queixara dos terrores de seus “sonhos e pesadelos” e, também, de como estava “comido de dores” em seu leito. A lógica de Eliú era simples: “como dizes que Deus não te fala se Ele está precisamente te falando pelos meios que ele sempre fala aos homens?”. A *segunda* convicção que ele expressa é que “todo sonho e toda enfermidade” são “mensagens” de Deus. Ora, que Deus também fala aos humanos por esses dois meios, é inegável. Mas, isto não é sempre assim. Nossos sonhos podem ser originados de fontes diferentes: variando de uma indigestão, passando pelas impressões do dia, ou pelas criações recreativas do inconsciente, indo às mensagens arquetípicas do inconsciente - , podendo ainda chegar à possibilidade de carregar mensagens proféticas. Mas neste terreno estamos longe de poder absolutizar os sonhos, como sempre, carregando mensagem divina. O mesmo se pode dizer de enfermidades: algumas têm em si mensagens divinas objetivas, mas também estamos longe da possibilidade de transformar “doenças em mensagens divinas”. Há doenças que são absolutamente mapeadas em suas relações orgânicas e psicológicas de causa e efeito, sendo mais fenômenos que oráculos. Outras são fruto de “vícios existenciais e psicológicos” que se somatizam como dor na dimensão física.

<sup>407</sup> *Sua carne se robustecerá com o vigor da sua infância, e ele tornará aos dias da sua juventude. Deveras orará a Deus, que lhe será propício; ele, com júbilo, verá a face de Deus, e este lhe restituirá a sua justiça. Cantará diante dos homens e dirá: Pequei, perverti o direito e não fui punido segundo merecia. Deus redimiu a minha alma de ir para a cova; e a minha vida verá a luz.*

*Eis que tudo isto é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem, para reconduzir da cova a sua alma e o alumiar com a luz dos viventes.*<sup>408</sup>

*Escuta, pois, ó Jó, ouve-me; cala-te, e eu te falarei. Se tens alguma coisa que dizer, responde-me; fala, porque desejo justificar-te. Se não, escuta-me; cala-te, e ensinar-te-ei a sabedoria.*

<sup>407</sup> Chama-me a atenção o fato de que tanto os “*amigos de Jó*” quanto Eliú, o “*potro da sabedoria*”, criam em *anjos intercessores*. Conseguem imaginar anjos lutando a favor de homens, mas são incapazes de pensar na existência de *anjos acusadores*. Se por um único momento eles tivessem pensado que Satanás poderia ser o “*anjo-da-hora*” na vida de Jó, não por associações do ser de Jó com ele, mas, justamente pelo oposto, então, eles teriam enxergado o “*drama celestial*” e entendido o “*drama da terra*”. Essa evocação de Satanás no mundo dedica-se, sobretudo, ao que de melhor há na terra. Ou seja: é Caim quem sobrevive na Terra, e é Abel quem morre. Todavia, é a Terra que clama pelo sangue de Abel. O *sobrevivente diante dos homens nem sempre viveu diante de Deus*. Se Satanás matasse Caim, quem mataria Abel? Assim, ninguém é mais cobiçado pelo Adversário que aquele que em sua essência existe contra a de Satanás.

<sup>408</sup> De 23 a 32, do capítulo anterior, Eliú afirma três coisas que para ele eram “*verdades*” : 1) Anjos redimem homens; 2) A redenção do homem é medida pela sua restauração exterior, incluindo sua prosperidade material; 3) Que essa chance acontece, talvez, umas três vezes na vida de um homem. Para ele as “*misericórdias não se renovam a cada manhã*”. Portanto, ele também não poderia louvar a Deus, dizendo “*pois Ele é bom e Sua misericórdia dura para sempre*”.

*Disse mais Eliú:*

*Ouvi, ó sábios, as minhas razões; vós, instruídos, inclinai os ouvidos para mim. Porque o ouvido prova as palavras, como o paladar, a comida.*<sup>409</sup>

*O que é direito escolhamos para nós; conheçamos entre nós o que é bom. Porque Jó disse: Sou justo, e Deus tirou meu direito. Apesar do meu direito, sou tido por mentiroso; a minha ferida é incurável, sem que haja pecado em mim.*<sup>410</sup>

*Que homem há como Jó, que bebe a zombaria como água? E anda em companhia dos que praticam a iniquidade e caminha com homens perversos? Pois disse: De nada aproveita ao homem o comprazer-se em Deus.*<sup>411</sup>

*Pelo que vós, homens sensatos, escutai-me: longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-Poderoso o cometer injustiça.*<sup>412</sup>

<sup>409</sup> A exterioridade de suas percepções são típicas de quem ainda escuta mais o que ouve do que aquilo que não foi dito. Aqui ele se faz homem da “*letra e não do espírito*”.

<sup>410</sup> Ora, outra vez ele “põe na boca de Jó” o que lhe convém. Jó jamais disse que não tinha pecado. Ele disse apenas que não havia uma relação de causa e efeito entre o seu mal e sua consciência diante de Deus e dos homens.

<sup>411</sup> O fato de Jó ter afirmado que os sofrimentos não eram distribuídos entre os homens de modo equânime, agora o faz ser visto como associado aos perversos; e faz de suas palavras seu prazer, pois, de acordo com Eliú, Jó “*bebe a zombaria como água*”. Aqui se vê como a integridade de um homem pode ser vista, quando conveniente, como zombaria e arrogância, mesmo que o que de seus lábios proceda seja um “gemido íntegro” e que não se deixa *sequestrar moralmente* por nenhuma dor.

<sup>412</sup> Aqui ele confunde a justiça de Deus com as injustiças dos homens. Todavia, ele mal sabia que Jó era, de fato, vítima de uma injustiça. Ora, é aqui que nasce a mais profunda de todas as expressões de fé e adoração, que é quando o “*ser-alma-Jó*” ama a Deus, sente saudades Dele, confia que o “*seu redentor vive*”, crê que “*um dia ele ainda se levantará a seu favor na Terra*”, e que os seus olhos e não outros ainda veriam a bondade de Deus”. O que não entendemos é que Jó não era uma mensagem para Jó, mas, antes de tudo, ele era uma mensagem para seus amigos e para todos os

*Pois retribui ao homem segundo as suas obras e faz que a cada um toque segundo o seu caminho.*<sup>413</sup>

*Na verdade, Deus não procede maliciosamente; nem o Todo-Poderoso perverte o juízo.*

*Quem lhe entregou o governo da terra? Quem lhe confiou o universo? Se Deus pensasse apenas em si mesmo e para si recolhesse o seu espírito e o seu sopro, toda a carne juntamente expiraria, e o homem voltaria para o pó.*<sup>414</sup> *Se, pois, há em ti entendimento, ouve isto; inclina os ouvidos ao som das minhas palavras.*

*Acaso governaria o que aborrecesse o direito? E quererás tu condenar aquele que é justo e poderoso? Dir-se-á a um rei: Oh! Vil? Ou aos príncipes: Oh! Perversos? Quanto menos àquele que não faz acepção de pessoas de príncipes, nem estima ao rico mais do que ao pobre; porque todos são obra de suas mãos. De repente, morrem; à meia-noite os povos são perturbados e passam, e os poderosos são tomados por força invisível.*

*Os olhos de Deus estão sobre os caminhos do homem e vêem todos os seus pasos. Não há trevas nem sombra assaz profunda, onde se escondem os que praticam a iniquidade. Pois Deus não*

homens. E ninguém é mais injustiçado que aquele a quem Deus “consente” com a execução da injustiça. Nesse caso, o que poderia Deus ter em mente? Só ele pode responder caso a caso. Mas no drama de Jó, o grito de Deus é um só: “Solidarizem-se com toda dor, mesmo com aquelas que parecem ser as mais absurdas ou vitimadas pelos maiores juízos ou expressas com os gemidos de adoração que serpenteiam sobre a blasfêmia, pois, de fato, *esses que gemem na cara de Deus são os que verão a Sua face*”.

<sup>413</sup> Aqui ele trabalha com o Teologia Moral de Causa e Efeito como tendo seu “acerto de contas”, seu juízo, já aqui na Terra.

<sup>414</sup> De 12 a 15, Eliú nos mostra como a “verdade-verdade” pode se tornar falsa quando usada pelo homem errado na hora errada. O que ele diz é uma pérola. Todavia, no contexto errado.

*precisa observar por muito tempo antes de o fazer ir a juízo perante ele. Quebranta os fortes, sem os inquirir, e põe outros em seu lugar.*

*Ele conhece, pois, as suas obras; de noite, os transtorna, e ficam moídos.<sup>415</sup> Ele os fere como a perversos, à vista de todos; porque dele se desviaram, e não quiseram compreender nenhum de seus caminhos e, assim, fizeram que o clamor do pobre subisse até Deus, e este ouviu o lamento dos aflitos. Se ele aquietar-se, quem o condenará?*

*Se encobrir o rosto, quem o poderá contemplar, seja um povo, seja um homem? Para que o ímpio não reine, e não haja quem iluda o povo.<sup>416</sup> Se alguém diz a Deus: Sofri, não pecarei mais; o que não vejo, ensina-lo tu; se cometi injustiça, jamais a tornarei a praticar, acaso, deve ele recompensar-te segundo tu queres ou não queres? Acaso deve ele dizer-te: Escolhe tu, e não eu; declara o que sabes, fala?<sup>417</sup> Os homens sensatos dir-me-ão, dir-me-á o sábio que me ouve: Jó falou sem conhecimento, e nas suas palavras não há sabedoria. Tomara fosse Jó provado até o fim, porque ele respondeu como homem de iniquidade.<sup>418</sup> Pois ao seu pecado acrescenta rebelião, entre vós, com desprezo, bate ele palmas e multiplica as suas palavras contra Deus.<sup>419</sup>*

<sup>415</sup> De 16 a 26, Eliú vem bem. Enquanto descreve o mistério absoluto dos desígnios de Deus, ele fala a verdade. Mas 26 a 28 ele moraliza a soberania de Deus e faz ter seu aplicativo calamitoso apenas sobre o perverso.

<sup>416</sup> Nos versos 29 e 30 ele diz que a Indisponibilidade de Deus é apenas para o ímpio.

<sup>417</sup> Aqui, contraditóriamente, ele diz que o arrependimento não muda a Deus em relação ao homem. Nesse caso, ele mistura a soberania divina com caprichos divinos e institui o fatalismo da soberania de Deus contra Deus.

<sup>418</sup> Eliú se põe acima dos sábios presentes, que poderiam apenas dizer que Jó respondeu sem “sensatez”. Ele, todavia, sabia que se tratava de “iniquidade” de Jó.

<sup>419</sup> Inconscientemente ele admite que a postura de Jó era, antes de tudo, um problema entre homens, pois relativiza as suas “certezas”. Mas, é sempre assim. O “mistério da Graça de Deus” sobre um homem Dele – seja para o “bem” ou

*Disse mais Eliú:*

*Achas que é justo dizeres: Maior é a minha justiça do que a de Deus? Porque dizes: De que me serviria ela? Que proveito tiraria dela mais do que do meu pecado?<sup>420</sup>*

*Dar-te-ei resposta, a ti e aos teus amigos contigo. Atenta para os céus e vê; contempla as altas nuvens acima de ti. Se pecas, que mal lhe causas tu? Se as tuas transgressões se multiplicam, que lhe fazes?<sup>421</sup> Se és justo, que lhe dás ou que recebe ele da tua mão?<sup>422</sup> A tua impiedade só pode fazer o mal ao homem como tu mesmo; e a tua justiça, dar proveito ao filho do homem. Por causa das muitas opressões, os homens clamam, clamam por socorro contra o braço dos poderosos. Mas ninguém diz: Onde está Deus, que me fez, que inspira canções de louvor durante a noite, que nos ensina mais do que aos animais da terra e nos faz mais sábios do que as aves dos céus?*

*Clamam, porém ele não responde, por causa da arrogância dos maus. Só gritos vazios Deus não ouvirá, nem atentará para eles o Todo-Poderoso.*

*Jó, ainda que dizes que não o vês, a tua causa está diante dele; por isso, espera nele. Mas agora, porque Deus na sua ira não está*

seja para o “mal” - sempre desestabiliza as convicções daqueles que desejam se relacionar não com Deus, mas com um roteiro claro e certo de como “Deus funciona”.

<sup>420</sup> Passar-se-iam muitos séculos para que essa pergunta viesse a ser teologicamente respondida por Paulo, o apóstolo, na sua epístola aos Romanos. A síntese é: Nem a justiça humana e nem a injustiça humana encerram fatalisticamente o destino de um homem. Mas, simplesmente, o usar Deus de misericórdia para com tal pessoa.

<sup>421</sup> Ou seja: “Veja, tanto faz como tanto fez, se estás bem ou mal. Nada muda à nossa volta. A vida continua sem você, Jó!”.

<sup>422</sup> Aqui ele se contradiz em relação à afirmações feitas há pouco por ele.

*punindo, nem fazendo muito caso das transgressões, abres a tua boca, com palavras vãs, amontoando frases de ignorante.*<sup>423</sup>

*Prosseguiu Eliú e disse:*

*Mais um pouco de paciência, e te mostrarei que ainda tenho argumentos a favor de Deus.*<sup>424</sup> *De longe trarei o meu conhecimento e ao meu criador atribuirei a justiça. Porque, na verdade, as minhas palavras não são falsas; contigo está quem é senhor do assunto.*<sup>425</sup>

*Eis que Deus é mui grande; contudo; a ninguém despreza; é grande na força da sua compreensão. Não poupa a vida ao perverso, mas faz justiça aos aflitos. Dos justos não tira os olhos; antes, com os reis, no trono os assenta para sempre, e são exaltados.*<sup>426</sup> *Se estão presos em grilhões e amarrados com cordas de aflição, ele lhes faz ver as suas obras, as suas transgressões, e que se houveram com soberba. Abre-lhes também os ouvidos para a instrução e manda-lhes que se convertam da iniquidade. Se o ouvirem e o servirem, acabarão seus dias em felicidade e os seus anos em delícias.*

<sup>423</sup> O texto é lindo e poético. Fora daquele contexto seria verdade. Mas, dita a um homem que geme de perplexidades e que é estimulado a cantar “*canções de louvor durante a noite*”, soa a ironia. E quando diz que Jó deveria esperar em Deus, não consegue parar aí e completa com outro juízo, conforme os versos 15 e 16: “*Mas agora, porque Deus não está punindo, nem fazendo muito caso das transgressões, abres a tua boca, com palavras vãs, amontoando frases de ignorantes*”.

<sup>424</sup> Mais um pedido de licença para *defender a Deus*. Agora, Eliú já está cheio de si mesmo. Não implora mais que o ouçam. Pede apenas mais paciência.

<sup>425</sup> Ele agora se faz *senhor do assunto*. Sua inteligência e sua loquacidade começaram definitivamente a inflar o seu ser. Então, ele perde ainda mais a visão da essência das coisas e, sobretudo, de si mesmo.

<sup>426</sup> De 5 a 7, Eliú outra vez estabelece a relação de causa e efeito entre a benção de Deus e a “prosperidade humana”. Aquele a quem Deus *honra*, tem que se assentar com os *Reis e Príncipes*. Então, não era apenas uma lei de causa e efeito moral, mas, também, de natureza sócio-econômico. Ou seja: a benção de Deus tem que virar poder material e se visibilizar em “honras”.

<sup>427</sup> *Porém, se não o ouvirem, serão traspassados pela lança e morrerão na sua cegueira.*

*Os ímpios de coração amontoam para si a ira; e, agrilhoados por Deus, não clamam por socorro. Perdem a vida na sua mocidade e morrem entre os prostitutos cultuais.*

*Ao aflito livra por meio da sua aflição e pela opressão lhe abre os ouvidos.* <sup>428</sup> *Assim também procura tirar-te das fauces da angústia para um lugar espaçoso, em que não há aperto, e as iguarias da tua mesa seriam cheias de gordura; mas tu te enches do juízo do perverso e, por isso, o juízo e a justiça te alcançarão.* <sup>429</sup>

*Guarda-te, pois, de que a ira não te induza a escarnecer, nem te desvie a grande quantia do resgate.* <sup>430</sup> *Estimaria ele as tuas angústias? Não suspires pela noite, em que povos serão tomados do seu lugar. Guarda-te, não te inclines para a iniquidade; pois isso preferes à tua miséria.*

<sup>427</sup> De 8 a 11, ele diz que se for ouvido, a vida de Jó mudaria e ele encontraria “delícias” na vida outra vez.

<sup>428</sup> De 12 ao 15, ele diz que Jó tem duas opções: não ouvir e ser traspassado pela lança de Deus e ou aceitar a aflição e a opressão, a fim de poder ter seus ouvidos abertos. Ele insiste na tese de que todo sofrimento é fruto de *castigo pedagógico*.

<sup>429</sup> Nos versos 16 e 17, Eliú diz que Deus queria “restaurar” a Jó, mas que Jó estava “adiando a benção”, “atrapalhando” a Deus com sua perplexidade.

<sup>430</sup> A “ofensa a Deus”, sempre relacionada ao medo da blasfêmia, poderia “desviar a grande quantia do resgate”. Se assim fôra, Saulo de Tarso, o apóstolo jamais teria encontrado a face de Cristo (I Tm 1:13). E o princípio é simples: só se *blasfema no coração!* E mesmo a “blasfêmia” pode acontecer num nível psicológico de auto-defesa, para aquele que não sabe como evitar amar aquele a Quem, de fato, ama! Se a ação do homem puder desviar as intenções da *Graça*, ela não é *Graça*. A principal natureza da *Graça* é sua soberania absoluta. E mais: o resgate não é mensurável!

*Eis que Deus se mostra grande em seu poder! Quem é mestre como ele?<sup>431</sup> Quem lhe prescreveu o seu caminho ou quem lhe pode dizer: Praticaste a injustiça? Lembra-te de lhe magnificarades as obras que os homens celebram. Todos os homens as contemplam; de longe as admira o homem.*

*Eis que Deus é grande, e não o podemos compreender; o número dos seus anos não se pode calcular. Porque atrai para si as gotas de água que de seu vapor destilam em chuva, a qual as nuvens derramam e gotejam sobre o homem abundantemente.*

*Acaso, pode alguém entender o estender-se das nuvens e os trovões do seu pavilhão? Eis que estende sobre elas o seu relâmpago e encobre as profundezas do mar. Pois por estas coisas julga os povos e lhes dá mantimento em abundância. Enche as mãos de relâmpagos e os dardeja contra o adversário. O fragor da tempestade dá notícias a respeito dele, dele que é zeloso na sua ira contra a injustiça.<sup>432</sup>*

<sup>431</sup> De 19 a 22, Eliú exorta Jó a parar de sofrer. Pede que ele aceite a disciplina e pare de agir como um iníquo. Acusa-o de “preferir” sua iniquidade à sua miséria. Ou seja: “Pare de se queixar que você será restaurado.”

<sup>432</sup> Dos versos 23 a 33, Eliú toma o poder de Deus e Sua Onipotência e sabedoria manifestos aos olhos de todos na criação e, a partir de uma premissa verdadeira, ele escorrega para dentro do grande dilema humano, que é: *Como um Deus tão grande em poder e que manifesta Sua majestade ao ordenamento fixo e não caótico do universo, não agiria do mesmo modo na história humana e nas vidas dos indivíduos?* Ora, isso nos põe diante de muitas angústias, pois, ou Deus, em sua sabedoria, decidiu praticar outra relação com o mundo dos humanos, deixando-os crescer em sua percepção de si mesmos e de Deus ou, como sugere Jung em sua “Resposta a Jó”, Deus estaria “aprendendo a consciência e sua prevalência sobre a onipotência” na vida de Jó, o que, para mim, é inaceitável. Aliás, a “Resposta a Jó” de Jung serve muito mais para explicar o desenvolvimento do *inconsciente coletivo* do que para se “discernir a Deus”. Jung colocou a Deus no divã e tentou entendê-lo com as categorias de seu saber psicanalítico, o que, a meu ver, foi infantil e desastroso.

*Sobre isto treme o meu coração e salta do seu lugar. Daí ouvidos ao trovão de Deus, estrondo que sai da sua boca; ele o solta por debaixo de todos os céus, e o seu relâmpago, até aos confins da terra. Depois deste, ruge a sua voz, troveja com o estrondo da sua majestade, e já ele não retém o relâmpago quando lhe ouvem a voz. Com a sua voz troveja Deus maravilhosamente; faz grandes coisas, que nós não compreendemos. Porque ele diz à neve: Cai sobre a terra; e à chuva e ao aguaceiro: Sede fortes. Assim, torna ele inativas as mãos de todos os homens, para que reconheçam as obras dele.*

*E as alimárias entram nos seus esconderijos e ficam nas suas cavernas. De suas recâmaras sai o pé-de-vento e dos ventos do norte, o frio. Pelo sopro de Deus se dá a geada, e as largas águas se congelam. Também de umidade carrega as densas nuvens, nuvens que espargem os relâmpagos. Então, elas segundo o rumo que ele dá, se espalham para uma e outra direção, para fazerem tudo o que lhes ordena sobre a redondeza da terra. E tudo isso faz ele vir para disciplina, se convém à terra, ou para exercer a sua misericórdia.*

*Inclina, Jó, os ouvidos a isto, pára e considera as maravilhas de Deus. Porventura, sabes tu como Deus opera e como faz resplandecer o relâmpago da sua nuvem? Tens tu notícia do equilíbrio das nuvens e das maravilhas daquele que é perfeito em conhecimento? Que faz aquecer as tuas vestes, quando há calma sobre a terra por causa do vento sul? Ou estendeste com ele o firmamento, que é sólido como espelho fundido? Ensina-nos o que lhe diremos; porque nós, envoltos em trevas, nada lhe podemos expôr.*

*Contar-lhe-ia alguém o que tenho dito? Seria isso desejar o homem ser devorado. Eis que o homem não pode olhar para o sol, que brilha no céu, uma vez passado o vento que o deixa limpo. Do norte vem o áureo esplendor, pois Deus está cercado de tremenda*

*majestade. Ao Todo-Poderoso, não o podemos alcançar; ele é grande em poder, porém não perverte o juízo e a plenitude da justiça. Por isso, os homens o temem; ele não olha para os que se julgam sábios.*<sup>433</sup>

<sup>433</sup> O capítulo 37 inteiro segue a mesma lógica: quem quer que “veja” e discirna a Onipotência de Deus tem a obrigação de aceitar passivamente toda dor e toda calamidade. É a consolação do apavorado, da consciência que não fala porque tem medo de Deus; é o silêncio dos que temem os fenômenos inexplicáveis da natureza e quando se medem com tais “poderes manifestos”, encolhem-se e emudecem. Eliú recomenda, ao final, uma *contemplação reverentemente apavorada* diante de Deus, como remédio para a dor de Jó.

## COMENTÁRIO

Eu disse na introdução ao comentário sobre Eliú que ele me parecia ser o mais complexo dos quatro personagens – Elifaz, Bildade e Zofar, eram os outros três – e, portanto, merecia um tratamento diferenciado, até porque ele fala apenas uma vez. Mas que longo discurso!

Eliú me lembra os jovens gênios: inteligentes, ansiosos pela sabedoria, cômicos de sua superioridade intelectual, enfatuado com a comparação do saber que amealhou em tão pouco tempo – se comparado com a lentidão da sabedoria dos outros três sábios -, que discerne muitas verdades sobre o ser de Deus e sobre a condição humana, mas que apenas com mais sutileza, pratica exatamente a mesma Teologia de Causa e Efeito Moral praticada pelos seus amigos.

Como ele é extremamente poético, sua insensatez se disfarça muito bem; como é muito inteligente, sua falta de compreensão sobre o problema da dor parece receber dele um tratamento *de coisa boba de quem nunca olhou a majestade que o cerca*; e suas acusações a Jó colocam a patriarca no plano de um “sábio que se havia desviado da verdade”, mas que, em havendo um “anjo intercessor” a seu favor – ou se Jó não resistisse às “três chances” que Deus dá aos caídos, fazendo-se servo do mais doído de todos os arrependimentos -, então, sua dor daria lugar a “delícias”.

Eliú é um ser com tanta urgência de ganhar “campeonatos de

sabedoria” que não tem alma para emprestar ao sofrimento do outro. Ele é como evangelistas que apenas oferecem fórmulas idiotas, simplificando a dor do próximo com *promessas quase verdadeiras*, só que completamente fora do contexto em questão.

Quando isto acontece, as melhores verdades se transformam em mentira!

A verdade só é verdade dentro da realidade para qual ela é verdade-realidade. É por isso que dogmas e doutrinas não consolam nenhuma alma aflita.

Eliú é o caso típico do ser inebriado pelo divino, mas que, ao mesmo tempo, está embriagado de si mesmo!

Entre os que falaram, ele é o que mais *serpenteia* entre a verdade e o engano. Justamente por isso, é tão difícil percebê-lo. Mas, como eu disse inicialmente, os *amigos de Jó* – incluindo-se entre eles esse amigo “auto-imposto”, que é Eliú – servem muito mais a estudos psicanalíticos do que às ciências teológicas.

Ao final, o que se percebe é basicamente o seguinte: Não há guerras teológicas – e nem de qualquer outro tipo – que não revelem, antes de tudo, problemas relacionais ou antipatias inconscientes.<sup>434</sup>

Assim é que hereges amáveis e politicamente corretos são quase sempre aceitos. Hereges inflexíveis em sua integridade de fé, vão para a fogueira!

No fim não é a verdade de Deus que está em questão, mas única e tão somente, as “verdades dos homens”.

<sup>434</sup> Tg 4:1-2a

O *Livro de Jó*, como eu disse no início, tem que ser lido sempre *sem os dois capítulos iniciais*. Ali se fica sabendo da “*conspiração celeste*”. Excluída essa percepção, o que sobra – e sobra em abundância – é a utilização ideológica do nome de Deus, a fim de esconder perplexidades, ignorâncias, invejas, inferioridades, limitações, medos e equívocos imensos sobre quem é Deus para os homens!

Exalta-se sem limites a Onipotência e Sabedoria de Deus na criação, mas não se fala – não em favor de Jó – de sua *Graça* e *Mistério*! Ao contrário, a partir de exemplos isolados de “justiças imediatas” aplicadas a alguns poucos perversos, quer-se construir uma Teologia Moral de Causa e Efeito imediatos. E, então, pecam contra Jó, contra Deus e contra a realidade da História; ou seja, peca-se também contra a História, pois esta, de fato, dá testemunho, no máximo, de uma inesgotável *Paciência de Deus* frente à desordem do indivíduo e da sociedade humana.

Eles só não conseguem é perguntar: Ora, se no *universo das leis fixas* tudo funciona a partir de um princípio de causalidade óbvia, por que será, então, que entre os homens não encontramos esse mesmo padrão?

E a resposta não precisa ser elaborada: é porque entre os homens cada universo é singular e cada lei é particular, e cada “disciplina” é percebida apenas e tão somente pelo ser que a recebe, se refletir e se curvar ante esse amor que o ensina.

Eliú, portanto, existe em abundância entre nós. Ele é aquele sábio de urgências e de juízos pré-definidos, e que esconde seu moralismo sob as máscaras de sua inteligência, escondendo sua inveja de Jó, em sua necessidade de tirar também seu próprio pedaço do Totem Rachado pelas dores do inferno e pelo inferno das acusações dos “amigos”.

E quanto a Eliú, eu paro por aqui. Prosseguir seria entendê-lo para além do possível, fazendo de mim, um “amigo” dos *amigos de Jó*, só que tratando a Eliú como eles trataram a Jó. E a razão é simples: ninguém fica “acima” desse mal, nem mesmo quando o discerne. Discerní-lo pode fazer de você um ser arrogante e incapaz de lidar com as intermináveis limitações que nos definem como homens debaixo do sol.

Who is this that darkeneth counsel by words without knowledge



Then the Lord answered Job out of the Whirlwind

Who maketh the Clouds his Chariot & walketh on the Wings of the Wind

the Drops of the Dew

Hath the Rain

a Father & who hath begotten

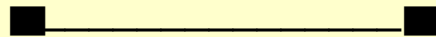


W. Blake invent & sculp

London. Published as the Act directs March 8. 1825 by William Blake N<sup>o</sup> 3 Fountain Court Street

Proof

## CAPÍTULO XIII



### *Do Meio de Um Redemoinho Falou o Grande Silencioso*

*Depois disto, o Senhor, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó:* <sup>435</sup>

*Quem é este que escurece os meus desígnio com palavras*

<sup>435</sup> Sempre me perguntei por que Deus falou a Jó “do meio de um redemoinho”. Ora, a vida de Jó estava sob total poder avassalador. Sua vida havia sido “varrida” pela força daquele diabólico “tornado” que destruíra tudo o que ele amava e havia construído. Daí, então, a imagem ser perfeita. Era como se Deus dissesse: “*Eu estou no meio de teus tormentos*”! O fato mais interessante é que o “*meio do redemoinho*” é um lugar de paz. Hoje sabemos que no “olhinho”, no centro das tensões que formam o fenômeno do redemoinho, existe um silêncio total, uma calma absolutamente chocante, uma “causa-paz”, que contraria o “efeito-catástrofe” por ele manifesto. E aqui há uma “*parábola*”. Isso porque o redemoinho é produto de uma relação de causa e efeito, estudável no universo das leis fixas. Mas, estranhamente, existe uma “contradição” nele, pois no meio da devastação existe um lugar oposto, um lugar de paz. E é desse “lugar” que Deus fala a Jó. E, assim, Deus usa um fenômeno de “causa e efeito” a fim de manifestar a “não-causalidade” dos efeitos que

*sem conhecimento?* <sup>436</sup> *Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber: Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Diz-mo, se tens entendimento.* <sup>437</sup> *Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?* <sup>438</sup> *Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu da madre: quando eu lhe pus as nuvens por vestidura e a escuridão por fraldas? Quando eu lhe tracei limites,*

Jó experimentava na carne. Jó era vítima de fenômenos físicos e espirituais, mas seu Deus continuava o mesmo e não havia permitido mudar pelas tormentas que quase mataram Seu “amigo Jó”. Na maioria das vezes é no *meio do redemoinho* onde se encontra a maior Graça.

<sup>436</sup> No final, Jó assume que ele era esse que *falava sem conhecimento*. Todavia, a mim parece que se trata muito mais de uma auto-crítica posterior do que a aceitação imediata de que ele fosse essa pessoa. Afinal, *quem havia falado por último havia sido Eliú*. Portanto, não deveria ser difícil pensar que “*este que obscurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento*”, pelo contexto antecedente, tenha sido Eliú e não Jó. Afinal, o *Livro de Jó* é mais dos amigos dele que dele. Jó é apenas aquele que responde. E seu maior lamento não nasce de suas perdas, mas de sua solidão, filha da indiferença dos amigos.

<sup>437</sup> Mesmo as nossas mais avançadas teorias científicas, ainda hoje, estão longe de saber qualquer coisa sobre “o princípio”. Nosso atual “Big-Bang” em não muito tempo, dará lugar a uma teoria muito mais distante da referência que o “Big-bang”, hoje, nos oferece. Ou seja: quanto mais a ciência ganhar entendimento, mais para distante da superficialidade das teorias atuais ela caminhará. O atual Big-bang está ainda longe de ser a *Percepção do Princípio*. É apenas o fenômeno mais distante no tempo e no espaço por nós detectado hoje. Amanhã, todavia, se perceberá como o Big-bang ainda é um fenômeno “recente”.

<sup>438</sup> Trata-se de uma alusão à estupefação dos anjos e outros seres criados durante a criação do universo e que se extasiavam com as maravilhas da criação de Deus.

*e lhe pus ferrolhos e portas e disse: até aqui virás e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas?*

*Acaso desde que começaram os teus dias, deste ordem à madrugada ou fizeste a alva saber o seu lugar, para que se apegasse às orlas da terra, e desta fossem os perversos sacudidos?*

*A terra se modela como o barro debaixo do selo, e tudo se apresenta como vestidos; dos perversos se desvia a luz, e o braço levantado para ferir se quebranta.*

*Acaso entraste nos mananciais do mar ou percorreste o mais profundo abismo? Porventura, te foram reveladas as portas da morte ou viste essas portas da região tenebrosa? Tens idéia mítica da largura da terra? Diz-mo, se o sabes.*

*Onde está o caminho para a morada da luz? E, quanto às trevas, onde é o seu lugar, para que as conduzas aos limites e discirnas as veredas para a sua casa? Tu o sabes, porque nesse tempo eras nascido e porque é grande o número dos teus dias! Acaso entraste nos depósitos da neve e viste os tesouros da saraiva que eu retenho até o tempo da angústia, até ao dia da peleja e da guerra?*

*Onde está o caminho para onde se difunde a luz e se espalha o vento oriental sobre a terra? Quem abriu regos para o aguaceiro ou caminho para os relâmpagos dos trovões; para que se faça chover sobre a terra, onde não há ninguém, e no ermo, em que não há gente para dessedentar a terra deserta e assolada e para fazer crescer os renovos da erva?*

*Acaso a chuva tem pai? Ou quem gera as gotas de orvalho? De que ventre procede o gelo? E quem dá à luz a geada do céu? As águas ficam duras como a pedra, e a superfície das profundezas se torna compacta.*

*Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-Estrelo ou soltar os laços do Orion? Ou fazer aparecer os signos do Zodíaco ou guiar*

*a Ursa com seus filhos?*<sup>439</sup> *Sabes tu as ordenanças dos céus, podes estabelecer a sua influência sobre a terra?*

*Podes levantar a tua voz até às nuvens, para que a abundância das águas te cubra? Ou ordenarás aos relâmpagos que saiam e te digam: Eis-nos aqui? Quem pôs sabedoria nas camadas de nuvens? Ou quem deu entendimento ao meteoro? Quem pode numerar com sabedoria as nuvens? Ou os odres dos céus, quem os pode despejar, para que o pó se transforme em massa sólida, e os torrões se apeguem uns aos outros?*

*Caçarás, porventura, a presa para a leoa? Ou saciarás a fome dos leõezinhos, quando se agacham nos covis e estão à espreita nas covas? Quem prepara aos corvos o seu alimento, quando os seus pintainhos gritam a Deus e andam vagueando, por não terem que comer?*<sup>440</sup>

<sup>439</sup> Assim dizendo, Deus admite as simbologias “lidas” nos céus. E esses “signos” são perceptíveis apenas porque o universo não é caótico, do contrário, a cada dia haveria “novos signos” nos céus (Gn 1:14).

<sup>440</sup> Dos versos 1 ao 41 (cap. 38), Deus fala de sua Onipotência, Onisciência e Onipresença. Tudo foi criado por ele, pelo seu poder e pela sua sabedoria. A tarefa inesgotável dos humanos é tentar entender o que Ele criou. Foi por esta razão que Jung, em seu “Resposta a Jó”, crê que Deus “aprendeu” com Jó a virtude da consciência, a qual veio a plenificar no Jó-dos-Jós, Jesus de Nazaré. Infelizmente, neste aspecto – até porque não era a sua área de conhecimento - , Jung, drasticamente se equivocou. Deu mais atenção aos dois capítulos iniciais do livro que ao drama humano ali expresso. Tentou fazer “psicanálise de Deus”, usando uma simplificação humana: o ato teatral expresso nos capítulos 1 e 2! A meu ver o discurso inicial do Todo-Poderoso tinha uma outra finalidade, que era o seguinte: “Se não se conhece o *universo de leis fixas* que eu criei, como se pode usar este critério para entender a complexidade, infinitamente superior as minhas relações com os irrepetíveis humanos”? Ou seja: Estudar física, matemática, biologia, química e todas as demais ciências exatas ou quase-exatas, não tem aplicabilidade para discernir as relações e os acontecimentos existenciais, psicológicos e espirituais do caminho dos humanos na Terra.

*Sabes tu o tempo em que as cabras monteses têm os filhos ou cuidaste das corças quando dão suas crias?<sup>441</sup> Podes contar os meses que cumprem? Ou sabes o tempo do seu parto? Elas encurvam-se, para terem seus filhos, e lançam de si as suas dores. Seus filhos se tornam robustos, crescem no campo aberto, saem e nunca mais tornam para elas.*

*Quem despediu livre o jumento selvagem, e quem soltou as prisões ao asno veloz, ao qual dei o ermo por casa e a terra salgada por moradas? Rí-se do tumulto da cidade, não ouve os gritos do arrieiro. Os montes são o lugar do seu pasto, e anda à procura de tudo o que está verde.*

<sup>441</sup> Do capítulo 39 em diante, Deus muda o tema. Agora Ele já não fala do universo de leis fixas de causa e efeito. Ele apresenta o *mundo animal* e mostra que neste âmbito já não é possível construir uma *moral animal* que nos possibilite entender o seu comportamento e fixar-lhes limites, a não ser, talvez, dentro da própria espécie. Cada espécie é diferente de outra. Suas éticas de vida e sobrevivência são naturais, mas são próprias a cada espécie. Ou seja; ele diz que nem a partir do mundo animal se pode construir qualquer tipo de ética para os humanos e muito menos qualquer forma de padronização de comportamento, pois *as variações acontecem até mesmo entre animais da mesma espécie*. Assim, vindo do universo fixo, ele incursiona pelo mundo das “variedades da natureza” por Ele criadas. Neste sentido, tudo o que se diz sobre o comportamento dos animais aparece como valor a-ético para impedir as certezas daqueles que pretendem entender o caminho do homem na Terra. Afinal, se seres sem auto-conhecimento já constituem um mundo de complexidades assustadoras, que não pensar cerca da indevassabilidade da consciência humana diante de Deus? Jung interpretou isso como sendo uma “*demonstração da onipotência de Deus contra a consciência de Jó, mais elevada que a da divindade*”. Isto porque ele, Jung, entendeu o texto a partir de uma revelação progressiva não da revelação de Deus, mas do “auto-conhecimento de Deus sobre Si mesmo”. Pensando assim, ele conclui que tanto Satanás quanto Jó são os mestres de Deus para desenvolver-lhe uma consciência que prevaleça sobre sua Onipotência. Equívoco! A lógica é justamente inversa: O que ele diz é que o nível de consciência dos humanos é que ainda se nutria das normas fixas do universo visível ou se comparava à maldade predatória do mundo animal. Assim, quem obedece a Lei, sobrevive; quem a transgide é engolido como os demais bichos enfraquecidos da Terra.

*Acaso quer o boi selvagem servir-te? Ou passará ele a noite junto da tua manjedoura? Porventura, podes prendê-lo ao sulco com cordas? Ou gradará ele os vales após ti? Confiarás nele, por ser grande a sua força, ou deixarás a seu cuidado o teu trabalho? Fiarás dele que te traga para a casa o que semeaste e o recolha na tua eira?*

*O avestruz bate alegre as asas; acaso, porém, tem asas e penas de bondade? Ele deixa os seus ovos na terra, e os aquece no pó, e se esquece de que algum pé os pode esmagar ou de que podem pisá-los os animais do campo. Trata com dureza os seus filhos, como se não fossem seus; embora seja em vão o seu trabalho, ele está tranquilo, porque Deus lhe negou sabedoria e não lhe deu entendimento; mas, quando de um salto se levanta para correr, ri-se do cavalo e do cavaleiro.*

*Ou dás tu força ao cavalo ou revestirás o seu pescoço de crinas? Acaso o fazes pular como o gafanhoto? Terrível é o fogo respirar das suas ventas. Escarva no vale, folga na sua força e sai ao encontro dos armados. Ri-se do temor e não se espanta; e não torna atrás por causa da espada. Sobre ele chocalha a aljava, flameja a lança e o dardo. De fúria e ira devora o caminho e não se contém ao som da trombeta. Em cada som da trombeta, ele diz: Avante! Cheira de longe a batalha, o trovão dos príncipes e o alarido. Ou é pela tua inteligência que voa o falcão, estendendo as asas para o sul? Ou é pelo teu mandado que se remonta a águia e faz alto o seu ninho? Habita no penhasco onde faz a sua morada, sobre o cimo do penhasco, em lugar seguro. Dali, descobre a presa; seus olhos a avistam de longe. Seus filhos chupam sangue; onde há mortos, ela aí está.*

Disse mais o SENHOR a Jó:

*Acaso quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso? Quem assim arguí a Deus que responda.*

Então, Jó respondeu ao SENHOR e disse:

*Sou indigno; que te responderia eu? Ponho a mão na minha boca. Uma vez falei e não replicarei, aliás, duas vezes, porém não prosequirei.*

Então o SENHOR, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó:

*Cinge agora os lombos como homem; eu te perguntarei, e tu me responderás. Acaso anularás tú, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares? Ou tens braço como Deus ou podes trovejar com a voz como ele o faz?*

*Orna-te, pois, de excelência e grandeza, veste-te de majestade e de glória. Derrama as torrentes da tua ira e atenta para todo soberbo e abate-o. Olha para todo soberbo e humilha-o, calca aos pés os perversos no seu lugar. Cobre-os juntamente no pó, encerra-lhes o rosto no sepulcro. Então, também eu confessarei a teu respeito que a tua mão direita te dá vitória.*

*Contempla agora o hipopótamo, que eu criei contigo, que come a erva como o boi. Sua força está nos seus lombos, e o seu poder, nos músculos do seu ventre. Endurece a sua cauda como cedro; os tendões das suas coxas estão entretecidos. Os seus ossos são como tubos de bronze, o seu arcabouço, como barras de ferro. Ele é obra-prima dos feitos de Deus; quem o fez o proveu da espada. Em verdade, os montes lhe produzem pasto, onde todos os animais do campo folgam. Deita-se debaixo dos lotos, no esconderijo dos canaviais e da lama. Os lotos o cobrem com sua sombra; os salgueiros do ribeiro o cercam. Se um rio transborda, ele não se apressa; fica tranquilo ainda que o Jordão se levante até à sua boca. Acaso pode alguém apanhá-lo quando ele está olhando? Ou lhe meter um laço pelo nariz?*

*Podes tu, com anzol, apanhar o crocodilo ou lhe travar a língua com uma corda? Podes meter-lhe no nariz uma vara de junco?*

*Ou furar-lhe as bochechas com um gancho? Acaso te fará muitas súplicas? Ou te falará palavras brandas? Fará ele acordo contigo? Ou toma-lo-ás por servo para sempre? Brincarás com ele, como se fora um passarinho? Ou tê-lo-ás preso a correia para as tuas meninas? Acaso os teus sócios negociam com ele? Ou o repartirão entre os mercadores? Encher-lhe-ás a pele de arpões? Ou a cabeça, de farpas? Põe a mão sobre ele, lembra-te da peleja e nunca mais o intentarás.*

*Eis que a gente se engana em sua esperança; acaso não será o homem derribado só em vê-lo? Ninguém há tão ousado, que se atreva a despertá-lo. Quem é, pois, aquele que pode erguer-se diante de mim?*

*Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu. Não me calarei a respeito dos seus membros, nem da sua grande força, nem da Graça da sua compostura. Quem lhe abrirá as vestes do seu dorso? Ou lhe penetrará a couraça dobrada? Quem abrirá as portas do seu rosto? Pois em roda dos seus dentes está o terror. As fileiras de suas escamas são o seu orgulho, cada uma bem encostada como por um selo que as ajusta. A tal ponto uma se chega à outra, que entre elas não entra nem o ar. Umas às outras se ligam, aderem entre si e não se podem separar. Cada um dos seus espiros faz resplandecer luz, e os seus olhos são como as pestanas da alva. Da sua boca saem tochas; faíscas de fogo saltam dela. Das suas narinas procede fumaça, como de uma panela fervente ou de juncos que ardem. O seu hálito faz incender os carvões; e da sua boca sai chama. No seu pescoço reside a força; e diante dele salta o desespero. Suas partes carnudas são bem pegadas entre si; todas fundidas nele e imóveis. O seu coração é firme como uma pedra, firme como a mó de baixo.*

*Levantando-se ele, trememos valentes; quando irrompe, ficam como que fora de si. Se o golpe de espada o alcança, de nada vale, nem de lança, de dardo ou de flecha. Para ele, o ferro é palha, e o cobre, pau podre. A seta o não faz fugir; as pedras das fundas se lhe tornam em restolho. Os porretes atirados são para ele como palha, e ri-se do brandir da lança.*

*Debaixo do ventre, há escamas pontiagudas; arrasta-se sobre a lama, como um instrumento de debulhar. As profundezas faz ferver, como uma panela; torna o mar como caldeira de unguento. Após si deixa um sulco luminoso; o abismo parece ter-se encanecido. Na terra, não tem ele igual, pois foi feito para nunca ter medo.*

*Ele olha com desprezo tudo o que é alto; é rei sobre todos os animais orgulhosos.*

## COMENTÁRIO

Neste ponto vale fazermos um resumo do que foi visto e falado até aqui.

Além das tramas celestiais, o que o Livro de Jó revela é como a ignorância humana, animada pelas morais baseadas no universo das leis fixas e que ordenam a vida, pode ter efeitos devastadores sobre a existência do indivíduo que sofre dores e que não encontra relações fixas de causa e efeito entre seu *estado* e o seu *ser*.

Quando isso acontece, mesmo os melhores amigos, sucumbem aos juízos e suas consolações não conseguem ser nada mais que “exortações”, carregadas de moral, seja ela do tipo bondoso ou seja ela do tipo psicanaliticamente arrogante – para não dizermos que, em geral, elas sempre refletem *as próprias sombras dos amigos*, mais perplexos com a perplexidade do crente em perplexidade, que com a dor que a vítima da perplexidade consegue exprimir por si mesma.

Chocou-lhes também o *modo* como Jó escolheu expressá-las!

Quando isto acontece, Satanás perde a sua importância e os “*acusadores da Terra se tornam adversários mais terríveis do que o Diabo*”.

O importante é lembrar que a *Indisponibilidade de Deus* em face às dores de Jó, antes dos “amigos” aparecerem, estava sendo tratada da única maneira possível que um *ser-integro* possui para

lidar com perplexidade e com o Mistério dos caminhos divinos.

Especialmente para um Jó que não leu os dois primeiros capítulos do *Livro de Jó* e que, portanto, só enxergava o horizonte imediato das tragédias que o acometeram e das interpretações das quais elas foram objeto, especialmente por parte dos amigos.

Quando Jó perde “bens e filhos”, ele responde: “*O Senhor deu, o Senhor tirou. Bendito seja o nome do Senhor!*”<sup>442</sup>

Quando perde a saúde e as honras que adivinham do seu poder e sabedoria referencial, ele responde: “*Dele recebemos o bem; não receberíamos também o mal?*”<sup>443</sup>

Então, chegam os amigos, com suas “*interpretações*”, suas necessidades de segurança, suas invejas piedosamente disfarçadas e sua “*teologia moral de causa e efeito*”. E como seus amigos não encontraram um homem disposto a negociar a sua própria consciência, revoltaram-se e, depois, inconscientemente, *invejaram sua integridade e sua liberdade de ser*.

O “arrependimento” de Jó daria segurança às suas pobres certezas sobre Deus!

Jó, todavia, não traz paz. Ao contrário, traz espada para as certezas dos amigos que, agora, estavam sendo forçados à experiência suprema de um “*escândalo*”.

E que “escândalo” é esse?

Ora, o pior de todos: o “*escândalo*” que Deus praticara contra Jó, obrigando “*o Seu amigo*” a continuar a ser de Deus, mesmo contra Deus!

Depois que os amigos entraram no drama é que as angústias de Jó se multiplicaram e foi quando ele chegou perto da *apostasia*.

<sup>442</sup> Jó 1:20-22

<sup>443</sup> Jó 2:7-10

Geralmente, “*apostasias*” não são em relação a Deus, mas aos seus *pretensiosos representantes* na Terra!

Nem sempre quando se “*desvia o pé do caminho*” terrestre dos “amigos” é por causa de Deus, mas, na maioria das vezes, apenas pela insuportabilidade de ver os amigos amando, conhecendo ou suportando um *deus* que não é mais o seu Deus!

E é somente quando se vive *estações da perplexidade* que se pode discernir quem é “aquele” a quem nossos “amigos” chamam de “Deus – se é “deus” ou “Deus”!

Quando isto acontece é que Jó começa, do ponto de vista dos seus amigos, a “*blasfemar*” e diz que preferia não ter existido<sup>444</sup>; que daria tudo para não ser um ente reflexivo<sup>445</sup> que ele se tornara uma espécie de “*profecia de auto-cumprimento*”, ou seja, o que ele mais temia se encarnara nele<sup>446</sup>; e muito mais: chegando a perder completamente o pudor de vir a proclamar sem vergonha alguma, sua superioridade humana sobre os seus *oponentes-amigos*.

Ora, são essas declarações de Jó que fazem seus amigos prósperos e sadios, fisicamente falando, saírem em defesa de “Deus”<sup>447</sup>.

A tentativa dos *amigos de Jó* de explicarem o inexplicável, o Mistério Absoluto, fez com que eles mergulhassem cada vez mais profundamente num mundo de disputas teológicas e de sentimentos de inveja dissimulada.

A integridade de Jó provocava não apenas ao diabo, mas aos homens também, especialmente aqueles que o cultuavam, por não

<sup>444</sup> Jó 2:1-19

<sup>445</sup> Jó 3:20-23

<sup>446</sup> Jó 3:24-26

<sup>447</sup> Jó 13:7-14 e em várias outras ocasiões, conforme você leu e percebeu no curso do livro.

terem alternativa a não ser fazê-lo. A integridade de Jó des-integrava as suas banais e superficiais certezas sobre Deus e a vida.

Dessa forma, eles, os “*amigos de Jó*”, se arrogaram a falar do que ninguém na Terra poderia falar, ou seja, o Mistério do Bem e do Mal; advogaram, equivocadamente, a tese de que a História era regida pelas mesmas leis de causa e efeito que regem o universo das leis físicas, e fizeram dessas leis, *aplicativos morais* para o mundo dos humanos.

E mais; sentiam-se ofendidos com o fato de Jó não aceitar tal simplificação sobre a vida humana; por isso, acusaram Jó de pecados ocultos e de dissimulá-los muito bem!

Isto porque criam que um homem bom nunca experimentaria calamidades!

Ora, uma vez vencidos e os seus argumentos, utilizaram-se da “Teologia Moral de Causa e Efeito”, ao *contrário*, ou seja, aplicaram o princípio de uma *história cronologicamente inversa*: agora era o pecado dos filhos de Jó que caíam sobre a sua cabeça!

E mais ainda: enxergaram “blasfêmia” no fato de Jó achar que o pecado maior que *qualquer pecado de que o acusavam*, é a confissão de um pecado do qual não lhe acusava a consciência! Isto faz com que explicitamente “os amigos” digam que Jó pregava “*rebelião*” e que suas palavras faziam o justo “*desviar-se do caminho*”.

E como não “*achavam em Jó lugar de arrependimento*”, acusaram-no de ter enriquecido ilícitamente, obtendo tais resultados não pelo trabalho, pela verdade e pela justiça, mas pela desavergonhada exploração do próximo.

E quando, definitivamente, viram-se impossibilitados de vencer a Jó em qualquer que fosse o campo de batalha, sentiram-se ofendidíssimos, e por essa razão, talvez até inconscientemente, baixaram o nível do confronto e apelaram para as ofensas de

caráter e usaram de escárnio contra ele.

A resposta de Jó, todavia, era sempre a mesma:

*“Eu não entendo o que está acontecendo comigo. O Deus que eu conheço não me trataria assim. Se o fez, foi por ‘razões pessoais’. Eu, todavia, as desconheço e a ‘experiência’ dessas dores me faz crer que ele ‘esqueceu’ de mim. Por isso, que Deus se entenda com Deus a meu respeito. E tomo a Deus para advogar a minha causa contra Deus e faço de Deus o fiador de minha causa, seja contra Ele mesmo ou contra quem quer que seja”.*<sup>448</sup>

A pergunta que me vem é a seguinte:

O que eu, pessoalmente, farei com os dramas desses encontros na minha própria vida e como torná-los claros para os meus leitores, a fim de que os discirnam à volta de si mesmos?

A primeira lição que eu tiro para mim mesmo é a seguinte: *Pior que qualquer tragédia é a tentativa de explicá-la moral ou logicamente.*

Qualquer tragédia é *amoral*, na medida em que só é tragédia, porque não acontece à *maioria*.

Neste sentido, a tragédia, em si mesma, já carrega, no mínimo, uma *amoralidade* e, na pior das hipóteses, uma *i-moralidade*, pois, acontece a poucos, daí ser tragédia.

Moral sempre se deriva da maioria. E é “normalidade” dos eventos que acontecem o tempo todo e são vistos como bençãos comuns, que torna o inusitado calamitoso, uma “tragédia”; portanto, *imoral* no sentido de sua marginalidade em relação aos demais eventos que constituem a vida “normal” da maioria.

<sup>448</sup> Jó 16:19 a 17:3

O que acontece à maioria é normal, não imoral ou amoral! O que acontece a poucos, é tragédia, sendo, portanto, um acontecimento carregado de imoralidade, pois provoca “as interpretações da maioria normal”.

A segunda lição pessoal que aprendi aqui é que *pior que o “sentimento de ausência de Deus na dor, é a presença daqueles que aumentam a dor com a força de seus juízos*. Isso porque é melhor saber que é Deus, ainda que esteja Indisponível; é melhor saber que o Diabo existe e eu não o vejo, do que sentir que ele se assenta à minha mesa em, companhia de amigos, e se passa por eles.

Portanto, a terceira lição pessoal que aprendo, deriva-se da segunda: *pior que a maldade do Diabo, é a maldade de um homem contra seu semelhante, especialmente, contra aquele a quem se chama de amigo*. Isso é tão forte, que no drama dos dramas, não faltou aquele a quem Jesus perguntasse: “*A que vieste, amigo?*” A resposta de Judas foi um beijo como senha de entrega!

E mais que isto: aprendi no *Livro de Jó* que pior do que qualquer verdade a seu respeito, é você se ver julgado pela *projeção das doenças interiores* de outros que são *focadas* em você.

O “*perverso*” visto em Jó era meramente o reflexo do que Elifaz, Bildade e Zofar e até mesmo Eliú, viam em si mesmos, nos papéis que cumpriam naqueles terríveis encontros com des*Graça* do próximo!

Jó não era mais Jó!

Jó eram eles!

O problema não revelado por eles era outro: *eles desejavam ser como Jó e não conseguiam!*

E ofende-os o fato de Jó não querer mais nem mesmo ser Jó. Tudo o que ele quer é paz e ter alívio para as suas dores!

Eu não conheço nenhum Jó!

“Jós” só Deus conhece. E os verdadeiros Jós nem se percebem. Eles sabem que não são “*joio*”, mas não sabem que são Jó.

Apesar de saber que é quase impossível “reconhecer Jó ao nosso lado”, e vê-lo como uma vítima calamitosa de sua própria integridade, todavia é, no entanto, mais que possível, reconhecer a existência extremamente visível de seus amigos passeando entre nós.

Eles se multiplicam incessantemente. Eles são “clonáveis” e estáticos em seus próprios seres, daí o se repetirem tanto e incansavelmente. Por isso, sempre que vejo os “*amigos de Jó*” em ação, sinto uma solidariedade quase instintiva em favor dos Jós, ante os quais eles se apresentam “togados”, e em nome do juízo divino no Tribunal de suas próprias *enfermidades* transformadas em normas e leis.

Desse modo, eu discirno muito mais a existência dos Jós pela observação de por onde andam “seus amigos”. E como Jesus já disse, é só ver onde “*está o cadáver, que aí se ajuntaram os abutres*”; ou no nosso caso, os “*amigos de Jó*”.

Jó, todavia, aprendeu muito com seus amigos. Com eles aprendeu *quem Deus-não-era* e discerniu quais *são as mais opressoras forças da terra* que, em geral, são aquelas que se passam por representantes de Deus contra o próximo, *seja ele quem for!*

Se conversássemos hoje com Jó sobre aqueles episódios, provavelmente ele dissesse que, por experiência própria, havia algumas coisas que haviam ficado daquela *escola de fraternidades hostis*.

Eu ousou dizer que, possivelmente, sejam as seguintes:

Primeiramente, que a *pior tragédia não lhe foi imposta pelo mal-metafísico, mas pela piedade simplista e equivocada de seus confusamente amargurados e auto-enganados “amigos”*.

*Talvez, então, ele também nos dissesse que o pior e mais letal dos “tóxicos”, com poder de envenenar a alma que sofre em perplexidade, não vem, com toda certeza, do Diabo, mas do próximo, quando este assume o “papel de satanás”, adversário do homem em nome de Deus.*

E, por último, provavelmente, ele dissesse que a provocação mais terrivelmente “compulsiva” quanto a fazê-lo “derrapar” fora “do curso de sua própria natureza”, viera da estupidez daqueles que se tornaram “sábios aos seus próprios olhos”. Essa “provocação” que vem dos “sábios para outros”, na espinhosa vereda dos seres presunçosos e arrogantes, conforme seu discurso de “revelação-auto-curricular”<sup>449</sup>.

O problema é que Deus falou!

Digo o “problema” porque, por muito tempo, o que mais me chocava na “conformação” de Jó ante o discurso de Deus, pronunciado “do meio de um redemoinho”, era o fato que, para mim, aparentemente, *Deus não havia dito nada a Jó sobre a sua dor e as razões daquele mal que o acometera.*

Ao contrário, parecia-me que Deus, de fato, *reduzira Jó à sua própria insignificância* e, ao mesmo tempo, que o inefável encontro com o *Grande Indisponível* já havia deixado Jó com a própria compreensão reduzida ao nível da *satisfação muda, pela revelação do indiscernível*, o Deus para além das explicações!

Ora, sem dúvida, é isto que acontece sempre que alguém encontra a Deus!

O encontro com a *Presença de Deus* não demanda palavras explicativas. Sua manifestação explica tudo e o faz no nível do entendimento espiritual! Portanto, numa dimensão mística e supra-racional.

Hoje, todavia, ousou dar passos para além dessa percepção inicial.

<sup>449</sup> Jó 31:1-40

O que vejo nas palavras dirigidas a Jó é uma *construção fenomenológica de verdadeira comunicação*.

Ou seja: continuo a crer que aquilo que o *encontro-em-si* produz, gerando um *silêncio satisfatoriamente mudo*. Mas, hoje, também vejo *parábolas* em cada porção do discurso divino, feito “*do meio do redemoinho*”.

Deus inicia fazendo perguntas sobre onde estava Jó quando todos os fenômenos e realidades do Cosmo estavam sendo criados, tecidos, medidos, designados, enfeitados, ganhando seu próprio esplendor e revestindo-se de um *destino* e de uma indentificabilidade, fosse no céu, fosse na Terra ou em qualquer espaço. E esse destino dos seres cósmicos era regido por leis fixas de causa e efeito, razão pela qual nossas ciências e pesquisas são possíveis, pois baseiam-se na repetibilidade do Macrouniverso e suas leis imutáveis.

Ora, o que isto tinha a ver com o drama de Jó? Eu me perguntava.

Mas, diante da verdade dos encontros que definem a maior parte do livro, eu, hoje, me pergunto: àquela altura, de fato, qual era o “drama de Jó”?

A dor de Jó cresceu muito com o agravo que seus amigos, parentes e conhecidos lhe trouxeram. Ele era acusado de ter *violado leis fixas como as do universo visível*, só que no plano moral, e de estar experimentando as consequências: *causa e efeito!*

Além disso, *sua comparação com seus amigos*, Já o havia empurrado para um nível perigoso de prevalência quase arrogante que, para uma alma se sentindo injustiçada, vem como o poder de fazer gerar as piores doenças e amarguras.

Então, vem Deus e irrompe os discursos teológicos e as disputas humanas e, *do meio do redemoinho*, fala aquilo que ninguém esperava. E o que Ele diz no início, se relaciona ao

Cosmo; afinal, era no *universo físico*, onde nasciam as *leis fixas* usadas pelos “*amigos de Jó*” para trazerem sobre ele um juízo moral também de causa e efeito<sup>450</sup>.

Ora, a mensagem que dali brota, se levarmos em consideração todos os diálogos e temas de debate do livro, traz consigo um conteúdo inescusável:

“Olhem o Universo e curve-se ante sua inescrutabilidade. Se vocês não conhecem o 'conhecível', como entenderão o absolutamente misterioso e inexplicável aos sentidos e às precepções dos mortais?”

Portanto, não temos aqui, como julgou Jung, um discurso de um *deus culpado, tentando ainda esconder-se sob o peso esmagador de sua onipotência por não ter nada “moral” a dizer a Jó.*

O equívoco de Jung foi não ter percebido que Deus, de fato, não tinha nada “moral” a dizer a Jó, por um simples fato: *Deus não tem nada moral a dizer a ninguém*”

Moral é invenção do homem. É fruto de suas médias, é filha de sua necessidade de regular o comportamento, estabelecendo referências que julguem a *normalidade do indivíduo e da sociedade*. Servem para *normatizar* os vínculos horizontais de uma determinada geração, mas não tem aplicabilidade universal. Não existe na Bíblia nada que possamos chamar de *revelação moral de Deus*. Nela as *revelações* transcendem a moral vigente e, frequentemente, a violam e a confrontam. A leitura da Bíblia nos põe sempre diante da Soberania de Deus que, não raramente, quebra leis e morais em favor de Sua mensagem, de Sua justiça ou de Sua misericórdia. E quem não puder ver isto tanto no Velho quanto no Novo Testamento, então, não viu nada ainda. Ora, foi por Deus ser assim – e o “*Filho nada poder fazer de si mesmo, senão aquilo que viu em seu Pai*” - , *é que Jesus morreu como um*

<sup>450</sup> Jó 38:1-41

criminoso, á margem da lei, sob os juízos morais, executando entre transgressores, acusando de subversão e heresia e, sobretudo, de violar as “Leis de Moisés”, pois nela lia penas o *espírito*, dizendo que “*letra e carne*” para nada aproveitam, para, então, concluir: “*As palavras que vos tenho dito são espírito e vida*”<sup>451</sup>

Ora, essa “moral” é tão relativa quanto todos os demais costumes ou convenções que já existiram e deixaram de existir na Terra. O que um dia foi moral para o meu avô, hoje pode ser irrelevante até para o maior moralista.<sup>452</sup>

Mas no *nome endeusado* de muitas morais e durante seu tempo de *vigor unânime*, por elas e por seu poder *majoritário* e, portanto, *mediocre*, algumas das mais nobres *pérolas da humanidade* foram jogadas na lama do descaso e do preconceito.

<sup>451</sup> Jo 6:63

<sup>452</sup> O preconceito humano também se utiliza das “aparências” até mesmo em relação aos animais. A *sangue-suga* é um exemplo disso. Durante anos foi usada em todo o mundo como “solução médica” para tudo para o que a medicina não tinha remédio. Quando a ciência “evoluiu”, pensou-se ter descoberto que as práticas antigas eram infundadas. Então, passou-se a ridicularizar o uso antigo da *sangue-suga*, feito pelos médicos do oriente e pelos seus colegas da Europa medieval. Hoje, a ciência, retoma as finalidades medicinais da “*chupada da sangue-suga*”. Por que? Ora, é que descobriu-se que ela é perfeita para tratamento de membros reimplantados e com risco de gangrenar. Isto porque a *sangue-suga* faz uma mordida perfeita, *anestesia* o corpo no local da dentada, de tal modo que o mordido não sente a dentada; então, ela inocula um *coquetel de anti-coagulantes* – o que faz com que, após uma simples e indolor mordida, o lugar onde ela mordeu venha a sangrar por até oito a dez horas, em razão dos anti-coagulantes – e, para completar o serviço, ela ainda deixa o ferimento preparado para se fechar a partir de dentro para fora. Há vidas sendo ajudadas pela *sangue-suga*. Ora, isto mostra como nossas iminterpretações dos animais muda com a chegada do saber. Agora, depois disto, a *sangue-suga* está no processo de ser convertida numa outra “imagem”. E, *moralmente*, já não poderemos usar a expressão *sangue-suga* mais para ninguém, tipo: *ele é um sangue-suga*. E por quê? É que a *sangue-suga* foi *des-demonizada pelo saber*. E sua existência já não se presta para ilustrações morais em relação à pessoa humana. A *sangue-suga* não é imoral e nem má: ela é apenas a *sangue-suga*!

Dessa forma, eu ousaria dizer ao mestre Jung – a qual respeito e com quem só tenho aprendido – que Deus nunca “aprenderia” e muito menos “faria um discurso moral” para Jó: ***Deus não crê em moral.***<sup>453</sup>

Ele é o Deus da Verdade e da *Graça*, as quais, quando se “*beijam*”<sup>454</sup>, produzem justiça, seja na Terra, *seja onde for*. Isso para não falarmos *das muitas moradas da casa do Pai*<sup>455</sup>.

A primeira mensagem de Deus a Jó portanto, não é sobre sua onipotência. Essa jamais tivera sido questionada, tendo sido tanto por Jó como pelos seus amigos, muitas vezes exaltadas no curso do debates! De fato, por trás do *Discurso Onipotente*, o que há é uma mensagem sobre o equívoco do pressuposto tanto filosófico quanto teológico e moral, que vinha alimentando as obras de Satanás nos corações dos homens. Portanto, o que Deus expõe, é tanto a Sua inescrutabilidade, como, até mesmo, a inescrutabilidade do próprio Cosmo<sup>456</sup>. E como é simples percebermos isto! Mandamos homens à Lua, pousamos em Marte, enviamos sinais de radiotelescópio e aguardamos ressonâncias de volta, buscamos entender a minúscula partícula do espaço que nos rodeia, que é ainda uma simples poeira se comparada apenas as dimensões hoje detectáveis do próprio Cosmo – e não ousamos ir além disso, até aqui; enquanto isso, aqui na Terra, não conseguimos ainda nem mesmo visitar as regiões mais abissais

<sup>453</sup> Is 28:9-13; 29:13; 42:23; Mt 23:1-28

<sup>454</sup> Sl 85:10

<sup>455</sup> Jo 14:2

<sup>456</sup> Jó: 38:1-41

dos mares e, ainda hoje, há inúmeras criações na Terra que nos são totalmente desconhecidas e alienígenas.

A onipotência de Deus se manifesta aqui não como demonstração de Seu poder, mas como a certeza de que entre os humanos, “certezas” fundadas na própria ignorância, matam e aviltam as suas criaturas, especialmente as criadas à Sua imagem e semelhança.

O que Deus diz é chocantemente simples:

“Se vocês não conhecem nem os fenômenos com os quais convivem e seus sentidos percebem, como quererão entender aquilo que está oculto no Mistério de Meu Ser?”

É quase como dizer:

“Depois que vocês conhecerem todo o Universo e tiverem medido e entendido tudo acerca dele, então, comecem a se permitir a possibilidade de outros entendimentos. Por enquanto, vocês ainda ignoram até mesmo o Lugar-Espaço em que habitam, como, então, poderão compreender o Meu Caminho com um homem que, em si, já é mais complexo que tudo o mais que o cerca?”

O problema é que Deus continua a *falar do meio do redemoinho!*

E, agora, sua voz se faz ouvir de modo muito mais chocante: ele diz que a ignorância humana sobre o Cosmo e suas leis fixas de causa e efeito é, praticamente, total – ora, isto é fato até mesmo em nossos dias! Sendo assim, Ele prossegue *não revelando*, mas tão somente afirmando a impossibilidade de se construir qualquer “*verdade-moral-absoluta*” para os humanos, que se baseie no universo visível e inanimado, orquestrado por leis fixas de causa e

efeito.

Ele, todavia, prossegue, e diz que se deixarmos as constelações e os assombros do Cosmo e mergulharmos no *mundo animal*, nossa perplexidade só aumentará; e mais do que nunca, se mostrará inviável a construção de uma *moral referencial* que nos sirva de instrumento de julgamento contra o próximo.

E pior, quanto mais “*anima-animal*” for o *ente* em questão, mais complexa é a situação. Se não conseguimos entender animais, como entenderemos de maneira absoluta e presunçosa a *anima-psíquica dos humanos*?<sup>457</sup>

Assim é que Deus passa a dizer que *até mesmo o mundo animal expressa a inescrutabilidade das naturezas das criaturas por ele chamadas a existência*.<sup>458</sup>

A fim de ilustrar o que Ele ensina, toma de Sua criação apenas e tão somente, nove exemplos:

### **1. As cabras dos montes:**

*“Sabes tu o tempo em que as cabras monteses têm os filhos ou cuidaste das corças quando dão as crias? Podes contar os meses que cumprem? Ou sabes o tempo do seu parto? Elas encurvam-se, para terem seus filhos, e lançam de si as suas dores. Seus filhos se tornam robustos, crescem no campo aberto, saem e nunca mais tornam para elas.”*

A mensagem das cabras é triste e não tem relação de causa e efeito entre seu cuidado materno e a resposta de seus filhos a esses cuidados. Ela os cria com carinho e zê-lo. Alimenta-os. Os vê crescer. Mas quando estão fortes, vão-se; e jamais retornam para ela.

<sup>457</sup> Sl 139; Rm 8:26-27; II Co 2:11

<sup>458</sup> Jó 39: 1-34

Deus diz que nem no *mundo animal* existe a certeza de que se sendo um bom pai ou mãe, nos darão garantias de que os filhos se moverão por gratidão, e se *agruparão como família* em razão do amor recebido.

E se num mundo de instintos é assim que acontece, imagine, então, num mundo de *liberdades criativas* e de decisões que são fruto das necessidades particulares dos complexíssimos humanos?

Aqui, mesmo que os “*amigos de Jó*” tivessem razão sobre pecados praticados pelos filhos de Jó, Deus lhes responde que nem entre os animais, que carregam em si a natureza de seus pais de um modo instintivo, há uma relação de *causa e efeito* entre os cuidados recebidos e as decisões de uma vida nova e independente dos pais. Como tentar imaginar que entre humanos não se poderia esperar surpresas?

## 2. Os jumentos e os asnos

*“Quem despediu livre o jumento selvagem, e quem soltou as prisões ao asno veloz, ao qual dei o ermo por casa e a terra salgada por morada? Rí-se do tumulto da cidade, não ouve os muitos gritos do arrieiro. Os montes são o lugar do seu pasto, e anda à procura de tudo o que está verde”.*

O jumento é conhecido pela sua *proverbial burrice*. Quando “empaca” tem-se que acender fogo sob as suas virilhas para movê-lo do lugar. É ele quem carrega as nossas cargas por milênios, e ainda hoje há civilizações inteiras que o usam para esta finalidade.

Já o asno *veloz* vive só, mas é livre e ninguém parece cobiçar o *seu território*. Sua liberdade vem do desprezo que se dá àquilo que ele preza!

No entanto, *tanto* um quanto o *outro* – coisa que acontece entre jumentos e asno – riem-se do *tumulto da cidade*, desprezam os

*gritos do arrieiro, e comem de Graça.*

Carregam a carga dos outros, mas seu alimento independe disso: eles comem de *Graça!*

Já os humanos, que os subjagam, têm que usar em desespero todos os dias para levar alimento, a fim de sustentar a loucura das cidades.

E de quem é esse “riso” que se esconde atrás do jumento ou do asno, se não o riso do próprio Deus?!

Ora, se nos afadigamos pelo pão enquanto aquele a quem nós chamamos de “jumento” e de “burro” trabalha “forçadamente” para os humanos – pois come de *Graça* por habitar um território não disputável - , quem é, então, o “burro” da história?

A fartura do “burro” vem de seu gosto por aquilo que os “inteligentes” desprezam!

### **3.O boi selvagem:**

*“Acaso quer o boi selvagem servir-te? Ou passará ele a noite junto da tua manjedoura? Porventura, podes prendê-lo ao sulco com cordas? Ou arará ele os vales após tí? Confiarás nele, por ser grande a sua força, ou deixarás a seu cuidado o teu trabalho? Fiarás dele que te traga para casa o que semeaste e o recolha na tua eira?”*

Já o boi selvagem tem uma força que não se torna disponível para o cotidiano humano. Ele não *serve para servir*. Seu poder é um desperdício. Não se oferece para que sua força se transforme em proteção, cuidado, produção, confiança, ou domesticabilidade que promova alguma forma de troca entre ele e os humanos.

O boi selvagem é livre e indomesticável. Porém, o preço que paga pela sua liberdade é a sua solidão!

Assim, Deus ensina: Grande força e excessiva liberdade são a equação para uma grande solidão!

Sua resposta, todavia, é carregada de soberania: *“Eu, o Senhor, o fiz assim. Sou o pai de sua natureza!”*

#### 4. O avestruz:

*“O avestruz bate alegre as asas; acaso, porém, tem asas e penas de bondade? Ele deixa os seus ovos na terra, e os aquece no pó, e se esquece de que algum pé os pode esmagar ou de que podem pisá-los os animais do campo. Trata com dureza os seus filhos, como se não fossem seus; embora seja em vão o seu trabalho, ele está tranquilo, porque Deus lhe negou a sabedoria e não lhe deu entendimento; mas, quando de um salto se levanta para correr, ri-se do cavalo e do cavaleiro”.*

O avestruz é alegre em suas expressões, mas sua alegria e beleza não se traduzem em bondade!

São *descuidados* com seus ovos, expõe-nos aos predadores, e *trata com dureza os seus filhotes*, como se não tivessem sido gerados por ele!

Todavia, *esse belo é burro!*

Deus não lhe deu nada além de alegria-egoísta, beleza e rapidez, o que o faz ter satisfação em vencer o cavalo na corrida em campo aberto, enquanto *despreza-a-si-mesmo*, quando *despreza* aos filhos!

O avestruz é um animal que nos fala das belezas e das *habilidades instintivas* que não se fazem acompanhar nem de entendimento, nem de bondade e nem de responsabilidade.

Ou seja: *“embora seja em vão o seu trabalho, ele está tranquilo”!*

O *belo por fora*, se encanta tanto com sua beleza externa, que indulge *feiúras do lado de dentro*.

É como se a beleza *justificasse* todas as demais *feiuras-de-natureza!*

O avestruz traduz a alegria ignorante e estúpida dos seres, cuja maldade não se enxerga e cuja vida é apenas *um show de beleza e habilidades específicas*.

Mas quem poderia imaginar que tanta beleza e destreza escondessem tanta indiferença e estupidez?

## 5.O cavalo:

*“Ou dás tu força ao cavalo ou revestirás o seu pescoço de crinas? Acaso o fazes pular como ao gafanhoto? Terrível é o fogo respirar das suas ventas. Escarva no vale, folga na sua força e sai ao encontro dos armados. Ri-se do temor e não se espanta; e não torna atrás por causa da espada. Sobre ele chocalha a aljava, flameja a lança e o dardo. De fúria e ira devora o caminho e não se contém ao som da trombeta. Em cada som da trombeta, ele diz: Avante! Cheira de longe a batalha, o trovão dos príncipes e o alarido”.*

Aqui, quando se fala de um dos animais mais bonitos e elegantes da criação, cuja utilidade aos humans foi incomparável, exalta-se sua rapidez, sua valentia, sua bravura, seu compromisso com os cavaleiros, sua capacidade de enfrentar o perigo e sua ânsia de participar dos embates, sem medo.

Só há um problema: *a sua maior virtude é sua maior fraqueza*; pois é por tudo que ele é, que sua existência, nos últimos milênios, aconteceu, quase sempre, no enfrentamento de guerras!

O cavalo é bom e valente, mas sua coragem e fidelidade *não o tiram da zona de risco e de guerra!*

O cavalo é, em sua natureza, vítima de suas próprias virtudes!

A *dignidade* sempre põe o ser em perigo, a *valentia* o expõe ao confronto e sua *fidelidade* o coloca com muita naturalidade num campo de batalhas.

Assim, os seres em guerra podem ser, até mesmo, bons!

## 6. O falcão:

*“Ou é pela tua inteligência que voa o falcão, estendendo as asas para o Sul”.*

Já o falcão tem uma forma de “*inteligência*” - um medidor de vibrações, uma bússola natural - , mas está confinado a um saber que ele usa apenas para sobreviver, mas não para construir.

Voa certo!

O falcão só não sabe o “por quê”!

O falcão é o exemplo de *dons que não se percebem*, que são mais *instintos inteligentes* que inteligência a serviço, ou que produzam qualquer forma de *auto-consciência*.

## 7. A águia:

*“Ou é pelo teu mandado que se remonta a águia e faz alto o seu ninho? Habita no penhasco onde faz a sua morada sobre o cimo do penhasco, em lugar seguro. Dali, descobre a presa; seus olhos a avistam de longe. Seus filhos chupam sangue; onde há mortos, ela aí está”.*

A águia é outra *parábola* da natureza animal. Ela é segura, ativa, terrivelmente predatória, tem visão incomparável e não precisa sair de seu ninho para saber quem comerá!

Seus filhos não sentem fome, mas, seu caminho é sempre de morte. Ela só sai de casa para matar. E seus filhos chupam sangue. E o lugar dos mortos é o seu salão de festa!

A águia é um exemplo terrível de *dons naturais* sempre usados para *chupar sange*.

Aqui, Deus afirma o poder de certas naturezas predatórias entre os animais e, também, nos faz perceber que se existe essa “natureza” nos animais - , que estranheza há na sua precepção entre os humanos?

Ora, até mesmo entre nós, eles são chamados de *águias*!

## 8. O hipopótamo ou o Behemoth

*“ Contempla agora o hipopótamo, que eu criei contigo, que come a erva como o boi. Sua força está nos seus lombos, e o seu poder, nos músculos do seu ventre. Endurece a sua cauda como cedro; os tendões das suas coxas estão entretecidos. Os seus ossos são como tubos de bronze, o seu arcabouço, como barras de ferro. Ele é a obra-prima dos feitos de Deus; quem o fez o proveu de espada. Em verdade, os montes lhe produzem pasto, onde todos os animais do campo folgam. Deita-se debaixo dos lotos, no esconderijo dos canaviais e da lama. Os lotos o cobrem com sua sombra; os salgueiros do ribeiro o cercam. Se um rio transborda, ele não se apressa; fica tranquilo ainda que o Jordão se levante até à sua boca. Acaso pode alguém apanhá-lo quando ele está olhando? Ou lhe meter um laço pelo nariz? ”*

O *Behemoth* é descrito como “obra-prima dos feitos de Deus” e, além disso, é um animal acerca do qual Deus diz a Jó – ou aos humanos: “*que eu criei contigo*”

A que se diz a seguir é que ele vive bem na terra como os humanos jamais conseguiram: sua força é inquestionável, por isso, vive sem ameaças predatórias; e sua adaptabilidade dá a ele a segurança de não temer as enchentes dos rios – até mesmo o Jordão é mencionado - ; e é capaz de viver sua segurança entre a lama e as águas, sendo *coroadado pelo loto*.

O *Behemoth* não “*está nem aí*”. Ele vive na terra incomparavelmente melhor que os “inteligentes humanos”.

Parece até que Deus está falando da adaptabilidade e a capacidade de viver bem, independentem da bondade ou mesmo o poder – afinal, o *Behemoth* é um agraciado que não sabe e não reconhece suas bênçãos!

## **1. O monstro marinho ou o Leviatã:**

*“Podes tu, com anzol, apanhar o Leviatã<sup>459</sup> ou lhe travar a língua com uma corda? Podes meter-lhe no nariz uma vara de junco? Ou furar-lhe as bochechas com um gancho? Acaso te fará muitas súplicas? Ou te falará palavras brandas? Fará ele acordo contigo? Ou tomá-lo-ás por servo para sempre? Brincarás com ele, como se fora um passarinho? Ou tê-lo-ás*

<sup>459</sup> Muitos autores e tradutores aqui traduzem o mítico “leviatã” por “crocodilo”. Hoje já se identifica o animal descrito com um ser “pré-histórico”. Eu, pessoalmente, acredito nessa última tese, antes mesmo dela existir como tal. E por uma simples razão: O “crocodilo” descrito em Jó é, de fato, um outro animal e sua grandiosidade ultrapassa em muito ao que fazem jus os crocodilos de hoje.

*preso à correia para as tuas meninas? Acaso os teus sócios negociam com ele? Ou o repatirão entre os mercadores?*

*Enher-lhe-ás a pele de arpões? Ou a cabeça, de farpas? Põe a mão sobre ele, lembra-te da peleja e nunca mais o intentarás. Eis que a gente se engana em sua esperança; acaso, não será o homem derribado só em vê-lo?* <sup>460</sup>

*Ninguém há tão ousado, que se atrava a despertá-lo. Quem é, pois, aquele que pode erguer-se diante de mim? Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu.* <sup>461</sup> *Não me calarei a respeito dos seus membros, nem da sua grande força, nem da Graça da sua compostura.*

*Quem lhe abrirá as vestes do seu dorso? Ou quem penetrará a couraça dobrada? Quem abriria as portas do seu rosto? Pois em roda dos seu dentes está o terror. A fileiras de suas escamas são o seu orgulho, cada uma bem encostada como por um selo que as ajusta. A tal ponto uma se chega à outra, que entre elas não entra nem o ar. Umas às outras se ligam, aderem entre si e não se podem separar.*

*Cada um do seus espirros faz resplandecer luz,* <sup>462</sup> *e os seus olhos são como as pestanas da alva. Da sua boca saem tochas; faíscas de fogo saltam dela. Das suas narinas procede fumaça, como de uma panela fervente ou de juncos que ardem* <sup>463</sup>.

<sup>460</sup> Pela sua descrição até aqui, esse animal é absolutamente além das bestas da Terra. Trata-se provavelmente, dos Kronosauros, que ainda estavam vivos como raridades marinhas, no mar Mediterrâneo, ainda nos dias de Davi (Sl 104:26). Sua aparência também se assemelha a descrições feitas dos seres pré-históricos Pliosaurus e Mosasaurus, cujos fósseis mostram não apenas sua grandiosidade, mas fortes semelhanças de natureza anatômica, o que fazia com que pudessem se mover sob a água como se fossem gigantescas serpentes.

<sup>461</sup> Aqui Deus declara que ele é o Senhor das criaturas e de suas “naturezas”.

<sup>462</sup> Daqui em diante a descrição começa a chamar à cena um dragão pré-histórico.

*O seu hálito faz incender os carvões; e da sua boca sai chama. No seu pescoço reside a força; e diante dele salta o desespero. Suas partes carnudas são bem pegadas entre si; todas fundidas nele e imóveis. O seu coração é firme como uma pedra, firme como a mó de baixo.*

*Levantando-se ele, tremem os valentes; quando irrompe, ficam como que fora de si. Se o golpe de espada o alcança, de nada vale, nem de lança, de dardo ou de flecha.*

*Para ele, o ferro é palha, e o cobre, pau podre. A seta não o faz fugir; as pedras das fundas se lhe tornam em restolho. Os porretes atirados são para ele como palha, e ri-se do brandir da lança. Debaixo do ventre, há escamas pontiagudas; arrasta-se sobre a lama, como um instrumento de debulhar. As profundezas faz ferver, como uma panela; torna o mar como caldeira de unguento. Após si, deixa um sulco luminoso; o abismo parece ter-se encanecido.<sup>464</sup> Na terra, não tem igual, pois foi feito para nunca ter medo.*

*Ele olha com desprezo tudo o que é alto; é rei sobre todos os animais orgulhosos.*

O monstro marinho é, certamente, um animal pré-histórico, que ainda perambulava sobre a Terra nos dias em que o drama de Jó

<sup>463</sup> As descrições até aqui podem parecer alienígenas para os observadores do mundo atual, com as escassíssimas manifestações de natureza que ainda nos restam no planeta. Mas para um amazonense como eu, onde há peixes que dão choque elétrico em árvores para derrubar delas os frutos que comem, essa descrição do *Livro de Jó* não me soa nem poética e nem lendária. Na natureza tudo é possível e, frequentemente, transcende às “certezas” de nossas convenções científicas.

<sup>464</sup> As descrições de calor que esse animal liberava alterava até a temperatura das águas. Ele é, de fato, uma besta que já não existe na terra. Essa emissão de calor e chispas de fogo poderia ser o resultado de uma produção de gases que entravam em combustão quando encontravam o oxigênio. Nada que não se encontre similar na natureza ainda hoje quem vê peixes abissais, equipados com “lanternas” e que são capazes de produzir luz na escuridão dos mares, não deveria se assustar com tais descrições.

aconteceu. Essa afirmação, em si mesma, num mundo de “*amigos-teológicos-dos-amigos-de-Jó*”, abre inúmeros questionamentos de natureza teológico-interpretativa da Bíblia, especialmente relacionados ao livro de Genesis e às narrativas da criação. Mas os tais questionamentos são feitos apenas enquanto lêem minha total indisposição de dizer o que penso sobre o assunto - sinceramente, por achar absolutamente irrelevante ao nosso tema ou à fé - , porém, aceitam com tranquilidade outras interpretações, desde que não sejam apresentadas por um cristão. Quando assistem aos documentários sobre a pré-história, não manifestam nenhuma crise de fé, mas se alguém ligado a Bíblia e as seu conhecimento expressar opinião divergente em relação ao literalismo interpretativo, mergulham num oceano de espanto e escândalo.<sup>465</sup>

O que é mais chocante em toda essa parábola do monstro pré-histórico é que ele não existe mais sobre a Terra!

*Poder excessivo* não garante uma longa linhas de sobrevivência intergeracional, especialmente num mundo de complexidades naturais crescentes e necessidades de adaptação inigualáveis, especialmente depois que o Senhor soprou seu hálito sobre os humanos.

<sup>465</sup> Digo isto porque sei que essa minha afirmação sobre a existência de animais pré-históricos levanta suspeita e questões em *mentes nervosas*, e que cada novo achado científico sobre uma Terra habitada por milhões de anos antes da existência dos humanos, parece lhes roubar a fé na Bíblia. Por isso, agarram-se a “certezas pseudocientíficas”, baseadas nas descrições bíblicas como quem tenta fazer dela um guia de ciência natural. A Bíblia, todavia, não se presta a essa função. Ela é tão somente a Palavra de Deus, dirigida aos humanos, mas não quer e nunca se fez passar por tratado de ciências naturais. Se assim fosse, os “achados botânicos e zoológicos” de Salomão comporiam o cânom sagrado. Mas nem tais “descobertas” estão presentes nela. A Bíblia é violentada quando a fraqueza nervosa da fé mal fundada de milhões de cristãos tenta fazer dela um manual de revelações sobre fenômenos universais.

Daí pra frente tudo mudou. Antes dos humanos, o reino dos dinossauros foi destruído por algum cataclisma de proporções planetárias. Agora, todavia, surgiu na Terra um ser capaz de se perceber, de criar e de alterar o ecossistema, pois, saiu de seu curso natural com a Queda, e passou a ser um provocador de desarmonias na criação.

O monstro marinho, entretanto foi vítima de seu próprio poder. Isso porque a segurança e a intocabilidade dessa besta eram sua maior fragilidade!

Gerou nela uma total indiferença para com a Terra e seus desafios. Para a besta, tudo era apenas nada. Por isso, ela se tornou o “*mais orgulhoso dos seres da Terra*”.

A prevalência absoluta de uma espécie – seja ela da natureza ou numa empresa, ou religião, partido político, ou nações, ou um poder de qualquer tipo - , sempre gera uma *importância arrogante*, que criará um ser em *extinção*.

Ou seja: o monstro marinho morreu de orgulho, pois o orgulho torna qualquer ser incapaz de desenvolver qualquer forma de auto-preservação.

Aqui se encerram as parábolas da natureza. E o que me vem ao coração, como lição aplicativa ao livro de Jó e aos dramas de natureza moral e teológicos que ali aparecem, resume-se no seguinte:

As “*naturezas*” caminham seu próprio caminho. Quem melhor se adapta é quem mais absorve as novidades e demandas da vida. Burrice, beleza, poder, valentia, coragem, inteligência sem consciência, confortos imerecidos e orgulhos suicidas, são produtos animais que aparecem não apenas na natureza dos humanos. E só não percebe isso quem prefere continuar a classificar as espécies pelo poder ou pela aparência.

As “*naturezas*” cumprem seus próprios juízos. É por isso que a Teologia Moral de Causa e Efeito não consegue ser justa em

nenhum nível, mesmo que viajemos da natureza animal aos indevassáveis recônditos do coração humano.

*Cada homem é universalmente único, apesar de pertencer a uma espécie definida!*

A impossibilidade de julgar um homem vem dessa *singularidade*, que é justamente aquilo que faz que o julgamento exercido sobre e contra o próximo, seja sempre a *projeção* daquele que julga, pois, o faz, *a partir da única referência que possui; a sua própria!*

Na maioria das vezes, nossa singularidade, usada como referência para o julgamento, é nossa maior doença *sobre e na interpretação social*. E nossos julgamentos nada mais são que nossos mais perfeitos *documentos de auto-revelação*. Um homem sempre *se revela* quando *julga que descobriu* a face de um outro! E muito mais ainda quando faz isso *contra* o seu próximo!

O resumo de tudo isso é: O temor do Senhor é o princípio da Sabedoria, pois, quem teme ao Senhor, teme penetrar como *juiz* no mais sagrado de todos os santos-dos-santos na Terra: *o coração de um outro homem!*

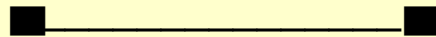
How precious are thy thoughts  
unto me O God  
how great is the sum of them



There were not found Women fair as the Daughters of Job  
in all the Land & their Father gave them Inheritance  
among their Brethren

If I ascend up into Heaven thou art there  
If I make my bed in Hell behold Thou  
art there

## CAPÍTULO XIV



### *O Encontro Que Explica Tudo*

Então, respondeu Jó ao Senhor:

*Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.<sup>466</sup> Quem é aquele, como disseste, que sem conhecimento encobre o conselho? Na verdade, falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia.<sup>467</sup> Escuta-me, pois, havias dito, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me ensinará. Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem.<sup>468</sup> Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.<sup>469</sup>*

<sup>466</sup> Aqui Jó expressa sua consciência de esmagamento não pela onipotência de Deus, mas pelo Seu poder-saber e seu saber-poder.

<sup>467</sup> É a perplexidade de um homem sadio diante de Deus: ele não pára de crescer e de se re-enxergar sempre a partir da inesgotável revelação de Deus. Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, Jó revela a integridade de sua alma: ela não se cansa de crescer e quer que seu crescer seja sempre a experiência da realidade de Deus.

<sup>468</sup> O que ele diz a Deus é o seguinte: “Eu, um dia disse que tinha algo a te dizer. Pois tenho: Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te vêem”.

<sup>469</sup> Acaba aqui toda auto-piedade no coração de Jó. O curvar-se a Deus sempre põe o curvado em pé diante dos homens e diante da vida.

## COMENTÁRIO

Jó é o homem que encontrou *com* Deus. Ele não precisa de mais *nada*. Ele se curva diante de Deus não como alguém que tem *medo* *Daquele que não conhece*, mas como aquele que o *teme*, simplesmente *porque ama a Quem conhece*.

Trata-se não de um *temor-medo*, mas de um *temor-adoração*. O primeiro paralisa e formata a vida conforme os estreitíssimos espaços de “*liberdade*” que existem entre as ameaças de um castigo e outro. O segundo, gera a perplexidade de quem perdeu o medo de respirar e de viver. Antes achava pecado respirar, mas agora aprendeu que a diferença entre existir e viver é como a de respirar e não respirar. Agora ele sabe que o *temor-adoração* faz reverenciar a vida e o seu criador, mas não gera nenhuma *fobia no existir*. É dessa “fobia”, que vem do medo de Deus, que surge “*aquilo*” *que nos impede de simplesmente viver!*

Jó é agora também um homem livre do poder do juízo dos homens *sobre e contra* ele. Ele é filho daquilo que só ele e Deus conheciam. Ele sabia, agora, qual era o seu “*nome novo*” e a sua “*pedrinha branca*”.<sup>470</sup> Ele estava definitivamente livre da

<sup>470</sup> Ver apocalipse 2:17, que é uma das mais fascinantes afirmações bíblicas de que um dos alvos da redenção completa é levar o ser humano à sua total *individuação* e a mais profunda *individuação* vem da afirmação de Deus acerca de nossa singularidade.

necessidade de que se levantássem na praça para reverenciá-lo!

Jó se tornara um *ente apocalíptico*. Ele é a catástrofe. Conhece a terra em brasa, o céu atirando estrelas no chão, mares se envenenando e rios se tornando letais. Jó é a catástrofe com nome e com história específica! Mas Jó é também agora, um cidadão do *novo céu e da nova terra*, que encontra o seu noivo e amante eterno, já aqui na Terra.

Jó também era *um ser escatológico*. Ele já vivia hoje antecipando as certezas do amanhã-começo! Sua consciência crescera para além da própria consciência, e abraçara o absurdo, o escandaloso, a inexplicavelmente injusta justificação pela fé; a eleição livre e soberana de Deus sobre a criação e as criaturas; e, portanto, está *liberto simplesmente para ser* e, sobretudo, *ser para Deus* e para ninguém mais que não queira que *encontros com Deus* sejam, de fato, *encontros com a verdade*, e não meras encenações de imagens opacas de quem se esconde atrás delas, cobertos pelas *vestes de folhas de figueiras* das morais que, presunçosa e enganadamente, pretendem cobrir nossa nudez de ser aos olhos Daquele que, no Jardim do Éden, perguntava: “*Adão, Adão, onde estás*”?

Jó não descende de Caim. Ele é filho da linhagem espiritual de Abel, descontinuada pela sua morte nas mãos do irmão; Caim, que desejava se auto-justificar diante de Deus pelas produções de suas próprias obras. Jó sabia que só o *sangue de outrem* poderia cobri-lo a nudez diante de Deus. Ele é filho do sangue que justifica e da fé que aceita a satisfação de Deus, que vem da confissão permanente de lábios que clamam a ele, por justificação.

Jó é o homem que *não tem mais perguntas*. Ele não precisava de mais nenhuma explicação divina sobre a vida dele ou de quem quer que fosse!

Ele não sabia quase nada sobre a vida e seus mistérios na Terra, mas agora ele conhece Aquele que conhece tudo sobre todos e

sobre sua própria vida; e, sobretudo, que conhecia tudo acerca dos inextricáveis mistérios de seu próprio ser.

E seu coração confiou no encontro com Deus! E *“isto lhe foi imputado para justiça”!*

Agora, ele pode *servir a Deus por nada*. Ele atingira a percepção de que a única recompensa da vida é o conhecimento de Deus, *não de ouvir falar*, mas mediante a *experiência* de Deus, não como *discernimento teológico ou filosófico*, mas como encontro com Aquele que fala, e trata o *perplexo que se sente injustiçado* com a esmagadora manifestação de sua Presença, que assusta e, ao mesmo tempo, acolhe em paz o perplexo oprimido pela sua própria dor e pelas dores opressoras causadas pelos amigos!

Nesse ponto, pouco é necessário, ou mesmo, *uma só coisa!* E feliz é aquele que escolhe *essa uma só coisa* que muda a vida é dá significado a ela, pois, sem significado, nada mais significa e a *insistência numa existência sem significado enlouquece a alma!*

E pior que isto: após uma tragédia, quem não tem esse *“horizonte-vertical”* em Deus, pode acabar com a própria vida; seja pelo *auto-envenenamento de amargura*; seja pela incapacidade de sorrir depois que se viu a *vaidade de tudo*; ou seja porque, mesmo sem saber, responde à vida com o *mau humor de ser quem o fizeram pensar que ele seria!*

Jó, todavia, *tratou a si mesmo* e seu *coração* de uma outra forma. A amargura não se tornou *senhora de seu ser*. O encontro com o trágico o libertou das seguranças falsas e da mediocridade das bênçãos que se entendem como afirmação de Deus à bondade daquele que a pratica.

Somente depois disso, o *possuir* se torna uma experiência de *des-possuir* e põe o homem na posição de viver *desimpressionadamente apenas e tão somente pela fé*.

Afinal, Jó conheceu Aquele que, *em estando presente*, mesmo na perplexidade, deixa no coração *uma paz-certeza que explica tudo!*

E isto não é estoicismo, mas a convicção de *que o que é, é!*

E esse sentir não paralisa a vida, mas põe o homem no caminho de *conquistas que não o conquistam!*<sup>471</sup>

Liberdade, no fim de tudo se aprende, não é algo que se conquista *para fora*, mas sempre *para dentro!*<sup>472</sup> Afinal, sua *geografia* é a do coração; sua *bandeira* é a verdade de ser; seu *escudo* é a certeza de ser para Deus e em Deus; e sua *integridade* vem da fé na Graça que justifica aquele que *constitui* o Cristo Eterno seu Advogado contra o próprio Deus.<sup>473</sup>

Neste ponto não se tem mais *medo* de Deus, pois, já se O conhece. E a “*verdade-encontro*” com Deus, sempre nos libertará! Especialmente do medo de Deus, que é a principal fonte de alimentação do pecado de ser!<sup>474</sup>

E quando o medo de Deus se vai no peito, fica a paz para se ser Dele, sem barganhas e sem trocas, apenas porque *a grande recompensa é te-Lo conhecido.*<sup>475</sup>

Aqueles que carregam essa fé são, de fato, os únicos seres verdadeiramente livres na terra dos viventes!<sup>476</sup>

<sup>471</sup> I Co 7:29-31

<sup>472</sup> II Co 4:7-15

<sup>473</sup> II Co 3: 12-18

<sup>474</sup> Rm 8: 1-4

<sup>475</sup> Gl 2: 19-21

<sup>476</sup> Gl 5:1-12

The Lord maketh Poor & maketh Rich

He bringeth Low & Lifteth Up

who provideth for the Raven his Food  
When his young ones cry unto God.



Every one also gave him a piece of Money



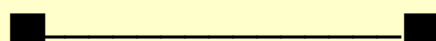
Who remembered us in our low estate  
For his Mercy endureth for ever

WBlake inv & sculp

London. Published as the Act directeth March 2. 1625. by William Blake A J Fountain Court. Strand

Print

## CAPÍTULO XV



### *O Caminho das Conquistas Que Não Conquistam a Alma*

*Tendo o SENHOR falado essas palavras a Jó, o SENHOR disse também a Elifaz<sup>477</sup>, o temanita: A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.<sup>478</sup> Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferecei*

<sup>477</sup> Os “amigos” ouviram tudo. Só é possível “restaurar amizades” depois de tanto juízo, se os “amigos” ouvirem a mesma Voz de Deus.

<sup>478</sup> Quem falou com justiça sobre Deus é aquele que não se curvou à Teologia Moral de Causa e Efeito e que, mesmo contra tudo e todos, embora estivesse engolido de perplexidades, pediu a Deus que fosse seu Advogado contra Deus, enunciando uma das maiores verdades-verdades da vida: que não há justiça aparentes na História, mas a caoticidade da História é onde a sabedoria de Deus se manifesta como Mistério, e onde o único caminho é o da fé. Aqui, mais do que qualquer outro lugar, se diz que “*sem fé é impossível agradar a Deus*” (Heb 11:2-4).

*holocaustos por vós.*<sup>479</sup> *O meu servo Jó orará por vós;*<sup>480</sup> *porque dele aceitarei a intercessão, para que eu não vos trate*<sup>481</sup> *segundo a vossa loucura; porque vós não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.*<sup>482</sup> *Então, foram Elifaz, o temanita, e Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita, e fizeram como o SENHOR lhes ordenara; e o SENHOR aceitou a oração de Jó.*<sup>483</sup> *Mudou o SENHOR a sorte de Jó quando este orava pelos seus*

<sup>479</sup> No livro de Levítico, a *oferta pelo pecado* é feita de bezerro e de bode, expressando as *naturezas contraditórias* que habitam o homem (Lv 9:3). Aqui, todavia oferece-se *holocausto pelo pecado da piedade*; daí, as naturezas dos animais em oferta *não serem dispare*s. Um irmão pode pecar contra o outro e, ainda assim, ser da mesma natureza. Essa oferta reconcilia os irmãos que *se esqueceram quem eram um para outro*.

<sup>480</sup> Aqui acontece a *cura de relacionamentos* e se expressa a verdadeira disposição de *arrependimento horizontal*. É quando o ofendido tem que *interceder em favor dos agressores e os agressores dispõem-se, honestamente, a buscar essa oração-relação*.

<sup>481</sup> Aqui, nesse “*para que não vos trate*”, estabelece-se o critério do “*não julgueis para que não sejais julgados*”. Pois a *Teologia Moral de Causa e Efeito* funciona sempre ao *contrário* em relação aos humanos: o critério que se usa para julgar o outro, vira contra nós, diante de Deus, e é usado contra nós. Assim, com a “*medida com que medirdes, vos medirão também*”, disse Jesus. *A Teologia Moral de Causa e Efeito só tem uma utilidade: voltar-se contra o seu praticante!*

<sup>482</sup> Em nenhum outro lugar Deus fala mais explicitamente acerca da “loucura” que é o julgamento que um homem faz de seu próximo. E mais: ele diz que as *teologias morais de causa e efeito* – sejam elas “*crístãs*”, “*hindus*”, “*animistas*”, “*filosóficas*” ou “*espiritualistas*” -, podem ter *aparência de sabedoria*, mas, diante Daquele que é o único que sabe *o que é verdade*, ela não passa de presunção de enlouquecidos pelos devaneios de seus próprios atos de *auto-referência-adorativa*. Os “pais das morais” são os loucos filhos de Caim. É a esses, que preferem a *segurança da imagem* que a certeza de estarem *cobertos pelo sangue*, a quem ele faz referência. E o pior de tudo, é que Deus se mostra absolutamente desimpressionado com as “*exaltações de Seu nome*” - pois essas não faltaram nos lábios dos “*amigos de Jó*” -, que não condigam com a verdade de Quem Ele é! Nenhuma mentira gloriosa contada em Nome de Deus gera Nele qualquer coisa que não seja “ira”.

<sup>483</sup> Aqui, como em poucos lugares no Velho Testamento, ecoa a Voz de Jesus, quando disse: “*Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu ali estou no meio*

*amigos; e o SENHOR deu-lhe o dobro de tudo o que antes possuía.* <sup>484</sup> *Então, vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado; cada um lhe deu dinheiro e um anel de ouro.* <sup>485</sup>

*Assim, abençoou o SENHOR o último estado de Jó mais do que o primeiro; porque veio a ter catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas.* <sup>486</sup>

*deles*". Só que o "contexto" no qual Jesus disse isso, é de "reconciliação entre irmãos"; e o produto é uma sinfonia de verdade e Graça vivida pelos homens na presença de Deus (Mt 18:15-20)

<sup>484</sup> Agora Jó estava preparado para "possuir" sem ser "possuído"; "conquistar" sem ser "conquistado"; "receber honra" e não se ver como um honrado; "ter poder" e não se sentir "dono dele"; "receber amor" e perceber tudo como fruto de "pura Graça". Aqui Jó é salvo da *virtude pessoal* e é "batizado" pura e simplesmente na Graça. Na oração de Jesus *o pão nosso e perdão ao próximo* andam juntos (Mt 6:11-12). É esse o princípio em operação na restauração de Jó. A restauração de Jó é a salvação de seus "amigos". Que ironia!

<sup>485</sup> Jó era o mesmo. Os outros é que tinham mudado em relação a ele. Quando uma "tragédia" acontece a alguém, quase sempre as pessoas pensam que o atingido mudou interiormente e na sua consciência, na medida e na proporção da tragédia. As lentes com as quais se olha um ser que carrega o *carma da desgraça*, em geral, nada tem a ver com ele, mas com os juízos a partir dos quais se julga o elemento trágico da vida. Num mundo onde a maioria das pessoas entende a vida a partir de uma teologia moral de causa e efeito, todo acontecimento inusitadamente des-Graçado, gera essa resposta por parte dos amigos, conhecidos e parentes. Quando a restauração acontece – e só acontece, de fato, aos sentidos da maioria, se Deus falar do "meio de um redemoinho", e se houver *adversários-amigos-convertidos a verdade* – então, os demais voltam a consciência. Ao "se condoerem de Jó", condoem-se de si mesmos. Eles é que tinham de se condoer pelo juízo temerário e pela moralista desumanidade praticada contra o "irmão", Jó!

<sup>486</sup> Aqui parece que Deus usa a única "linguagem da benção" compreensível aos sentidos embotados dos humanos: a da prosperidade material (Mc 8:14-21).

*Também teve outros sete filhos e três filhas.* <sup>487</sup> Chamou o nome da primeira Jemina, o da outra Quezia, e o da terceira, Quéren-Hapuque. Em toda aquela terra não se acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos. <sup>488</sup> Depois disto, viveu Jó cento e quarenta anos; e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos, até a quarta geração. Então morreu Jó, velho e farto de dias. <sup>489</sup>

Se os homens não vêem um “próspero-rico” e tendo “pão” com fartura, em geral, não conseguem identificar a *benção-em-si*. O mandamento para não fazer “imagens de escultura” tem sua raiz mais profunda na necessidade humana de associar as *Graças* da divindade a materializações de algum tipo.

<sup>487</sup> Jó havia perdido tudo, até os dez filhos, os quais são “*outros sete filhos e três filhas*”. E a razão é simples: perdem-se bois, jumentos, casas e bens, *mas filhos não se perdem*. Filhos nunca podem ser substituídos. Vêm outros, mas não se tem a pretensão que *em sendo em dobro*, altere a consciência do valor que eles representam. Filhos são insubstituíveis.

<sup>488</sup> Jó, agora, depois de enfrentar tudo e todos, sente-se no direito de *alterar os costumes*. Quem foi vítima de morais, leis e costumes, uma vez vencendo tais forças opressoras, se permite iniciar uma vida que lhe faça bem e troca, de vez, *os costumes vigentes pelas certezas de sua própria consciência*. Por isso, “*da herança à suas três filhas entre os filhos*”. Quando a *Graça* prevalece, “*todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm; todas me são lícitas, mas nem todas edificam*”. Desde então vive-se para as *conveniências que edificam e as edificações que convêm*. Somente na *Graça* os humanos aprendem, sem egoísmo e sem neurose culposa, a liberdade para serem e existirem. A *Graça* não só gera uma “*nova criatura*”; ela, sobretudo, gera um *indivíduo!*

<sup>489</sup> E aqui termino com um comentário pessoal, aliás, com a expressão de um desejo: como eu gostaria de poder conversar com Jó cento e quarenta anos após a tragédia! Ora, se posso ver na “velhice” de meu próprio pai tanta sabedoria e pacificação, o que não dizer da acumulação de cento e quarenta anos de sabedoria e de libertação de juízos e da experiência de certezas calmas sobre o amor e a *Graça* de Deus que visitaram o coração de Jó?

## COMENTÁRIO FINAL

Ao final, Jó é um homem que *responde a Deus*. E não o faz com muitas palavras. Ele responde a Deus com clareza de fé, entendimento e com atos de liberdade de ser. Isso porque ele havia crescido na Graça e no conhecimento de que Deus era o *seu fiador entre Deus e Deus, e entre ele e seu próximo!*

Agora Jó está *completamente livre*. Ele tem vontade de ser e pode ser, *apenas e sobretudo*, Jó!

Já não é mais oprimido nem pela sua *justica*, nem pela sua *integridade*, nem pela sua *sabedoria*, nem pela sua responsabilidade de ser um “*semi-mediador*” entre Deus e os homens ou entre Deus e seus filhos.

E quando *intercede pelos amigos* é porque está livre para fazê-lo; e só faz por ordem de Deus; por isso, ele vence sem se sentir melhor que ninguém! Ele agora se sabe única e tão somente um filho da *Graça!*

Daí decorre que Jó, agora, também está salvo da obrigação de ser pai dos homens!

Ele não será mais *presa* de sua dignidade e nem de sua bondade. Ele é *apenas e sobretudo* quem ele é; só que agora, essa deixa de ser uma *obrigação-compulsiva* e passa a ser o fruto apenas do que *convém e edifica a sua vida e a do próximo*.

As *neuroses* da virtude, da bondade e da misericórdia abandonam a Jó para que “*bondade e misericórdia passem a segui-lo por todos os dias de sua vida*”.<sup>490</sup>

Ele já não anda atrás delas. Elas é que o “*seguem*”!

Jó *des-encarna* as virtudes, as exorciza, e passa a *experimentá-las* como meros e ao mesmo tempo, maravilhosos frutos da incompartilhável e inexplicável *Graça do Deus Indisponível* aos questionamentos.<sup>491</sup>

Um homem só se torna “*mais que vencedor*” quando, por amor a Deus, é “*entregue à morte o dia todo*”, conforme Paulo.<sup>492</sup>

Nem mesmo a resposta divina às suas orações o impressionam mais. Ele sabe que tudo é *Graça!*

Por isso, ele não teme mais “*nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade e nem qualquer outra criatura*”, pois sabe que nada “*pode separá-lo do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor*”.<sup>493</sup>

Jó agora só existe para os outros na medida em que existe para si mesmo e isto na medida em que ele se percebe, mediante a *Graça*, aos olhos de Deus!

E não é apenas Jó quem foi salvo para ser Jó! Foi sua geração que foi salva para vê-lo *apenas e sobretudo*, como um homem! - e, assim, serem salvos de seus próprios auto-enganos e de sua religiosidade arrogante e primitiva!

<sup>490</sup> Agora leia o Salmo 23 a partir desta perspectiva e ele mudará em sua compreensão.

<sup>491</sup> Rm 11 :33-36

<sup>492</sup> Rm 8:37 e 36 – ler a sequência “invertida”.

<sup>493</sup> Rm 8:38-39

As tragédias podem “*totemizar para o mal*” ou salvar os “*cultuadores do totem*” para o bem de suas almas! <sup>494</sup>

Jó é *des-totemizado* na medida em que os circunstantes – amigos, parentes, e conhecidos – passam a vê-lo como homem e são capazes de se *con-doer* não apenas das dores de Jó mas de seus próprios tormentos como “juízes do irmão” e , sobretudo, quando são capazes de reconhecer a soberania de Deus na vida do “*ser tragificado pela sua própria totemização*” e assim, serem também libertos daquela falsificação da realidade humana.

E mais: *Jó e seu livro não satanizaram a calamidade de Jó!*

Satanás é esquecido até ao fim da história. Afinal, aqueles males tinham “*vindo da parte do Senhor*”!

É tudo o que se diz e é tudo o que presisa se dizer:

*Se há um Deus, o diabo é um detalhe!*

Bem e mal vêm de Deus!

Deus não é o “mal”, justamente por isto o “mal” pode vir Dele sem ser Ele!

Ele é bom, mas Nele a bondade não é *um exercício espiritual e muito menos moral*. Bondade é sua natureza. Portanto, mesmo quando ele faz ou permite o “mal”, quando o *con-sente* ou o *envia*, o faz visando um bem maior, pois “*Ele é bom e sua misericórdia dura para sempre*”.

<sup>494</sup> Para melhor compreensão este tema sugiro a leitura do livro Totem e Tabu de Sigmund Freud! Aliás, minha certeza é que totem e Tabu de Freud é o mais terapêutico e libertador livro de redenção psicológica que eu poderia indicar para aqueles que se sentem escandalizados com um “irmão que admiravam”, como era o caso dos *amigos de Jó*. Ali se aprende que o escândalo sofrido é sempre do tamanho da idolatria projetada na objeto da “adoração”; ou seja, focada no objeto humano do culto primitivo das consciências que não se auto-percebem, e que somente conseguem se enxergar na falsificação que fazem de si mesmos e que projetam para o próximo.

Assim sabemos que Ele abre a ferida e Ele a cura!

Ele diz: “*Eu sou o Senhor: eu crio as trevas eu chamo a luz à existência*”; pois, para Ele, *as trevas e a luz são a mesma coisa!*<sup>495</sup>

Por isso, Satanás é um *detalhe na calamidade humana*, assim como o Arcanjo Miguel também é um *detalhe na sobrevivência humana!*

Outra percepção que nos vem do *Livro de Jó*, é que nele a máscara do diabo é retirada na perspectiva do encontro humano. Isto porque em Jó, o homem pode ser também “diabo” no encontro com seu próximo!

Jó é agora, também, o “*totem da destotemização*” de si mesmo e do diabo! Isto porque para quem compreende o drama em questão, até mesmo o diabo é redimensionado, perdendo seu *status-cristão* de um “semi-Deus” no seu “quase-ilimitado poder” de fazer mal aos humanos.

Em Jó, o Diabo é apenas uma criatura – como “*qualquer outra criatura*” - e não possui em si mesmo o poder de nos afastar do amor de Deus!

E felizes são aqueles que podem entender isso, pois, nesse dia, aprendem a admirar um homem que seja *apenas e sobretudo* quem ele é; mas não projetarão nele nada além daquilo que “*nele vêem e dele ouvem*”.<sup>496</sup>

E quanto ao Diabo, passarão a vê-lo como um “servo ignorante” em sua obstinada presunção de “fazer o mal”, que ele conhece apenas *em parte!*

Como poucos, Jó aprendeu a saber e confiar que quando se ama a Deus, mesmo nas piores consequências, ele está trabalhando em nosso favor; e, neste ponto da compreensão espiritual, *quem perde completamente a importância é o diabo e suas tragédias fabricadas!*<sup>497</sup>

<sup>495</sup> Sl 139:11-12

<sup>496</sup> II Co 12:1-6

De algóz de Jó, Satanás passa ao *trágico papel* de *aproximar* ainda mais de Deus um de Seus melhores amigos na Terra.

A Graça é a calamidade do Diabo!

A diferença é que *antes* do Diabo e dos “amigos” entrarem em cena, com suas tragédias ou com o agravo delas, Jó “*conhecia Deus só de ouvir*”. Agora, todavia, diz ele: “*os meus olhos te vêem*”.

E que dor no inferno! A tragédia trouxe revelação! <sup>498</sup>

O Diabo é apenas *servo* e, mesmo que esperneando, continua *aproximando* as suas *presas-humanas* das amorosas “*asas do altíssimo*”. Assim, sem desejar, ele não consegue empurrar aquele que ama a Deus para o Abismo. Antes, propulsiona-o até aos braços de Deus!

Fora de Deus tudo é detalhe!

São “detalhes” que se derivam Dele e cumprem papéis que transcendem a todos!

Jó é agora um homem de *saudades saradas e amores calmos!*

Ele não tem que provar mais nada além do que já provou. Por isso, agora, tudo o que ele prova, o faz sem obrigação. Ele ficou completamente desobrigado pela *Graça!*<sup>499</sup>

E é desse “*ócio moral*” que vem sua *ética*, seu “*telhado*”, seu *ethos*, sua *casa-coberta*, e seu *bem-estar!* <sup>500</sup>

A grande declaração de Jó é “*eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem*”. O que significa que ele também sabia, *agora*, que Deus só é visto quando se aprende que ele é absolutamente Deus, e, portanto, *Livre!*

<sup>497</sup> Rm 8:31-39

<sup>498</sup> Lm 3:1-33

<sup>499</sup> Rm 5:1-3

<sup>500</sup> Gl 1:10

Quando se anda na fé em direção ao *concretamente Invisível e Misterioso*, é que se começa a discernir muito mais os “*caminhos de Deus*”.

E isto, é claro, sempre a *posteriori*!

Ora, isto abre, como conclusão, um tema crucial: o da ética humana caminhando com o Deus que *também* age nas consequências da tragédia, que é o tema central do livro.

Para ilustrar o trabalho de Deus forjando um *ethos* – um telhado para o bem do ser, ou seja, *uma ética* - , basta-nos pensar na utilização que Deus faz do próprio “mal”, a fim de construir o bem num mundo caído.

Por exemplo, a Bíblia não tenta explicar coisas como “*um espírito maligno foi enviado da parte do Senhor*” e nem tampouco explica acertivas como “*mas eles não sabiam que isto [o “mal”] vinha do Senhor*” - especialmente no que tange aos *erros de Sansão*, que procediam do *desígnio de Deus*..

Os “*fins nunca justificam os meios*” para os homens, mas Deus está *fora* desse “casulo filosófico”, que é filho da *Árvore do Conhecimento* do Bem e do Mal, mas apenas a *presunção* de seu saber!

A questão ética sobre o bem e o mal apresentada no *Livro de Jó* nos remete, como ilustração, à observação de Juízes 14:4,19. Ali, bem como em tudo o mais que vem na sequência dos fatos narrados naquele texto – que eram, claramente, estratégias de Deus para criar inimizade entre Sansão e os filisteus a fim de destruí-los - , abre-se também a questão de *se* e *quando* os fins justificam os meios.<sup>501</sup>

Ora, no texto de juízes, os “meios” usados por Deus, todavia, não agradavam às percepções imediatas dos pais e contemporâneos

<sup>501</sup> Juízes 16:23-30

de Sansão. Entretanto, estranhamente, isto “*vinha da parte do Senhor*”. E chamar isto de “vontade permissiva” de Deus não passa de um ardid semântico e uma tentativa de “explicar” o inescrutável, como se fosse uma “negociação divina” com “outras forças”, incluindo o diabo e o *livre arbítrio humano*.

Ora, essa tentativa de “salvar Deus” pela via de uma “*vontade permissiva*” não passa de um mero vício filosófico de natureza escolástico-reducionista, própria também aos *amigos de Jó*.

Sim! Não passa de mais uma tentativa de trazer Deus para os grilhões de nossas ignorâncias!

Deus é único que sabe o quê, num mundo caído, pode ser um “mal” que realiza um “bem”, ao mesmo tempo em que sabe quais são os “bens” que realizam o “mal”.

Somente Deus não precisa de uma ética filosófica para o que faz!

Afinal, ele só faz o *Bem*, mesmo que a nossa *percepção filosófica imediata* seja a de que há um “mal” em curso!

Provavelmente, na eternidade, descobramos que nossos maiores males e dores tenham sido nossas maiores e melhores bençãos na Terra!

E quando se crê nesse *Amor* que a tudo criou, perde-se o medo, pois, a *Graça* cobre o ser!

E o ser coberto pela *Graça* não se sente nu porque não está mais nu! <sup>502</sup>

Entre os mortais, poucos seres chegaram aonde jó chegou em sua alma e seu santo *atrevimento* na presença de Deus.

Entretanto, no *Livro de Jó* – como de resto em toda a Bíblia – aprendemos que Deus põe o homem tendo que discernir a própria *perversidade de seu caminho* e a *iniquidade de seus próprios*

<sup>502</sup> Ef 6:10-18

*pensamentos*, antes de ter que se preocupar com os “*caminhos de Deus*”, pois, esses, são previamente *indisponíveis aos sentidos e às percepções*.

E este é o engano: fica-se querendo saber qual é o “*caminho de Deus*” - que, de acordo com Isaías, é indisponível aos sentidos humanos <sup>503</sup> – e não se busca discernir o próprio existir humano na Terra, que é fruto, para o mal, de “*pensamentos iníquos*”, e “*caminhos perversos*”.

Assim, a recomendação é para que se *enxergue a si mesmo*, e para que se tente discernir nossas próprias construções de *valores e pensamentos*, que são os produtores do nosso modo de *caminhar* – que pode ser bom ou mal.

O homem se manifesta na Terra como o produto de seus próprios pensamentos, sejam eles justos ou iníquos! E isto nada tem a ver com o que ele “recebe” na vida, mas com o modo como ele “responde” ao que “recebe”, incluindo todo “bem” e todo “mal”.

Com relação aos “*caminhos de Deus*”, o que o próprio Deus diz é muito mais simples, ou seja:

“*Buscai-me e vivei*”! E mais: “*Buscai o bem e não o mal!*”<sup>504</sup>

E isto não vem de uma lista ou de um Código fixo. O resultado que o genuíno encontro com Deus promove é amor aquilo que realiza o bem em nós e no próximo! <sup>505</sup> Portanto, o que se pede a Deus é “*vê se há em mim algum caminho mal e guia-me pelo caminho eterno*”. <sup>506</sup>

E isto é obra de Deus no coração que o busca e que se abre para deixar seus próprios pensamentos quando percebe que sua

<sup>503</sup> Is: 55:6-11

<sup>504</sup> Amós 5:4 e 14

<sup>505</sup> Gl 5:22-22; 6:1-5

<sup>506</sup> Sl 139: 23-24

construção é iníqua; ou seja, quando não é justa e, por essa razão, promove a perversidade.

Outro nome para essa dinâmica interior é *arrependimento*, que é mudança de mente, de estrutura de pensamento e de proceder em relação a Deus, a si mesmo e ao próximo!

E a estrada que nos leva a esse “entendimento” - como diz Isaías – pode até mesmo ser um “*caminho no mar e uma vereda na águas tempestuosas*”; ou “*um caminho no deserto*” - e que, ao final, abre “*rios no êrmo*”<sup>507</sup>. Portanto, nos deixando “soltos” na nossa presunção de saber qual é o “*caminho de Deus*” a priori, forçando-nos, assim, a caminhar em fé, a fim de que – quem sabe – possamos um dia discernir as veredas de Deus à posteriori!

O que passar disso, é problema dos *amigos de Jó*. Jó, todavia, nada mais tem a ver com isso!

E o que você me diz: é possível uma *outra leitura* do drama de Jó?

Obviamente que não faço alusão a “leituras técnicas” do *Livro de Jó*, com suas divisões em blocos simetricamente arranjados, com seus paralelismos literários, sua ordem piramidal de desenvolvimento, suas aberturas para infundáveis críticas textuais, especialmente as da escola teológica holandesa do início do século passado.

Pergunto apenas, mais uma vez, o seguinte: esquecendo-se dos dois primeiros capítulos – os da “demanda celestial contra Jó” - e levando-se em consideração o corpo do livro, no *horizonte-imediato-dos-encontros-humanos-com-a-dor-do-outro* e com suas perplexidades frente a sua própria dor e juízo dos amigos – Sim! - à luz desses “cenários horizontais”, que são os que prevalecem no Livro, seria possível uma “outra leitura”?

<sup>507</sup> Is 43:16-19

Sem os dois capítulos iniciais, o *Livro de Jó* é apenas a revelação da presunção do juízo humano sobre o mal que acome o próximo.

De minha parte, é assim que eu o vejo. E, francamente, cresce em mim, a convicção de que qualquer outra tentativa de explicar o que aconteceu a Jó por outros caminhos que não sejam os da Graça misteriosa, mergulha o *intérprete* num profundo parentesco *moral e espiritualmente arrogante* com os angustiados e, inconscientes infelizes, “*amigos de Jó*”.

Com Jó, quero aprender tudo, mas, especialmente, não posso esquecer como ele *responde* a Deus.

Ao ponderar sobre a inescrutabilidade do Universo Fixo, o Macrocosmo, ele diz: “*Sou indigno*”.<sup>508</sup>

Ao ouvir sobre a incompreensibilidade das naturezas animais e animadas, ele diz: “*como disseste: quem é aquele que encobre o conhecimento e o conselho*”?<sup>509</sup>

Ao ouvir a repreensão de Deus contra seus “amigos”, ele, livremente, “*por eles intercedeu*”.<sup>510</sup>

A conclusão é simples: Neste mundo *caído em pecado* podemos contar com a “exatidão” na *ordem fixa do mundo material* que nos rodeia. Mas nem no *mundo animal* e, muito menos ainda, entre os *humanos*, podemos saber qualquer coisa que não seja quase nada.<sup>511</sup>

“*Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus*” - é o que se faz ouvir da parte do Senhor!

E aqui eu termino este “comentário existencial” do *Livro de Jó* declarando exatamente aquilo que, de início, afirmei e repeti, com a sensação de estar sendo inclusive cansativo.

<sup>508</sup> Jó 40: 3-5

<sup>509</sup> Jó 42:1-6

<sup>510</sup> Jó 42:7-9

<sup>511</sup> Rm 2:15-16

Ou seja: que tratando-se do ser humano, especialmente, se está pisando um *chão sagrado* onde a melhor atitude é a de *tirar as sandálias dos pés, pois, se está em terra santa.* <sup>512</sup>

Neste *mundo caído*, em todo “bem” há mal e em todo “mal”, há bem!

Portanto, o que nos resta, depois de sabermos isto, são duas coisas:

De um lado *abrir mão de todo julgamento e juízo contra a alma do próximo.*

De outro lado, assumir humilde e confiantemente o *único caminho* possível na Terra!

E acerca dessa única Vereda de Vida, o que tão somente se diz é:

**“O justo viverá pela fé”.**

*Copacabana, Abril de 2002.*

*Fim*

<sup>512</sup> Rm 14:1-12

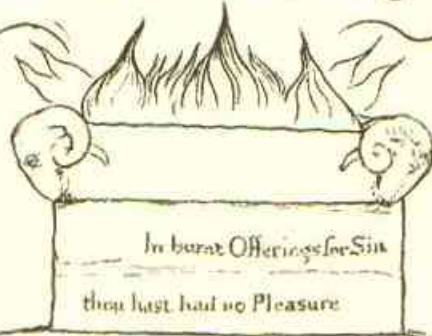
Great & Marvellous are thy Works  
Lord God Almighty

Just & True are thy Ways  
O thou King of Saints



So the Lord blessed the latter end of Job  
more than the beginning

After this Job lived  
an hundred & forty years  
& saw his Sons & his  
Sons Sons



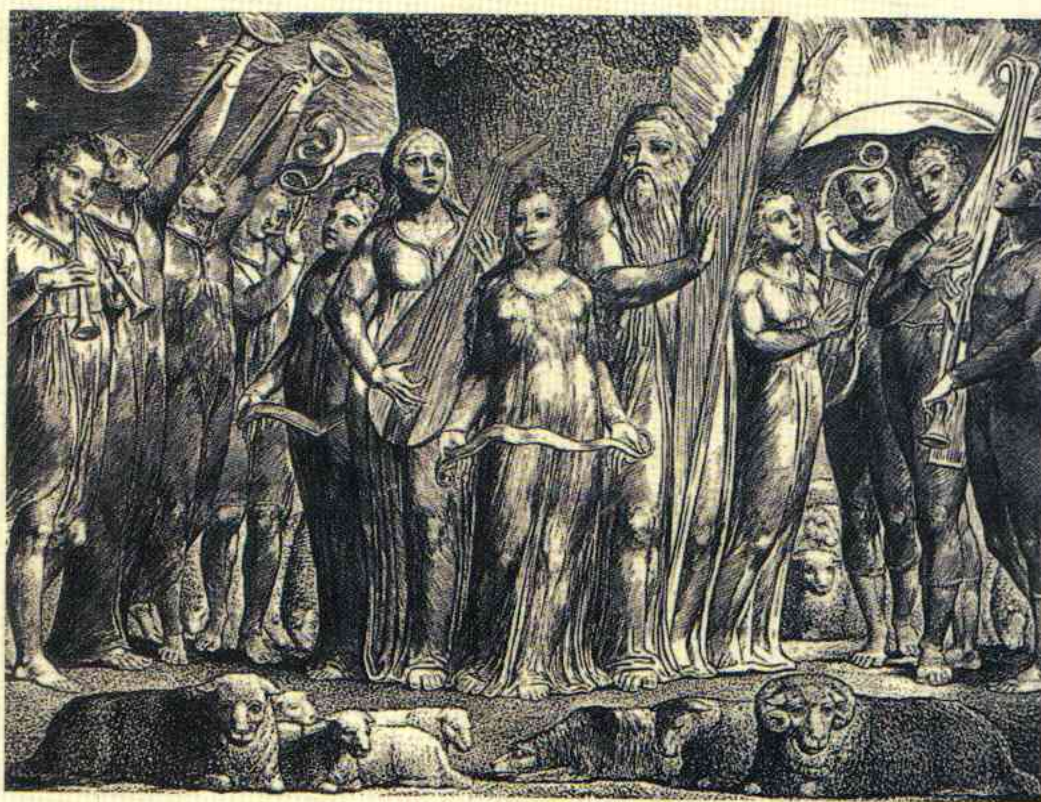
In burnt Offerings for Sin  
they had no Pleasure

even four Generations  
So Job died  
being old  
& full of days



W Blake inv & sculp

Assim abençoou o Senhor a Job...



  
editora  
**PRÓ-LOGOS**  
*a irresistível força da graça*